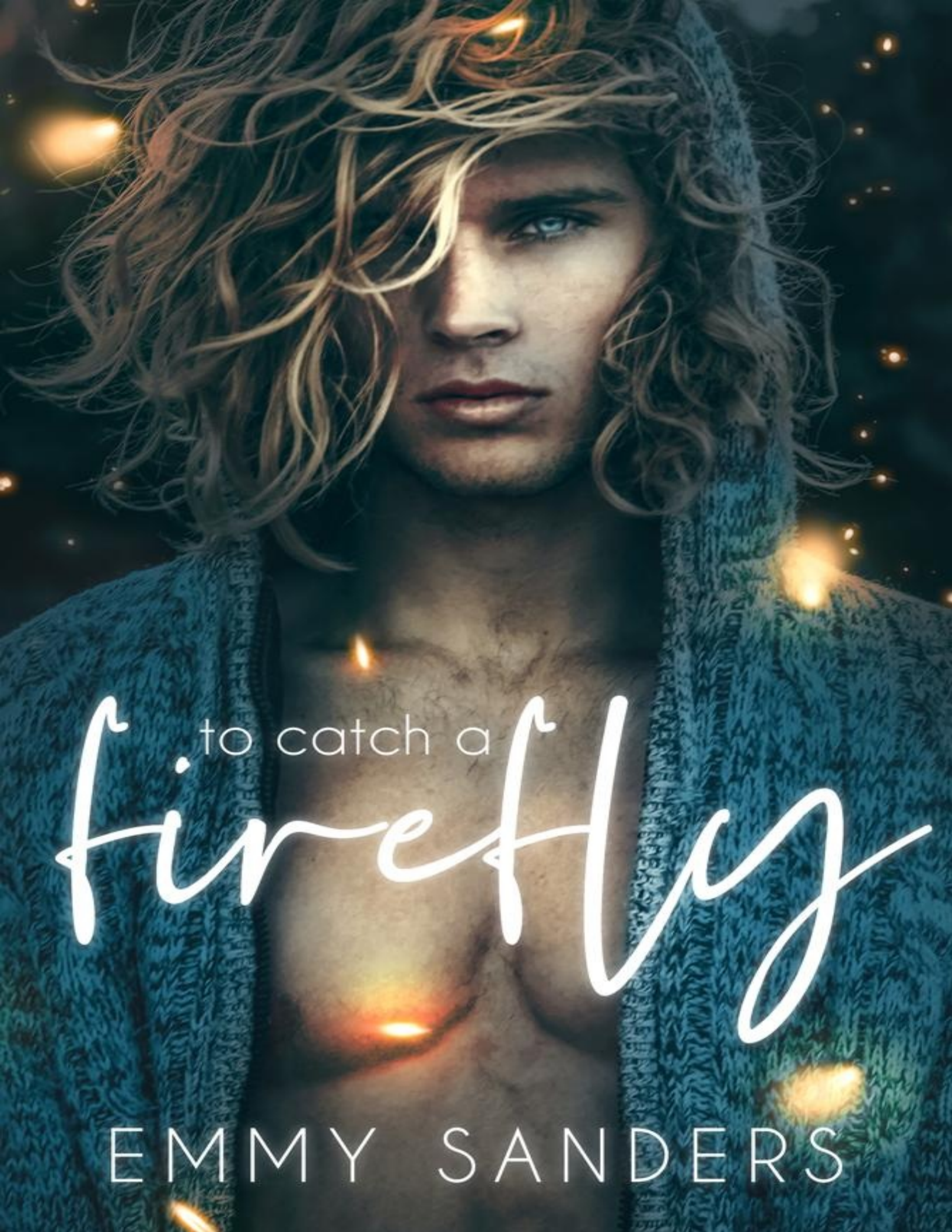
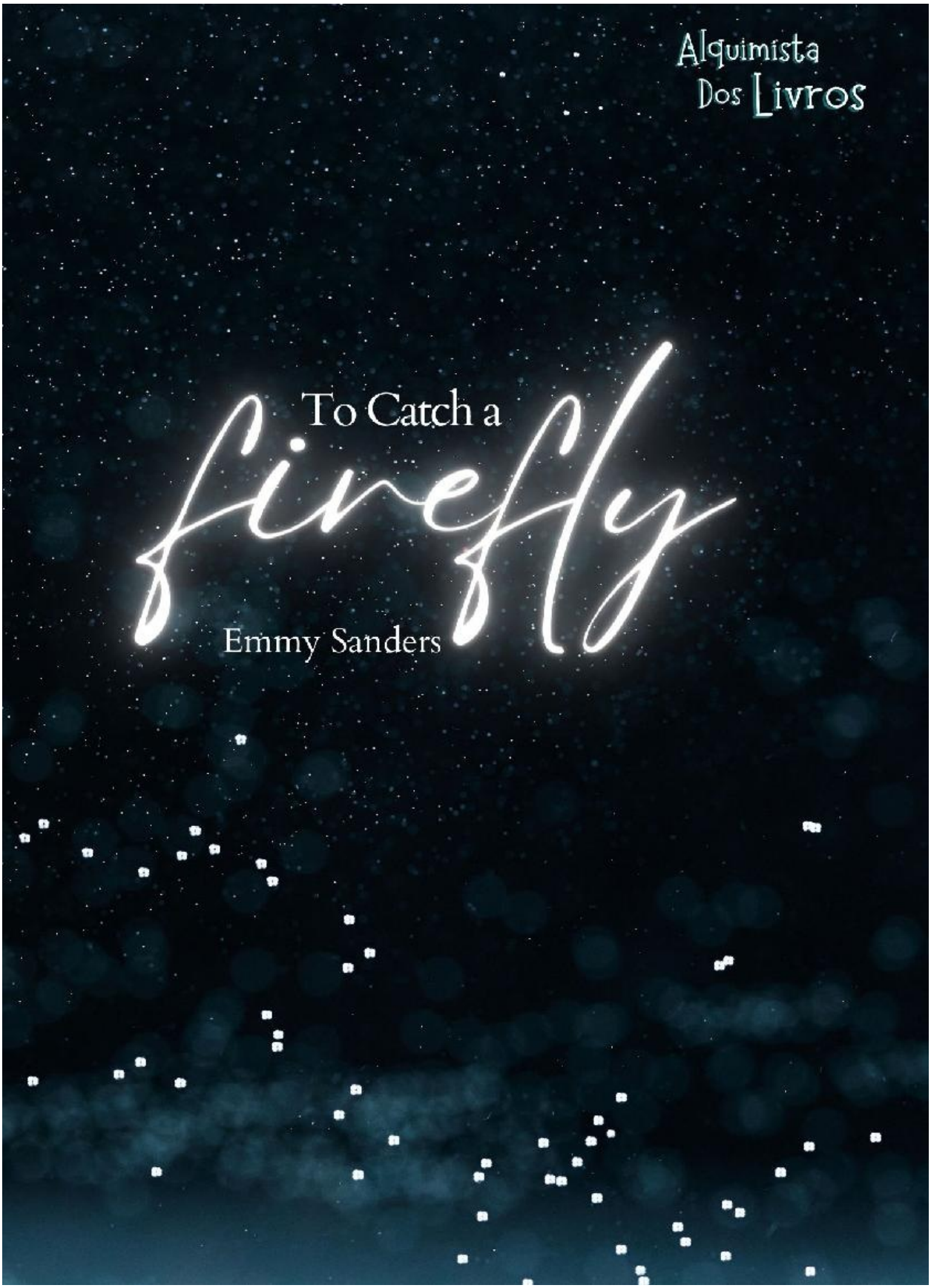

to catch a
firefly
EMMY SANDERS

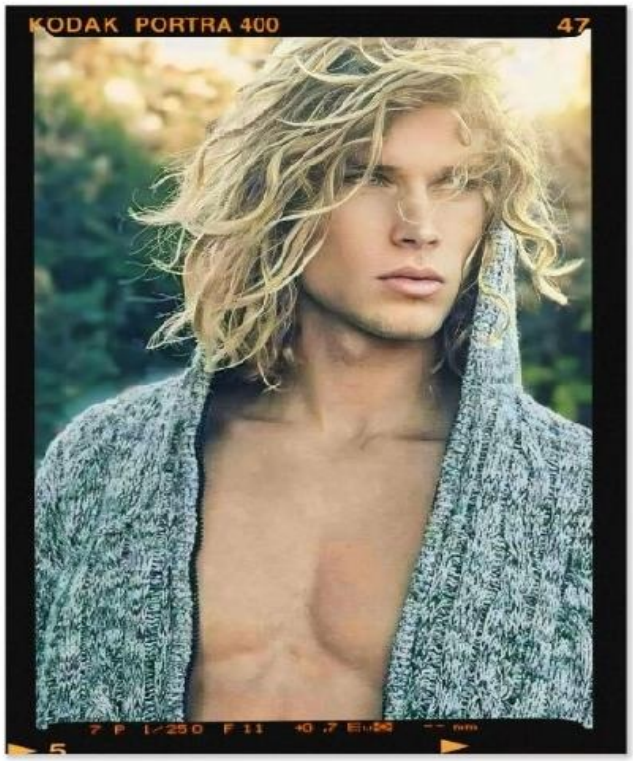
AVISO

- Prestigie o autor comprando a obra original ou deixando resenhas positivas nos locais adequados,
- ADL adverte que; a tradução desta obra é feita de forma amadora, sem fins lucrativos com o mero intuito de entretenimento, sendo está sujeita a erros, como em qualquer outro GT, enfim, não somos uma editora não temos os meios ou equipe necessária para garantir uma tradução, revisão, diagramação e todos os meandros necessários pra compartilhar um trabalho impecável e exigidos para os padrões de profissionais – o que não o somos-. O compartilhamento desta obra é tolerável desde que;
- 1: as pessoas que o compartilhem tenham consciência que não podem e não devem cobrar pelas mesmas, e pensem atentamente antes de compartilhar em certo locais da rede.
- 2: divulgações e resenhas em meios aos quais o autor tenha acesso devem ser feitas em inglês e lembrando; citando que leu a obra original, NÃO A TRADUÇÃO DE GT.
- 3: Em casos da compra o livro deve ser removido de circulação pelo próprio ADL e ademais –ou seja - GTs parceiros.
- 4: Preserve o grupo, mantendo os livros para vocês, ajude o autor e a si mesmos agradecendo-os nos locais adequados, não cobrem traduções, continuações e afins, com o bom senso de saber que, como vocês temos um mundo fora das telas de PC e celular e assim como vocês também somos leitores.

Aviso de conteúdo: *este livro contém uma breve menção a aborto espontâneo e câncer, à morte fora da página de um dos pais e a um personagem secundário que tem esclerose múltipla. Por favor, tome cuidado se este assunto puder ser desencadeador para você.*


Alquimista
Dos Livros
To Catch a
firefly
Emmy Sanders

Lucky





Ellis



Um agradecimento especial a Christie, Heather, Ruth e Theo, que ajudaram a tornar a experiência de Ellis o mais autêntica possível.

Para a menina que sempre quis contar histórias, mas tinha medo de usar a voz.

Parte I: Quarto Crescente

Capítulo 1

Ellis



Eu tinha dez anos quando conheci Lucky.

— Ellis, querido?

Não respondo para minha mãe, muito preocupado com os insetos dançando na minha frente. Eles piscam em amarelo e laranja na luz minguante do entardecer, corpos piscando como se estivessem se comunicando. Talvez estejam. Talvez eles também não gostem de palavras.

— Ellis.

A voz dela está mais próxima agora, mas eu fico imóvel. Um dos vaga-lumes está pairando a centímetros da minha mão. Acende. Pisca.

Acho que se eu fosse cuidadoso o suficiente, poderia colocá-lo na palma da mão. Ele voaria para longe?

Passos suaves se aproximam e então minha mãe se acomoda ao meu lado, com as pernas dobradas como as minhas, os pés no degrau mais alto do convés.

O vaga-lume dança.

— O que você está fazendo, querido? — Ela pergunta, tirando meu cabelo da testa.

Outro vaga-lume se aproxima e movo minha mão abaixo dele. *Estou seguro*, tento dizer, mas não consigo piscar como ele consegue.

— Você já disse olá para os novos vizinhos? — Minha mãe pergunta.

Eu balanço minha cabeça.

— O filho deles está lá fora, — diz ela. — Ele tem dez anos, como você. Você deveria ir dizer olá.

O vaga-lume toca minha palma e prendo a respiração.

— Ellis?

— Tarde, — eu respondo.

Ela cantarola. — Isso é. Mas não é noite de aula. Ela fica quieta por um

momento antes de acrescentar: — Você pode gostar dele.

O vaga-lume flutua para a esquerda e eu o sigo com a palma da mão aberta. Eu poderia prendê-lo entre minhas mãos, eu acho. Mas então eu não veria sua luz.

— Ellis, querido.

— Como você pega um vaga-lume? — Eu pergunto a minha mãe.

Ela faz um som suave antes de se levantar e voltar para casa. Falta um minuto para ela retornar. Quando ela faz isso, ela bate algo suavemente na lateral do meu braço. Olho e ela está segurando um pote de geleia vazio, com a tampa aberta.

Tenho o cuidado de me mover lentamente enquanto tiro o pote dela. O vaga-lume não se afastou muito longe. Há centenas no céu esta noite. Talvez milhares. Inúmeras manchas de cores tremeluzentes pontilham o céu noturno. Não há muita brisa, mas os grilos cantam alto. Eu me pergunto se os vaga-lumes também os ouvem. Talvez seja por isso que eles estão dançando.

O vaga-lume pisca em dourado para mim enquanto levanto o pote transparente em volta de seu corpo. Não se afasta. Não reage de nenhuma maneira que eu possa perceber. Parece tão… fácil.

— Aqui, — diz minha mãe, entregando-me a tampa.

Eu enrosco em cima do pote e depois observo, o vaga-lume tremulando dentro do vidro, me perguntando o que ele está dizendo. Ele sabe que foi pego?

— Ellis, querido, — minha mãe diz, bagunçando meu cabelo com a mão. — Vá conhecer o vizinho. O nome dele é Lucky. Talvez vocês dois pudessem ser amigos.

Coloco o pote no deque e olho para a casa do vizinho. Não é longe. Contei noventa e oito passos na última vez que caminhei entre o nosso quintal e o deles. A grama está alta e selvagem no espaço intermediário, ninguém a cortou desde que meu pai foi embora, e as primeiras flores da primavera começaram a brotar do solo. Eles ficam roxos ao sol, mas agora estão escuros.

— Ellis, — minha mãe insiste.

Com um aceno de cabeça, eu me levanto. Os grilos me fazem companhia enquanto caminho até a casa azul ao lado da nossa. Noventa e sete passos hoje. Devo estar ficando mais alto.

Os novos vizinhos se mudaram esta manhã. Observei pela janela os caminhões indo e vindo, mas isso me lembrou muito do meu pai, então não observei por muito tempo.

Eu o vejo agora — Lucky — antes que ele me veja. Ele está no velho balanço de pneu pendurado em um grande bordo, sem balançar, apenas flutuando, girando e girando. Suas mãos seguram a corda no topo do pneu, seu corpo no centro e sua cabeça está jogada para trás, o cabelo pendurado em direção ao chão. É mais comprido do que a maioria dos meninos por aqui e brilha sob a lua.

Ele está quase de cabeça para baixo quando o pneu para me vê.

Ele se levanta. — Oi.

Nós nos olhamos por um momento, ambos aparentemente esperando.

— Qual o seu nome? — Ele pergunta, quebrando o silêncio, movend um pouco o balanço, balançando-o para frente e para trás enquanto me observa. — Eu sou Lucky.

Eu sei.

Lucky pendura os braços por cima do pneu. — De onde você veio?

Aponto para trás de mim e ele balança a cabeça.

— Não fala muito, hein?

Dou de ombros.

Ele inclina a cabeça, o cabelo caindo bagunçado em volta do rosto. É loiro, eu acho. — Bem Olá.

Dou-lhe um aceno de cabeça e me viro para sair, me perguntando para onde os vaga-lumes desaparecem quando não está escuro. Eles ainda estão lá, piscando inutilmente à luz do sol? Eles podem conversar um com o outro então?

— Ei! — Lucky chama, descendo do balanço. Ele corre até mim, tendo que inclinar a cabeça para cima quando chega perto. Ele é mais baixo que eu,

mas a maioria das crianças da minha idade é. —Onde você está indo?

Aponto para trás de mim novamente.

— Você tem que ir? — Ele pergunta, sem esperar por uma resposta antes de agarrar minha mão e puxar. Eu o sigo até o centro do quintal. Ele me dá outro puxão enquanto se senta, e olho para trás, para minha casa, antes de me abaixar no chão ao lado dele.

Minha mãe ficaria orgulhosa. Acho que estou fazendo um amigo.

— Está muito quieto aqui, — diz Lucky, mexendo na grama.

Inclino a cabeça, ouvindo o zumbido dos grilos, a passagem lenta de um carro na estrada e algum tipo de pássaro mais distante. Talvez uma coruja. Não é tranquilo para mim.

— Nebraska é uma merda, — diz ele. — Eu não queria sair de Chicago, mas meus pais me obrigaram.

Eu não respondo. Eu nem saberia o que dizer. Não conheço nenhum lugar além de Nebraska.

— Tem umas cem pessoas aqui, — acrescenta ele, parecendo taciturno. — Ei, em que série você está?

Eu levanto minha mão.

— Eu também estou na quinta ! — Diz com entusiasmo. — Fantástico. Pelo menos vou conhecer alguém.

Eu concordo.

— Você gosta da escola? — Ele pergunta.

Dou de ombros.

— Meu pai conseguiu um emprego na fábrica de papel, — ele me conta, suspirando e mexendo na grama novamente. — É por isso que nos mudamos para cá.

A fábrica de papel da cidade é uma das maiores do estado. Aprendemos isso na escola. Visitei e tudo mais. As pessoas que trabalham lá são os despolpadores, como diriam os nossos habitantes, e não os descascadores. Aqui é papel ou milho.

Acho que também não quero fazer isso, mas não há muita escolha.

— Você quer me dizer seu nome? — Lucky pergunta. — Você não precisa.

Eu limpo minha garganta. — Ellis.

Ele sorri. — Você gosta de vídeo games?

Dou de ombros e Lucky não insiste. Ele fala muito, mas talvez isso seja uma coisa boa. Eu não falo muito.

Lucky continua a me fazer perguntas enquanto a última luz da noite se dissipa.

— Você gosta mais de panquecas ou waffles?

— Há alguma coisa para fazer aqui?

— Aquele silo atrás da sua casa é mal-assombrado?

— O que há com todo esse milho?

Ele não parece se importar que eu nunca diga uma palavra. Em vez disso, ouço enquanto observo os vaga-lumes dançarem. Nunca vi tantos antes. Nosso professor disse que é o clima este ano.

— Ei, você acha que poderíamos almoçar juntos na escola? — Lucky pergunta.

Eu olho para ele então. Seus olhos são azuis, eu acho. É difícil dizer no escuro.

Eu aceno e Lucky sorri. Nunca tive um amigo com quem sentar no almoço antes. É isso que somos agora? Amigos?

— Lucky, hora de dormir, — uma voz profunda chama. — Ah, é Ellis?

— Sim, — Lucky responde, levantando-se. Mamãe deve ter dito meu nome a eles.

— Olá, Ellis, — diz o homem.

Eu levanto minha mão.

— Hora de dormir, — ele repete, acenando para Lucky entrar.

Suspirando Lucky pergunta — Vejo você na segunda-feira na escola?

Eu concordo.

— Estou indo, — Lucky grita. Ele chega a meio caminho da casa antes de girar e olhar pra mim. — Ei, Ellis? Estou feliz por estar aqui. Talvez isso não seja tão ruim, afinal.

Meu coração bate um pouco rápido com isso, mas eu não sabia dizer por quê.

Lucky corre para dentro, mas o homem não se move. —Precisa que eu leve você para casa?

Balanço a cabeça, já indo naquela direção. A grama faz cócegas em minhas panturrilhas enquanto caminho. Precisa ser cortado.

— Boa noite, Ellis, — ouço o homem dizer. A porta se fecha um momento depois.

O pai de Lucky parece bastante legal.

Esqueço-me de contar os passos no caminho para casa e, em vez disso, observo a lua. Está meio cheia esta noite. Não sei por que chamam isso de um quarto.

Quando chego em casa, minha mãe está esperando do lado de fora da porta. Ela deve ter me visto subindo. — Se divertiu?

Dou de ombros, mas ela parece satisfeita.

— Não se esqueça de se lavar antes de dormir, — diz ela, entrando. Ela deixa a porta aberta para mim e eu a sigo.

Que tipo de nome é Lucky?

Vou dormir me perguntando sobre meu novo amigo. De manhã, lembro-me do vaga-lume que deixei no convés. Corro para fora, pegando o vidro, mas não tenho chance de ver se ele ainda pisca ao sol.

O vaga-lume está morto.

Capítulo 2

Ellis



Eu tinha treze anos quando Lucky encarou um tornado.

— Ellis, você está aqui?

Eu resmungo, largando o frasco azul que estava examinando. Parece bom ao lado do lilás que encontrei na semana passada.

Lucky passa pela porta de acesso ao silo no nível do solo, piscando enquanto seus olhos se adaptam à escuridão.

— Você não estava no ônibus, — ele acusa.

Eu tinha uma consulta no dentista, então minha mãe me tirou da escola mais cedo. Esqueci de contar ao Lucky.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta, colocando sua mochila contra o lado curvo do silo. É quando noto o rasgo em sua camiseta.

Aponto e Lucky suspira.

— Não é nada, — diz ele.

— Não parece nada.

Lucky levanta uma sobrancelha. — Quatro palavras inteiras. Talvez eu devesse me machucar com mais frequência.

Eu faço uma careta, mas Lucky apenas ri.

— Não é nada, — ele repete.

Lucky começa a alinhar alguns dos potes velhos e rachados que coletamos. Elas não são aqueles bonitas com quem ele sabe que não deve mexer. Eles são do tipo simples que as pessoas usam para enlatados. Depois de arrumá-las quase como pinos de boliche, ele pega as bolinhas de gude, mas eu as agarro antes que ele consiga. Ao meu olhar insistente, seus ombros caem.

— Apenas alguns caras da escola, — diz ele. — Eles não gostam de mim.

Isso me deixa surpreso. Por que não? Achei que todo mundo gostava de Lucky.

— Você sabe, — diz ele, balançando a mão no ar, como se isso explicasse tudo.

Não sei.

Lucky solta um grande suspiro. — Porque sou gay, Ellis.

Não movo um músculo, mais surpreso pelo fato de que alguém o trataria de maneira diferente por isso do que pela notícia em si. Lucky tira o cabelo do rosto enquanto eu pisco para ele. Os cachos loiros voam em todas as direções, selvagens e longos como a juba de um leão. Seus olhos azuis caem nas bolas de gude em minha mão e percebo que ele está esperando por mim.

— Idiotas, — eu finalmente digo.

Seus olhos se arregalam de surpresa e ele dá uma risada. —Droga. Você está cheio disso hoje.

Eu respiro um pouco mais fácil.

Lucky faz uma gesto de agarrar com a mão e eu passo por cima das bolinhas de gude. Ele se senta um pouco atrás dos potes, e eu sigo o exemplo, sentando ao lado dele, nossos joelhos roçando. Ele joga bolinhas de gude, uma após a outra, raramente errando os potes. Não consigo parar de olhar para o rasgo em sua camisa. O que aconteceu?

Depois de um minuto, Lucky chama minha atenção. — Você não sabia, não é?

Eu balanço minha cabeça.

— Todo mundo sabe, Ellis.

Eu não.

Ele joga outra bola de gude. — Isso muda alguma coisa?

Por que isso mudaria alguma coisa?

Lucky deve ser capaz de ler meu rosto – ele sempre consegue – porque ele revira um pouco os olhos. — Sim, sim, — ele diz. — Eu sou um idiota.

Eu bato em seu ombro com o meu.

— Eu sei, — ele diz levemente, jogando uma grande bola de gude vermelha. Ele faz um barulho alto antes de pousar no copo. — Somos eu e você.

Sim somos.

Quando Lucky fica sem bolinhas de gude, ele suspira. — Um dia vou sair desta cidade, El. — Suas palavras apertam meu peito como um elástico, mas ele continua apressado. — Eu tenho que ir. Você é a única coisa boa aqui; Você sabe disso. Talvez eu volte para Chicago ou tente Nova York. Ou, diabos, até mesmo na Tailândia. Qualquer lugar seria melhor que isso.

Ele já falou em ir embora antes, desde que se mudou para cá, na verdade. Lucky não gosta da nossa pequena cidade rural, não depois de ter crescido em uma cidade grande. Mas desta vez ele parece sério.

— Você poderia vir comigo, — diz ele.

Não tenho chance de responder antes que uma sirene estridente soe no ar. Lucky e eu nos entreolhamos surpresos.

— Alarme de tornado, — diz ele. — Não é sábado.

Balanço a cabeça e nós dois corremos.

O vento açoita meu rosto assim que chegamos à clareira fora do silo. O céu está mais escuro agora, cinza e furioso, e as nuvens giram no alto em um padrão que significa perigo. A estação meteorológica não alertou sobre uma tempestade tão forte, mas isso não significa muito aqui.

— Merda, — Lucky diz, cobrindo os olhos com o braço enquanto um pouco de poeira levanta. — Vamos.

Lucky agarra um punhado da minha camisa enquanto corremos em direção às nossas casas. O caminho mais rápido é através dos campos de milho, não ao redor, então é assim que vamos fazer. Os caules chegam à altura da cabeça nesta época do ano, e as folhas nos batem enquanto corremos, deixando pequenas picadas em seu rastro. De vez em quando, eles sopram em um ângulo severo antes de se estabelecerem.

Assim que saímos do campo, ouço a mãe de Lucky chamando. Lucky

grita de volta enquanto contornamos minha casa, indo para o abrigo contra tempestades que está enterrado no subsolo, a meio caminho entre nossas duas casas. O pai de Lucky está ajudando minha mãe a descer a escada, e seu rosto fica aliviado quando ela nos vê correndo. Não consigo ouvir o que ela diz por causa do vento, mas a mãe de Lucky nos incentiva a seguir em frente, observando o horizonte atrás de nós.

Não me atrevo a olhar para trás.

Quando chegamos ao abrigo, o pai de Lucky é o único acima da superfície. Não paro para recuperar o fôlego, apenas corro em direção à abertura no chão. Estou prestes a entrar quando percebo que Lucky não está mais me segurando.

Quando me viro, meu coração quase para.

Lucky está parado a quinze metros de distância, de costas para nós. Suas roupas balançam ao seu redor com o vento forte e sua cabeça está inclinada para o céu. Eu vejo então, o tornado. Parece de outro mundo, como se não pertencesse. Nuvens negras cercam a área acima de onde o tornado atinge a terra, e relâmpagos caem enquanto eu observo, iluminando o céu com um clarão brilhante de um branco misterioso. Apenas um segundo depois, um trovão explode quando a chuva chega até nós. Desce como um lençol, me encharcando em segundos.

Lucky não se move, mesmo quando seu pai começa a gritar. Mesmo quando o vento se torna cruel. Mesmo quando o céu escurece acima.

Lucky, droga.

Ele deixa cair a cabeça para trás, com as palmas voltadas para o céu, como se estivesse absorvendo tudo. Como se estivesse deleitando-se com a força selvagem da natureza que está cada vez mais próxima. Seu cabelo envolve sua cabeça, furioso como o milho, as nuvens e o céu.

Ele nunca pareceu tão selvagem.

— Lucky! — Eu grito.

Ele olha para trás e o alívio é imenso. Não me atrevo a dar um passo até

que Lucky esteja na escada. Ele sorri para mim, com os olhos arregalados e animado, e eu balanço a cabeça, descendo o mais rápido que posso.

Minha mãe me agarra quando eu chego, passando os braços em volta dos meus ombros enquanto voltamos para o abrigo. Não é grande, mas há muito espaço para nós cinco esperarmos a tempestade passar. Ao longo de uma parede há um banco e ao longo de outra há um rack com suprimentos de emergência, incluindo um rádio.

O pai de Lucky é o último a descer depois de trancar bem a porta, e o silêncio que se segue é absoluto.

— O que você estava fazendo? — Ele pergunta ao filho assim que seus pés tocam o chão. Suas mãos vão para os ombros de Lucky enquanto ele o olha nos olhos. Seu aperto não é forte. Ele apenas parece assustado.

— Você viu isso? — Lucky responde, sem compartilhar o mesmo medo de seu pai. — Era *lindo*.

O pai de Lucky se vira e passa as mãos no cabelo. Ele dá um passo antes de voltar. — Um dia desses você vai me causar um ataque cardíaco. Eu juro, Lucky, você não pode...

A mãe de Lucky agarra seu braço, apertando suavemente. —Estamos bem agora, — diz ela. — Vamos nos concentrar nisso. Ligue o rádio, Ron?

O pai de Lucky acena com a cabeça, soltando o fôlego enquanto se dirige para o velho rádio amador.

Minha mãe dá um beijo na lateral da minha cabeça. — Está Bem querido ?

Eu concordo. Meu pulso ainda está acelerado, mas não por causa do tornado. Não é o primeiro que experimentei e, estando bem no meio do Tornado Alley[1], não será o último.

Mas Lucky…

Minha mãe me deixa ir enquanto vou em direção ao meu amigo. Seu cabelo está encharcado, os cachos grudados em sua pele. Seus olhos são

brilhantes, quase elétricos. Ele me dá um sorriso quando eu o empurro.

— Ah, vamos lá, — diz ele. — Você tem que admitir que foi muito legal.

Eu balanço minha cabeça.

— Sim, sim, — ele murmura. — Eu sou um idiota. É o que você diz.

Eu faço.

O rádio estala enquanto o pai de Lucky sintoniza para ouvir notícias sobre o tornado. De vez em quando, o assobio do vento chega aos nossos ouvidos e ouve-se uma batida na porta.

Lucky me segue enquanto me sento no banco. Tento secar as mãos no short, mas ambas estão molhadas, então não adianta. Enfio-os nos bolsos quando percebo que estão tremendo.

— Desculpe, — Lucky diz, me cutucando. Ele parece um pouco envergonhado. — Eu assustei você, não foi?

Um aceno curto e rápido.

— Vou tentar ser mais cuidadoso.

Quase reviro os olhos. Lucky procura problemas. Foi assim que ele quebrou a perna apenas um mês depois de se mudar para a cidade. Apesar de eu ter dito a ele que a escada do silo não era estável, ele estava determinado a alcançar a janela no topo. Ele não foi muito longe antes que um parafuso se afrouxasse e a escada tremesse, derrubando Lucky no chão no processo.

Ele voltou a subir assim que sua perna estava curada e consertou o ferrolho.

Lucky suspirou. — Eu queria ver, Ellis.

O tornado?

— O mundo, — ele responde, apesar de eu não ter dito uma palavra. — Eu quero experimentar a vida.

Há vida acontecendo aqui mesmo. Mas não acho que seja suficiente para Lucky.

— Eu quero uma aventura, sabe? — Ele diz, os olhos brilhantes como o oceano ou o céu azul claro. — Quero mais do que milho, papel ou doces de

cinco centavos na loja da esquina. Quero que minha vida seja... notável, El.

Será. Porque é ele. Ele será capaz de qualquer coisa, eu sei disso. Só não sei como *dizer* isso.

Vou mostrar a ele; é isso que farei. Vou mostrar ao Lucky que há aventuras aqui mesmo. Que ele pode ter sua vida notável.

E então talvez, apenas talvez, ele fique.

Quando deixamos o abrigo contra tornados, meia hora depois, detritos cobrem o chão. O céu está surpreendentemente claro, como se não tivesse acabado de desabar uma chuva que devastou nosso redor. Nossas casas estão bem, exceto por uma única janela na casa de Lucky que está solta.

Mas o milho... Há um caminho longo e tortuoso escavado no campo que começa a menos de 300 passos de onde Lucky estava.

Nunca tive tanto medo de uma forma ou de outra, perder meu amigo.

Capítulo 3

Ellis



Eu tinha quinze anos quando entrei na minha primeira luta.

— Vamos, idiota! Isso é tudo que você tem?

Corro em direção ao som da voz de Lucky, e fico desanimado quando o encontro cercado por três caras da nossa turma. Brandon segura a camisa de Lucky, pressionando meu amigo contra um armário enquanto outros estudantes

se afastam, criando um amplo arco ao redor da cena. A mão de Brandon está cerrada ao seu lado e Lucky está sorrindo com um lábio cortado.

— Ei, — eu grito, abrindo caminho no meio da multidão.

Brandon tem apenas um momento para olhar em estado de choque antes que meu punho acerte sua mandíbula. Ele derruba Lucky, mas se recupera rápido, me acertando com o ombro em um movimento que poderia funcionar no campo de futebol, mas sou maior que Brandon — seus amigos também — e mal balanço um centímetro. É muito fácil empurrar meu peso para frente e acertar meu punho no nariz de Brandon quando ele dá um passo gaguejante para trás.

— Oh merda, — seu amigo, Riley, sibila.

Eu olho em sua direção em seguida, e os olhos do cara se arregalam. Ele levanta as mãos rapidamente, recuando e agarrando Jace, o terceiro, para segui-lo. Os dois caras vão embora enquanto Brandon geme no chão, e quando olho para cima, nossos colegas estão segurando seus celulares, com vários graus de surpresa e admiração em seus rostos.

Eu grunhi e metade deles se encolhe.

— Ei, — Lucky diz com uma voz suave, sua mão pousando no meu braço. Meu pulso diminui quando me viro, mas apenas ligeiramente. Lucky está sorrindo, com sangue manchado no lábio inferior.

— Por que você está sorrindo? — Eu grito.

Seu sorriso se alarga quando alguém atrás de mim engasga.

— Sua mão está bem? — Lucky pergunta, segurando meu punho cerrado. Ele se encolhe um pouco, olhando para o dano, mas eu balanço a cabeça. Está bem. Lucky revira os olhos. — Ok, cara durão.

Brandon geme novamente enquanto nossos colegas sussurram atrás de nós.

— Você viu aquilo?

— Eu nunca vi o cara com tanta raiva antes.

— Você sabia que ele consegue falar?

— Ei, — Lucky diz novamente, com as mãos nas laterais do meu rosto.

Ele olha para mim com aqueles olhos azuis claros. Ainda não descobri como chamá-los. Azul? Cerúleo? — Você está bem?

Concordo com a cabeça, zombando e tocando o lado do seu lábio.

— Estou bem, — diz Lucky.

Certo.

— Não me venha com isso.

Espertinho.

— El, eu...

— O que está acontecendo aqui? — nossa professora, Sra. McMillan, diz. Ela corre até nós, abrindo caminho para o mar de estudantes boquiabertos, e suas mãos voam para a boca quando ela avista Brandon no chão.

— Ele me atacou, — diz Brandon, com a mão sobre o nariz sangrando.

— Ele não fez isso, — Lucky diz de volta, contornando-me. — Você me bateu primeiro, idiota.

As mãos da Sra. McMillan balançam no ar por um momento antes de ela dizer: — Escritório do diretor. Vocês três. *Agora*.

O resto dos alunos se dispersa, e Lucky aperta minha mão ilesa enquanto caminhamos pelo corredor, com aquele sorriso selvagem de volta no rosto.

Não posso deixar de sorrir também.



— Eu só quero entender por que você fez isso, — diz minha mãe. Desde o momento em que chegou à sala do diretor até agora, em casa, na nossa sala de estar, ela parece mais surpresa do que chateada. — Você não é uma pessoa violenta, querido.

Eu balanço minha cabeça.

Ela suspira, sentando-se ao meu lado. Minha mão direita está enfaixada, e minha mãe a pega entre as suas, girando-a suavemente e verificando se não

sangrei pelas bandagens.

— Ellis, — ela diz calmamente, abaixando minha mão. — Você sabe que não gosto de pressioná-lo, mas estou pedindo uma explicação. Por favor.

Dou-lhe um aceno lento.

Não é que eu não *queira* conversar, principalmente com ela. Mas as palavras, para mim, nunca foram fáceis. Elas nem sempre dão certo, como se eu tivesse que percorrer um pântano do cérebro até a boca, e é cansativo ter que fazer essa jornada constantemente. Muitas vezes as pessoas não gostam de esperar que eu acerte e aprendi que é mais fácil ficar quieto.

Além disso, as pessoas importantes me entendem de qualquer maneira.

— Ele estava machucando Lucky, — finalmente digo a ela. Demora um minuto.

Minha mãe balança a cabeça, dando um tapinha na minha bochecha e parecendo resignada. — Não faça disso um hábito, certo?

Eu aceno em concordância.

— Você pode limpar o piso esta semana enquanto estiver suspenso, — acrescenta ela.

Eu gemo, mas aceno novamente.

Minha mãe bagunça meu cabelo antes de seguir pelo corredor, e eu olho pela janela em direção à casa de Lucky. Pegando uma jaqueta, vou para fora.

O quarto de Lucky fica do outro lado da casa, então ando por lá com nossas bicicletas a tiracolo. Ele está deitado na cama quando bato na janela, mas sua cabeça levanta imediatamente e ele pula da cama. Seu sorriso é largo quando ele abre a janela.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta.

Aceno para as bicicletas.

Lucky balança a cabeça, mas seus olhos estão brilhantes. —Eu deveria estar de castigo.

Levanto uma sobrancelha e Lucky corre para seu armário. Ele pega um moletom e o veste antes de tirar a tela da janela e passar por ela. Ele abaixa o

vidro por fora e recoloca a tela, e então seguimos nosso caminho.

Nenhum de nós diz uma palavra enquanto eu o conduzo pelos campos de milho que ficam atrás de nossas casas. Eventualmente, chegamos a uma estrada de terra, e a bicicleta de Lucky ressoa atrás da minha quando entramos nela. O sol está baixo no céu e eu acelero o ritmo, não querendo perder o pôr do sol.

Quando entro em uma propriedade privada, Lucky não me questiona. Ele me segue, passando por uma casa escura até um velho moinho de vento pelo qual passei um milhão de vezes desde que era criança. Quando paro minha bicicleta, Lucky derrapa ao meu lado.

— El, — ele sussurra alto, parecendo animado. — Estamos invadindo?

Levo meu dedo aos lábios e Lucky ri.

Colocamos nossas bicicletas na parte externa do moinho e caminhamos até a porta. Ele range alto quando eu o abro, mas estamos longe o suficiente da casa e duvido que alguém ouça alguma coisa, mesmo que esteja acordado. Lucky pega o celular do bolso quando entramos e liga a lanterna. Teias de aranha cobrem todas as superfícies imagináveis, e passo meu braço por elas para que possamos seguir em frente.

As escadas são tão frágeis quanto o resto da estrutura, então vou primeiro, pisando devagar para ter certeza de que cada uma consegue suportar meu peso. Lucky está quieto atrás de mim, nossas respirações e passos são os únicos sons no ar parado da noite.

No topo do moinho de vento existe uma pequena plataforma. Tenho que passar por um buraco para chegar até ele e então ajudo Lucky a subir. Seus olhos são grandes e redondos enquanto rastejamos sob o telhado curto e inclinado até a pequena janela no topo da estrutura. O campo se estende diante de nós, por toda parte. Não estamos tão alto, mas a terra é tão plana que parece que podemos ver quilômetros.

Lucky se acomoda em frente à janela, com as pernas levantadas à sua frente. Eu me aperto mais perto, meu quadril contra o dele. Não há espaço para ficarmos mais distantes e ainda vermos pela janela, mas isso não importa. Isso

nunca importa com Lucky.

— Por que você fez isso, Ellis? — Ele pergunta. — Por que você me defendeu?

Do que ele está falando?

Você é meu amigo. Claro que te defendi.

Ele suspira. — Sim, ok.

Não sei por que ele parece quase triste, mas então avisto a cor que está começando a iluminar o céu e aponto para Lucky.

— Isso é lindo, — ele diz, inclinando-se contra mim, seu ombro pressionado no meu. Observamos as laranjas e os roxos cruzando o céu por alguns minutos antes de Lucky pegar seu celular. Ele tira algumas fotos, mas minha mente continua pensando no que aconteceu hoje.

— Brandon? — Eu pergunto.

Lucky bufa. — Ele não vai me incomodar novamente.

Fico feliz que ele tenha entendido o que eu estava perguntando, mas ainda levanto uma sobrancelha, o que Lucky percebe.

— Ellis, amigo, não tenho certeza se você se olhou no espelho ultimamente, mas ninguém naquela escola vai me tocar. Nunca mais.

Meu peito aquece com isso, e sinto uma estranha sensação de orgulho por poder dar isso a Lucky. Esperançosamente, ele está certo e os idiotas da cidade o deixarão em paz. Por que eles se preocupam com a sexualidade dele, em primeiro lugar, está além da minha compreensão.

Os olhos de Lucky estão voltados para fora da janela quando ele diz, — Você não sabe como você é, não é, El?

Não tenho certeza do que ele quer dizer. Claro que sei como sou. Cabelo castanho. Olhos castanhos. O nariz do meu pai, a altura do meu avô e as sobrancelhas da minha mãe. Faço parte daqueles que me criaram, mas também sou apenas *eu*.

Não tenho cachos dourados como Lucky, que parecem brilhar sob o sol baixo da tarde. Nem seus olhos brilhantes e penetrantes.

Sou apenas Ellis.

Lucky suspira, apoiando a cabeça no meu ombro. — Sim. OK. — Acho que o ouvi dizer *meu herói*, mas é tão suave que não tenho certeza.

À medida que o céu passa de uma obra-prima pintada para uma noite enegrecida, as estrelas começam a surgir. Há tão pouca poluição luminosa aqui; eles são fáceis de ver.

— Obrigado por me trazer aqui, El, — diz Lucky.

Eu concordo. *Claro.*

— Dias como este me fazem pensar…

Ele não termina a frase, então dou uma cutucada nele. Seu sorriso fica um pouco estranho quando ele olha em minha direção.

— Eles são simplesmente bons, — diz ele. — Você sabe?

Toco seu lábio e seu sorriso oscila, a respiração deixando-o acelerado.

— Sim, — ele diz suavemente. — Mesmo com o lábio cortado.

Eles são bons o suficiente para ficar?

Ele não fornece uma resposta.

Quando Lucky se afasta, ele mexe no celular. Depois de mexer nas configurações da câmera, ele apoia o aparelho no canto da janela velha e empoeirada, firmando-o com uma pedra que estava ao lado de seu pé. — Exposição lenta, — explica ele, pressionando o botão de gravação. — Você não se importa de ficar aqui por mais uma hora, não é?

Eu bufo.

— Bom, — diz ele, apoiando a cabeça no meu ombro.

Eu me pergunto, quando ele terminar de tirar a foto, se será capaz de ver o mundo girando.

Eu me pergunto quantas rotações a mais Lucky estará na minha.

Capítulo 4

Ellis



Eu tinha dezessete anos quando as coisas começaram a mudar.

— Olha essa aqui, — diz Lucky, me mostrando as fotos que ele revelou de dentro de seu armário. Ele transformou o pequeno espaço em uma câmara escura no início deste ano. — Isso não é legal?

A foto é de Chimney Rock, no oeste de Nebraska. Fomos por lá com o pai dele há dois fins de semana, visitando algumas das formações rochosas mais notáveis ao longo daquela parte da trilha do Oregon. Lucky tirou esta foto à noite, de modo que parece que a rocha alta com pilares está segurando a lua no alto. Uma faixa azul repleta de estrelas passa por cima, e o resto do céu é preto. É impressionante.

— Lucky, — consigo dizer.

Ele sorri.

Lucky quer entrar no fotojornalismo. É uma ideia que ficou presa desde que ele a colocou na cabeça, alguns anos atrás.

— *É minha passagem para sair daqui*, — ele me disse. O fotojornalismo poderia levá-lo ao redor do mundo. Sua vida notável.

Acho que sabia que ele nunca ficaria.

Ainda assim, inclinei a cabeça em direção à porta.

— Sim, — Lucky diz, guardando suas fotos. — Estou pronto.

Nós dois entramos na minha caminhonete e eu nos levo para o norte. Lucky cantarola junto com o rádio enquanto dirigimos, com a janela aberta e o cabelo caindo em volta do rosto. A visão me faz sorrir, e quando Lucky me pega olhando, ele mostra a língua.

Enquanto sua mão serpenteia pelo ar do lado de fora da janela, ele diz, — Eu te contei que Jace queria que eu fizesse um boquete nele atrás da arquibancada ontem?

Eu gaguejo, girando o volante sem querer. Lucky ri enquanto eu endireito a caminhonete.

— Não fiz isso, obviamente, — diz ele, e minha frequência cardíaca começa a diminuir. — O cara é um idiota cujo pau eu não quero ter nada a ver.

Jace é um dos caras que costumava incomodar Lucky. Não mais, mas ele certamente não está fora do armário, pelo que eu saiba. Lucky está sozinho nesse aspecto.

— Eu disse a ele que se não posso beijá-lo no corredor, não vou fazer sexo oral a portas fechadas, — diz Lucky.

Jesus. Lá se vai meu coração novamente. Pelo menos ele disse não. A ideia de Lucky com alguém assim…

— Você já pensou sobre isso? — Ele pergunta.

Tenho certeza de que meus olhos estão arregalados quando olho em sua direção.

Ele ri novamente. — *Eu não*, El. Você já pensou em... você sabe. Ficar com alguém?

Oh.

Balanço a cabeça porque a verdade é que não, nunca fiz isso.

Lucky cantarolando fala. — Eu penso.

Eu me contorço um pouco, sem saber por que pensar nisso me deixa tão... inquieto. Já falamos sobre sexo antes. Ou Lucky falou e eu ouvi. Nenhum de nós fez isso. Lucky quer.

— Está tudo bem, você sabe, — ele diz. — Se não for algo em que você esteja interessado.

Dou de ombros.

— Talvez eu devesse experimentar um aplicativo, — ele reflete.

Meus dedos seguram o volante com força.

— Você não acha que eu deveria?

Eu balanço minha cabeça. *Perigoso demais*.

Com um aceno, ele deixa o assunto pra lá.

Quando chego ao Smith Falls State Park, quarenta e cinco minutos depois, Lucky olha em volta.

— Caminhada? — Ele pergunta.

Não exatamente.

Pego a sacola que arrumei na traseira do caminhão e seguimos para o extremo norte do parque. Depois de atravessar uma passarela, chegamos ao calçadão de madeira que leva até Smith Falls, a cachoeira mais alta do estado. Os olhos de Lucky se arregalam quando o som forte chega aos nossos ouvidos e, quando dobramos a última esquina, a cachoeira aparece.

Lucky pula animadamente, agarrando meu braço, e não posso deixar de rir. Ele está com a câmera na mão antes mesmo de chegarmos ao final do calçadão, com o obturador disparando. Eu observo Lucky, sentindo o peito apertado.

Algumas outras pessoas estão visitando as cataratas, então temos que esperar antes de podermos ficar na frente. Quando chegamos ao corrimão, a água nos embaça suavemente. Lucky tem que parar para tirar isso de suas lentes.

— Isso é ótimo, El, — ele finalmente diz, com a testa e o cabelo molhados. Suas bochechas estão brilhantes e seu sorriso largo. — Obrigado por

me trazer aqui.

— Não terminei, — digo a ele, dando-lhe um pequeno puxão.

Lucky parece curioso enquanto me segue pelo calçadão. Ele parece ainda mais curioso quando nos conduzo por uma trilha não sinalizada. Vários minutos depois, avisto o ponto de referência que procuro.

Lucky solta um grito. — Por favor, me diga que você trouxe nossas sungas.

Eu os tiro da minha bolsa.

Os próximos minutos são uma correria para se trocar sob a privacidade das toalhas de praia e depois entrar na água fria. Lucky não hesita em ir até onde uma parte inferior da cachoeira desliza suavemente sobre a rocha, desaguando em uma piscina natural. Não há outra alma à vista aqui.

— Isso é incrível! — Lucky grita, entrando mais fundo na água e subindo uma encosta rochosa abaixo das cataratas. Ele está mergulhado em segundos, e tudo o que posso fazer é observá-lo balançando a cabeça, rindo e soltando um grito de guerra que certamente assustou qualquer pássaro próximo.

Quando ele se vira, com os braços estendidos ao lado do corpo, tenho um momento de déjà vu. Atrás de Lucky está um tornado, não as cataratas, e por um segundo dolorosamente longo, temo por meu amigo. Estou com medo porque ele é corajoso e curioso e gosta da emoção do perigo, embora nunca tenha dito isso abertamente. Essas qualidades que adoro no meu amigo, aquelas coisas que o tornam tão único, são as coisas que me assustam.

Não há tornado hoje, é claro. Mas Lucky parece livre enquanto está estendido sob a água, e percebo que não posso competir com isso. Posso arrastar Lucky por todo o Nebraska ou até mais longe, mostrar-lhe as maravilhas do seu próprio quintal. Mas seja qual for o sentimento que ele está perseguindo, é maior que eu, maior que este lugar, maior que qualquer coisa que eu conheça. O que tenho a oferecer nunca será suficiente para meu amigo de espírito livre.

A constatação dói mais do que deveria.

— Ellis! — Lucky grita. — Traga sua bunda aqui.

Afastando a dor fantasma, sigo Lucky até a cachoeira. A água é levemente cortante quando me atinge de cima, mas através da chuva torrencial, o sorriso de Lucky é como o sol. Seu rosto cai um pouco quando ele vê o meu.

— O que é? — Ele pergunta, me puxando para o lado. A água desce ao nosso lado, a força dela nos faz falar mais alto para sermos ouvidos em meio ao barulho.

— Porque ir? — Quase grito. É inútil – eu sei que é – mas algo neste momento parece urgente. Como se eu não *tentar*, sempre me arrependerei.

Lucky me observa por um momento, os olhos fixos nos meus. — O quê?

— Por quê? — Repito, frustrado por não conseguir falar o resto da minha pergunta. Lucky espera, seu peito subindo e descendo. — Por que você precisa ir embora?

— Ellis, — ele murmura. Eu nem consigo ouvir a palavra. Eu só posso ver isso.

— Eu não sou…

— O quê? — Lucky diz com urgência, dando um passo à frente. — Você não é *o quê* ? Diz.

Não sou suficiente.

Eu sei que não sou o suficiente. Estou sendo egoísta e infantil, não querendo largar meu único amigo. Mas isso não é justo com Lucky.

— Existe uma razão para eu ficar? — Ele pergunta, sua respiração saindo rápida, como a minha. Quando não respondo, ele grita, — Ellis!

— Você é…

— O quê?— Ele diz, colocando-nos frente a frente na água. Ele estende a mão lentamente, colocando as mãos na minha cintura. É um choque para o meu sistema, mesmo que sua pele esteja quente. Meu coração bate forte e não consigo respirar o suficiente. — Eu sou o quê? — Ele repete.

Meu melhor amigo.

Lucky fecha os olhos em uma piscada prolongada, como se estivesse com dor. Ele olha para baixo, desvia o olhar de mim e eu não entendo. Ele balança a

cabeça antes de tirar o cabelo do rosto e então dá um passo para trás. Eu sinto isso como uma perda.

— Sempre seremos eu e você, El, — diz ele. — Mas eu não posso... eu não posso ficar aqui. Eu nunca fui beijado, sabe?

Minha respiração fica presa na garganta e levo um momento para fazer a conexão. Mesmo que Lucky ficasse, com quem ele namoraria? Por quem ele poderia beijar e se apaixonar, sem falar em fazer sexo? Não há opções para ele aqui, e isso nunca me ocorreu antes. Claro que ele iria querer um namorado. Um parceiro para construir uma vida.

É claro que Lucky precisa ir embora.

Fui tolo em esperar o contrário durante todos esses anos. Apenas um menino tolo que não queria crescer. Não se isso significasse dizer adeus.

Mas deixei tudo de lado porque a aparência de Lucky neste instante — como seu rosto está abatido, como seus braços estão em volta da barriga, como se estivesse segurando uma ferida fechada — não é algo que eu possa suportar.

Dando um passo à frente, inclino o queixo de Lucky. Seus olhos encontram os meus e seus lábios se abrem, e quando me inclino para pressionar minha boca na dele, as pontas dos dedos dele cravam em meu braço. Mas não empurrando, segurando. Eu também nunca beijei antes, mas Lucky merece uma primeira vez com alguém que o ama. Pelo menos posso dar isso a ele.

Sua boca é quente, até macia, mas seu nariz está frio quando roça o meu. É apenas uma pressão, na verdade. Inocente. Mas Lucky suspira, inclinando a cabeça para trás e abrindo os lábios, e…

Não me lembro de pular para trás, mas no segundo seguinte, estou olhando para os olhos azuis piscantes de Lucky e sua boca entreaberta, me perguntando por que minhas mãos estão tremendo. Me perguntando por que aquela demonstração de confiança me fez querer pressionar Lucky e... eu não sei.

— Ellis. — Lucky dá um passo à frente, estendendo a mão e tocando minha barriga por apenas um momento antes de seu braço cair frouxo ao seu

lado. — Devo ficar?

Ontem eu teria dito sim. Eu teria dito a ele que poderia fazer valer a pena. Que *valia* a pena porque somos melhores amigos, e melhores amigos ficam juntos, certo?

Mas hoje? Hoje tudo é diferente.

Lucky ficaria feliz aqui, realmente? Eu não acho.

Balanço a cabeça e Lucky fecha os olhos. Ele balança a cabeça várias vezes antes de abri-los e abrir um sorriso torto e alegre.

— Certo, — ele diz, em tom provocativo. — Vamos conversar sobre o fato de você ter me beijado, El?

Reviro os olhos, mas pelo menos meus pés estão em terra firme novamente.

— Você vai me dar meu primeiro boquete também? — Ele pergunta, e de repente, o chão está saindo debaixo de mim.

Lucky ri quando escorrego na pedra e caio na água até a altura do peito, enquanto ele corre para ajudar. Mas então nós dois estamos caindo, deslizando para baixo da superfície onde o som é interrompido e só há a sensação abrangente de estarmos sem peso e cercados de frio. Por um momento, apenas com a mão de Lucky na minha, sinto-me perdido no cosmos. À deriva, mas não sozinho.

Quando chegamos à superfície, Lucky está rindo de novo. Acabamos de joelhos – a água não é profunda aqui – e eu limpo o rosto.

— El, — Lucky suspira, com a mão no meu ombro. — Um dia, alguém vai corromper você, e só posso esperar estar lá para ver isso.

Eu faço uma careta, mas isso faz Lucky rir ainda mais. Eu me viro para que ele não veja meus lábios se contorcerem.

Quando ele finalmente se acalma, ele me dá um empurrãozinho. — Ei.

Eu me viro.

— Estou feliz que tenha sido você, — diz ele. *O beijo.*

Concordo com a cabeça, os olhos caindo para seus lábios novamente.

Eles são curvados na parte superior e a parte inferior é mais cheia. Eu nunca notei antes.

Quando meu olhar volta para seus olhos, Lucky parece sério. Ainda estamos perto das cataratas, o som da água é um tambor constante, mas posso ouvi-lo muito bem quando ele diz: — Venha comigo.

Ele já disse isso antes, mas nunca pensei seriamente em deixar Nebraska. Não sou como Lucky; um aventureiro de coração. Uma coisa selvagem. Gosto da minha casa e do conforto desta terra. Gosto do sempre presente cheiro de terra do milho e de como sei que quando entro na cidade, o Maisy's Diner estará lá esperando.

Gosto da minha vida aqui, mas pela primeira vez considero as palavras de Lucky.

Ele pode dizer. Seus olhos brilham imediatamente. — Estamos nos inscrevendo em faculdades este ano, — diz ele, os dedos correndo do meu ombro até a mão debaixo d'água. Ele agarra com força, com as unhas cravadas. — Vamos enviar inscrições para os mesmos lugares, no mínimo, ok? Ainda há muito tempo para decidir.

Concordo com a cabeça - porque qual é o problema? - e Lucky sorri tanto que minha respiração fica presa.

— Vai ser ótimo, El. Você vai ver.

E não sei o que dizer, então seguro a mão de Lucky e espero que ele esteja certo.

Capítulo 5

Ellis

Eu tinha dezoito anos quando minha mãe recebeu o

00003.jpg

diagnóstico.

— Ellis, querido, você poderia se sentar? Você está me deixando tonto.

Eu bufo. Como devo sentar agora?

— Querido, — minha mãe persiste.

Vou até ela, caindo no sofá. Ela imediatamente se aproxima de mim, apertando meu braço. Percebo o tremor em sua mão e minha raiva desaparece instantaneamente.

— Vai ficar tudo bem, — diz ela.

Como? Não está bem.

— Ainda não está tão ruim, — ela continua, me acalmando. — E o médico diz que levarei anos até que os sintomas piorem o suficiente para que eu precise fazer ajustes.

Mas ela já apresenta sintomas há anos. Ela simplesmente não sabia que o formigamento nas mãos ou alfinetes e agulhas nos pés eram os estágios iniciais da esclerose múltipla. Os médicos não deveriam ter percebido isso antes? Eles não poderiam ter feito alguma coisa?

— Ellis, olhe para mim.

Eu faço. Os olhos castanhos de aço da minha mãe encontram os meus.

— Eu me recuso a deixar isso me impedir, — diz ela. — É um obstáculo no caminho, nada mais. Você ouve?

Concordo com a cabeça e ela aperta meu braço novamente.

— OK. Agora preciso fazer alguns telefonemas, então quero que você saia e grite um pouco ou faça o que for preciso. E então, quando você voltar, conversaremos sobre os próximos passos.

Sem dizer uma palavra, abraço minha mãe e ela exala pesadamente.

— Oh querido. Ficaremos bem.

Sua mão esfrega círculos sobre minhas omoplatas enquanto eu faço meus olhos permanecerem secos. Quando me afasto, ela dá um tapinha na minha bochecha.

— Amo você, — eu digo.

Seu queixo treme. — Amo você mais.

Quando saio, meus pés me levam em direção ao silo. Ele está sem uso em nossa propriedade desde que me lembro. Meu pai me contou que seu avô armazenou milho nele há algumas gerações, mas quando empresas maiores compraram a maior parte das terras da cidade, as pequenas fazendas deram lugar à produção em massa. O silo está vazio desde então, e a terra que pertenceu à nossa família – os campos de milho atrás da nossa casa e da casa de Lucky – foi vendida há décadas.

Nunca entendi por que meu pai - ele próprio um husker[2] - saiu daquele jeito. Ele não tinha ligações com esta terra? Às memórias feitas aqui? Por *nós*?

Acho que talvez algumas pessoas simplesmente não estejam destinadas a ficar.

Quando chego ao silo, sinto-me inquieto. Agitado. Lá dentro, o ar é ameno e parado, e vou até as prateleiras de vidro colorido que colecionei ao longo dos anos. Jarros, principalmente, mas também um prato ou tigela ocasional. Normalmente, as cores me acalmam. Gosto de examinar os diferentes tons e a forma como a luz atua na superfície. Hoje isso não ajuda.

Localizando os potes descartados no chão, pego um, pesando-o na mão. Está sujo, o vidro transparente está embaçado devido aos anos de exposição aos elementos. Há um chip na parte superior também. Passo o dedo sobre ele antes

de jogar tudo na parede. Ele explode em uma chuva de vidro fragmentado. Pegando outro, eu o mando voando.

— Ellis?

Ignoro o chamado de Lucky, com os olhos ardendo enquanto pego mais dois potes e os jogo. O som quando atingem o metal curvo do silo é satisfatório. O clangor, o crash e o eco da resposta.

Os olhos de Lucky estão arregalados quando ele para perto da porta. Pego outro pote, virando-o e jogando-o na parede oposta. Não bate com tanta força, mas ainda assim quebra, fazendo o vidro cair no chão.

— Sua mãe ligou, — Lucky diz.

Não estou surpreso.

— Disse que você pode precisar de mim.

Sempre.

Lucky dá um passo à frente enquanto eu envio outro pote voando pelo ar. — Ei.

Balanço a cabeça bruscamente, pegando outro apenas para perceber que eles se foram. Já quebrei todos eles.

— O que está acontecendo? — Lucky pergunta, parecendo surpreendentemente calmo. Ou talvez seja apenas porque eu *não estou*.

Quando pego um pote azul da minha prateleira, os olhos de Lucky se arregalam.

— Ei, — ele diz novamente, quase um aviso.

Eu jogo na parede. Lucky agarra meu braço, mas não é rápido o suficiente para me impedir. O vidro azul-celeste cai no chão, juntando-se aos restos dos potes transparentes como pequenas supernovas em um mar de vidro irregular. Dou um passo cambaleante quando Lucky me puxa para encará-lo.

— Ellis, — diz ele, chocado.

Eu me afasto dele, com as mãos tremendo, e jogo outro – o pote de lavanda que encontrei quando tinha treze anos. E outro: uma tigela que comprei em uma loja de antiguidades, da cor do vidro marinho. Agora junta os descartes

na terra.

Estou pegando um pote marrom claro quando Lucky se coloca na minha frente, me empurrando para trás com todo o seu peso. É a surpresa disso, mais do que qualquer coisa, que me faz dar um passo para trás. Ele faz isso de novo, suas mãos pressionando com força contra meu peito.

— Pare com isso, — ele diz.

Tento afastá-lo, mas Lucky vem até mim novamente.

— Eu disse *pare*.

Eu me preparo para outro empurrão, mas ele não vem. Em vez disso, Lucky me abraça com força e encosta o rosto no meu peito. Ele murmura palavras calmantes em minha camisa, seu aperto implacável, e como o barulho daqueles potes de vidro contra a parede, cada grama de luta em meu corpo se desfaz em pó.

Choro enquanto Lucky me segura, minhas costas balançando com a força, seu cabelo coletando minhas lágrimas. Meu amigo é a única coisa que me mantém de pé.

Lucky me manda chorar, suas mãos apertando minha camisa com força. Ele se levanta sob a tensão e a palma da mão dele acaba na minha pele. Eu me concentro na sensação disso, na ligação que ele fornece. Sobre como, por alguns momentos intermináveis, quase posso imaginar que tudo ficará bem, desde que Lucky esteja aqui.

Quando Lucky vira o rosto para cima, ficando quase nariz com nariz, percebo que seus olhos também estão úmidos. Esfrego meu polegar embaixo de cada um, maravilhando-me com a cor. Nunca consegui encontrar nada remotamente próximo.

É a lembrança do vidro quebrado no chão que faz com que meus pensamentos se voltem para minha mãe. Lucky me observa atentamente enquanto dou um passo para trás, desalojando seu aperto. Sua mão roça meu lado antes de cair.

— Você vai falar comigo? — ele pergunta.

E eu sei o que ele quer dizer. Não se trata de palavras; trata-se de deixá-lo entrar. Inclino a cabeça em direção à porta e saio, onde o ar é mais fresco. Ele sopra em minhas bochechas úmidas no momento em que passo da terra para a grama, e viro meu rosto para o céu, inalando os aromas de terra, óleo de máquina e frutas cítricas. O último é Lucky.

Lucky e eu sentamos no chão, de costas para o silo de metal. É mais tarde do que eu imaginava, o sol já havia mergulhado no topo dos campos. Um brilho laranja ilumina o horizonte, e minha casa fica ao longe, não muito longe. Além disso está a de Lucky. Somos os únicos neste trecho. Sempre pareceu que éramos só nós, desde que Lucky chegou, quando tínhamos dez anos.

— Minha mãe, — eu finalmente digo, minha voz soando rouca.

— Ela está bem? — Lucky pergunta, mas posso ver em seu rosto. Ela não está, e ele sabe disso.

Balanço a cabeça e ele suspira, longo e baixo.

— Diga-me? — Ele pede.

Concordo com a cabeça e, em intervalos lentos e afetados, eu explico o que aprendemos hoje. Que minha mãe tem EM[3] progressiva primária. Que ela teve sintomas estranhos durante anos, mas sempre os atribuiu a outras coisas. O formigamento em suas mãos poderia ser causado pelo túnel do carpo por causa de seu trabalho em uma das fábricas de processamento de milho da cidade. Os espasmos musculares estavam relacionados apenas à dieta. O cansaço era normal. Quem não se cansa de vez em quando?

Lucky escuta pacientemente, nunca me apressando, nunca parecendo frustrado por demorar tanto. Quando termino, ele pega minha mão no meu colo, enrolando os dedos em volta dos meus.

— Sinto muito, — diz ele, e é tudo o que há a dizer. É o suficiente.

Eu aceno com a cabeça, os olhos ardendo.

— Você quebrou sua coleção, — acrescenta ele calmamente.

Dou de ombros. Posso me arrepender mais tarde, mas… É apenas vidro

quebrado. Pode ser reparado. Reformado. Ao contrário de certas coisas.

Fecho os olhos com força, repassando a decisão que sei que já tomei. Acho que soube disso no momento em que joguei o primeiro pote.

— Eu vou ficar, — digo a Lucky.

Sua mão se contrai contra a minha. — O quê?

Não tenho certeza se ele me ouviu, mas quando encontro os olhos de Lucky, sei que sim.

Mesmo assim, repito. — Vou ficar.

Ele engole várias vezes, balançando a cabeça lentamente. Posso ver as engrenagens girando. — Tudo bem, — ele diz. — Iremos para a UNO[4], então. Fica apenas algumas horas e...

— Não, — digo a ele.

— Não?

— Eu vou *ficar*, — repito.

Sua respiração fica curta enquanto ele digere o que estou dizendo. — Você está desistindo?

— Vou pegar meu GED.

— Você sabe o que quero dizer, Ellis, — ele diz calorosamente, sua mão quase esmagando a minha. — Você vai... o quê? Pular a faculdade e se tornar um descascador? Um despolpador? Você realmente quer isso?

Balanço a cabeça em resignação. Não importa. De qualquer forma, nunca me imaginei saindo de Nebraska até recentemente. Sempre pensei que seria para sempre. Agora eu vou..

As narinas de Lucky se dilatam e ele vira o rosto. Quando ele olha para trás, seus olhos estão raivosos. — Não, — ele diz. — Não. Eu não vou deixar você.

Não cabe a você decidir.

— Você não pode jogar sua vida fora...

— Ela é minha mãe! — Quase grito. — Eu tive que... *carregá*-la esta

manhã, Luck. Ela…

Eu balanço minha cabeça. A dor era tão forte nas pernas que ela caiu ao sair da cama. Tive que ajudá-la a se vestir e ir para o carro para que pudéssemos nos encontrar com o médico para falar dos resultados dos exames. Eu não posso ir. Agora não.

Lucky contrai o maxilar. — Bem. Então eu vou ficar também.

— Não.

— Não?

Balanço minha cabeça bruscamente.

— A escolha não é sua, El, — diz ele. — É minha.

E você sempre quis ir.

— Posso obter meu diploma em qualquer lugar.

Mas você não quer fazer isso aqui.

— A escolha é minha, — ele repete, parecendo mais obstinadamente determinado do que jamais o ouvi.

— Vá, — eu digo a ele.

— Não.

— Vá.

— *Não.*

Deixo minha cabeça descansar contra o silo e pisco para o céu. Está completamente escuro agora, e alguns vaga-lumes estão por aí, piscando na frente das fileiras de milho. Eles parecem quase verdes esta noite, assombrados. Quando uma pisca bem ao lado da minha cabeça, levanto a palma da mão, segurando-a sob o brilho da luz, minha mão em concha em um convite.

O vaga-lume se afasta e eu deixo minha mão cair.

— Você deveria ir, — eu falo.

Lucky não responde e passamos a hora seguinte ouvindo o canto dos grilos. De manhã, dirijo até o empregador da minha mãe e me candidato a um emprego.

Capítulo 6

Ellis



Eu tinha vinte e um anos quando fiquei bêbado com Lucky.

— Vamos, Ellis, — Lucky insiste. — É um rito de passagem. Vá em frente.

Pego o pacote de cerveja, me sentindo meio mal. Mas é meu vigésimo primeiro aniversário, o que significa que posso comprá-lo legalmente agora.

Lucky me segue até o balcão. O caixa verifica minha identidade, murmurando um *feliz aniversário nada entusiasmado*, e então Lucky e eu estamos na calçada, indo em direção ao seu dormitório na Universidade de Nebraska Omaha. Ele está segurando uma caneca de Jack Daniel's.

— Você está animado? — Ele pergunta, sorrindo.

Levanto uma sobrancelha.

— Sim, sim, você já bebeu cerveja antes, — ele diz, me batendo com o cotovelo. — Mas você nunca ficou bêbado.

Lanço um olhar penetrante e Lucky revira os olhos.

— Vamos, El. Solte isso uma vez. Você vai passar a noite de qualquer maneira, então apenas... beba um pouco. Divirta-se. Talvez encontre uma garota doce para beijar?

A última sugestão é dada com um movimento de sobrancelha, mas balanço a cabeça. Não tenho interesse em garotas, sejam elas doces ou não. Não há interesse em ninguém, na verdade. Exceto…

Lanço outro olhar para Lucky enquanto ele me conta sobre seus amigos que virão para minha festa de aniversário não oficial hoje à noite. Seu cabelo está longo, como sempre, os cachos selvagens atingindo seus ombros e se espalhando livremente em torno do moletom com capuz. Seus lábios se transformam em um sorriso enquanto ele fala, e suas maçãs do rosto formam uma linha nítida em seu perfil. Ele chama minha atenção por um segundo antes de passar por alguém na calçada e, mais uma vez, me pergunto o azul. Lápis-lazúli[5]?

Sempre achei que Lucky tinha uma aparência etérea, como se tivesse sido cortado de vidro e polido. Mas em algum momento ao longo do caminho, o que era fascínio pela cor e pela forma tornou-se... algo completamente diferente. Não sei quando isso aconteceu, exatamente. Quando comecei a sonhar com os lábios dele e como eles se sentiam contra os meus. Quando comecei *a me perguntar* todas as vezes que Lucky falava sobre boquetes e os homens que encontrou aqui na faculdade. Quando comecei a desejar que aqueles outros homens simplesmente desaparecessem porque Lucky deveria ser meu - *meu* amigo, *minha* pessoa - e eles não sabem disso? Ele não?

Exceto que isso não é justo. Eu sei que não. E o que Lucky diria se soubesse? O que ele pensaria desses sentimentos que tenho escondido?

Será que ele — poderia ele — sentiria o mesmo?

Suponho que, no final das contas, não importa quando as coisas começaram a mudar. Porque o caminho do Lucky foi traçado desde o momento em que ele entrou na minha vida. — *Um dia vou sair desta cidade, El.* — Ele nunca foi meu para mantê-lo. Não importa o quanto eu desejasse.

— Você está bem? — Lucky pergunta, cutucando a lateral do meu braço. Estamos subindo as escadas para o dormitório dele agora.

Dou-lhe um aceno de cabeça.

— Você prefere que sejamos apenas eu e você? — Ele pergunta, parando. — Eu não queria convidar tantas pessoas, mas você sabe como é. Você conta para alguns amigos, eles contam para alguns amigos e, de repente, é uma festa.

Eu realmente não sei, não. Mas está tudo bem.

Balanço a cabeça e dou um puxão no braço de Lucky para continuar. Ele me segue pela porta e desta vez sou eu liderando o caminho para o quarto de Lucky. Não é a primeira vez que visito.

A festa já está acontecendo quando chegamos. O quarto de Lucky e o vizinho estão abertos um para o outro, ambos embalados como latas de sardinha e cheios de barulho. As pessoas se misturam com cerveja barata na mão enquanto uma garrafa de Jägermeister circula. Lucky abre caminho por tudo

isso, me arrastando para o fundo do quarto. Encosto-me em sua mesa enquanto ele começa a misturar seu uísque com Coca-Cola e conversar com um de seus amigos. Reconheço alguns dos convidados, incluindo o colega de quarto de Lucky, que me acena com a cabeça do outro lado da sala. Abrindo uma das minhas cervejas, tomo um gole.

Rapazes, meninas e uma pessoa não-binária que se apresenta vêm até mim durante a noite. Eles me dão bebidas porque Lucky diz que é meu aniversário e eles conversam um pouco. Ou, pelo menos, eles tentam. Eles nunca ficam por aqui por muito tempo quando percebem que não estou respondendo. Lucky vem pedir desculpas, mas não é culpa dele. Mesmo assim, ele nunca está longe e seus olhos me encontram com frequência.

Está por volta da minha quarta cerveja (perdi a conta das doses) quando um cara aparece e se junta ao lado de Lucky. Lucky acolhe isso, sorrindo e rindo enquanto o cara abaixa a cabeça no ouvido de Lucky, dizendo algo encantador, ao que parece. Sua palma desliza nas costas de Lucky, seu aperto é possessivo. Familiar.

Minhas mãos se fecham em punhos.

Lucky nos apresenta em pouco tempo, com as bochechas um pouco coradas de tanto beber. — El, este é Andrew.

— Ah, o melhor amigo, — diz Andrew, com o braço em volta da cintura de Lucky. Ele sorri para mim, mas seu olhar não é amigável.

Inclino a cabeça em um aceno.

— Então Lucky me disse que você é um fazendeiro de milho, — diz o cara, tomando um gole de cerveja. Seu polegar se esgueira por baixo da camisa de Lucky, e ele sorri um pouco mais quando me vê observando. — Como é isso?

Dou de ombros e ele estreita os olhos.

— É um trabalho árduo, — Lucky responde por mim. — Muito trabalho físico.

— É por isso que seu amigo é construído como uma casa de tijolos? — Andrew pergunta.

Lucky bufa um pouco. — Não, isso é apenas El.

Os olhos de Andrew me percorrem, mas não se parece em nada com o jeito que ele olha para Lucky. — Você joga futebol? — Ele pergunta.

Eu grunhi e Lucky abre um sorriso. Ele sabe que eu não poderia me importar menos com esportes. Andrew, porém, se irrita, olhando entre nós dois.

— O quê? — Ele pergunta. — Isso é um não?

— Ellis não joga futebol, — Lucky responde por mim.

— O quê, ele não pode falar por si mesmo? — Andrew pergunta de volta.

Lucky enrijece. — Não seja um idiota.

Andrew se afasta de mim, abaixando-se para dizer algo no ouvido de Lucky. Não consigo entender as palavras, mas Lucky revira os olhos. Isso me acalma um pouco, mas quando os lábios de Andrew descem, pressionando o pescoço de Lucky e os olhos de Lucky se fecham, tenho que me afastar.

Meu coração está batendo forte quando subo a escada para o loft de Lucky. As camas dele e de seu colega de quarto ficam em uma plataforma construída sobre o quarto, o que permite mais espaço para ficar em pé, mas torna os dormitórios apertados. Eu me abaixo, escorrego no colchão de Lucky e rolo até ficar encostado na parede. Acho que ninguém me viu sair.

Olho para o teto enquanto os sons da festa continuam lá embaixo. Há uma marca no gesso acima da minha cabeça que quase parece um moinho de vento, e traço o formato com a ponta do dedo. Meu mundo gira um pouco e, por um momento, imagino que sou uma daquelas estrelas que Lucky capturou com sua câmera.

Ele não estará aqui por muito mais tempo. Ele vai se formar no ano que vem e depois irá embora. Ele ficou na faculdade por culpa. Obrigação. Um fato que nunca para de me apertar o estômago. Mas logo ele não terá desculpa. Ele terá seu diploma. Ele estará pronto para perseguir seus sonhos. E eu? Ainda estarei aqui, amarrado ao meu amigo, não importa aonde ele vá.

Solto um suspiro. Estamos com tempo emprestado. Mas Lucky irá embora – ele sempre iria – e não posso culpá-lo por isso. Eu quero que ele seja

feliz. Simplesmente, verdadeiramente feliz.

— El?

Viro-me em direção ao som da voz do meu amigo, encontrando-o olhando para mim com uma pequena carranca. Porém, tudo se suaviza à medida que Lucky sobe o degrau restante para o loft. Ele se ajoelha ao lado da cama e percebo que o quarto está silencioso. Há quanto tempo estou aqui?

— Sinto muito, — diz ele.

Minhas sobrancelhas se juntam.

— Por todas as pessoas, — esclarece. — Eu sei que não é sua praia.

Dou de ombros.

Lucky exala, deitando-se de bruços ao meu lado. Ele apoia a cabeça no braço, com cabelos dourados rebeldes por toda parte, e eu me viro de lado para vê-lo melhor. Meu mundo muda novamente, como se eu fosse um navio no mar, e percebo que talvez esteja um pouco bêbado, afinal.

— Eles se foram agora, — diz Lucky. — A festa mudou para a casa ao lado.

Eu concordo. Não vou reclamar de ter Lucky só para mim. Nunca.

— Andrew? — Eu pergunto.

Lucky se encolhe, quase. — Sim, ah. Ele também se foi.

Eu balanço minha cabeça. Não foi isso que eu quis dizer e acho que ele sabe disso.

— Nós somos amigos. Na maioria das vezes, — diz ele.

Na maioria das vezes. Eles estão dormindo juntos.

Minhas entranhas se contraem.

— Você não gosta dele, — observa Lucky.

Não, eu não gosto. Não gostei da maneira como ele tocou Lucky, mas não contei isso a ele.

— Não é sério, sabe? — Ele diz, quase como se estivesse me implorando para entender. Como se ele precisasse da minha permissão em primeiro lugar. — É diversão com ele. Apenas alguma diversão sem sentido.

Eu não entendo, não totalmente. Nunca quis algo sem sentido: sexo pelo sexo. Qual é o objetivo? A única pessoa que eu sempre quis tocar está bem na minha frente, e qualquer coisa entre nós nunca poderia ser sem sentido. Não para mim.

É um lembrete amargo. Eu sei que não sou como a maioria. Meus fios funcionam de maneira um pouco diferente. Mas mesmo que Lucky pudesse olhar para mim do jeito que olha para caras como Andrew, que bem isso faria? No final, só iria doer mais – provar, apenas para perdê-lo. Prefiro nunca saber.

Acho que talvez isso seja tudo que terei. Porque quem mais vai se dar ao trabalho de me entender como Lucky?

Quando não digo nada, Lucky solta um suspiro. — Você não está interessado em garotas, está? — Ele diz, sem ser exatamente uma pergunta. É mais como se ele estivesse confirmando algo para si mesmo.

Ainda assim, balanço a cabeça. *Não, eu não estou*.

Ele lambe os lábios e engole em seco. — E... você já quis outros caras?

Meu coração dispara e Lucky me observa, esperando por uma resposta. Depois do que parece uma eternidade, balanço a cabeça lentamente.

— Não, — consigo dizer.

Só você. Só existiu você.

Lucky acena com a cabeça, olhando para um ponto por cima do meu ombro e, pela primeira vez, fico grato por ele ter perdido as palavras dentro da minha cabeça.

— Como está sua mãe? — Ele pergunta.

Eu aceno um pouco. Ela tem estado estável nos últimos meses, o que é o melhor que poderíamos pedir. — Tenho a rampa para cadeiras de rodas, — digo a ele.

Tem sido um processo lento, equipar a casa para quando minha mãe eventualmente precisar de acessibilidade. Estamos nos aproximando desse estágio, mas ainda não chegamos lá.

Lucky aperta meu braço, deixando a mão lá depois. Sua palma é quente

contra meu antebraço e seu polegar roça minha pele quase distraidamente. Fecho os olhos por um momento, deixando a sensação — aquele *desejo lento, doce e viciante* — tomar conta de mim antes de afastá-la.

— El, — Lucky diz, e eu abro os olhos. — Deveria ter sido apenas eu e você esta noite. Desculpe.

Balanço a cabeça, agarrando a mão de Lucky e dando um beijo rápido nos nós dos dedos. Sua respiração fica presa.

— Se você decidir amar alguém, — ele diz lentamente, — ele terá muita sorte.

Ele já é.

Lucky se vira de costas, acomodando-se no colchão estreito, a cabeça apoiada em um dos lados do travesseiro. O resto é para mim. — Feliz aniversário, El.

E talvez seja o álcool que ainda corre pelo meu sistema que me faz agir sem pensar, mas encosto a testa no ombro de Lucky e jogo o braço sobre seu peito, a mão pousando em seu coração. Ele não se move por um longo momento, mas então sua cabeça se inclina contra a minha e sua mão envolve meu pulso, me segurando no lugar.

Por uma noite, seguro Lucky como quero. E de manhã eu saio.

Capítulo 7

Ellis



Eu tinha vinte e dois anos quando me despedi.

Ouço o carro de Lucky parando na casa de seus pais antes de vê-lo, mas estou quase terminando de substituir a correia do cortador de grama, então me concentro na minha tarefa. Quando finalmente me viro, Lucky está parado ao lado de seu veículo, olhando para mim, e eu *sei*.

Com o coração pesado, endireito o cortador enquanto Lucky caminha pela grama alta demais. Ele passa pela escotilha do abrigo contra tornados antes de chegar ao quintal e então para um metro e meio na minha frente.

Eu movo meus olhos para ele lentamente, fazendo o meu melhor para não vacilar quando ele abre a boca.

— Consegui o emprego, — diz ele.

Concordo com a cabeça, usando um pano para limpar o óleo das minhas mãos antes de guardá-lo no bolso e dar um passo em direção a ele. Bato no lado de seus lábios e Lucky franze ainda mais a testa.

— Estou feliz, — afirma.

Eu levanto uma sobrancelha, mantendo meus próprios sentimentos bem trancados. Porque eu sabia, eu *sabia que* esse dia chegaria, e Lucky não merece nada além do meu apoio. Mas ele me surpreende, dando um passo para trás.

— *Estou* feliz, — ele bufa, o cabelo caindo em seu rosto quando ele se

vira na minha direção. — Este trabalho é irreal. Estarei voando por todo o mundo. Eles estão me iniciando na Noruega. *Noruega*, El. Você sabe o quanto eu queria isso.

Eu aceno uma vez. Lucky está decidido a ser fotojornalista desde a adolescência, e começar em uma importante revista sobre natureza, como ele fará, é um grande negócio.

Ele verá o mundo. Sua vida notável.

Não estou nem um pouco surpreso que ele tenha conseguido o emprego. Lucky é imensamente talentoso e quando ele decide alguma coisa, não há como pará-lo.

Mas ele também está triste. Posso ver isso claramente como o dia, apesar do que ele mesmo afirma.

— Sentirei sua falta também, — digo a ele.

Ele resmunga, com os braços pendurados frouxamente ao lado do corpo. — *Droga*, El.

O que…

Lucky se aproxima, empurrando meu ombro. — Você... você não pode simplesmente... — Ele bufa de novo, e não tenho ideia de por que ele está tão chateado. — Eu vou ligar. E você vai falar comigo.

Parece uma ameaça.

— Sim, — eu digo.

— E às vezes, enviaremos um e-mail.

Eu concordo.

— Mas ainda não terminamos, — diz ele com veemência, entrando no meu espaço. — *Nunca* terminaremos. Eu e você não temos um final.

E o que posso dizer sobre isso?

Quando abro os braços, Lucky cai neles. Em algum momento nos últimos dois anos, ele se tornou um homem, mas agora, com ele encostado em mim, com a cabeça sob meu queixo, parece que somos meninos de novo. Apenas dois meninos sem responsabilidades ou deveres, numa época em que os sonhos

governavam o mundo desperto.

Mas não somos mais meninos, não é? O mundo gira e com ele avançamos.

— Vou sentir sua falta, El, — ele finalmente diz, a voz falhando ao lado do meu coração.

Eu limpo minha bochecha antes de me afastar. — Conte-me, — eu digo.

Então ele faz. Nós dois sentamos lado a lado na grama alta enquanto Lucky me conta sobre sua nova posição fora da cidade de Nova York. Ele me conta sobre a segunda entrevista da qual acabou de chegar e como verificou um apartamento lá antes de voltar. Ele me conta sobre sua primeira missão na Noruega e como mal pode esperar para ver os fiordes[6]. E quanto mais ele fala, mais animado fica e mais amplo é o seu sorriso. É bom ver isso. Está certo.

Ele se mudará ainda esta semana e promete muitas visitas. — É melhor você me visitar também, Ellis, — diz ele, parecendo severo.

Eu cruzo meu coração e Lucky bufa.

— Prometa-me uma coisa, — ele diz de repente.

O que é isso?

— Eu preciso que você seja feliz, — ele diz. — Prometa-me que você será feliz aqui.

— Eu vou, — digo a ele. Eu gosto daqui. Eu sempre gostei.

Ele balança a cabeça, engolindo em seco e desviando o olhar. Quando ele olha de volta, ele diz: — Tive uma ideia. Quer invadir pelos velhos tempos?

Solto uma risada e o sorriso de Lucky se alarga.

Antes de irmos, paro lá dentro para ver como minha mãe está. Ela já está arrumada na cama, lendo antes de dormir. Mesmo que ela insista que está bem, pego um lanche e um copo de água para ela, deixando ambos na mesa de cabeceira. Assim que encontro Lucky lá fora, seguimos em direção à minha caminhonete.

Lucky abaixa a janela enquanto dirijo, e não posso deixar de olhar para

ele enquanto percorremos as estradas de terra. Sinto uma dor no peito toda vez que vejo o canto do seu sorriso, mas faço o possível para ignorá-lo.

Estaciono um pouco abaixo da casa com o moinho de vento, em um local onde meu veículo não será visível de dentro de nenhuma das casas próximas. O céu só agora está escurecendo, então Lucky e eu tomamos muito cuidado para atravessar a propriedade, e me sinto um pouco ridículo enquanto fazemos isso. Parece valer a pena, porém, quando subimos naquela plataforma no topo do moinho de vento. O céu está iluminado de rosa e laranja esta noite, e através da pequena janela aberta, observamos as cores se espalharem e se dissiparem como fizemos há tantos anos.

— Você se lembra de quando tínhamos doze anos, — diz Lucky, — e você me convenceu a correr com nossas bicicletas pelas fileiras de milho atrás da casa da Sra. Brown, e quase não conseguimos sair a tempo antes que a colheitadeira passasse?

Eu olho para ele, sem me impressionar.

— *Sim*, — ele insiste. — *Você me* convenceu.

Parece que temos lembranças muito diferentes daquele dia. Lembro-me de correr atrás de Lucky, que achou que seria divertido desafiar o destino. Qualquer Nebraskan criado por aqui sabe que você fica fora dos campos quando as colheitadeiras estão funcionando.

Lucky simplesmente ri enquanto bate seu ombro no meu. Ele quase me deu um ataque cardíaco naquele dia, mas admito que isso me tornou ainda mais vigilante ao trabalhar na terra agora.

— Lembra… do deslizamento de lama? — Pergunto-lhe.

Lucky dá uma risada, com os olhos brilhando. — Tínhamos dezesseis anos, — diz ele. — E eles estavam fazendo construção perto da ferrovia.

Eu concordo. Chovia muito há dias quando tropeçamos no canteiro de obras cercado. Queríamos apenas dar uma olhada, mas então notamos um enorme monte de terra desenterrada. E, bem, quando Lucky encontrou um pedaço de chapa de metal perfeitamente dobrado, tivemos que descer a colina

com ele. Algumas vezes.

Todo o corpo de Lucky treme enquanto ele ri. — Ficamos tão sujos que tivemos que nos lavar com mangueira do lado de fora da sua casa, — diz ele, enxugando os olhos. — Eu estava com lama na bunda.

Ele ri ainda mais quando eu bufo, balançando a cabeça em concordância.

— Lembra... — Ele tem que recomeçar, cantarolando um pouco para dispersar o riso. — Lembra, algumas semanas depois, quando você me levou ao baile?

Meu olhar se prende ao dele, e sua expressão é tão calorosa que meu coração começa a bater forte no peito. Eu não tinha me sentido... diferente em relação a Lucky naquele momento. Ele era meu amigo. *Apenas* meu amigo. Mas ele parecia tão triste, e eu não queria que ele perdesse o baile só porque não tinha ninguém com quem ir.

— Você usava uma flor na lapela azul, — ele diz calmamente, seus olhos caindo para o meu peito como se estivesse se lembrando. Tentei combinar a cor com seus olhos, mas não estava certo. — Você estava muito bonito naquele dia. Eu nunca te contei isso.

Engulo em seco, meu pulso fazendo o possível para abafar todo o resto.

— Você parecia... — Eu me interrompi, não conseguindo terminar a frase, mas me impedindo de fazê-lo no último momento.

Lucky sorri um pouco, me dando outra cutucada. — Bem ? — ele pergunta.

Lindo.

Concordo com a cabeça e Lucky suspira, olhando pela janela. — As coisas vão mudar, — ele diz simplesmente.

Eles já fizeram. Lucky tem se afastado de mim há anos, desde que foi para a faculdade. Nossos caminhos se dividiram naquela época, e não me incomodo por ele ter vivido sua vida, mas ele está certo. Nada será o mesmo depois disso. Isso é... maior.

— Vou ligar, — diz ele, repetindo as palavras de antes. — E você

responderá.

Toda vez.

Quando Lucky deita a cabeça no meu ombro, ficamos em silêncio. O céu é azul-marinho, as estrelas brilham como vidro sujo e, eventualmente, quando a cabeça de Lucky rola para a frente e ele volta à consciência, deitamo-nos, com os joelhos dobrados um em direção ao outro no pequeno espaço. Nenhum de nós sugere ir embora.

Enquanto resistimos ao sono no topo daquele moinho de vento, Lucky estende a mão. Sem hesitar, entrelaço meus dedos nos dele. Olhos azuis piscam para mim no escuro e não ouso desviar o olhar. Pela primeira vez, Lucky fica em silêncio comigo, nenhum de nós fala uma palavra.

A voz da minha mãe então entra na minha cabeça, um sussurro de memória de quando eu tinha sete anos. — *Nem todo mundo vai entender você, Ellis. Mas não é seu trabalho fazê-los.*

Lucky sempre me ouviu. Desde a primeira vez que nos conhecemos, ele me ouviu. Ele me conhece, diferente de qualquer outro.

Ele aperta minha mão então, como se dissesse *sim*, e preciso de tudo em mim para não quebrar.

Não, este não é o nosso fim. Nunca será.

Mas é um adeus.

Não me lembro de ter adormecido, mas ainda está escuro quando a voz baixa de Lucky sussurra meu nome. Eu pisco meus olhos abertos.

— Temos que ir, — diz ele, com o rosto pairando sobre o meu. — É quase nascer do sol.

Nós dois descemos furtivamente a escada em espiral dentro do pequeno moinho de vento, nossos passos leves. Lucky dá uma risadinha quando quase tropeço enquanto passamos correndo pela casa como os invasores que somos. Quando chegamos à minha caminhonete estacionada na beira da estrada de terra, Lucky olha para mim e nós dois caímos na gargalhada.

Há um sorriso no rosto de Lucky enquanto voltamos para casa. Isso

diminui um pouco à medida que nos aproximamos, mas tento não me concentrar nisso.

Quando estaciono na frente da minha casa, a mão de Lucky pousa na minha. Eu vejo então, seu medo. Sua preocupação com o desconhecido.

— Vai ser bom, — digo a ele, minha voz soando rouca depois do pouco sono que conseguimos.

Ele acena com a cabeça e saímos da caminhonete. Lucky ainda vai demorar alguns dias, mas sei que eles passarão rapidamente. Ele estará fazendo as malas e arrumando tudo, e pode não haver chance de outra noite como a que acabamos de ter. O pensamento me deixa quase insuportavelmente triste, mas me seguro firme, me recusando a ceder na frente de Lucky. Essa dor é minha e vou superá-la.

Não é culpa dele que meus sentimentos tenham crescido até... isso.

Ficamos frente a frente por um longo e prolongado momento. — Até mais? — Lucky finalmente pergunta.

Eu aceno, e então ele também.

— Sim, — ele diz calmamente. — Eu e você, certo, El?

— Eu e você, — respondo.

Lucky sorri e, quando se vira para ir embora, o sol da manhã atinge o topo dos campos de milho. Por um simples piscar de olhos, ele é incendiado, seu cabelo forma uma auréola dourada polida. Ele para na frente de sua casa, olhando para mim, e então vai embora.

Eu tinha dez anos quando conheci Lucky. Eu sabia disso naquela época e sei agora. Ele é um vaga-lume. Luminoso e selvagem. Ele nunca foi feito para ficar preso. Não aqui e não comigo.

E em alguns dias, finalmente irei vê-lo voar para longe.

Parte II: Lua Minguante

Capítulo 8

Lucky

— Puta merda, isso foi fantástico! — Danil diz, abaixando a mão para me ajudar a subir no barco.

Puxo meu bocal, dando um sorriso ao meu parceiro no crime enquanto abro espaço para nosso guia de mergulho subir a escada atrás de mim. Eu me esforço para recuperar o fôlego enquanto tiro alguns dos meus equipamentos, não porque eu não conseguisse respirar abaixo da superfície, mas porque mergulhar no Grande Buraco Azul foi uma correria imensa, e meu corpo ainda está vibrando com a sensação de prazer.

— Você pegou o tubarão-martelo? — Danil pergunta, pegando uma toalha para cobrir o rosto. Ele joga um para mim também, que eu pego no ar.

— O que você acha? — retruco, puxando minha câmera de mergulho. Eu passo as fotos antes de virar a tela na direção de Danil.

Ele assobia. — Pensei que ia dar uma mordida em você.

— Eles não são perigosos, — digo sobre o tubarão-martelo.

— Talvez não, mas você foi bem na cara, — ele ressalta.

Dou de ombros. — Tinha que tirar a foto.

— Uh-huh, — ele diz, como se não fosse tão viciado em adrenalina quanto eu. — Bem, estou feliz por não ter perdido meu novo parceiro.

Danil e eu trabalhamos juntos há cinco meses. Ele não foi meu primeiro parceiro na revista. Esse era Geoff, e estive com ele por dois anos e meio antes de ele se aposentar. Geoff tinha sessenta e poucos anos e o homem era uma inspiração. Depois de subir a montanha Aconcágua, nos Andes, enquanto o próprio Geoff mal suava, ganhei um novo ídolo. Ele era a parte jornalística da nossa parceria de fotojornalismo, e agora essa posição é ocupada por Danil.

Enquanto Geoff foi uma presença mais profissional e calma em minha vida, Danil é um turbilhão. Ele tem vinte e oito anos contra os meus vinte e cinco, nunca conheceu um homem, mulher ou criança que não pudesse encantar e é um pansexual declarado e orgulhoso. Somos uma boa combinação.

— Bem, para sua sorte, não há mordidas de tubarão hoje, — digo a Danil.

Ele bufa indelicadamente. — Sorte sua também, Lucky-boy.

Jogo minha toalha nele e Danil ri. Sabendo que odeio esse apelido.

Enquanto nosso guia prepara o barco para nos levar de volta à costa, Danil se senta no convés de madeira ao meu lado. Ele acena na direção do outro homem.

— Vou me encontrar com Tomasz mais tarde, — diz meu colega de trabalho calmamente. — Venha para o meu quarto conosco?

Viro meu olhar em sua direção lentamente. — Quando você teve tempo de flertar com nosso guia de mergulho?

Danil me dá um sorriso malicioso e eu balanço a cabeça. O cara é outra coisa, mas não posso culpar Tomasz pelo interesse dele. Danil tem aquele fascínio alto, moreno e bonito que prende parceiros como moscas. Eu mesmo já estive preso uma ou duas vezes — ou meia dúzia de vezes.

— Isso é um sim? — Danil pergunta, batendo a perna na minha.

— Provavelmente deveríamos parar de dormir juntos, Dani.

Ele parece ofendido. — Que diabos?

Eu rio e o barco entra em movimento. — Você não acha que é uma má

ideia misturar negócios com prazer?

— O prazer nunca é uma má ideia, — ele praticamente ronrona.

Afasto seu rosto e desta vez é Danil rindo. Mas então ele faz beicinho. — Bem. Mas quero que você saiba que está partindo meu coração, Lucky.

— De alguma forma, acho que você sobreviverá.

Ele solta um suspiro sofrido. — Sim, bem. O que você vai fazer em vez disso? Ligar para seu Ellis?

Meu Ellis.

A batida em meu coração que acompanha essas palavras é tão familiar para mim quanto o próprio homem. Ellis, que é alto, moreno e bonito por si só, mas cuja força reside em sua calma constante e confiabilidade inabalável. Ellis, cujo estrondo de voz é como um trovão distante, tão raramente presente, mas impossível de ignorar. Ellis, meu... amigo. Acima de tudo, ele é meu melhor amigo. Ainda. Sempre.

— Sim, — eu digo em uma respiração. — Isso é o que vou fazer.

Danil me observa atentamente antes de encolher os ombros, olhando para a proa do barco. — Bem, espero que o sexo por telefone valha a pena.

— Não vamos fazer sexo por telefone, — digo, batendo em seu braço.

Uma de suas sobrancelhas se arqueia. — O que mais você está fazendo nessas ligações de horas? — Quando não respondo, sua segunda sobrancelha se junta à primeira. — Vocês apenas conversam?

— Nós apenas conversamos, — eu confirmo.

Bem, é mais provável que eu fale e Ellis ouça.

Danil e eu avançamos aos solavancos enquanto o barco passa pelas ondas, mas então estamos diminuindo a velocidade, nos aproximando do cais de onde partimos meio dia antes.

— Bem, — diz meu colega de trabalho, — Se mudar de ideia, você sabe onde me encontrar. E Tomasz.

— Sim, — digo a ele, mas quando se trata de ligar para Ellis ou fazer sexo com Danil, não há competição.

Quando chegamos à praia, Danil conversa brevemente com nosso guia e depois nós dois saímos para comer alguma coisa. Paramos no primeiro lugar que encontramos: uma pequena cabana com restaurante situada bem na praia, com as laterais abertas para o ar quente da noite. Pego um sanduíche de peixe do dia e ele é tão bom que eu poderia chorar.

O céu está ficando rosa quando Danil e eu voltamos para nosso alojamento. Ele me faz uma saudação enquanto se dirige para seu bangalô, e eu carrego meu corpo cansado e dolorido para dentro do meu. Devo tomar um banho de mar, bem como o esforço do dia, fazer upload das fotos que tirei e até fazer o roteiro de amanhã. Mas eu não faço nada disso. Ligo meu celular, me jogo na rede da minha varanda com vista para o Mar do Caribe e ligo para Ellis.

Ele atende no terceiro toque.

— El?

Ouço um zumbido suave e todos os músculos do meu corpo relaxam como se eu ainda estivesse flutuando em um azul profundo e escuro.

— Ei, — eu digo suavemente. — Como tá indo?

Um pequeno grunhido.

— Bom. E sua mãe?

— Sim, — ele diz. — Bem.

Eu sorrio ao celular. Ellis não pode confiar em sinais físicos quando estamos conversando tão longe, então ele teve que se acostumar a falar mais. Demora um pouco, às vezes, mas não me importo. Nunca me importei.

— Você nunca vai adivinhar onde estou, — digo.

Um zumbido curioso.

— Belize. Aqui é lindo. Acho que você realmente gostaria.

Ele cantarola de novo, mas é uma pergunta.

— Há tanta cor por toda parte, — eu explico. — A água, o céu, as plantas. Até as lojas. Tudo é lavado em rosas, azuis e laranjas vibrantes. E *Deus*, o caranguejo. Você já comeu caranguejo?

Acho que não, e um pequeno grunhido confirma isso.

— É tão bom, — eu digo. — Legal, quase. Eles pegam de manhã cedo e servem naquele dia. Tem que tomar cuidado com a casca porque sempre tem casca, mas vale a pena. E é tão barato aqui que parece uma pechincha.

Ellis faz um barulho como se estivesse se preparando para dizer alguma coisa, então espero. A brisa sopra entre as palmeiras da praia, fazendo as grandes folhas ondularem suavemente, e a água batendo na praia é uma trilha sonora constante, o barulho repetitivo fácil de esquecer se você não estiver atento. Eu me pergunto para que céu Ellis está olhando agora. Estou uma hora atrás dele em Belize, então provavelmente ele está olhando para a noite escura. Se ele estiver lá fora.

— Maisy teve um... especial de mariscos no mês passado, — diz ele, suas palavras saindo um pouco afetadas com pausas ocasionais.

— Uh-oh, — eu digo.

Ellis ri e, meu *Deus,* é um som tão bom. — As pessoas ficaram doentes.

Eu gemo. O Maisy's Diner serve ótimo café da manhã e almoço, mas não consigo imaginar que nenhum marisco ao qual eles teriam acesso fosse fresco. O povo pobre de Nebraska.

— Você comeu algum? — Eu pergunto.

Há um grunhido, que considero significar sim. Ellis bufa quando começo a rir.

— Desculpe, — eu resmungo.

— Não, — ele rebate.

Ele me conhece bem.

Soltei um suspiro medido, usando meu pé para colocar a rede em movimento enquanto controlava minha diversão. — *Lamento* que você tenha ficado doente, — esclareço. A parte, *mas não sinto muito por rir,* não é dita. Afinal, é o que os amigos fazem.

Ellis bufa de novo, mas é um som mais suave. — Belize? — ele pergunta.

— Sim, — eu digo, com um sorriso no rosto. — Desci o Grande Buraco Azul com Dani.

Quando há silêncio, gaguejo outra risada.

— É um dos maiores buracos subaquáticos do mundo, — eu explico. — É…

Como descrevê-lo? Parecia que estava explorando o grande desconhecido. Como se eu fosse um intruso em algo vasto, estrangeiro e belo.

— Era azul,— começo, ao que Ellis bufa. Eu rio com ele. — Não, fique comigo. No topo, a água é deste deslumbrante azul caribenho, certo? Tão claro e quase turquesa. Mas o sumidouro era um grande círculo de um azul profundo e escuro, como se um vácuo de espaço caísse direto no mar. E quando você chega lá, tem essas cavernas. E peixe em todos os lugares. Peixe-papagaio, peixe-anjo, tubarões de recife. Foi... — Balanço um pouco a cabeça. — Eu estava lá, na casa deles, cercado por um azul infinito, e foi lindo.

— Luck,— ele diz calmamente.

Fecho os olhos com força, inspirando o som do meu nome e deixando-o me envolver.

— Sim, — eu digo. —Você preferiria o peixe-papagaio, eu acho. Alguns deles são tão brilhantes quanto um arco-íris.

— Diga-me, — ele diz. Então eu faço.

Conversamos por horas, como costumamos fazer quando ligo. E percebo, não pela primeira vez, que minha parte favorita em todas essas aventuras é quando posso voltar para qualquer lar temporário que tenho no momento e compartilhá-las com Ellis.

É quase meia-noite quando finalmente dizemos boa noite, e me encolho um pouco ao saber que mantive Ellis acordado até tarde, sabendo que ele levanta com o sol. Mas, como eu disse a ele, tenho uma semana agitada planejada e provavelmente não terei oportunidade de ligar novamente por um tempo.

Depois de sair da rede, entro, ignorando os sons baixos que ouço vindos da janela aberta de Danil. Transfiro as fotos de hoje para o meu laptop e envio algumas para Ellis que acho que ele vai gostar, depois me dispo e lavo o dia do meu corpo. Quando afundo na minha cama surpreendentemente confortável e

estreita, penso em Ellis fazendo o mesmo.

É perigoso deixar minha mente ir para lá, mas não consigo reunir força de vontade para me conter esta noite. Penso nele ao meu lado, aqueles profundos olhos castanhos suaves enquanto olham em minha direção. Penso em suas mãos grandes — meu *Deus*, aquelas mãos — e na enorme largura de seus ombros. Penso em seu queixo, em seus batimentos cardíacos constantes e em seu braço pendurado em meu peito.

E com meus últimos pensamentos acordados, penso em ir para casa.

Capítulo 9

Ellis

— Oh, este é adorável, — diz minha mãe.

Dou uma olhada na tigela para a qual ela está apontando e aceno com a cabeça. É bonito, mas não é o que procuro.

Continuamos pelos corredores ziguezagueantes da loja de antiguidades, meu andar lento para combinar com o da minha mãe. Ela está usando seu auxílio para caminhar hoje, e as rodas rangem levemente quando ela se vira. Paro para olhar um antigo conjunto de plainas de marcenaria de Stanley Bailey enquanto ela examina um bule de chá com um desenho azul em espiral na lateral.

— Como está Lucky? — Ela pergunta, quebrando o silêncio.

Eu olho para ela e aceno.

— Onde ele está agora?

Eu limpo minha garganta. — A cidade.

— Ah, — ela diz. — De volta a Nova York.

Eu aceno com a cabeça. Ele nunca fica lá por muito tempo entre as viagens. A revista o envia algumas vezes por mês. Com Dani, seu novo parceiro.

— Vi aquele artigo sobre a migração das tartarugas marinhas, — diz ela. — Onde foi isso?

— Indonésia, — respondo depois de um momento, acompanhando minha mãe enquanto ela entra em um novo corredor. Há móveis aqui e algumas bonecas velhas e surradas.

— Isso mesmo. Suas fotos são lindas.

Sempre são.

Mas eu sei de qual ela está falando. Lucky deve ter estado na areia com as tartarugas porque parece que elas estão se dedicando muito a ele, não ao oceano. Uma das fotos em particular ganhou as manchetes. Nele, a tartaruga, recém-nascida, tinha um arame pendurado na nadadeira. Lucky me contou depois que eles removeram o lixo antes que a tartaruga pudesse chegar à água, mas foi um lembrete claro de como os humanos estão impactando o meio ambiente, e mais de um talk show apresentou o artigo com a fotografia que Lucky tirou.

— Falei com Marcus ontem — minha mãe diz, me deixando confusa. Ela olha para mim antes de continuar. — Pedi meu aviso.

— Mãe, — eu digo um pouco tristemente.

Ela balança a cabeça. — Está na hora, querido. E não me olhe assim, — acrescenta ela. — Você sempre será meu bebê, você sabe disso.

Concordo com a cabeça e minha mãe suspira.

— Minhas pernas estão falhando, — ela diz com sinceridade, — e mal consigo digitar. — Para provar seu ponto de vista, ela estende a mão. O tremor é mais pronunciado do que costumava ser, mas quando ela agarra o andador novamente, mal consigo vê-lo. —Estou terminando o mês e então estarei pronta.

Eu diria a ela que sinto muito, mas sei que ela não quer ouvir isso. E aos cinquenta e quatro anos, talvez ela estivesse pronta para se aposentar, mesmo sem a esclerose múltipla incentivando-a.

— Gabby vai assumir meu lugar, — diz ela.

Gabby trabalha no escritório há mais de um ano. Ela se mudou de Dakota do Sul para a cidade e tem um cachorro chamado Toodles - fatos que sei porque Gabby gosta de conversar de maneira amigável. Não me importo quando estou no escritório, e ela não parece se importar que eu não responda muito.

— Ela é fofa, você não acha? — minha mãe diz, me chocando e me deixando paralisado. Ela para, virando-se para olhar para mim. — Não?

Quando continuo olhando, ela dá uma risada e segue em frente. Minha mãe nunca me pergunta sobre namoro ou garotas. Ou caras, por falar nisso.

— Isso é um não, então, — ela diz, quase para si mesma.

Eu alcanço rapidamente e minha mãe dá um tapinha trêmulo em meu braço.

— Não vou bisbilhotar, — diz ela. — Você é um adulto e conversamos há muito tempo, então sei que essas bases estão cobertas.

Na verdade, tivemos algumas conversas quando eu era adolescente. Minha mãe me deu um sermão sobre sexo seguro (de todos os tipos). Ela me deu uma caixa de camisinhas (que eu nunca usei). E ela me explicou o consentimento inúmeras vezes (incluindo o fato de que *eu* também poderia dizer não).

Mas, além disso, ela nunca tentou se intrometer na minha vida amorosa. Até... talvez... agora.

— Tudo que eu quero, — ela continua, — é que você seja feliz, seja com alguém ou sem. Mas você sabe que estou aqui se tiver dúvidas. Você nunca é velho demais para precisar de sua mãe.

Dou um aceno brusco para minha mãe e ela estende a mão para escovar meu cabelo atrás da orelha. Ela mal consegue fazer isso hoje em dia enquanto estamos de pé, agora que sou uns bons trinta centímetros mais alto que ela e ela está um pouco mais trêmula. Mas essa ação parece familiar e meu coração dói.

— Cora e Ron nos convidaram para comer hambúrgueres esta noite, — diz minha mãe, continuando pelo corredor. Uma das rodas do andador prende na ponta de um tapete, arrastando um pouco antes de se soltar. — Eu disse a eles que estaríamos lá. Espero que você não se importe.

Eu balanço minha cabeça. Claro que não. Eu gosto dos pais de Lucky. Eles sempre foram gentis comigo e com minha mãe. Bons vizinhos. Pessoas boas.

— Talvez eu faça aquelas barras de limão, — diz ela, mas de repente minha mente está em outro lugar.

Na estante à minha frente, quase escondido atrás de alguns livros de capa dura, está um vaso de vidro rosa. É grande, maior do que a maioria das peças que encontro em lugares como este. Mas a cor é perfeita. Tenho cuidado ao afastar os livros para poder alcançá-los. Há um leve brilho de poeira cobrindo o vidro, mas, fora isso, está em condições impecáveis. Não que isso fizesse diferença, na verdade. A cor está certa e isso é tudo que importa.

— Achou um? — minha mãe pergunta mais à frente.

Concordo com a cabeça, meus olhos no vaso enquanto o viro em minhas mãos. Há um adesivo na parte inferior. Vinte dólares. Vale a pena.

Verifico a área em que estamos em busca de mais tesouros escondidos, mas não encontrando nenhum, eu e minha mãe voltamos lentamente para a frente da loja. Pago em dinheiro antes de sairmos e ajudo minha mãe a entrar na

caminhonete. Não é a primeira vez que penso em trocar por algo com acessibilidade para portadores de necessidades especiais. Em breve.

É uma viagem de quarenta minutos de volta para casa, mas passa rápido, minha mãe falando sobre algumas das pessoas com quem ela trabalha e das quais sentirá falta. Não que ela ainda não vá vê-los, ela faz questão de me contar, mas será diferente.

Eu conheço o sentimento.

O ar está ligado enquanto dirigimos, mantendo a cabine fresca, e minha mente continua vagando pelo vaso rosa no banco de trás, cuidadosamente embrulhado em papel. Já tenho o resto das cores. Esta é a última peça que preciso.

Quando chegamos em casa, já é fim de tarde. Mamãe se acomoda em sua cadeira de rodas sem dizer uma palavra, e eu a observo entrar na cozinha com um aperto no estômago. Depois de um dia como hoje, não é surpresa que ela precise de apoio adicional, mas meu estômago nunca deixa de dar um nó ao vê-la naquela cadeira. Ela começa a fazer barras de limão enquanto eu pego meu laptop.

Eu verifico as mensagens primeiro. Como Lucky chegou em casa na noite anterior, provavelmente não há nada, mas verifico mesmo assim. Tento não ficar desapontado quando vejo a caixa de entrada vazia. Eu sei que Lucky está muito ocupado para enviar mensagens ou ligar todos os dias.

Mesmo assim, começo um novo e-mail.

Ei, Lucky. Quando acordei esta manhã, o céu estava com uma cor ciano suave que me fez pensar em você. Não que seja preciso muito para que isso aconteça. Mas acordei com você em mente, mesmo assim. Já se passaram seis meses desde a última vez que o vi. Desde que vi seu sorriso com aquele toque penetrante. Vi aqueles cachos delicados flutuando em seu rosto ao sabor da brisa. Vi seus olhos, tão brilhantes e azuis, olhando para mim do jeito que você

olha. Seis meses desde que te abracei e disse, mais uma vez, adeus. Nunca é bom quando você vai, mas eu sei que é bom para você.
Espero que estejas feliz. Eu sei que você está. Espero que você esteja vivendo. Também não tenho dúvidas disso. Espero, às vezes, que você pense em mim como eu penso em você. Mas espero que não, porque sinto sua falta, Luck. E não quero que você sinta minha falta da mesma forma.
Acho que foi aos treze anos que senti meu coração bater pela primeira vez por você. E quebrar, só um pouquinho. Porque eu sabia que, como aquele tornado, você deixaria destruição em seu caminho e eu seria sua vítima voluntária.
Eu faria isso de novo.
Eu te amo, meu vaga-lume brilhante.

Fecho o e-mail quando termino e, assim como todos os outros, ele permanece sem vida em meus rascunhos. Não sei o que acontece escrever para um fantasma, mas me faz sentir... talvez não melhor, mas um pouco mais leve cada vez que faço isso. Como se eu tivesse perdido um pouco do peso de todas aquelas palavras não ditas que residem dentro da minha cabeça.

Quando fecho meu laptop, fico de frente para minha mãe. —Precisa de ajuda? — Eu pergunto a ela.

Ela olha para mim com um murmúrio. Ela está em frente ao balcão que é mais baixo que os demais, misturando ingredientes amarelos brilhantes em uma tigela. — Eu tenho tudo sob controle, — ela me diz. — Vá em frente. Eu sei que você está morrendo de vontade de cuidar daquele vaso. Apenas lembre-se, jantar na casa dos Buchanan em uma hora.

Dou um aceno para minha mãe antes de pegar meu chaveiro e sair pela porta. O vaso está no caminhão onde o deixei e, depois de colocá-lo debaixo do braço, vou até o silo. Nunca costumávamos mantê-lo trancado, mas acrescentei essa precaução há alguns anos. Não que já tenhamos tido problemas com roubos por aqui.

Destranco a porta pesada quando chego lá e a abro, piscando algumas vezes para aclimatar os olhos. Acender as luzes internas torna o interior um pouco mais claro, mas mesmo assim é mais escuro do que o exterior.

O vidro corre ao longo da parede interna curva do silo, sobre prateleiras que projetei para caber no espaço quando comecei as atualizações aqui. Todas as cores imagináveis ficam nessas prateleiras. Rosas e roxos, amarelos e azuis. Vermelho, preto, verde, branco, dourado.

Minha coleção cresceu bastante nos últimos anos.

Levo o vaso para minha bancada. O tampo da mesa é de madeira, desgastado, mas resistente. Com cuidado, desembrulho o novo pedaço, deixando o papel sob o vidro enquanto o examino novamente. O rosa é exatamente o que eu tinha em mente, mais brilhante que as opções ao longo da parede.

Pegando um pano, limpo a poeira da superfície. Dou algumas passadas antes de usar água e depois um pano seco para ter certeza de que está impecável. Quando termino, ele brilha sob a luz fraca. Cerise[7], talvez. Realmente é muito lindo.

Satisfeito, coloquei o vaso de lado e vesti as luvas. Sem um pingo de hesitação, pego o martelo que está na beirada da bancada.

E eu quebro o vaso em pedaços.

Capítulo 10

Lucky

— Porra, — Danil geme, sua boca perto da minha orelha enquanto dançamos. Suas mãos estão em meus quadris, as mãos de algum outro cara estão em seus quadris, e com os olhos fechados, tudo que ouço é a batida forte da música e os xingamentos ocasionais de Danil em inglês e russo. Até que ele diz: — Vamos sair daqui, Lucky-boy.

Deixei meus olhos se abrirem e dou uma boa torção no mamilo de Danil.

Ele grunhe antes de rir. — Faça isso de novo mais tarde.

— Pare com esse apelido, — digo a ele em meio à pulsação acelerada do clube.

— Vamos, Lucky, — ele canta, aparentemente indiferente ao fato de o cara atrás dele estar enfiando os dedos na frente da calça jeans de Danil. — Sua casa, minha casa, não importa.

Deus, eu realmente poderia gozar. Já se passaram semanas.

— Tim também pode vir, — diz Danil, como se estivesse tentando adoçar a panela.

— Tom, — o cara atrás dele corrige.

Os olhos de Danil se arregalam, e eu tenho que me esforçar para não rir de seu *tremor*. Felizmente, Tom não consegue ver.

— Tom também, — diz Danil rapidamente. — Oque você diz?

Danil está sorrindo antes mesmo de eu concordar.

Nós três saímos do clube, Tom parecendo ter ganhado na loteria. Pegamos um táxi na rua e seguimos em direção à casa de Danil. Enquanto Danil e Tom se beijam no banco de trás, abro a janela e inalo profundamente. O ar tem cheiro de escapamento, carne temperada de vendedor ambulante e algo que nunca consegui nomear durante todo o tempo que morei aqui. Não é nada parecido com Nebraska.

Nunca pensei que sentiria falta do cheiro doce de milho.

O apartamento de Danil fica em um arranha-céu muito mais bonito que o meu. Ele vem do dinheiro - algo que fica evidente nos relógios sofisticados que ele usa e no fato de seu prédio não ter uma, mas duas piscinas - mas ele é

surpreendentemente realista, considerando todas as coisas. Ainda assim, é sempre um pouco chocante entrar em sua casa de três quartos com vistas de classe mundial e tentar conciliar esse nível de riqueza com meu colega de trabalho, que não tem problema algum em me seguir até cavernas sujas ou em caminhadas de três dias para nossos trabalhos em revistas. Na verdade, ele geralmente é o primeiro a se lançar em situações semiperigosas.

Agora, porém, Danil é todo suave e sofisticado enquanto leva Tom para a sala, com os olhos em mim o tempo todo. Mesmo enquanto Danil tira a roupa de Tom e beija seu pescoço, aqueles olhos escuros permanecem fixos nos meus.

Solto um suspiro lento ao me aproximar, e Danil sorri, como o gato que pegou o canário. Não posso culpar o álcool pela minha decisão de continuar esse jogo com Danil – não bebi nada na boate – e nem posso dizer que não quero isso. É emocionante cada vez que deixo ele me arrastar para sua teia. Pode não significar nada, mas quem disse que tem que significar?

Tiro minha camisa enquanto Danil se ajoelha na frente de Tom e, para meu feliz alívio, não há campos verdes de milho em minha mente nem lembranças de cachoeiras. Não me preocupo, porque de alguma forma estou cometendo um erro em minha vida ou desejando coisas que eu disse a mim mesmo que estavam fora dos limites. Por um tempo, eu me permiti sentir apenas coisas boas. Quase me convenci de que isso é suficiente. Que nem tudo parece um pouco... vazio no final.

Quando a correria passa e nós três estamos deitados no tapete macio da sala de Danil, Tom é o primeiro a falar. — Merda. Puta merda.

Danil ri, o braço sobre a cintura de Tom, mas o polegar percorrendo meu quadril. — Isso foi bom?

Tom pisca para o teto. — Merda.

— Com licença, — eu digo, saindo da pilha. Danil franze a testa, mas pego meu short e o visto enquanto caminho até sua varanda. O ar está fresco quando saio e quase volto para pegar minha camisa, mas no final, agacho-me em uma cadeira e coloco os braços em volta dos joelhos para me proteger do frio.

Não fico surpreso quando Danil se junta a mim alguns minutos depois. — Aqui, — ele diz, jogando um cobertor sobre meus ombros.

— Obrigado, — murmuro.

Danil senta ao meu lado, camisa e jeans no lugar. Ele tira um maço de cigarros, extrai um e enfia-o entre os lábios enquanto acende um isqueiro.

— Você realmente deveria parar, — digo a ele.

Ele cantarola, encolhendo os ombros enquanto o cigarro acende. Sua inspiração soa como um suspiro. — Eu gosto disso.

— Isso vai te matar.

— Fico feliz em saber que você se preocupa com minha saúde, — diz ele, me lançando um sorriso.

— Você é meu amigo, — respondo, colocando o cobertor com mais firmeza em volta dos ombros. — Claro que me importo.

Danil faz um som suave, esticando as longas pernas à sua frente na espreguiçadeira. Quando ele fala, sua voz está distante, como se ele estivesse falando apenas consigo mesmo. — E lá no alto, a lua está redonda, e nós, sob sua luz. Aumentando, diminuindo, nunca desaparecendo. Um presente para ver a noite.

Olho para Danil enquanto ele leva o cigarro de volta aos lábios. A fumaça flutua preguiçosamente no ar quando ele a sopra pelos pulmões.

— Às vezes eu esqueço, — digo a ele.

— O que ? — Ele pergunta, olhos escuros encontrando os meus.

— Que você é um poeta.

Ele zomba, o braço apoiado na cadeira. — Sou jornalista, não poeta.

— Mas você tem jeito com as palavras.

E ele faz. Danil é um jornalista muito bom, tão convincente em palavras escritas quanto pessoalmente. Quando leio seus artigos, nunca deixo de me surpreender que o filho da puta que conheço seja capaz de fazer reportagens tão perspicazes. E – aparentemente – versos espontâneos.

— Você gosta disso, Lucky-boy? — Ele me pergunta preguiçosamente.

— É isso que você está me dizendo? Devo sussurrar palavras doces em seu ouvido?

Quase zombei. — Claro, Dani. Como se você precisasse de palavras doces para me atrair para sua cama.

Ele me observa por um momento, com o olhar estreitado, até que algo parece clicar. — Não, — ele diz lentamente, apagando o cigarro. — Pelo amor de Deus, Lucky, não me diga que você é romântico? Quero dizer, você é quase tão vadia quanto eu, sem ofensa, é claro, e isso quer dizer alguma coisa.

Desta vez, eu zombo, mas Danil não deve ser dissuadido. Ele balança as pernas no chão, inclinando-se em minha direção.

— Por que você não namora? — Ele pergunta.

— O quê?

— Em todo o tempo que te conheço, você nunca saiu para um encontro, — ele ressalta.

— Por que você não faz? — Eu discuto.

— Não, não, — ele diz. — Isso não é sobre mim. Não acredito que não vi isso antes, mas você está esperando aquele romance perfeito, não é? É por isso que você nunca deixa as pessoas entrarem. É por isso que é quase impossível fazer você se abrir.

— O que você está falando? — Pergunto-lhe. Eu não excluo as pessoas, certo?

— Ninguém pode estar à altura dos ideais que você tem na cabeça, — ele continua, balançando a cabeça para si mesmo. —Você é um romântico incurável, desfilando atrás de um escudo de irreverência.

Eu me atrapalho por um momento, completamente pego de surpresa pela avaliação de Danil. — Eu não sou... Você está errado.

— Estou? — Ele pressiona, sobrancelha escura se levantando.

— Porra, Dani, — eu praticamente rosno. — Eu não sou... — Frustrado com ele ou comigo mesmo ou sabe-se lá o quê, jogo minhas mãos para o alto. — Ok, *tudo bem*, talvez eu tenha sido romântico uma vez, mas não mais. É

diferente quando você é jovem, sabe? O mundo é uma coisa doce e brilhante e você acha que *sabe* como tudo vai acabar. Mas então você cresce e percebe que a vida real é confusa e imprevisível, e nenhum cara vai aparecer na sua porta com duas flores azuis só para te fazer feliz. Porque, falando sério, quem diabos faz isso?

Danil pisca para mim enquanto respiro fundo. Meu coração está batendo forte e desvio o olhar dele enquanto o som do trânsito da cidade vem de baixo.

— Isso foi incrivelmente específico, — ele finalmente diz. — Seu Ellis?

— Não é esse o ponto, — eu bufo, tentando limpar da minha mente a memória de Ellis, de dezesseis anos, em um smoking alugado. — Apenas… pare de tentar me psicanalisar. Muitas pessoas preferem sexo casual a namoro. — Eu dou a ele um olhar aguçado.

Ele me ignora. — Você está preso a ele.

— Eu não estou... — *Porra*. — Eu não estou *preso* a Ellis. Ele é apenas meu amigo.

O sussurro em meu coração me diz que sou um mentiroso.

— Então me explique, — diz Danil. — Porque não tenho certeza se você percebeu, mas você fala sobre ele todos os dias. Você não fala muito sobre seus pais ou mesmo sobre nosso trabalho. Mas todos os dias ouço falar de Ellis.

Eu engulo em seco. — Ele é meu melhor amigo, Dani, — eu digo, tentando fazê-lo entender. — Quando me mudei para Nebraska, ele era tudo que eu tinha. Eu estava neste novo lugar com novas pessoas, e *Deus*, eu odiava isso às vezes. Eu odiava não ter uma palavra a dizer sobre minha vida sendo desenraizada. Ao deixar meus amigos e tudo que eu amava para trás. Mas então...— Olho para a grade da varanda, lembrando-me daquela noite em que conheci meu novo vizinho em nossa pacata cidade de Nebraska. —Depois havia Ellis, e ele me fez sentir que tudo ficaria bem. Eu estava seguro e tinha alguém que era só meu e... e ele sempre estava lá para mim. Mesmo assim, ele está sempre lá para mim.

— Ele é sua âncora, — diz Danil calmamente.

— Não, — eu sussurro, meus olhos se levantando para a lua cheia. — Ele não luta contra a maré. Ele controla isso.

Meu colega de trabalho que virou amigo suspira e eu volto meus olhos para ele. — Um romântico, — ele insiste.

Talvez ele esteja certo.

— Você deixou Tom sozinho, — digo, querendo desesperadamente nos afastar desse assunto.

Danil bufa, olhando por cima do ombro através do vidro antes de me dar um sorriso malicioso. — Tom está desmaiado em uma poça de seu próprio esperma.

— Jesus, você pode ser rude.

Ele pisca com orgulho. — Um poeta, como você disse.

— Mhm, — murmuro. — Por favor, me dê mais de sua poesia.

Sem perder o ritmo, Danil diz: — Era uma vez um deus chamado Dani, com um pau tão longo quanto seu hami...

— Oh meu Deus.

— E ele fez os meninos gritarem enquanto chupava o b... —As palavras de Danil são interrompidas quando coloco a mão em sua boca e ele ri de mim.

— Cristo, — eu gemo. — Esta é a minha vida agora.

Danil balança as sobrancelhas antes de me lamber. Ele nem parece se importar que eu limpe a palma da mão em sua camisa. —Sabe, — diz ele, recostando-se na cadeira, com as mãos atrás da cabeça e as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, — Um dia, num futuro *distante*, se algum dia eu me acalmar, vou presentear meu amado com minha poesia. E eles vão adorar.

— Não duvido disso, admito, enrolando o cobertor de volta nos braços. — Você é tranquilo quando quer.

Ele agita os cílios para mim. — Obrigado, Lucky-boy.

— E também um idiota, — eu acrescentei.

Ele coloca a mão sobre o peito. — Obrigado.

Ficamos em silêncio por um tempo depois disso e, por mais que eu tente,

não há grilos à vista. Aqui não.

Justo quando estou prestes a me levantar e voltar para dentro, a voz de Danil me faz parar. — Diga-me a verdade, — ele diz. — Você já teve uma queda pelo seu... amigo?

Engulo com dificuldade. — Talvez uma vez, — admito. Não é exatamente uma mentira, mesmo que essa paixão nunca tenha passado.

— E Ellis?— Danil diz. — Ele não sentiu o mesmo?

— Não, — respondo, com o coração apertado. — Não ele não fez.

Danil não me impede enquanto fico de pé, com o cobertor em volta dos ombros, e passo pela porta, ignorando seu — Vergonha — falado levemente, bem como a lua nas minhas costas.

Capítulo 11

Ellis

— E eu não tinha certeza no início, — conta Gabby, contando a história do novo penteado de seu cão. Aparentemente, o Lhasa Apso é tosado a cada seis semanas. — Mas acho que já estou me acostumando. Às vezes, é preciso confiar no tosador, sabe?

Não sei, mas murmuro e Gabby balança a cabeça, parecendo perdida em pensamentos.

— Sim. E Toodles parece feliz. Não que ela esteja sempre infeliz, veja bem, — ela diz com uma risada. — Ela é a cadela mais legal. Se você a conhecer, você verá.

Aceno com a cabeça, curvando-me para dar uma olhada no sistema de engate do trator em que estou trabalhando. Ultimamente, ele tem tilintado quando engata no balde, e a última coisa que precisamos é do acessório frontal caindo no pé de alguém. Ou pior.

Gabby continua enquanto olho para o maquinário. — Eu te contei sobre a nova dieta rica em proteínas que mudei para ela? Eu juro que ela está com um ânimo extra ultimamente. É como se ela fosse um cachorrinho de novo.

Ah, há um parafuso solto no braço estabilizador. Eu dou uma mexida.

— Deus, está calor hoje, — diz Gabby. Ela puxa o cabelo para trás, prendendo-o nos ombros em um rabo de cavalo frouxo. — O que você está fazendo?

Levantando-me do chão de concreto do armazém, vou até a caixa de ferramentas. Marcus não quer que façamos nenhum trabalho importante no maquinário — ele chama o pessoal da empresa para isso —, mas sei que ele não se importará que eu aperte um parafuso. Quando pego a chave inglesa, levanto-a para mostrar a Gabby, e ela balança a cabeça, deixando cair o cabelo e abanando o rosto.

— Você vai ao festival do milho no próximo fim de semana? — Ela pergunta.

Dou de ombros enquanto caminho de volta para o trator. Nossa cidade realiza um festival de milho de verão há mais tempo do que eu vivo. Eu gostava de ir quando criança, provar os diferentes sabores de pipoca e percorrer o labirinto de milho. Lucky odiava aquele festival por princípio, mas também o tornou mais divertido quando chegou à cidade. Lucky sempre teve a habilidade de tornar qualquer coisa divertida.

Hoje em dia, o festival perdeu o brilho para mim. Talvez seja simplesmente porque eu cresci - afinal, até que ponto um adulto pode ficar entusiasmado com o milho, especialmente aquele que trabalha com ele todos os dias? Ou talvez seja porque eu sei que nenhuma nova memória criada lá poderia se comparar às antigas.

De qualquer forma, já se passaram anos desde que fui.

— Ouvi dizer que eles vão fazer um pão de milho este ano, — diz Gabby enquanto me deito no chão. É um ângulo estranho colocar meu braço no lugar necessário para apertar o parafuso. —Eu estava pensando em entrar. Eu tenho uma receita da minha avó que, uh… Hum…

Gabby para quando encontro o ângulo certo para alcançar o parafuso. Estou de lado, uma perna à frente para manter o equilíbrio e o braço esticado para o alto. Bastam algumas voltas para que o parafuso fique bem encaixado, e então olho para Gabby, que parou de falar.

Seus olhos se voltam para o meu rosto e ela me dá um sorriso rápido. — Um sim. É bom. Uma boa receita.

Concordo com a cabeça antes de verificar os outros parafusos, mas nenhum dos demais está solto. Gabby fica quieta enquanto eu me levanto e ajeito minha camisa.

— Ei, — ela diz, abanando o rosto novamente. — Lamento saber que sua mãe está se demitindo.

Meu suspiro vem de dentro, mais um sentimento do que um som. Dou um aceno para Gabby e seu rosto se contrai em simpatia.

— Ela é uma senhora tão legal, — diz ela. — Sempre paciente.

Isso ela é.

— Não parece justo…

Gabby não termina a frase, mas não precisa. Não, não é justo o que minha mãe está passando. Mas a vida não funciona com justiça, não é?

— Certo, — diz Gabby, com a voz suave. — Bem, eu provavelmente deveria voltar ao trabalho.

Dou-lhe outro aceno enquanto guardo a chave inglesa. Ela dá um passo antes de parar, o vestido de verão flutuando em volta dos joelhos.

— Ei, Ellis?

Eu espero.

— Eu queria saber se você gostaria de ir comigo. Para o festival.

Demoro um pouco para reagir, mas Gabby espera, com um sorriso gentil e esperançoso no rosto. — Eu… — E então clica. —Amigos? Ou... um encontro?

Sua cabeça se inclina um pouco para o lado, uma ação que parece um tanto vulnerável, embora eu não saiba dizer por quê. Seu sorriso permanece no lugar. — Um encontro, se você quiser. E, se não, então como amigos.

Eu não sei o que dizer. Bem, isso não é totalmente verdade. Instintivamente, minha reação é dizer não ao encontro, que não estou interessado nela desse jeito. Exceto... e se eu pudesse estar? Às vezes me pergunto o que cria atração. Só senti isso por uma pessoa em particular, mas sei que para outras não é a mesma coisa.

A atração pode ser rápida, instantânea e consumidora, como um incêndio. Ela pode ser trabalhada lentamente e cuidada ao longo do tempo, uma tela em constante mudança, pinceladas construídas umas sobre as outras até que a imagem fique nítida. Pode ser perdido, eu acho, para alguns.

Mas o que faz uma pessoa olhar para outra e pensar *que sim, é esta aqui. Eu quero esta?* O que faz o coração deles bater mais rápido? O que faz seu corpo reagir?

Serão nossos átomos trabalhando em um nível que nunca entenderemos? É o destino ou algo lá fora que está unindo os fios? Ou é mais simples que tudo isso? É a nossa humanidade, a nossa necessidade de conexão e proximidade com os outros?

Acho que nunca saberei, mas talvez seja exatamente por isso que devo dizer sim. Será que posso encontrar algo em Gabby que me faça sentir em casa? Talvez.

Eu quero?

Não é uma traição.

Parece que sim.

No final, aceno lentamente e o sorriso de Gabby se alarga.

— Você será meu encontro? — Ela verifica.

Eu limpo minha garganta. — Sim.

Ela parece tão feliz e espero não estar cometendo um erro. Não quero machucá-la, mas um encontro não é uma promessa. As pessoas namoram o tempo todo.

Não que eu esteja familiarizado com isso.

Gabby pula um pouco na ponta dos pés, me lembrando momentaneamente de Lucky. — Ótimo, — ela diz. — Vejo você amanhã?

Aceno com a cabeça e, com um último sorriso radiante, Gabby se afasta. Eu a observo ir embora por um momento, tentando nos imaginar juntos. Tentando imaginar o cabelo dela entre meus dedos ou seus lábios nos meus. Penso nos olhos dela — de que cor são, verdes? — e em como eles poderiam parecer perdidos de prazer. Mas tudo que consigo imaginar é um azul cintilante e um loiro cacheado, e rapidamente apago as imagens da minha mente.

Sozinho novamente, subo no trator. Ele ganha vida e, desta vez, o engate se prende à caçamba sem um único barulho extra. Sorrio, certificando-me de que a parte dianteira esteja abaixada antes de desligar o trator e descer.

O resto da tarde passa rapidamente. Eu trabalho com Riley para limpar o equipamento agrícola que está no local, esfregando todo tipo de sujeira do maquinário e indo para o ralo. Como muitos de nossos colegas de classe, inclusive eu, Riley permaneceu na cidade . Brandon, pelo que ouvi, está na fábrica de papel. Não posso dizer que alguma vez o perdoei por ter cortado a boca de Lucky. Riley, pelo menos, pediu desculpas por fazer parte disso. Nós nos damos bem agora.

Alguns dias, não passo nenhum tempo aqui no armazém ou na fábrica de processamento de milho adjacente onde Gabby e minha mãe trabalham. Especialmente durante as épocas de plantio e colheita, não é incomum ficar nos campos por dias ou semanas seguidos. Acho que prefiro assim, só eu e a terra. Com exceção de Lucky, sempre preferi minha própria companhia à dos outros. É mais fácil quando não preciso me preocupar com o fato de minhas palavras não saírem certas. Ou não saindo de jeito nenhum.

Isso nunca foi um problema para Lucky.

Riley, pelo menos, não parece se importar com a minha falta de conversa, ao contrário de alguns fazendeiros mais velhos que me evitam ou acham que gritar me fará ouvi-los melhor. Eu os ouço muito bem, mas estou acostumado com essa reação de pessoas que não me conhecem. A maioria das pessoas na cidade é gentil e, verdade seja dita, aqui não é tão ruim, inclusive a descasque de milho. O trabalho pode ser monótono e muitas vezes cansativo, mas há conforto nesta vida. Em saber exatamente o que meu dia trará.

Quando chega o fim do nosso turno, Riley e eu nos despedimos e ele segue para sua caminhonete. Levo um minuto para me lavar primeiro, limpando a sujeira das mãos, dos braços e debaixo das unhas. Enquanto enxugo as mãos, meu celular toca no bolso de trás. Minhas bochechas doem com o meu sorriso quando vejo o nome na tela.

Eu respondo enquanto vou em direção à porta.

— Ellis? — a voz pergunta.

Eu cantarolo, um som baixo. Um contente.

Lucky ri. — É bom ouvir sua voz.

Eu balanço minha cabeça. *Espertinho.*

— Você está fora do trabalho? — ele pergunta.

Um grunhido de sim.

— Bom, — diz ele, soando como se estivesse se instalando em algum lugar. Cama? — Adivinhe onde estou.

Minha mente gira, tentando descobrir onde ele poderia estar, pois a diferença de fuso horário o colocaria muito mais atrasado do que eu. — Portugal?

Ele faz um som curioso. — Droga, isso está perto. Marrocos.

Meu zumbido parece um pouco presunçoso.

— Como você descobriu isso? — Lucky pergunta, mudando novamente.

— Lençóis, — digo a ele, empurrando para fora. O sol me atinge diretamente e pisco algumas vezes antes de baixar os óculos escuros.

Lucky fica quieto por um momento. — Você pode ouvir os lençóis? — ele finalmente pergunta.

— Hum.

Outra pausa. — Você pode ouvir que estou nu também?

Quase tropeço nos próprios pés, o corpo ficando quente.

— Não julgue, — Lucky diz com uma risada, como se ele me contar sobre sua nudez não fosse grande coisa. E, para Lucky, acho que não é. — Os lençóis são macios como seda. Este lugar deve ter custado muito dinheiro à revista.

Faço um som de reconhecimento, mas minha mente está presa na imagem de Lucky nu, deitado em lençóis macios e sedosos. Meu coração acelera, meu corpo esquenta e *pronto*. Aí está, aquela força magnética intangível me puxando em direção a alguém que nem consigo ver fisicamente.

Aperto os olhos com força, esperando que isso ajude a clarear meus pensamentos. Lucky está falando sobre o Mar Mediterrâneo agora e o mercado que ele e Dani visitaram anteriormente.

— Mas como nenhum de nós fala darija[8], — ele está dizendo, — ou árabe, aliás, tivemos que confiar em nosso guia para pechinchar os preços. Tenho quase certeza de que Dani pagou muito mais do que o necessário por um colar de ouro para sua irmã, mas, honestamente, ele pode pagar. Ei, você recebeu aquele pacote que enviei na semana passada?

Aceno com a cabeça contra o telefone, agora na minha caminhonete. Em vez de entrar na cabine, abaixo a porta traseira e subo na caçamba, sentando-me contra o metal quente perto da roda. — Sim, — digo a ele. — O chocolate. Sua mãe gostou disso.

Ele ri baixinho. — Não estou surpreso. E você? Qual foi o seu favorito?

Lucky às vezes envia pequenos pacotes de coisas quando está em suas aventuras. É bom sentir que estou tendo um gostinho de qualquer parte do mundo em que ele está. Isso me faz sentir próximo dele, mesmo quando ele está

tão longe.

— Gostei das nozes, — admito. Eram castanhas de caju torradas com um toque de anis estrelado. Eu nunca tive nenhum igual a eles antes.

Lucky ri, e levo um momento para perceber o porquê.

— Foda-se, — digo a ele lentamente, mas com firmeza.

Ele ri mais. — Desculpe. — *Ele não sente.*

— Doze, — digo a ele. Ele entende.

— No fundo, somos todos crianças, — diz ele, farfalhando novamente em seus lençóis de seda. Tenho a nítida impressão de que *não, certamente não somos mais crianças*, mas não digo isso. Eu sei o que ele quer dizer.

Nós nos apegamos às memórias do nosso passado, não é? Nós nos apegamos às peças que nos tornaram inteiros, bons ou maus. Porque se não o fizermos... se não os mantivermos por perto... poderemos perder essa parte de quem somos.

— Fotos? — Eu pergunto.

— Ah, certo, — Lucky diz, suspirando longo e baixo. Posso imaginá-lo deitado na cama, com os cabelos espalhados no travesseiro. Posso *ouvir* o sorriso em seus lábios, e quando ele fala novamente, também há admiração. — Erg Chebbi.

Eu faço um som curioso.

— É lindo, El, ele praticamente sussurra. — Um mar de areia dourada. As dunas foram formadas ao longo do tempo pelo vento e são grandes. Varrendo. Estava quente também.— Ele ri. — Realmente quente, mas vale a pena. Quando o sol estava no auge, era como… como se o mundo inteiro estivesse banhado em cobre. Como se o sol e a areia fossem um só.

Abro os olhos, sem perceber que os fechei. É fácil imaginar Lucky ali, no deserto. Aposto que o cabelo dele era dourado como a areia.

— Andávamos de camelo, — acrescenta, rindo um pouco. —Talvez eu pudesse ficar sem essa experiência novamente.

Eu bufo, e Lucky continua me contando como sua bunda ficou dolorida e

como os camelos podem ser os animais com pior cheiro que ele já encontrou. Parece tão normal e *bom*, e mesmo que eu tenha esquecido de contar sobre Gabby e como estou nervoso para meu primeiro encontro oficial, provavelmente é o melhor.

Como eu diria a ele que estou com medo de gostar dela? Como eu explicaria que meu coração não sabe bater por ninguém além dele?

Está perto da hora do jantar quando Lucky para, suas palavras aparentemente esgotadas por hoje. — Eu deveria ir, — diz ele, com a voz suave.
Sim.

— Ligar em breve? — Ele pergunta.
Eu cantarolo. *Assim que você puder.*

— Sim, — ele respira. — Boa noite, El.

Digo a ele as três palavras que nunca foram tão fáceis nos três anos desde que ele se foi. — Boa noite, Lucky. — Eu guardo os outros três para mim. *Sinto sua falta.*

Há um — tchau — sussurrado e então a linha fica muda. Fico sentado na traseira da minha caminhonete por mais um minuto, olhando para os campos e imaginando areias douradas em vez de milho embrulhado em cascas. Imagino Lucky aqui ao meu lado.

E me pergunto se sou capaz de deixá-lo ir.

Capítulo 12

Lucky

— O que você acha? — Danil pergunta, segurando uma túnica verde floresta com costuras elaboradas. — Posso usar isso?

— Honestamente? Sim, acho que você poderia, — digo a ele. Danil fica bem em quase tudo.

Ele franze os lábios, examinando a camisa antes de se virar para o dono da barraca. É a nossa última manhã em Marrocos e, apesar de não termos guia hoje, Danil e eu decidimos passear por um dos muitos mercados antes de irmos para o aeroporto.

Danil pechincha usando as gorjetas que pegou no início da semana enquanto eu saio da barraca. A rua estreita em que estamos está repleta de atividades, turistas e moradores locais preenchendo o espaço. A barraca do outro lado da rua vende temperos, cada variedade amontoada em tigelas grandes e rasas. Pilhas de açafrão, pimenta preta e canela estão entre eles. As cores me lembram as dunas. Ao lado, há uma barraca cheia de cobertores de cores vivas, panos de prato e lenços. Um lenço em particular, enfeitado com verde, marrom e amarelo, me faz pensar de Ellis. De Nebraska e milho.

Sempre maldito milho.

— Pronto? — Danil diz, ao meu lado.

Dou-lhe um aceno de cabeça e seguimos pela rua de paralelepípedos em direção à saída. Há uma pequena lanchonete na rua ao lado, e paramos ali, Danil tomando um chá de menta enquanto eu pego um café marroquino com especiarias. Bebemos nossas bebidas enquanto esperamos pela comida.

Estou prestes a perguntar a Danil quais são seus planos para voltarmos para Nova York quando meu celular toca. Eu pego com um sorriso quando vejo o nome da minha mãe.

— Ei mãe. Bem cedo por aí, não é?

— Olá para você também, — ela diz. — Estou bem, obrigado por perguntar.

Dou uma risada, mas minha mãe continua falando.

— Você está indo para casa hoje, certo?

Casa.

— Sim, estaremos de volta a Nova York esta noite, — eu respondo.

Ela cantarola. — Você está descansando o suficiente?

— Sim, mãe, — eu digo obedientemente. — Estou dormindo bem.

Os lábios de Danil se curvam e eu reviro os olhos.

— Bom, bom, — diz minha mãe. Ouço uma voz abafada e então: — Seu pai disse oi.

— Oi, pai, — eu digo, e minha mãe transmite a mensagem. —Como está a Sra. Cole?

Depois de um pequeno suspiro, minha mãe diz: — Ela está bem, Lucky, considerando tudo. Ela teve seu último dia na fábrica no início desta semana, então está em casa agora. Acho que é o melhor. Ela tem usado muito mais a cadeira de rodas ultimamente, mas Ellis… Ele está lá para ajudá-la.

Eu aceno com a cabeça, com a garganta apertada. Não duvido disso.

— Eu me preocupo, — diz minha mãe, — com ele, às vezes.

Meu pulso acelera. — Por que isso?

— Ele é um menino tão bom. Homem, — ela corrige. — Mas odeio vê-lo colocar sua própria vida em espera. Pelo menos ele tem um encontro para o festival do milho neste fim de semana.

Leva um segundo para que suas palavras sejam absorvidas, mas quando isso acontece, mal consigo respirar. — O quê? — Eu pergunto, minha voz um sussurro rouco.

Danil fica imóvel, me observando de perto, e eu desvio o olhar, piscando enquanto tento ouvir além das batidas do meu coração.

— Um encontro, — minha mãe repete. — Garota legal com quem ele trabalha. Espero que, para o bem dele, isso dê certo. Ele merece um pouco de felicidade própria.

Não posso…

Ellis tem um encontro?

— Você também merece isso, — diz ela. — Há alguém com quem você

está saindo em Nova York?

Tento responder, mas minha voz não funciona. Tenho a nítida e avassaladora noção de que talvez seja assim que Ellis se sente quando suas palavras não chegam. Quase soluço com o pensamento, com o coração doendo, e coloco a mão na boca antes de poder dar uma risada inoportuna. Que hora de perceber o quanto ainda *não superei* minha paixão de infância.

Porra.

— Eu, hum, — eu consigo. — Não, não estou saindo com ninguém. E eu não sabia... sobre o encontro, quero dizer. Isso é bom. Para ele.

Minha mãe diz mais alguma coisa, mas me distraio com a chegada da nossa comida. Agradeço à pessoa antes de pigarrear.

— Mãe, eu deveria ir. Danil e eu precisamos estar no aeroporto logo.

— Claro, — ela diz. — Boa viagem, querido. E me avise na próxima vez que você estiver visitando. Já faz muito tempo que não vemos seu rosto brilhante por aqui.

— Sim, mãe, — eu respondo. — Eu vou, uh… Talvez em breve.

Digo à minha mãe que a amo antes de desligar e coloco a mão trêmula na mesa ao lado do prato.

— Tudo bem? — Danil pergunta, os olhos franzidos de preocupação.

— Eu…

Quantos dias antes de partirmos para Bornéu? Seis?

— Acho que estou indo para Nebraska, — digo a Danil.

Suas sobrancelhas se erguem, mas eu aceno, mais para mim mesmo do que qualquer coisa. Agora que pensei, sei que é o que preciso fazer. Eu nem tenho um plano. Não tenho ideia do que espero realizar. Mas não posso voar de volta para Nova York e ficar sentado neste fim de semana enquanto Ellis... enquanto ele sai com uma *garota legal* com quem trabalha e que não o conhece como eu. E se ela o machucar? E se... e se ela não fizer isso?

— Sim, — eu digo definitivamente. — Estou indo para Nebraska.

Danil pega seu celular. — Vamos ver com que rapidez consigo mudar

nossos voos.

— Nossos? — Eu digo surpreso.

O sorriso do meu colega de trabalho é perversamente encantador. —Você não achou que eu deixaria você fazer isso sozinho, não é?

Não questiono como Danil sabe o que estou fazendo quando eu mesmo não tenho a menor ideia. Apenas aceno com a cabeça, como meu sanduíche e espero que nosso avião nos leve ao mar de milho e verde o mais rápido que for humanamente possível.



— Bem, isso é... — Danil começa, olhando em volta enquanto eu nos levo para a cidade. Foi um longo dia de viagem e isso, junto com o jet lag, deixou meu corpo pronto para desistir da luta. Mas minha mente está conectada e meus dedos batem incessantemente no volante à medida que nos aproximamos cada vez mais da casa dos meus pais.

— É o quê? — Eu pergunto, distraído.

— Tem muito milho, — diz Danil.

Dou uma risada ligeiramente histérica. — Te disse. É uma cidade agrícola.

— Isso é uma loja lá em cima? — Ele pergunta de repente. —Podemos parar?

— Dani, — eu gemo, não conseguindo manter o desespero fora da minha voz. Eu preciso continuar me movendo. Eu preciso de…

— Cinco minutos, — ele diz. — Por favor, lucky-boy. Você não me deixou pegar nada na saída do aeroporto.

— Tudo bem, — murmuro, entrando no pequeno estacionamento da única loja de conveniência da nossa cidade. Danil dá um beijo na minha

bochecha antes de sair do veículo. A contragosto, eu o sigo para dentro, pelo menos para ter certeza de que ele está comprando rapidamente seus cigarros.

A porta tilinta quando eu entro e a familiaridade me dá um tapa na cara. Cada centímetro do lugar é exatamente como eu me lembro. Exceto…

— O quê... — murmuro, caminhando até uma vitrine em frente à janela do lado da rua. Um grande peixe de vidro é colocado sobre uma base de pedestal e coberto por uma caixa transparente, provavelmente para que alguém que passe não possa tocar - ou quebrar - a delicada criação. Tem uns bons sessenta centímetros de largura e cerca de trinta centímetros de altura, e é notável. As escamas têm uma infinidade de cores, todo o vidro conectado tão perfeitamente que parece uma peça perfeitamente trabalhada. É parcialmente transparente, o interior é oco e uma placa de —vendido — fica dentro da tela.

É um peixe-papagaio.

— Lindo, não é? — alguém diz ao meu lado.

Olho surpreso para Melody Shaffer, uma garota com quem estudei, e aceno com a cabeça. O logotipo na camisa dela me diz que ela trabalha aqui agora. — Sim, — respondo, sem palavras.

— O artista lança uma peça nova a cada mês, — ela me conta, com os braços cruzados livremente à sua frente enquanto examina o peixe de vidro. — Geralmente é vendido em uma ou duas horas. Eu tenho uma tartaruga em casa. Quer ver?

Concordo com a cabeça e Melody pega seu telefone. Depois de um momento, ela vira a tela para mim. Uma linda tartaruga marinha está sentada em cima do que parece ser uma lareira. Suas nadadeiras estão estendidas e sua cabeça está levemente inclinada para o lado. O artesanato é de tirar o fôlego.

— Ele também faz pequenas bugigangas, — diz ela. — Globos decorativos e enfeites e coisas assim. Eles se esgotam com a mesma rapidez, mas estes — ela aponta para o peixe-papagaio — são o que as pessoas fazem fila na calçada para ver.

Não estou surpreso. É pura arte.

— Quem? — Eu pergunto. — Quem é o artista?

— Essa parte é segredo, — diz Melody, me dando um sorrisinho. — Ele prefere permanecer anônimo. — Antes que eu possa pronunciar uma palavra, ela diz: — Que bom ver você de novo, Lucky.

— Sim, — respondo, a cabeça girando enquanto ela se afasta.

— Pronto? — Danil pergunta, aparecendo ao meu lado com uma pequena sacola na mão.

Uma vibração percorre meu estômago. — Sim. Vamos.

Leva apenas mais cinco minutos antes de chegarmos à casa dos meus pais. A entrada é de cascalho, como sempre foi, e as luzes estão acesas dentro da casa, assim como na porta ao lado. Meu coração parece que está tentando voar para longe.

— Então, — Danil diz lentamente depois de um minuto quando eu não me movo. — Vamos sair do carro?

— Em breve, — eu murmuro, meus olhos na porta aberta do galpão nos fundos da propriedade de Ellis. Bem, tecnicamente é propriedade da mãe dele. Mas agora também é dele.

— O que estamos esperando? — Danil pergunta, olhando em volta. — A casa dos seus pais é fofa.

— Sim, — murmuro, mas lá está ele, saindo do galpão, jeans gastos bem apertados nas coxas e uma camiseta vermelha escura colada na parte superior do corpo. Ele está bem longe, mas está *ali* pela primeira vez em meses e, de repente, esqueço como movimentar o oxigênio pelos pulmões.

Ele não nos vê a princípio. Já desliguei o carro, então as luzes não o alertaram. E é a coisa mais estranha, mas pela primeira vez estou preocupado com o que vou dizer a ele. Estou com medo do que pode sair da minha boca. Assustado sobre por que voltei aqui. Minhas palmas estão suando, meu corpo está em chamas, e agora que finalmente estou aqui, abençoadamente, depois de um dia correndo em direção a este exato momento, não consigo mover um músculo.

— Puta merda, — Danil diz ao meu lado, inclinando-se para frente. — É... *esse é* o seu Ellis?

Ele parece absolutamente incrédulo, e eu lhe dou uma olhada. — Sim, é ele. Por quê?

E por que meu coração está batendo tão forte?

Danil olha para mim em estado de choque. — Você nunca me disse que o homem é um maldito lenhador, por *favor.* Quero dizer, porra, Lucky, ele poderia me engolir inteiro. Ele acrescenta um sussurro: — Se eu tivesse tanta sorte.

— Dani, — eu resmungo, sentindo algo desagradável *em* meu estômago que não quero examinar muito de perto. — Ele não é lenhador. Ele é um fazendeiro.

— Como se esse fosse o ponto, — diz Danil. — Você realmente nunca esteve nesse passeio?

Volto meu olhar para Ellis, que agora está fechando a porta do galpão. — Nunca foi... Ele não é assim, — tento explicar.

— Não é assim o quê? — Danil pergunta. — Porque, porra, lucky-boy, se eu não estivesse preocupado com você me esfaqueando por causa da sugestão, eu estaria implorando para me juntar a você naquela montanha.

Eu gemo, esfregando as mãos sobre os olhos. — Pare, por favor.

— Vê? Isso, — diz ele, apontando um dedo acusatório em minha direção. — Você sente alguma coisa por ele.

Balanço a cabeça, não querendo discutir isso com Danil agora. — Tenho quase certeza de que ele é um ás, — digo em vez disso. —Tipo, o tipo de ás onde o sexo nem sequer o atrai.

— Ele te contou isso? — Danil pergunta, a expressão mudando.

Engulo em seco enquanto vejo Ellis começar a caminhar em direção aos fundos de sua casa. Ele ainda não notou o carro extra estacionado ao lado.

— A última vez que conversamos sobre isso, — digo lentamente, — ele disse que não tinha interesse em garotas ou garotos. Ele teria me contado se isso tivesse mudado.

Então por que ele está saindo para um encontro?

— Hum, — diz Danil.

— Não importa, — eu digo rapidamente. — Não é por isso que estou aqui. Eu só... eu só preciso...

Não consigo descobrir uma maneira de terminar essa frase que não me torne um mentiroso. Então, em vez disso, agarro a maçaneta e empurro a porta. A suave — boa sorte — de Danil me segue quando saio do carro. Ellis está quase chegando ao convés traseiro agora, seu corpo enorme se movendo com fluidez. Às vezes, quando só consigo ouvir a voz dele, esqueço-me do tamanho exato de Ellis. Ele *é* uma montanha de homem, mas a alma mais gentil que já conheci. E ele é…

Eu solto um suspiro lento. Ele é lindo; Eu não posso nem negar isso. Ele é adorável da mesma forma que o mundo natural é adorável. Imperfeito, mas vital. Ricamente talhado e exclusivamente ele mesmo. Ele é apenas... Ellis. Ele é meu Ellis.

Quando fecho a porta do carro, sua cabeça vira um pouco, o suficiente para que seus olhos me procurem. E é então, quando nossos olhares se encontram pela primeira vez em meio ano, que minha preocupação desaparece, minha tensão se dissipa e eu balanço para frente enquanto cada parte de mim canta com justiça e alívio.

Porque finalmente — *finalmente* — estou em casa.

Capítulo 13

Ellis

Por uma fração de segundo, não tenho certeza se o que estou vendo é real. Mas então eu sinto aquele estalo, aquela faísca que vive em Lucky, e não consigo me mover rápido o suficiente.

— Lucky, — eu digo.

E *Deus*, o jeito que ele sorri.

Nós nos alcançamos no meio do caminho entre nossas casas, e meus braços estão em volta dele antes mesmo de eu perceber o fato de que ele está aqui. Parece impossível. Como um sonho.

Mas não é um sonho. A sensação de Lucky encostado no meu peito é suficiente para me convencer disso. Ele é real. E ele está aqui. *Aqui*. E estou *tremendo* de desejo por ele. Com a necessidade de estar mais perto. De alguma forma, inexplicavelmente mais perto.

Será que eu poderia me amarrar a ele para que ele nunca mais pudesse voar?

— Deus, — Lucky diz, o som quase um soluço. — É tão bom ver você, El.

Eu grunhi porque nenhuma palavra é suficiente.

— Lucky Buchanan! — alguém chama. — É você?

Lucky dá uma risada úmida, afastando-se do meu peito. — Olá, Sra. Cole.

— Meu filho sabia que você estava vindo? — Minha mãe pergunta da porta dos fundos.

— Não, ele não sabia disso, — responde Lucky.

Mamãe bufa. — Bem, estou feliz que você esteja de volta. Venha visitar antes de ir, ouviu?

Antes de você ir.

Eu forço as palavras da minha mente enquanto Lucky diz à minha mãe que ele fará isso. Ela fecha a porta, deixando eu e Lucky sozinhos. Ele olha para mim, os olhos me observando como se estivesse se assegurando de que estou inteiro. Não posso dizer que não faço o mesmo.

Quando ele solta um pouco de ar, trago meu olhar de volta para seu rosto. — Eu trouxe Dani, — diz ele, apontando em direção ao carro. Aparentemente entendendo a deixa, Dani sai do veículo, acenando. Eu levanto minha mão em resposta, tentando lutar contra o jeito que minha mandíbula quer apertar.

— Quanto tempo? — Pergunto a Lucky, voltando minha atenção para ele.

— Alguns dias, — ele responde. — Partiremos para Bornéu na terça-feira.

Eu concordo. Não é tempo suficiente, mas me recuso a pensar nisso.

— Com fome? — Eu pergunto.

Ele ri um pouco. — É certo que sim. Não paramos para comer. Mas preciso dizer oi para meus pais primeiro.

Inclino a cabeça em direção à minha casa e Lucky assente.

— Sim, — ele diz, apertando meu braço. — Dê-nos dez minutos e então terminaremos.

Nós – ele e Dani. Ignoro essa parte também, dando um puxão suave em seu cabelo. *Você parece bem.*

Ele dá uma risada. — Você também, grandalhão.

Quando Lucky se vira para ir embora, tenho que me lembrar que ele já estará de volta. Ele não *vai embora*. Mesmo assim, não é bom vê-lo ir para a casa ao lado com Dani ao seu lado.

Minha mãe está esperando quando entro em casa, com um sorriso conhecedor no rosto. — Visita surpresa, — diz ela. — Pergunto-me o que motivou essa decisão.

Balanço a cabeça enquanto vou até a geladeira pegar os restos de kebabs. Eu não tenho ideia.

— Hm, — diz ela, transferindo-se trêmula da cadeira de rodas para o sofá. Faço uma pausa para observá-la.

— Precisa de alguma coisa? — Eu pergunto.

Minha mãe balança a cabeça, cobrindo o colo com um cobertor antes de pegar o controle remoto. — Não preciso de nada. Vá conversar com seu amigo.

Concordo com a cabeça, empilhando carne e pimentão em um prato. Enquanto a comida esquenta, pego duas, depois três cervejas na geladeira. Levo tudo, inclusive uma tigela de salada, para a mesa no deque. Estou nervoso demais para ficar sentado enquanto espero, então me encosto na grade, olhando para o quintal. Um único vaga-lume pisca por perto, tão fraco sob o sol poente da tarde que quase não o percebo.

Eu o ouço primeiro, conversando baixinho com Dani enquanto eles se aproximam. Forço uma respiração calmante pelo meu corpo e me viro.

Lucky é o primeiro a subir os degraus, dando-me um sorriso radiante que instantaneamente me transporta de volta a quando tínhamos dezesseis anos. Ou onze, dezoito ou vinte e dois. São um milhão de lembranças em uma só, aquele sorriso, e estou inundado por elas, superado pela história que compartilhamos. Existem cordas que nos conectam, muitas delas.

Acho que nunca poderíamos ser desamarrados.

Dani está atrás de Lucky. Há um largo sorriso em seu rosto e ele não hesita em dar um passo à frente com a mão estendida. Já vi fotos do colega de trabalho de Lucky antes, mas esta é a primeira vez que o encontro cara a cara. Ele é classicamente bonito, alto, mas musculoso, e tem um ar que eu nunca poderia esperar imitar.

— Ellis, — ele diz calorosamente no momento em que nossas mãos se

apertam. Ele coloca uma segunda mão sobre a minha. — É tão bom finalmente conhecer você.

Concordo com a cabeça, um pouco surpreso pela simpatia genuína em seu tom. Eu meio que esperava que ele fosse como o resto. Como Andrew e os outros caras que conheci enquanto Lucky estava na faculdade.

Dani balança a cabeça um pouco antes de recuar. — Meu Deus. Quão alto você é? — ele pergunta. Tenho alguns centímetros a mais que ele.

— Um metro e noventa e cinco, — Lucky responde, indo até a mesa enquanto Dani assobia. Não tenho certeza do que fazer com o jeito que ele está me olhando, mas Lucky chama minha atenção. —Você fez isso?

Eu cantarolo meu sim, o peito aquecendo com o sorriso que Lucky me dá. Ele sempre adorou espetinhos grelhados. Quando Lucky se senta, Dani e eu o seguimos. Os dois me agradecem enquanto servem seus pratos e, como eu também não estou com fome, fico contente em tomar um gole de minha cerveja e observar Lucky fechar os olhos com sua primeira mordida na comida. Eles piscam em minha direção quando ele os abre, e aquele calor em meu peito flui até meu estômago.

Dani limpa a garganta. — Então, Ellis, estou morrendo de vontade de saber. Qual é a história de infância mais embaraçosa de Lucky?

Lucky gagueja antes de me lançar um olhar duro. — Não se atreva.

— Por favor, ouse, — Dani rebate, sorrindo maliciosamente. Tenho a sensação de que o homem é tão problemático quanto Lucky.

Eu apenas debato por um momento antes de dizer a ele: — A tinta.

Ele inclina a cabeça enquanto Lucky geme. — Continue, — diz Dani.

— Tínhamos quatorze anos, — digo lentamente, — Quando Luck trouxe tinta... para a escola.

Dani espera pacientemente enquanto conto a história, tendo que reunir as palavras mais de uma vez antes de continuar. Ele nunca interrompe, embora eu note que ele olha para Lucky uma ou duas vezes quando vacilo. Conto a ele como Lucky comprou um galão de tinta azul com desconto na loja de ferragens.

Como ele o contmochilarabandeou para a escola em sua . Como, naquele dia, durante o almoço, ele levou a tinta para o banheiro com a intenção de encobrir uma pichação em uma das paredes do box. Como, quando ele abriu a lata, ela tombou, manchando Lucky e o chão de azul. Como, por mais que tentasse, Lucky não conseguisse limpá-lo a tempo antes que o sinal tocasse para a próxima aula. E como, quando ele foi levado até a sala do diretor, surgiram marcas de botas azuis.

— Ele teve... que passar o fim de semana limpando, — digo a Dani, que está com lágrimas nos olhos. — Tinta em todos os lugares.

Lucky está balançando a cabeça para mim, mas há um brilho em seus olhos. Eu não teria contado a história se ele realmente se importasse.

— Meu Deus, — Dani diz um pouco sem fôlego. Ele solta uma risada quando olha para Lucky. — Você ficou azul.

Lucky empurra o ombro de Dani e seu colega de trabalho cai na gargalhada. Não posso deixar de participar, não me importando nem um pouco quando Lucky me empurra também.

— Idiotas, — ele murmura, sem querer dizer isso.

— O que você estava tentando encobrir? — Dani pergunta antes de tomar um gole de cerveja. — Na cabine do banheiro, quero dizer.

O rosto de Lucky cai um pouco e ele me lança um olhar. Isso não me incomoda, mas até hoje parece incomodar Lucky. Ele gira sua garrafa de cerveja em cima da mesa antes de dizer a Dani, baixinho: — Alguém usou um termo incrivelmente ruim e depreciativo para descrever Ellis.

Eles me chamaram de retardado.

Dani fica quieto por um momento, e algum esquilo ou raposa chia por perto. — Isso é cruel, — ele finalmente diz, a voz tingida de algo duro.

Dou de ombros. — Crianças.

— Não, — Lucky diz com firmeza. — Não há desculpa. Eles nunca teriam ousado dizer isso na sua cara.

Eu bato meu punho na palma da mão e Lucky dá uma risada.

— Você vandalizou o interior da sua escola por causa do seu amigo, — Dani diz suavemente. O sorriso que ele dá a Lucky é pessoal — reservado — e Lucky se contorce ligeiramente na cadeira. Instantaneamente, sinto a necessidade de defendê-lo.

— Teria... — levo um momento — Feito isso também. — Espero que Dani entenda o que quero dizer.

Seu sorriso muda para mim. — Eu não tenho dúvidas.

— Bem, — diz Lucky, a garrafa de cerveja tilintando suavemente enquanto ele a pousa, — Se o tempo de compartilhamento terminar, posso mostrar-lhe o quarto de hóspedes, Danil.

Dani bufa. — Ah, — ele me diz. — Ele me deu o nome completo. Estou em apuros.

Lucky revira os olhos enquanto eu franzo a testa, mas Dani se levanta, imperturbável.

— Tenho certeza de que seus pais podem me mostrar o caminho, — Dani diz a Lucky. Para mim, ele diz: — Foi realmente ótimo conhecer você, Ellis. Espero que possamos passar algum tempo juntos enquanto eu estiver na cidade.

Concordo com a cabeça e Dani me dá um sorriso antes de se afastar da mesa. Ele aperta o ombro de Lucky enquanto avança, mas Lucky olha resolutamente para sua garrafa de cerveja vazia. Espero até que Dani vá embora antes de cutucar o pé de Lucky com o meu.

— OK? — Eu pergunto.

Seus lábios se contraem quando ele balança a cabeça. — Bem. É só... Nada. Dani pode ser intrometido, só isso.

Dou de ombros. Ele parece que se importa. Suponho que deveria ser grato por Lucky ter outro amigo em sua vida para cuidar dele.

Eu só queria que eles não fossem mais do que isso também.

Estendo a mão e toco na garrafa de cerveja de Lucky.

Ele balança a cabeça. — Estou bem, obrigado.

Recostando-me, apoio meu pé na cadeira ao lado da minha. Lucky está

olhando para o quintal. O sol se pôs, e o céu está de um azul escuro e sombrio. Os grilos cantam, de vez em quando um barulho da TV sai pela janela aberta e um cachorro late em algum lugar distante. Parece que estamos em casa.

— Sempre tenho na cabeça, — diz Lucky, — Que este lugar nada mais é do que terra e milho. Em todas as minhas memórias, mal podia esperar para sair.

Concordo com a cabeça porque sei disso.

— E então... — ele continua. — Então eu volto aqui e parece que... — Ele solta um suspiro, os olhos se fechando. — Isso é *bom*. E eu não entendo isso. Não entendo como um lugar — ele vira os olhos para mim — Pode parecer o ponto de partida. Como meu começo. Porque eu não cresci aqui. Eu odiei vir morar aqui. Mas me apeguei e sinto falta disso. Eu nunca quis, mas eu quero. Sinto falta disso, sinto sua falta e não...

Ele então se interrompe, balançando um pouco a cabeça enquanto olha para o quintal. Meu coração está batendo forte dentro do peito e estendo a mão, deslizando minha mão sobre a de Lucky. Sem olhar na minha direção, ele vira a palma da mão para cima, apertando-me com força.

Quase digo alguma coisa. Quase abro a boca para dizer o quanto sinto falta dele também. Mas ele sabe disso. Posso sentir isso na maneira como seus dedos apertam os meus com força. Então, em vez disso, mantenho minha mão na dele para que ele saiba que estou aqui. Que ele sempre terá um lugar para voltar para casa.

Já é tarde quando as pálpebras pesadas de Lucky vencem e ele se levanta para ir para a porta ao lado. Ele não parece querer ir. —Amanhã passaremos a noite inteira juntos, — ele praticamente exige. — Assim que você chegar em casa do trabalho, nós... não sei. Faremos algo bom.

Eu concordo. Claro que será bom. Será com ele.

Aparentemente satisfeito, Lucky finalmente sai com pés pesados. Eu o vejo percorrer a curta distância até a casa dos pais antes de recolher nossos pratos e garrafas vazias da mesa. Lá dentro, a sala está vazia, minha mãe se mudou para o quarto dela. Eu limpo e depois vou para o meu.

Antes de ir para a cama, pego meu laptop. Abro-o, sentando-me na beira do colchão enquanto começo um novo e-mail para Lucky. Quase bufo, sabendo que ele está a menos de cem passos de distância, e mesmo assim estou escrevendo para ele. Mas meu peito está apertado, minha cabeça está girando e sei que vai ajudar, aliviar um pouco dessa pressão.

Meus dedos pairam sobre as teclas por um momento antes de finalmente começar a digitar.

Olá, Lucky. Você está aqui, sabia disso? Segurei sua mão há menos de dez minutos, mal conseguindo acreditar que a carne e os ossos sob minha palma eram reais. Às vezes, minhas lembranças de você são tão fortes que quase consigo sentir. A maneira como você aquece sob meus dedos. A firmeza do seu corpo contra o meu. Mas nenhuma das minhas memórias se compara à coisa real. Se eu pudesse, engarrafaria tudo em um jarro – cada olhar da sua mão no meu braço, cada pequeno aperto e toque dos seus dedos, cada pressão do seu peito no meu. Eu salvaria todos eles para poder sentir você quando você partir.
Nos meus momentos mais fracos, gostaria que você ficasse. Eu gostaria que você ouvisse as palavras que eu nunca consegui dizer. Gostaria que você conhecesse os segredos mais profundos do meu coração e, de alguma forma, os compartilhasse com o seu.
Eu tinha quinze anos quando me sentei ao seu lado no topo de um moinho de vento, com seu lábio cortado e machucado como os nós dos meus dedos. Éramos nós contra o mundo, Luck. Nós dois, sempre. Eu e você.
Nós crescemos. Claro que temos. Mas ainda assim, sempre, eu te amo.
Não fique longe por muito tempo desta vez, meu querido vaga-lume.

Quando adormeço, o azul preenche minha mente e, por um momento, posso ver as estrelas girando.

Capítulo 14

Lucky

— Você o ama, — Danil acusa pela manhã.

Passo por ele saindo do banheiro, meu ombro batendo no dele na porta. Ele se vira, me seguindo pelo corredor até meu quarto. Não mudou muito desde que me mudei, anos atrás. Meus pais retiraram meus pôsteres, substituindo-os por fotos emolduradas que tirei ao longo dos anos, e embalaram algumas de minhas bugigangas, guardando-as no armário. Mas as paredes ainda são verdes claras e os móveis são os mesmos.

Vou até minha bagagem, puxando as roupas de dentro. Danil fecha a porta e posso sentir seu olhar fixo em mim durante todo o tempo em que me troco. Quando me viro, ele está esperando com uma sobrancelha levantada.

— Não sei o que você quer que eu diga, — digo a ele. Porque não posso dizer *não*. Eu não posso mentir. Não é sobre isso, não importa o quanto eu tente negar dentro da minha cabeça e do meu coração.

Danil solta um bufo, com os braços ao lado do corpo. — Você não *precisa* me dizer nada, Lucky, mas estou *aqui* para ajudá-lo, você sabe. Só porque transamos não significa que eu não seja seu amigo antes de mais nada.

— Primeiro pensei que éramos colegas de trabalho, — murmuro, sentando-me ao pé da minha cama.

O olhar que Danil me dá não me impressiona. — Semântica, seu merdinha. Por que... — Ele se afasta da porta e se senta ao meu lado. Não

consigo olhar em sua direção. — Por que você mentiu sobre ele?

— Eu não fiz isso, — digo no piloto automático.

— Você fez, — ele rebate. — Você disse que teve uma queda, *uma vez*. Você menosprezou seus sentimentos.

— Porque isso não importa, — eu digo um pouco calorosamente. — Ellis não me vê dessa forma e eu nunca o pressionaria por isso. Eu não... terminaria nossa amizade só porque ele não sente o mesmo. Ainda sou amigo dele, antes de mais nada, também.

— Mesmo ele sendo o seu *grande romance*, — diz Danil, enfatizando as palavras.

Eu encontro seus olhos, as bochechas quentes, apesar de tudo. — Ellis e eu *nunca* fomos assim.

O olhar que ele me dá é presunçosamente duvidoso. — *Certo*. O homem - uma vez menino - que apareceu na sua porta com duas flores azuis. Isso foi no baile, presumo? Certamente não há nada de romântico nisso.

Não me atrevo a contar a Danil que Ellis também me deu meu primeiro beijo, embora isso tenha sido mais tarde. Não conto a ele sobre as vezes em que fugimos à noite para sentarmos juntos nos milharais, só ele e eu sob as estrelas. Não conto a ele sobre os milhares de momentos de silêncio que permitiram que meus sentimentos por Ellis crescessem ou como, certa vez, ele me carregou para casa nos braços porque eu havia quebrado o tornozelo.

Não me atrevo a dizer nada disso porque nada disso *era* romântico. Eram dois meninos, eventualmente jovens, que eram *amigos*. Quem eram próximos. Mais próximos do que a maioria, claro. E sim, em algum lugar ao longo do caminho – talvez por causa daquelas duas malditas flores azuis – meus sentimentos cresceram. Mas isso não faz do meu passado com Ellis algo que nunca foi.

— Você sabe, — Danil diz lentamente. — Se ele é, de fato, assexuado, isso não o impede necessariamente de querer um relacionamento romântico.

Eu odeio como meu coração palpita de esperança com isso.

— Você me perguntou recentemente por que eu não namoro, — ele continua. — Tenho quase certeza de que sou arromântico. Nunca quis esse tipo de relacionamento com outra pessoa e não sei se algum dia desejarei. Sexo, por outro lado, eu gosto muito.

— Estou bem ciente, — murmuro, minha mente girando.

— Sim, você está, — diz ele, novamente, presunçosamente. —Mas o seu Ellis… É possível que ele *queira* um parceiro? Que ele quer alguém com quem compartilhar sua vida?

Ele vai a um encontro neste fim de semana.

— Eu não sei, — eu admito. Nunca pensei em perguntar. Talvez devesse ter passado pela minha cabeça, mas por alguma razão, presumi que ele não queria nada daquilo. Eu esperava, em mais de uma ocasião, que Ellis pudesse *me querer*. Perguntei a ele, direta ou indiretamente, tantas vezes. Dei a ele muitas chances de me mostrar que também me queria. Mas ele nunca o fez. E se ele não me quisesse, bem... acho que não queria que ele quisesse *ninguém*.

Eu ainda não quero que ele queira mais ninguém. Talvez isso me torne um idiota, mas acho que ganhei o direito. Ninguém jamais conhecerá Ellis como eu.

E ainda assim *há* coisas que não sei, não é?

— Você está tendo um momento, — Danil diz calmamente.

— Sim.

— Porquê você veio aqui, Lucky? — ele pergunta. — Por que tão de repente?

Engulo o nó na garganta. — Ele tem um encontro.

— Ah, — diz Danil, mudando de posição ao meu lado na cama. — Você vai impedi-lo?

Sim. Não.

— Eu não sei, — eu admito.

— Qual seria a pior coisa que poderia acontecer?

— Eu faria papel de bobo.

— Diz o homem que se encharcou de tinta azul só para proteger os sentimentos de seu… *amigo*, — rebate Danil.

— Ele faria por mim, — digo, tentando outra tática.

— E então?

— E então... — Minha mente gira novamente.

— Ele deixaria você? — Danil pergunta. — Ele cortaria os laços?

— Não, — eu sussurro. Eu não acho que ele faria isso. Mas ele *saberia*. Eu poderia suportar isso?

— E se, — diz Danil lentamente, — Ele dissesse sim? E se ele quiser você também?

Balanço a cabeça, sem vontade de ter esperança. — Ele não quer.

— As coisas mudam, — ele diz suavemente.

— Por que você está encorajando isso? — Pergunto, virando-me para ele. — Por que você está... empurrando?

Danil suspira, parecendo subitamente mais velho do que seus vinte e oito anos. — Lucky-boy, no meio ano que conheço você, vi seus olhos brilharem na frente de um vulcão adormecido. Já vi você correr com uma manada de búfalos, só para tirar a foto. Eu vi seu destemor estampado em sua manga, mas até ontem à noite, eu nunca tinha visto seu coração. Onde está sua coragem agora? Por que você está fugindo dele?

— Eu não estou...

— Você está, — ele insiste, aumentando a voz. — Voltamos aqui por capricho, mas aqui está você, sentado na casa dos seus pais enquanto ele está lá fora. — Ele agita o braço, o olhar implorando. —Por que você não está com ele?

— Eu estou assustado! — Eu finalmente grito. — Eu não posso perdê-lo, Dani. Não *posso.*

— Você acabou de dizer que não faria isso, — ele ressalta.

— Mas as coisas podem ficar tensas entre nós. Eu poderia... — O quê? — Eu o veria com menos frequência.

— Ao contrário de agora, quando você o vê algumas vezes por ano? —

Danil diz. — Sua mãe disse que você tem visitado menos. Ela disse no começo, você estava aqui uma vez por mês.

Ficou muito difícil dizer adeus.

— Quando você falou com ela sobre isso? — Eu pergunto antes de balançar a cabeça. Eu fico de pé, andando para longe. — Deixa para lá. Não importa. Nada disso importa. Você poderia simplesmente largar isso? Por favor?

Danil me observa por um momento tenso antes de concordar com um aceno de cabeça. — Considere encerrado. Cumpri meu dever como seu amigo leal e intrépido. Se você decidir continuar sendo um idiota, a culpa é sua.

— Jesus, — murmuro, esfregando a testa. — Vou deixar você aqui. Eu espero que você saiba disso.

— Nunca, — diz Danil, levantando-se. — Você sentiria minha falta. — Ele se aproxima e passa um braço em volta do meu pescoço, me puxando para beijar minha bochecha.

— Nós não estamos transando aqui, — eu o informo.

— Não estamos... — Ele faz um som incrédulo antes de deixar cair o braço. — Estou sendo *solidário* e *amável*. Se eu estivesse tentando entrar em suas calças, você saberia.

Meus lábios se contraem quando abro a porta do quarto.

— Como se eu fosse tentar agora mesmo, — acrescenta ele, seguindo-me pelo corredor. — Seu Ellis poderia me rasgar ao meio. Não sou um cara pequeno, Lucky-boy. Mas esse homem me assusta.

— Ele é um ursinho de pelúcia, — digo, lembrando-me daquele dia na escola, quando Ellis derrubou Brandon como se não fosse nada. — Majoritariamente.

— Uh-huh, — ele diz antes de ficar em silêncio. Pego minhas chaves, esperando Danil me alcançar, mas ele está parado na entrada do saguão.

— O que foi? — Eu pergunto. Somos os únicos na casa. Meu pai está no trabalho e minha mãe disse que iria à cidade tomar um brunch com a Sra. Cole e algumas outras senhoras com quem elas se encontram de vez em quando.

Danil parece estranhamente solene enquanto está ali, redigindo uma resposta. — Ele é diferente. Não é?

Eu me irrito e ele levanta as mãos de forma apaziguadora.

— Não quero dizer isso de uma maneira ruim, — diz ele. — Você simplesmente nunca disse, e eu não esperava por isso.

Abro a porta da frente com um pouco mais de força do que o necessário. — Ele é Ellis. Isso é tudo, — eu digo. *É mais que suficiente.* — Agora você vem? Posso lhe mostrar a cidade.

Danil balança a cabeça e não diz mais nada durante toda a manhã ou tarde sobre Ellis ou sobre meus supostos sentimentos de não-amizade.



Já passa das cinco quando Danil e eu voltamos para casa. Ele me diz que tem algum trabalho a fazer e vai para o quarto de hóspedes com seu tablet, mas acho que está tentando me dar espaço com Ellis. Não que eu não aprecie isso.

Caminho pela divisa da propriedade enquanto espero Ellis chegar em casa. Está quente hoje (Nebraska geralmente é quante) e minha camisa gruda desconfortavelmente nas costas. Não ajuda que meu coração esteja acelerado e minha mente esteja louca.

Não parei de pensar no que Danil disse. Não parei de me perguntar por que vim aqui. Me perguntando se eu poderia — *deveria* — dizer alguma coisa.

O que estou esperando? Que Ellis vai se sentir diferente do que sentiu aos dezessete anos, quando me beijou, apenas para recuar? Que ele vai me *querer* de uma maneira que nunca quis antes e, pela primeira vez, vai me pedir para ficar? Eu realmente acho que dar um tiro no escuro com meu amigo de quinze anos, de repente e do nada, vai acabar bem para mim?

Não *sei*. Eu não sei o que estou fazendo. Não sei o que é certo.

Os talos de milho agitam suas folhas para mim quando passo. Deixei

meus dedos vagarem pela folhagem, traçando a linha do campo na esquina até onde fica o silo, não muito longe. Parece o mesmo de sempre, mas quando chego à porta, percebo que está trancada com cadeado. Olhando para ele confuso, dou um puxão, mas ele não se move.

— Trancado, — uma voz diz atrás de mim.

Viro-me e lá está Ellis, aproximando-se em ritmo constante. Ele ainda está vestindo jeans sujos e camisa de trabalho, o logotipo no bolso do peito mostrando um pedaço de milho sorridente. Ele tem um boné de beisebol na cabeça e ele me dá um sorriso que quase faz meu coração parar.
Lindo.

Fico de lado enquanto Ellis tira um pequeno chaveiro do bolso. Ele destranca a porta e a abre, acenando para que eu siga em frente. Com o coração batendo forte, entro no silo, apenas para parar abruptamente a menos de dois passos de distância.

— O quê? — Eu digo.

O silo está completamente transformado. Prateleiras curvam-se ao redor de toda a concha expansiva, sobre a qual fica uma coleção de vidro muito mais extensa do que Ellis costumava ter. Há uma grande mesa de madeira perto do meio e um rack com várias ferramentas ao lado dela. E, mais notavelmente, na parte de trás do espaço redondo está o que parece ser um enorme forno de tijolos. Um forno, percebo, quando a consciência se instala.

— O peixe-papagaio, — eu digo, dando um passo à frente. Ellis entra no silo atrás de mim. — Você fez o peixe-papagaio.

Ele acena com a cabeça quando encontro os meios para olhar para ele. Há uma expressão curiosa em seu rosto. Ele provavelmente está se perguntando como eu sei disso. Porque ele nunca me contou. Ele nunca me contou sobre nada disso.

— Que... *porra é essa,* El? — Eu pergunto, um pouco mais duro do que pretendo. — O que é isso?

Ellis esfrega a nuca. — Estúdio de vidro, — ele finalmente diz.

— Como...— Minha voz falha. — Há quanto tempo isso está aqui?

Ele levanta dois dedos e depois três.

Entre dois e três anos. Ele vem criando arte em vidro há *anos* e nunca disse uma palavra sobre isso. Que *diabos*?

E por que não percebi? Eu realmente estive tão ausente?

— Por que você não me contou sobre isso? — Eu pergunto, com a voz rouca.

Ele dá de ombros e, *ah*, isso me irrita.

— Achei que não tínhamos segredos, — digo, embora saiba que não somos mais crianças, na época em que uma promessa mindinha significava mais do que qualquer coisa. Mesmo sabendo que *não* tenho o direito de sentir essa dor.

Os olhos de Ellis se arrastam lentamente para mim. — Você e Dani, — ele diz simplesmente.

Parece um soco. — Você e a garota do trabalho, — eu cuspo.

Ellis estremece.

— *Porra*, — murmuro, me virando. Eu ajeito meu cabelo para trás, com os olhos ardendo.

Por que ele escondeu isso de mim?

— Nós... não somos mais o que éramos antes, — Ellis diz atrás de mim, mais perto do que eu esperava que ele estivesse.

Balanço minha cabeça rapidamente porque não. Não somos. E eu não percebi até este momento exatamente o quanto mudamos. O quanto permitimos *mudar*.

— Mas ainda somos... — Ele diz.

E eu aceno. *Sim*. — Eu e você, — respondo.

Exceto se nenhum de nós for o que já fomos, o que isso *nos torna*?

Capítulo 15

Ellis

— Lucky, — eu digo calmamente.

Ele não se vira, então tiro o boné, colocando-o no bolso de trás e, arriscando, dou um passo à frente. Os braços de Lucky estão em volta de sua barriga, e eu coloco os meus lentamente sobre os dele, inclinando a cabeça e apoiando a testa em seu cabelo. Ele tem um leve cheiro de laranja, e me pergunto se ele usa o mesmo xampu de antes.

— Sinto muito, — digo a ele. *Por mentir. Por esconder pedaços de mim de você. Por tudo o que está fazendo você sofrer.*

— Por que você não me contou? — Ele pergunta novamente.

— Qual? — Eu pergunto. *O vidro ou Gabby?*

— Qualquer um, — ele responde. — Ambos.

Solto um suspiro lento, enterrando meu nariz em seu cabelo. — Isto... o vidro... deveria ser... — Encolho um pouco os ombros, meus braços roçando seus ombros. — Meu.

Minha maneira de manter Lucky por perto. Minha maneira de mantê-lo aqui comigo, mesmo quando ele estava em Nova York ou do outro lado do mundo. Era - *é* - meu mecanismo de enfrentamento.

Mas é mais do que isso também. É meu coração. Uma carta de amor que tive muito medo de mostrar a Lucky. Era mais seguro guardar isso para mim. Assim como todos aqueles e-mails espalhados pela minha pasta de rascunhos.

A autopreservação é um forte motivador.

— E... — ele diz, engolindo em seco. — A garota?

— Gabby, — digo a ele. Ele estremece um pouco. — Novo.

Seu aceno é pequeno, uma escova de cabelo contra meu rosto. Quando ele se afasta, eu deixo ir, mesmo que eu odeie isso. Lucky enxuga o rosto antes de se virar, mas, mesmo assim, ele mal encontra meus olhos. Seu olhar gira em torno do silo, vendo os vidros nas prateleiras ou sabe-se lá o que mais.

— Você sabia sobre Dani, — diz ele.

Eu concordo. É claro que eu sabia que eles estavam transando. Achei que ele não disse nada porque era *mais*. O começo de algo, talvez. E sinceramente, eu não queria saber.

Não creio que seja isso agora, por não os ter visto juntos. Mas por alguma razão, Lucky escondeu isso de mim. Assim como escondi coisas dele.

— Que porra aconteceu? — Ele pergunta, olhando para mim, pedindo respostas que não tenho certeza se tenho.

Nós crescemos? Separando-se, só um pouco, nos anos desde que ele se foi? Avançamos, mas fizemos isso em lugares diferentes?

— Vida, — eu respondo.

Lucky olha para cima, piscando várias vezes. Ele fica imóvel quando vê as luzes no alto, e então sua cabeça gira. — El...

Afastando-me alguns passos, ligo a energia. A eletricidade é nova desde a última vez que Lucky esteve aqui. Ele engasga quando os vaga-lumes de vidro se acendem, duas dúzias deles pendurados a dez metros acima de nossas cabeças. Cada um é do tamanho de uma bola de beisebol - mas parece menor do que daqui de baixo - e brilha em um amarelo suave com a iluminação LED que está no centro. Levei muito tempo para posicioná-los dessa maneira, mas agora eles parecem estar flutuando sem cordas. Voando. Se você levantar a mão, é quase como se pudesse tocá-los.

O olhar de Lucky desce para mim lentamente. — Eles são lindos.

Eles são você. O mais perto que pude chegar de capturar você.

Ele não diz nada por um longo tempo, seus olhos azuis piscando para mim sob a luz suave. Não sei o que se passa na cabeça dele, não tenho ideia se ele está bravo comigo ou se fui perdoado por falta de razão, mas não consigo perguntar.

Finalmente, ele desvia o olhar. — Eu deveria voltar, — diz ele, com a voz áspera. — Deixei Dani sozinho.

Concordo com a cabeça, mesmo quando minhas entranhas tremem. Mesmo quando quero lembrá-lo de que deveríamos ser *nós* esta noite. Lucky dá um passo, mas não consigo...

— Lucky.

Ele para, olhando para trás.

— OK? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça lentamente, mas seus olhos estão tristes. — Sim, El. Sempre ficaremos bem.

Com isso, ele vai, e não posso deixar de sentir que meu mundo quebrou um pouco, nos separando ainda mais.

Espero um longo tempo antes de entrar para preparar o jantar. Mas antes de ir, tiro meu celular do bolso. Confrontado com a verdade dos meus sentimentos - *ainda assim, sempre* - mando uma mensagem para Gabby e cancelo nosso encontro.



Lucky não volta naquela noite. E não o vejo na manhã seguinte. Ele e Dani ficam longe de casa, e eu fico longe do festival do milho onde deveria estar com Gabby. Passo algum tempo no silo, quebrando vidros em preparação para uma nova peça. Os fragmentos serão derretidos e reformados. Reformulado. Transformado em algo maior.

Demorou meses para aprender o processo. A maioria era autodidata, assistia a vídeos e depois passava horas no calor do silo, soprando e modelando cuidadosamente o vidro. Mas também participei de um workshop de uma semana a algumas horas daqui, aprendendo os detalhes com um especialista.

Agora, as técnicas são uma segunda natureza, embora eu nunca tenha me importado se ficaria ou não perfeito no final. É mais sobre a catarse disso. Pegando as fotos que Lucky pinta na minha cabeça e dando vida a elas. A renda extra também não faz mal. Eu não esperava que as pessoas na cidade ficassem tão entusiasmadas com os trabalhos em vidro, mesmo com as peças menores que faço para manter minhas mãos e mente ocupadas, mas elas se esgotam mais rápido do que consigo produzi-las.

É fim de tarde e estou no deque dos fundos, de banho tomado, quando Lucky e Dani voltam de onde quer que estivessem. O carro desce o caminho de cascalho antes de parar, e os dois homens saem. Dani entra na casa ao lado, mas Lucky vem direto em minha direção, com as mãos enfiadas nos bolsos. Ele parece jovem novamente. Vulnerável.

— Ei, — ele diz uma vez perto.

Pouso o grande pote de vidro que trouxe para fora e Lucky dá um sorriso.

— Fazendo chá do sol[9]? — ele pergunta.

Eu concordo. Sempre gostei mais assim do que esquentar a água no

fogão. Usei alguns dos saquinhos de chá que Lucky enviou meses atrás e acrescentei um pouco de limão. Ficará delicioso quando estiver exposto ao sol.

Lucky suspira um pouco, seu sorriso vacilando. — Sinto muito, El. Eu não deveria ter saído ontem.

Dou de ombros, não querendo que ele se sinta mal por isso. Não é sempre que nós dois brigamos, mas Lucky não tem culpa. Eu *escondi* coisas dele, e isso é culpa minha. Não o culpo por estar chateado.

— Você... — Ele se interrompe. — Você teve um bom dia?

Eu penso sobre isso antes de concordar. Foi bom.

Lucky engole, balançando a cabeça também. Ele parece um pouco desconfortável, embora eu não saiba por quê. — Sim, ok, — ele diz. — Hum… Podemos fazer algo esta noite? Apenas nós dois?

Meu sorriso é imediato e o rosto de Lucky suaviza, a expressão se suaviza.

— Sim, sim, — ele diz, rindo. — Como se eu tivesse que perguntar. Você está pronto agora?

Concordo com a cabeça, levantando um dedo. Lucky espera enquanto pego meu celular de dentro. Mamãe está na sala de estar fazendo alguns exercícios que supostamente ajudam com as cãibras musculares. Ela faz isso em sua cadeira agora.

— Saindo? — Ela pergunta, olhando para Lucky no convés.

Eu concordo. — Precisa de alguma coisa?

— Não, bebê. Divirta-se esta noite.

Ela me faz um gesto para avançar, então dou a volta no sofá para lhe dar um beijo na bochecha. Ela dá um tapinha na minha depois.

Lá fora, seguro minhas chaves e Lucky sorri. — Inferno, sim, — ele diz. — Eu senti saudade da caminhonete.

Eu bufo, mas há uma leveza nos passos de Lucky enquanto nos dirigimos para a frente da casa, e isso me acalma até a medula.

Lucky dá um tapa na janela aberta assim que entro no carro, um segundo

depois dele. — Continue, Ellis. Mostre-me o mundo.

Eu faço uma saudação e ele ri.

Ficar sentado dentro da minha caminhonete com meu melhor amigo enquanto descemos pelas estradas de terra é como uma explosão do passado. Ele me lança um sorriso exasperado enquanto passamos pela escola com os olhos arregalados enquanto dirigimos em frente ao Maisy's Diner, e cada momento é um que eu aproveito. Isso é bom. Passando um tempo nós novamente, tão facilmente.

Estamos a cerca de cinco minutos do centro da cidade quando Lucky diz, — Então, para onde estamos indo, afinal?

Lanço um olhar para ele, mesmo sendo eu quem está dirigindo. *Como eu deveria saber? Você me convidou.*

Ele ri. — Acho que realmente não pensamos nisso, hein?

Solto um suspiro, mal conseguindo conter o sorriso. No final, damos meia-volta e dirigimos até o supermercado, pegando algumas opções de comida fácil de levar e uma caixa de cerveja. Depois nos levo até a periferia da cidade, até uma propriedade que sei que estará deserta. Dirijo minha caminhonete até o terreno plano em frente às fileiras de milho antes de desligar o motor. Pegando um cobertor velho na parte de trás, faço sinal para Lucky me seguir. Ele olha para a terra por um momento, como se nunca tivesse visto milho um milhão de vezes antes, e então, quando se vira, sorri.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta, me seguindo até a carroceria da caminhonete. Já estendi o cobertor e agora estou tirando comida da nossa sacola plástica.

— Piquenique, — resmungo, como se não fosse óbvio.

— Deus, El, — Lucky diz calmamente, balançando a cabeça. Sua expressão é suave e afetuosa, mas depois se torna um pouco travessa quando ele olha para a cerveja. — Se ficarmos bêbados e nenhum de nós puder dirigir, você vai me levar para casa.

Eu sorrio, e antes que Lucky possa reagir, eu o puxo e o carrego como um

bombeiro.

Ele grita. — Puta que pariu, Ellis! O que você está...

Ele fica em silêncio quando eu dou um tapa em sua bunda, e no silêncio absoluto que se segue, meu coração começa a bater forte. Eu o coloco no chão rapidamente, virando-me e brincando com a cerveja. Minhas bochechas estão quentes. Não sei o que estava pensando.

— Você, — Lucky diz, com uma risada rouca na voz, — É um problema.

Balanço a cabeça, limpando a garganta. — Você que é.

Ele bufa. — Bem, acho que você está se atualizando.

— Uh-oh, — eu digo sem expressão.

Lucky ri de novo, dessa vez mais gentil, e minha tensão começa a desaparecer. Quando nos acomodamos lado a lado no cobertor, são apenas cinco e meia, mas começamos o jantar. Lucky coloca uvas na boca enquanto eu faço um sanduíche rápido com um pedaço de pão crocante e rosbife fatiado. Entrego metade para Lucky, e ele me passa uma cerveja aberta.

— Sabe, nenhum lugar na Terra cheira como este lugar, — diz Lucky.

Não?

— Não, — ele diz. — Isso costumava me incomodar. A maneira como o cheiro mudava ao longo da temporada. Como, não importa a época do ano, eu não conseguia escapar do milho.

Sua risada é triste.

— E agora, — ele continua, — se eu não estiver aqui, não consigo encontrar esse cheiro em lugar nenhum. E *isso* me incomoda.

Eu bato seu ombro no meu. — Casa, — digo, uma simplificação do que quero dizer. Este lugar cresceu nele. Ele mesmo disse isso outro dia.

Seu engolir é áspero e ele o persegue com um gole de cerveja. Seus olhos se voltam para mim quando ele diz: — Acho que sim.

— Lucky, — digo, largando os restos do meu sanduíche. —Desculpe. Sobre… o vidro. Eu…

Lucky espera enquanto eu transformo meus pensamentos em palavras. O

sol fica atrás dele, iluminando as mechas de cabelo na frente de seu rosto. Eles parecem fios de ouro rodopiantes e, por um momento, fico preso neles.

Finalmente, eu digo: — Quando você... foi embora, você... Você compartilhou sua vida. Comigo. Suas aventuras e… E sua alegria. — Fixo meu olhar no milho enquanto prossigo. — Isso significa muito para mim, Lucky. Fazer parte disso. Eu... Por favor, não pare só... só porque eu estava...

Com medo, não posso dizer. Não posso.

Solto um pequeno suspiro antes de continuar. — Eu nunca quero perder... o lugar que tenho no seu mundo.

Lucky olha para mim por um longo tempo. Posso sentir seu olhar na lateral da minha cabeça e, quando finalmente encontro seu olhar, ele não desvia o olhar. — Você fala tão pouco, — ele quase sussurra. — Mas então, às vezes…

Ele agarra minha mão e eu engulo, arrepios percorrendo meu braço.

— Você não vai me perder, El, — ele diz. — Nunca.

Concordo com a cabeça em um movimento brusco e Lucky e eu terminamos nossa refeição. Passamos algumas horas no cobertor na traseira da minha caminhonete, trocando histórias e vendo o céu escurecer. E apesar da tensão anterior, acredito nele. Afinal, ele disse isso antes.

— Nunca terminaremos. Eu e você não temos um final.

Capítulo 16

Lucky

— Você está deprimido, — observa Danil.

— Não estou, — respondo.

— Você também está.

— Quantos anos você tem, cinco ?

Ele mostra a língua para mim e eu jogo uma camisa em seu rosto. Isso ajuda por um segundo, até eu voltar a fazer as malas.

— Ainda acho que você deveria dizer alguma coisa, — diz Danil.

— Eu pensei que você disse que iria desistir.

— Desisti, — ele responde rapidamente, selando os lábios. Ele dobra minha camisa antes de se aproximar e colocá-la dentro da minha mala. — Precisamos ir logo.

O lembrete é gentil, mas não consigo acelerar. Sei que estou adiando o inevitável, mas não estou pronto para embarcar naquele avião. Minhas entranhas estão revirando, cada centímetro de mim inquieto.

— Se perdermos nosso voo, você poderá falar com Chelsea, — diz ele. *Nossa chefe.* Com isso, ele dá um tapa no meu ombro e sai do quarto.

Procrastino o máximo possível, mas finalmente termino de fazer as malas e fecho a bagagem. Quando vou procurar minha mãe, encontro-a no quarto dos meus pais. Ela está sentada em frente ao computador, com óculos de leitura.

— Oi, querido, — ela diz, recostando-se. — Pronto para ir?

Não. — Sim.

Ela balança a cabeça, vindo me dar um abraço. — Esteja seguro, certo? Gostamos de você inteiro.

— Eu vou, — eu digo com uma risada. Meus olhos se fixam na cômoda quando nos separamos. — Isso é…

— Oh, — minha mãe diz, sorrindo. — Um dos de Ellis. Não é lindo?

Vou até a cômoda, em cima da qual está um veleiro de vidro. É um pouco menor que o peixe-papagaio, mas não muito. A base da embarcação é de um branco opaco, mas as velas são uma mistura de amarelos e laranjas, quase como o nascer do sol. É feito de forma simplista - sem uma peça extra ou babado - mas é complexo. Delicado.

— Eu não sabia que ele fazia isso, — digo a ela, passando o dedo sobre a vela menor. — Acabei de descobrir.

Ela cantarola. — Eu me pergunto por que ele não contou a você.

Eu ainda não tenho certeza disso. Ele parecia quase envergonhado com isso, como se estivesse com medo da minha reação. Ele achou que eu não o apoiaria?

O pensamento dói.

— Quando ele fez este? — pergunto, tendo a sensação de que sei a resposta.

Minha mãe pensa sobre isso. — Um ano e meio atrás?

Depois da minha viagem às Granadinas. Geoff, meu primeiro parceiro, e eu passamos três dias navegando, percorrendo ilhas e explorando algumas das praias menos conhecidas da região. Lembro-me de contar os detalhes a Ellis, como sempre faço. As areias brancas. O ar salgado. A sensação de voar sobre a água como se eu fosse um pássaro. Apreciei o nascer do sol ao lado de Geoff enquanto tomávamos café expresso a bordo do barco. E os amarelos e laranjas que se elevavam sobre a água como se o sol estivesse sangrando no céu.

Ele deu vida a isso. Ellis deu vida a isso.

Deixo minha mão cair do vidro. — Eu deveria ir, — digo à minha mãe.

Ela dá um aperto no meu ombro. — Claro. Me avise quando você pousar.

Depois de mais um abraço, encontro Danil me esperando na sala.

Ele se levanta e coloca o celular no bolso. — Pronto?

Por que todo mundo fica me perguntando isso?

Concordo com a cabeça e, com a bagagem a reboque, seguimos para o carro alugado. Já me despedi do meu pai esta manhã, antes dele partir para a fábrica de papel. E todos nós – eu, Danil, meus pais, a Sra. Cole e Ellis – passamos o domingo inteiro juntos, grelhando e colocando a conversa em dia. Então me despedi da mãe de Ellis.

Tudo o que resta é o próprio Ellis.

No caminho pela cidade, paro em frente à loja de conveniência. — Só preciso fazer uma parada rápida, — digo a Danil.

Ele balança a cabeça, permanecendo no carro enquanto entro no prédio. Encontro Melody perto do caixa e ela me dá um sorriso surpreso.

— Ei, Melody.

— Lucky, — ela diz. — Ainda está na cidade?

— Na minha saída, na verdade. Eu só... — Olho para o peixe-papagaio, exibido com orgulho na frente da loja. — Por que ainda está aqui?

Melody encosta o quadril contra o balcão. — Bem, as primeiras que foram vendidas foram imediatamente para casa com as pessoas, mas assim que o pessoal da cidade começou a ouvir falar delas, perguntaram-me centenas de vezes se as peças poderiam ser expostas primeiro. Não é como se tivéssemos uma galeria de arte aqui.

Eu concordo. Isso, nós não temos.

— Portanto, agora temos uma regra segundo a qual eles ficam aqui por três semanas para que as pessoas possam visitá-los, — diz ela. — Depois disso, eles vão para a nova casa e o artista traz uma nova peça.

Pego minha carteira, tirando um cartão de visita que passo para Melody. — Faça-me um favor? Se houver algum que *não* se esgote em algumas horas, me ligue? Eu vou comprar.

Melody dá uma pequena risada, aceitando o cartão. — Eu farei isso, mas não prenderia a respiração.

— Obrigado, — digo a ela independentemente. Viro-me para ir, mas paro

no último minuto. — Ei, Melody? Como está Jace?

Ela revira os olhos. — Meu irmão está em Minnesota agora, você sabia disso? Ele e o namorado conseguiram uma casa perto da fronteira com o Canadá.

— O namorado dele? — Eu pergunto surpreso. Pelo que eu sabia, o Jace que me fez a proposta embaixo da arquibancada ainda estava no armário.

Ela assente. — Eles estão juntos há dois anos.

— Eu não tinha ideia, — digo a ela. *Bom para ele.* — Bem, obrigado novamente. Se cuida.

— Você também, Lucky, — diz ela, acenando para mim enquanto seu foco muda para um cliente chegando ao balcão.

Danil levanta uma sobrancelha quando entro no carro. — Tudo certo? — ele pergunta.

— Sim vamos lá.

Leva apenas mais dez minutos para chegar às instalações onde Ellis trabalha. Ele me disse que estaria no local esta manhã, então, assim que estaciono, eu mando uma mensagem para ele e ele diz que me encontrará lá fora.

Espero perto da sombra de um bordo enquanto alguns outros funcionários entram e saem. Um deles parte em um trator. Outro está encostado na parte externa do prédio, cuspindo cascas de sementes de girassol no chão. Não muito longe, fica uma das muitas fábricas de processamento da cidade, com suas chaminés subindo alto no ar.

Ellis sai pela porta em pouco tempo, o sol da manhã o faz apertar os olhos. Ele me vê quase imediatamente e vem em minha direção. Não consigo fazer meu coração parar de bater quando ele se aproxima, e esse movimento dentro do meu estômago volta dez vezes mais.

Sinto-me da mesma forma que antes de saltar de um avião pela primeira vez, com um paraquedas seguro nas costas. Um pouco assustado. Muito determinado.

— Ei, — eu saúdo antes mesmo de Ellis parar. Ele caminha sob a sombra da árvore comigo, com um sorriso triste no rosto.

— Lucky, — ele diz simplesmente.

Tudo o que posso fazer é não choramingar.

— Eu, uh... estamos saindo, — digo, embora ele saiba disso.

Ellis assente.

— Eu... — *Porra, vamos lá.* — Posso te perguntar uma coisa?

— Sempre, — ele responde.

Lambo os lábios, como se isso fosse ajudar a súbita secura da minha boca. — Você quer um parceiro? Um, uh, relacionamento romântico, quero dizer. Isso é algo que você quer?

A testa de Ellis franze ligeiramente e não estou surpreso. Minha pergunta está vindo do nada.

Depois de um momento, ele responde, — Com a pessoa certa.

Concordo com a cabeça, sentindo-me um pouco tonto. — E, hum. Você... já fez sexo?

Suas sobrancelhas se erguem e ele balança a cabeça, completamente surpreso com esse fato. Isso é algo que eu sempre gostei em Ellis. Ele não se importa com o que é considerado *normal*. Não o incomoda que a maioria das pessoas considere um virgem de 25 anos uma raridade. Não é uma preocupação para ele. Ele sempre quis ser ele mesmo.

Espero que isso nunca mude.

Estou aliviado com sua resposta, até porque significa que ele não escondeu algo tão grande de mim. Mas ainda assim, já se passaram anos desde que falamos sobre isso abertamente e, como disse Danil, às vezes as coisas mudam.

Engolindo em seco, forço minha próxima pergunta. — Você quer?

Se Ellis está se perguntando por que estou perguntando se ele quer ou não fazer sexo, ele não demonstra. — Pessoa certa, — ele responde novamente.

Meu pulso acelera. — E houve alguém recentemente? — Eu pergunto, a voz quase um sussurro. — Alguém que chamou sua atenção?

Ellis não desvia o olhar nem uma vez, mesmo que demore um momento

para responder. — Um, — ele finalmente diz. — Uma pessoa.

Gabby.

Preciso de tudo em mim para não reagir. Para manter minhas emoções bem fechadas. Gostaria de ter um paraquedas agora, porque o chão dói pra caramba.

— Certo, — eu digo, forçando um sorriso trêmulo. — Bem, Dani e eu precisamos chegar ao aeroporto, então...

— Por quê? — Ellis interrompe.

— Porque o quê? — Pergunto, enfiando as mãos trêmulas nos bolsos.

— Porque perguntar?

Meu suspiro é pequeno, mas todo o meu peito se esvazia quando dou um passo à frente e abraço Ellis. — Porque você é meu amigo mais próximo, — digo a ele, escondendo a verdade contra sua camisa. — Eu só quero que você seja feliz.

Seus braços me envolvem lentamente, mas é a coisa mais natural, a forma como nos encaixamos. Odeio que, por um breve momento, me permiti ter esperança. Mas se Ellis gosta de Gabby, se ela é a primeira pessoa por quem ele se sente atraído, possivelmente *na vida*, não vou atrapalhar isso. Como eu poderia?

Recuso-me a ser tão mesquinho, mesmo que cada parte de mim queira exigir que ele olhe novamente. Que ele *me veja*. *Deus*, apenas *me veja*.

Em vez disso, eu o deixo ir. Sua expressão é abatida, e me pergunto se isso é tão difícil para ele quanto é para mim, essas despedidas.

Eu limpo minha garganta. — Vou ligar quando puder, — digo a ele. Ele sabe disso, no entanto.

Ainda assim, ele assente. — Bom mesmo.

Eu solto uma risada dolorida. — Eu te amo, El. Apenas seja feliz, ok?

Ele acena com a cabeça, as sobrancelhas franzidas.

Não consigo evitar de lhe dar um último abraço. Eu seguro um pouco demais, absorvendo sua presença e a sensação sólida dele contra minha

bochecha. Lembro-me, sem minha permissão, da sensação de sua pele sob minhas palmas quando tínhamos dezessete anos. Quando Ellis me beijou debaixo de uma cachoeira. O meu primeiro beijo.

Meu primeiro amor.

Com os olhos ardendo, dou um passo para trás. — Tchau, El, — eu digo rapidamente, me virando.

Seu — Tchau, Lucky — vem atrás de mim.

Danil está carrancudo quando volto para o carro. Dou-lhe uma rápida sacudida de cabeça e ele assente. Ellis ainda está perto do bordo quando saio com o carro e fico observando-o pelo retrovisor até não poder mais vê-lo.

Tanta esperança.

Capítulo 17

Ellis

— Tem sido mais difícil à noite, — minha mãe diz ao médico.

Ele balança a cabeça, não parecendo particularmente surpreso com isso. — Podemos ajustar sua medicação, e isso deve ajudar um pouco na rigidez muscular noturna. Mas também vou te dar um lençol com alongamentos que você pode fazer na cama. Seu fisioterapeuta também pode ajudá-lo com isso.

Minha mãe balança a cabeça, analisando os alongamentos com o médico antes que ele verifique seus sinais vitais, faça alguns exames de rotina e prescreva uma nova receita. É uma visita mediana, considerando todas as coisas, mas por alguma razão, isso me atinge com mais força hoje. Minha mãe parece mais velha e mais fraca do que há sete anos, quando recebeu o diagnóstico.

Alguns dias, semanas, meses, a mudança é tão mínima que mal consigo ver. E outras vezes, é impossível ignorar o quanto mudou.

Me lembra de outra coisa na minha vida.

Antes de irmos, o médico recomenda algumas maneiras pelas quais posso ajudar minha mãe quando os espasmos musculares são particularmente graves. Ouço com atenção, agradecendo quando ele termina.

— Devíamos ir à farmácia a caminho de casa, — diz minha mãe enquanto a ajudo a entrar na caminhonete. Sua mão treme enquanto ela tenta colocar o cinto de segurança, então tiro o cinto de segurança dela com cuidado, prendendo-o no lugar. Ela espera até que eu esteja no veículo antes de prosseguir. — Podemos correr para a loja também. Comprar algo especial para o jantar esta noite.

Lanço uma rápida olhada em sua direção.

— Por que não? — Ela diz com um encolher de ombros. — A vida é muito curta para não se cuidar de vez em quando. E eu não sei sobre você, mas eu poderia comer um bife.

Meu sorriso é vacilante, mas aceno com a cabeça, virando para a estrada.

— Batatas também, — diz ela. — Cozida. Com creme de leite e cebolinha. *Oh* sim. — Ela cantarola. — Isso vai acertar o alvo.

Estaciono em frente ao supermercado e, enquanto minha mãe começa a fazer compras com um carrinho motorizado, atravesso a rua correndo até a farmácia. Meu celular vibra no caminho de volta e paro na frente da loja, puxando-o.

O sorriso no meu rosto desaparece quando percebo que não é um e-mail de Lucky, mas sim... do meu *pai*.

Meus dedos tremem quando eu clico para abri-lo. Três frases simples me encaram.

Olá, Ellis. Espero que você não se importe, mas recebi e-mail da Sandra.

Podemos conversar?

A primeira vez que tenho notícias desse homem em mais de quinze anos, e é isso? *Podemos conversar?* Não, *espero que você esteja bem.* Não, *eu não deveria ter deixado você e sua mãe assim.* Não *me desculpe.* Três frases impessoais; isso é tudo que consigo.

Mal penso na amiga da minha mãe, Sandra. Apenas enfio meu celular de volta no bolso e me viro em direção à porta.

Encontro minha mãe perto da seção de queijos refrigerados, debatendo entre cheddar e Colby-Jack.

— Qual deles? — Ela me pergunta.

Aponto para o queijo cheddar e ela balança a cabeça, colocando-o no carrinho. A princípio não me movo quando ela segue em frente, mas assim que a alcanço perto do leite, ela me olha de forma estranha.

— Algo errado? — Ela pergunta.

Eu balanço minha cabeça. Não adianta preocupar minha mãe com um e-mail que certamente não responderei. Qual seria o objetivo?

Ela cantarola. — Temos creme de leite?

Concordo com a cabeça e seguimos em direção aos produtos.

— Como está Lucky? — Ela pergunta. Ela está pescando, eu acho. Tentando descobrir o que está em minha mente. Não posso culpá-la por se importar.

— Bom, — digo a ela, e até onde eu sei, isso é verdade. Nossas conversas têm sido um pouco mais afetadas nos últimos dois meses, desde que ele saiu. Eu odeio isso, mas não sei como *consertar* isso. Pensei, brevemente, em voar para Nova York para vê-lo, mas a ideia de deixar minha mãe sozinha me enche de pavor. E se ela precisasse de mim enquanto eu estivesse fora?

Lucky e eu encontraremos o caminho de volta um para o outro. Temos que encontrar. Certo?

— Por que você não pega as batatas? — minha mãe diz. — Vou pegar a cebolinha.

Eu aceno e nos separamos. Estou debatendo entre o ouro ruivo ou o ouro Yukon quando ouço meu nome.

— Ei, Ellis.

Virando-me, encontro Riley com um pequeno carrinho de compras na mão. Dou-lhe um aceno de cabeça.

— Assistindo ao jogo hoje à noite? — Ele pergunta, pegando algumas cebolas.

Considerando que não sei de que jogo – ou esporte – ele está falando, balanço a cabeça.

Ele acena com a cabeça, aparentemente esperando isso. Felizmente, Riley nunca foi do tipo que me empurra para conversa fiada. — Vejo você na segunda-feira?

Sim.

Ele dá um passo antes de fazer uma pausa. — Ei, Ellis? Se você quiser sair, eu e alguns amigos vamos ao bar quase todas as sextas-feiras. — Ele não precisa esclarecer qual bar. Só temos um na cidade. — Apareça se quiser. Ou você sempre pode me enviar uma mensagem. Você tem meu número.

Um pouco surpreso com a oferta, aceno com a cabeça e Riley me lança um sorriso antes de ir embora.

— Tem as batatas? — Minha mãe pergunta, quase esbarrando na minha panturrilha com sua cadeira motorizado.

Coloco-os na cesta e vamos em direção ao caixa.

— Foi Riley Evans que eu vi? — Ela diz quando estamos lá fora.

Eu grunhi um sim.

— Ele parece um jovem tão legal. Você sabia que ele faz parte da equipe voluntária de bombeiros?

Concordo com a cabeça enquanto coloco nossas compras na caminhonete, e minha mãe começa a contar uma história sobre sua amiga Lydia

e a vez em que seu gato ficou preso no telhado. Aparentemente, Riley foi quem pegou o felino. Minha mãe faz uma pausa em sua narrativa enquanto eu corro pela rua para pegar sua receita, mas assim que estou no banco do motorista, ela continua.

Eu ouço, mas meu olhar se desvia pela janela. O milho que antes era verde-verão ficou marrom, pronto para a colheita, mas não é isso que me chama a atenção. Há nuvens de tempestade se formando à distância, cinzentas e ameaçadoras. O céu abaixo deles está escurecido, como se a cor tivesse desaparecido. Parece que a chuva está chegando.

Quando chegamos em casa, aqueço a grelha enquanto minha mãe lava as batatas. Com a queda das temperaturas, não poderemos grelhar por muito mais tempo. O pai de Lucky chega enquanto eu ainda estou no convés. Ele me acena enquanto entra, e eu levanto minha mão em resposta, os pensamentos indo para o e-mail em minha caixa de entrada.

Sobre o que meu pai poderia querer conversar comigo depois de todo esse tempo? Eu me importo? Ele saiu. Ele deixou a mim, minha mãe, a casa onde cresceu. Ele arrumou seus pertences como se fosse a coisa mais fácil e carregou um caminhão de mudança enquanto eu sentava lá dentro e observava.

Ele acenou quando saiu da garagem. Nunca esquecerei isso. Não tive notícias dele desde então. Não até hoje.

Minha mãe dá a notícia quando eu volto para dentro. As batatas estão no forno, assando, e os bifes estão à espera num prato. — A tempestade está chegando, — ela me informa, apontando para a TV. Os próximos dias preveem chuva e trovoadas, e uma faixa na parte inferior alerta sobre possíveis tornados.

— Preparados, — eu digo.

Assim que minha mãe começou a usar sua cadeira de rodas, instalei um elevador movido a bateria no abrigo contra tempestades. Isso foi há anos, embora só tenhamos usado isso uma vez.

Ela balança a cabeça, me dando um sorriso. — Sim, nós estamos. Nós ficaremos bem.

Enquanto a churrasqueira esquenta, pego meu laptop e sento à mesa da cozinha. O zumbido baixo da TV é um ruído branco quando abro meu e-mail. Ignoro o do meu pai, em vez disso abro o último que recebi de Lucky. Ele está a caminho da Grécia e, embora o tom da mensagem seja animado — ele nunca esteve lá antes — é superficial e *silencioso*. Lucky nunca ficou quieto. Não comigo.

Clico e abro um novo tópico.

Lucky. Ei. Eu não gosto disso. Há uma distância entre nós que nunca existiu. O que posso dizer para trazer você de volta? O que posso fazer? Fui tolo, creio, ao considerar nossa amizade algo garantido. Presumindo que não houvesse nada que eu pudesse fazer que iria nos separar. Presumi que não poderia te machucar, mas estava errado. Às vezes esqueço que você não é invencível. Que você sangra assim como eu. Você sempre foi maior que a vida. Uma força. Mas seu coração é grande e eu o machuquei, não foi?

Eu gostaria de poder dizer que nunca mais esconderei nada de você, mas sei que isso não é verdade. Estou escondendo de você o que há de mais importante. Se eu te contasse, isso resolveria tudo? Se você soubesse como eu te amo, você entenderia? Ou isso apenas criaria outra rachadura?

Eu tinha dezessete anos quando beijei você em Smith Falls. Não entendi então o que estava sentindo, mas sabia, de uma forma que não sabia antes, que queria seguir você. Eu queria ir com você. Teria valido a pena só por estar perto. Eu e você, poderíamos enfrentar qualquer coisa.

As coisas não funcionaram assim. Você sabe disso. O mundo nem sempre é gentil e as circunstâncias mudam. Minha mãe... eu não poderia deixá-la. Não é assim. Não como ele fez. Mas isso significou, de certa forma, que eu te deixei. Então talvez eu tenha começado isso.

Se for esse o caso, sinto muito. Sinto muito por muitas coisas. Por favor me perdoe. Por favor. Por favor.

Estou com saudades de você, meu precioso vaga-lume.

Fecho o e-mail quando termino e reabro o de Lucky. Desta vez, minha mensagem foi feita para ser lida.

Ei, Lucky. Espero que você tenha chegado em segurança à Grécia. Mal posso esperar para ouvir o que você vai fazer.
Eu sei que já disse isso antes, mas sinto muito pelo vidro. Nunca foi minha intenção te machucar, e se eu pudesse voltar atrás, faria as coisas de forma diferente. Eu não esconderia isso de você. Quanto a Gabby, bem, isso tinha acabado de acontecer. Eu teria te contado, mas então você estava aqui, e agora... Agora, estamos aqui. Mas suponho que, no final, as intenções só vão até certo ponto.
Sinto muito, ok? Tenho sido um amigo de merda. Farei melhor, prometo. Por favor acredite em mim.
Ellis

Respirando fundo, clico em enviar. Só espero que ajude, pelo menos um pouco.

— Não se esqueça dos bifes, querido, — diz minha mãe.

Pego o prato e vou para fora. Enquanto coloco nossos bifes na grelha, as primeiras gotas de chuva atingem meu braço. Eles são grandes, gordos e respingam em mim como tinta em uma tela. Entro correndo antes que eles comecem a cair de verdade.

A tempestade está chegando. Parece adequado.

Antes de guardar meu laptop, clico para abrir o e-mail do meu pai e digito uma resposta rápida. Ele quer saber se podemos conversar?

Não.

Aperto enviar e tiro isso da cabeça.

Capítulo 18

Lucky

— Não acredito que estou dizendo isso, mas é uma má ideia, Lucky-boy.

Eu zombei, puxando a camisa de Danil para cima e me curvando para lamber seu mamilo.

Ele sibila, arqueando-se em minha direção, enquanto suas mãos fazem como se fossem me afastar. — Qualquer um poderia nos ver.

— E isso é um problema, por quê? — Eu contra-ataco, raspando meu polegar no mamilo enquanto levo meus lábios até seu pescoço.

Sua cabeça bate contra a parede. — Porque estamos em um país estrangeiro, *longe* de casa e de representação legal, e não quero que sejamos presos por exposição indecente nos fundos de um *restaurante familiar*.

Eu bufo contra seu pescoço, me afastando quando alguém passa por nós em direção ao banheiro. — Desde quando você é a voz da razão? — Eu pergunto, puxando sua camisa para baixo.

Ele penteia o cabelo com as duas mãos, o peito subindo e descendo e a calça jeans esticada. — Oh, eu não sei, — ele zomba. —Desde cerca de dois meses atrás, quando você decidiu que superar um coração partido significava mergulhar de cabeça em todo e qualquer perigo potencial?

Irritado, me viro e vou embora, mas Danil me alcança rapidamente. Sua mão envolve meu pulso, soltando-o.

— Lucky, se você quiser que eu faça um boquete em você no hotel, estou disposto a isso. Você sabe disso. Mas isso não é sua coisa. Estou preocupado.

Eu me afasto de seu aperto irritado. — Eu não quero sua pena.

— Não é *pena*, — diz ele, saindo comigo para a rua. — É cuidar. Se você quiser me usar como distração, tudo bem. Eu não tenho nenhum problema com isso. Mas você está... desligado desde que saímos de Nebraska. É como se você estivesse cortejando o perigo. Correndo riscos que você nunca costumava correr.

Eu levanto minha mão para um táxi, balançando a cabeça. —Nós dois assumimos riscos pelo nosso trabalho.

— Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe disso, — ele retruca. — Isso não é você nadando com tubarões. Isso é você sendo imprudente. Isso é você se afogando e não dando a mínima.

— Vamos, Dani. Você está fazendo um negócio maior...

— Oh, não, não, — diz ele, para não ser dissuadido. — Você está *bêbado* esta noite, Lucky. Bêbado desleixado. É a terceira vez este mês. Você não bebeu assim antes.

Eu bufo, mas ele não está errado.

— E no mês passado? — Ele continua. — Você saiu da trilha minutos depois que nosso guia nos disse para não fazer isso por causa da alta probabilidade de crocodilos na área. Não conseguimos te encontrar por cinco minutos, Lucky. Você sabe o quanto eu estava apavorado?

Minha frustração se dissipa em um instante e eu praguejo. —Sinto muito, — murmuro, esfregando a testa.

— Eu sei, — Danil diz gentilmente. — Apenas fale comigo. Pare de me excluir.

Novamente com essa frase.

Eu mexo meu queixo enquanto um táxi para no meio-fio. Danil e eu entramos no banco de trás e ele dá ao motorista o endereço do hotel. Minha cabeça gira um pouco enquanto entramos no trânsito, então fecho os olhos, tentando pegar a onda.

— Ele acha que estou bravo com ele, — digo finalmente, minha mente repassando o e-mail de Ellis. — *Sinto muito, ok? Tenho sido um amigo de merda. Farei melhor, prometo. Por favor acredite em mim.*

Esfrego as mãos no rosto enquanto a culpa aumenta, brilhante e quente.

— O que você quer dizer? — Danil pergunta.

— Eu estive…

— Sofrendo? — Ele preenche quando eu paro.

Concordo com a cabeça, em sinal de aceitação. — Sim. E não é culpa dele que eu esteja tão... — aceno com a mão sobre o peito. Acima do meu coração. — Mas tem sido difícil, mais difícil do que o normal, conversar com ele. E ele acha que estou bravo por causa disso. O que, por sua vez, me faz sentir uma merda.

— Talvez melhor explicar para ele? — Danil sugere, como se fosse assim tão fácil.

— Como? — Eu pergunto, encontrando seu olhar escuro. —Estou perguntando honestamente, Dani, porque não sei como. Não posso dizer a ele

que estou... com o coração partido. Não posso dizer a ele que o desejei secretamente, durante todos esses anos, que ele e eu pudéssemos... Que pudéssemos ser...

— Talvez você precise de algum espaço, — diz Danil.

— Não, — respondo imediatamente, balançando a cabeça. Quando minha visão turva, paro e respiro através dela. — Eu não posso fazer isso.

— Você ainda quer ser amigo dele? — Ele pergunta, a voz suave.

— Sim. Sempre.

— Tudo bem, — Danil diz pensativo. — Então você precisa superar isso.

Dou uma risada. — Bem desse jeito?

Daniel dá de ombros. — O que você está fazendo – essa coisa de superar seus sentimentos – claramente não está funcionando. Então, sim, faça o que for preciso para aceitar o estado das coisas e seguir em frente.

— Você já quis tanto alguém, — digo lentamente, — Que parece que seus átomos estão vibrando quando você está longe deles? Como se você fosse metade de um todo e seu corpo soubesse disso. E até que você esteja nos braços dele novamente, cada pedaço seu estará se esforçando para alcançá-lo porquê... porque ele é seu lar. Ele faz parte de você. Seu começo e seu interminável. Como? Como faço para seguir em frente?

— Lucky, — diz Danil suavemente, com o rosto atolado em tristeza.

— Mas eu preciso, não é? Eu tenho que descobrir isso. Eu vou.

Ele aperta minha perna enquanto o motorista para na entrada do nosso hotel. Danil paga e entramos. Uma vez na privacidade do nosso quarto compartilhado, Danil começa a desabotoar a camisa. Pego uma garrafa de água antes de me virar.

— Vou sair, — aviso Danil.

Ele me dá um aceno de cabeça e se espalha em cima da cama. Eu sei que ele cumpriria a oferta de antes se eu pedisse, mas não estou mais com vontade. E, francamente, Danil merece coisa melhor do que fazer o papel de minha distração.

Na varanda, bebo metade da minha água de uma só vez antes de me encostar na grade que dá para uma bela colina inclinada. Já está escuro, mas alguma luz do hotel ilumina o terreno onde oliveiras bem cuidadas se erguem como pequenos soldados. Respiro o ar fresco da noite enquanto reúno força de vontade para pegar meu celular.

Assim que faço a ligação, Ellis atende rapidamente.

— Ei, — eu digo, minha voz soando alta no ar parado da noite. — Como vai?

Ellis fica quieto por um momento e eu me encolho. *Como vai? Realmente?*

— Bem, — ele finalmente diz. — Você?

Quase bato minha testa no pilar de azulejos próximo. — Estou bem, El. É bom ouvir você.

Ele cantarola e eu forço uma respiração lenta pelo meu corpo. Este é Ellis. Ainda é meu Ellis. Sempre.

— Dani e eu estamos em Creta, — digo, imaginando que a maneira mais rápida de superar esse constrangimento é mergulhar de cabeça. — A ilha é linda e as pessoas aqui têm sido muito receptivas. Visitamos o Palácio de Cnossos ontem.

Ele faz um som curioso.

— Foi fascinante, — admito, encostando-me na grade. —Assombroso também. Grande parte disso agora é apenas entulho, mas é como se... você pudesse ver o que costumava ser, sabe? A grandeza disso. Diz a lenda que o Minotauro foi mantido em Cnossos, num labirinto subterrâneo.

Ele cantarola e eu sorrio.

— Sim, você pode imaginar? Caminharemos pela Garganta de Samaria depois de amanhã. São cerca de dezesseis quilômetros a pé, mas depois eles levam você de volta à cidade, para que você não precise subir de volta. Provavelmente uma coisa boa. Ouvi dizer que a paisagem é linda. Aposto que estarei tirando fotos o tempo todo.

Ellis faz outro som suave, e é tão reconfortante e familiar que meus olhos se fecham.

— Sinto muito, — eu sussurro. Ele não responde imediatamente, então continuo. — El, me *desculpe*. Eu sei que as coisas estão... estranhas, mas não é culpa sua, ok? Eu só... acho que estou passando por algumas coisas.

— O que posso fazer? — Ele pergunta lentamente.

Deus. *Deus.*

— Nada, — digo a ele, com a voz rouca. — Apenas... continue sendo você. Isso ajuda.

— Eu posso fazer isso, — diz ele, e eu solto uma pequena risada.

— Como, hum… Como vão as coisas com Gabby?

Não consegui perguntar até agora. Eu não queria saber, mas não posso continuar enfiando a cabeça na areia. Se eu quiser consertar isso, tenho que me esforçar para ser o amigo que Ellis merece.

Ele faz um som curioso, que não tenho certeza de como decifrar.

— Bem? — Eu pergunto. — Não é bom?

— Estamos...

O silêncio se estende. — O que? — *Loucamente apaixonados e planejando o casamento? Fodendo como coelhos? Fazendo tatuagens correspondentes?*

Cortei essa linha de pensamento na cabeça.

— Não juntos, — ele termina.

— O quê? — Eu pergunto, um pouco afetado. — Não deu certo?

Eu não deveria estar feliz com isso. Eu *sei* que não deveria. Mas não consigo evitar o alívio absoluto que me invade ao ouvir essas palavras. A culpa segue rapidamente em seus calcanhares.

— Nunca juntos, — diz Ellis.

Eu pisco além da varanda, o que ele quer dizer não é absorvido. — Espere o quê? Você só teve um encontro?

— Sem encontro, — ele responde.

Minha boca se abre.

— Não fui, — acrescenta. — Pensei que você... soubesse disso.

De repente, mal consigo respirar. Ele não... o quê? Ele nunca foi ao festival com Gabby? Mas eu pensei…

— Você disse... Você disse que estava a fim dela, — eu indico.

Há uma pausa. — Não.

— Então quem... — eu interrompo, o peito subindo e descendo com a minha respiração pesada, um milhão de pequenos pedaços caindo no lugar. Praticamente posso ouvir o clique deles dentro da minha mente, cada um se encaixando para formar um todo. — Ellis, — eu digo asperamente, agarrando o corrimão na minha frente. — O que você quis dizer quando disse *uma pessoa*? Que havia uma pessoa. Quem?

O silêncio saúda meus ouvidos, além das batidas do meu próprio coração, e então há um *estrondo* do outro lado da linha.

— El? — Eu pergunto, alarmado.

— Tempestade, — ele responde. Segue-se um sinal sonoro, como um alerta meteorológico na TV.

— Isso é um aviso de tornado? — Eu pergunto, o coração batendo forte em algum lugar próximo aos meus pés.

— Alerta, — ele corrige, o que é melhor do que um aviso. Significa que um tornado não foi avistado, mas as condições são adequadas.

— El, — eu resmungo novamente, querendo dizer a ele para ter cuidado. Querendo exigir que ele responda minha pergunta. Quero... não *sei*.

Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, outro estrondo quebra o silêncio e ouço a Sra. Cole ao fundo.

— Tenho que ir, — diz Ellis, e então ele vai embora.

Fico ali por um longo minuto, meu pulso acelerado como o de um coelho. E então, como um tiro, me saio correndo. Danil olha surpreso quando eu quase entro na sala.

— O que está acontecendo? — Ele pergunta, sentando-se rapidamente enquanto corro para minha bolsa, jogando as roupas dentro. — O que você está...

— Eu sou um idiota, — digo a ele, pegando meu par extra de sapatos ao lado da cama. Eles vão para minha bolsa, o conteúdo é uma bagunça aleatória. Pego meus produtos de higiene pessoal no banheiro, verifico se tenho meu passaporte e fecho a bolsa.

— Lucky — diz Danil, agora ao meu lado, com alarme na voz. — O que está acontecendo? Onde você está indo?

Dou uma olhada em meu amigo, o coração batendo forte como um tambor. — Casa.

Parte III: Lua Crescente

Capítulo 19

Ellis

A tempestade dura dia e noite, sacudindo as janelas, trovões sacudindo o chão. Nenhum tornado pousa, mas o alarme permanece em vigor até as primeiras horas da manhã. É por volta das dez horas que recebo uma ligação de Gabby, em pânico com o cachorro desaparecido. Aparentemente, Toodles saiu no meio da noite e Gabby não conseguiu encontrá-la.

Eu me junto à busca enquanto o céu deixa cair uma chuva torrencial. O dia está cinzento e nublado – terrível, na verdade – mas estou grato pela distração. Isso me impede de ficar obcecado com meu telefonema com Lucky. Ele não ligou de volta, mas sei que é só uma questão de tempo.

O que eu digo quando ele fizer isso? O que eu digo a ele? Que *ele é* o único que eu sempre quis? O único em quem pensei na vida, nos braços, na cama? Como eu poderia?

Ele já foi pego de surpresa; isso estava claro. Eu o aborreci, mais uma vez, porque deixei de fora informações sobre Gabby. Parece um passo gigante para trás, mas pensei que ele *soubesse*. Afinal, ele estava na cidade quando faltei ao encontro.

Tão estúpido. Um erro tão descuidado.

Não sei o que vou dizer quando falar com ele novamente. Quando ele pressionar - porque ele o fará - talvez eu não tenha escolha a não ser contar-lhe a verdade.

Tenho um saquinho de petiscos no bolso enquanto vasculho os campos em busca de um Lhasa Apso perdido. Gabby me mostrou fotos suficientes para que eu saiba como ela é: pequena e de cor creme, com pelos mais escuros em volta do rosto e das orelhas. Mas não importa o quanto eu assobie, nenhum cachorro aparece na escuridão cinza-ardósia.

Já passa da hora do almoço, quase duas horas, quando recebo uma

ligação. A chuva caiu continuamente durante todo o dia e, embora meu boné a mantenha longe dos meus olhos, isso não impede que manchas se formem na tela enquanto olho para o nome de Lucky. Atendo no quarto toque, com a pulsação acelerada.

— Ellis, — Lucky diz imediatamente, seu tom quase áspero. —Onde você está?

Não é a pergunta que eu esperava. — Cachorro, — eu digo. — Procurando um cachorro.

— *Onde*?

Eu me atrapalho por um momento. — Campo perto de… Miner's e Fourth. — Mal terminei de listar os nomes das ruas quando a linha caiu.

Por um momento, me pergunto se… Mas não. Certamente não.

Coloco meu celular de volta no bolso e retomo a busca. Estou quase terminando esta área quando ouço uma buzina alta que quase me deixa louco. Isso persiste por uns bons sete segundos antes que eu consiga engrenar e mover meus pés em direção ao barulho. A buzina não para. Há uma batida, seguida de outra, alguém claramente tentando chamar a minha atenção, ou a de outra pessoa. Digo a mim mesmo que não é ele — não há como ser ele —, mas acho que sei, mesmo antes de sair do campo.

É ele. Lucky. Parado ao lado de um carro bege com o braço passando pela porta do motorista. Ele para de buzinar quando entro na clareira e então se levanta. Ele está molhado, assim como eu, a chuva caindo entre nós como um manto de névoa.

Não consigo dar mais nenhum passo enquanto Lucky fecha a porta do carro e vem em minha direção. Eu me sinto enraizado. Preso. Completamente imobilizado.

— O que você quis dizer? — Ele fala quando está perto o suficiente. Meu coração bate forte. — *Quem*? Quem você quis dizer?

Não consigo fazer minha voz funcionar. Nem quero.

— Ellis, — ele grita, parando bem na minha frente. Acho que nunca o vi

parecer tão determinado. Não Isso não é verdade. Ele estava com uma cara semelhante naquele dia em que levou tinta para a escola. Mas o que não entendo é *por quê?* Por que ele está aqui? Ele está *tão* bravo comigo?

— Como... — eu começo, acenando para ele.

— Não está feliz em me ver? — ele rebate, com as mãos nos quadris.

Eu o encaro.

— Responda à pergunta, — diz ele.

Eu sei o que ele quer dizer.

— Por quê? — Eu digo, protelando. — Por que você está... — eu suspiro — de volta tão cedo?

Lucky dá um passo à frente, colocando-nos frente a frente. Por um breve momento, algo semelhante ao medo brilha em seus olhos. Mas então passa e Lucky está respondendo à pergunta. — Para fazer o que eu deveria ter feito da última vez que estive aqui.

Não tenho tempo de desembrulhar essas palavras antes que Lucky fique na ponta dos pés, me puxando pela nuca e pressionando seus lábios nos meus.

Eu congelo. Por uma fração de segundo, congelo, completamente pego de surpreso e incapaz de entender o que está acontecendo. Mas quando a boca de Lucky pressiona a minha, exigindo algo – *qualquer coisa* – eu estalo.

Eu o beijo de volta, minhas mãos enroscadas em seus cabelos, meus pulmões infiltrados com o cheiro inebriante de frutas cítricas enquanto tudo em mim chama a atenção como o rápido estalo de um raio. Quase espero ouvir o estrondo de um trovão, mas ouço apenas o som desesperado de Lucky e a sensação de seus lábios nos meus. Como suavidade. Como rendição. Como todos os sussurros de casa que já ouvi.

Por um momento, flutuo nele. Meu coração bate, minha cabeça canta e minhas mãos apertam com força, sem querer soltar. Mas quando a mão de Lucky desce pela minha barriga, seu toque seguro, os dedos serpenteando sob minha camisa e pousando como uma marca na minha pele, eu me afasto. Ele parece surpreso, os olhos se abrindo e piscando entre os meus. Mas nenhum de nós tem

chance de dizer uma palavra antes que uma sirene de tornado perfure o ar.

Lucky solta uma série de palavrões, com os olhos arregalados. — Temos de ir.

Concordo com a cabeça, agarrando o braço de Lucky e apontando para o leste. Passei por uma antiga casa de fazenda a apenas 90 metros daqui, com uma escotilha subterrânea que provavelmente levava a um armazenamento refrigerado. Não tenho ideia de quão perto o tornado está, mas não vou esperar para descobrir, e dirigir quinze minutos de volta para casa não é uma opção segura.

Lucky não me questiona. Ele me dá um aceno rápido e me segue enquanto corro ao longo da beira do campo em direção à casa da fazenda.

— Sua mãe? — Ele grita por cima da chuva que agora bate em nossos rostos.

— Ok, — eu digo. Mesmo que os Buchanan não estejam lá, minha mãe conseguirá entrar no abrigo sozinha. A porta está equipada para fechar com um botão na parte inferior.

Não demora muito para chegar à antiga casa da fazenda. Parece que ninguém está em casa — não há carros na entrada, nenhuma pessoa saindo da casa — então não hesito em ir direto para a escotilha e dar um puxão nela. Felizmente, ele abre com facilidade, mostrando degraus que levam para baixo da casa. Peço a Lucky que entre primeiro, antes de olhar para o horizonte. Não consigo ver nenhum tornado, mas a chuva está caindo com força agora, e as nuvens acima são escuras e agourentas.

Fecho a porta antes de descer os degraus de pedra, minha respiração ofegante. Lucky parece igualmente sem fôlego, a camisa grudada na pele, o cabelo bagunçado em volta da cabeça. Há um conjunto de rádio-lanterna em uma prateleira ao lado de uma coleção inteira de vários produtos enlatados, e depois de confirmar que o serviço de celular é inexistente aqui, vou até lá. O rádio ganha vida quando Lucky se aproxima de mim.

— OK? — Ele pergunta baixinho.

Concordo com a cabeça, dando-lhe um olhar questionador.

— Tudo bem, — ele responde.

Nós dois ficamos em silêncio por um momento enquanto encontro notícias sobre a tempestade. Teremos que esperar o alerta de tornado passar antes de sairmos do abrigo. Eles alertaram sobre o sistema de tempestades nos noticiários, é claro, mas nunca é fácil saber quando os tornados chegarão. Eles são imprevisíveis. Voos selvagens da natureza. Não há como pará-los, apenas correr.

— Não posso dizer que senti saudade dessa parte, — diz Lucky, encostando-se na parede de paralelepípedos e cruzando os braços. O chão aqui está sujo e teias de aranha estão penduradas nos cantos da sala, mas pelo menos há uma luz funcionando.

— Treze anos, — aponto.

Lucky revira os olhos, mas está lutando contra um sorriso. —Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é?

Eu balanço minha cabeça.

— Bem, não se preocupe, — diz Lucky, — não tenho planos de começar a perseguir tornados.

É bom saber, mas isso não impede que os tornados *nos persigam*.

Lucky solta um pouco de ar, sua expressão ficando séria. Ele me olha atentamente e meu pulso acelera novamente. — Vamos conversar sobre isso.

Não adianta perguntar *sobre o quê?*

Lucky se afasta da parede, dando um passo à frente. — Eu te beijei.

Concordo com a cabeça, respirando pelo nariz enquanto ele lentamente diminui a distância entre nós, me perseguindo, ao que parece. Eu com certeza me sinto como uma presa.

— Ellis, — diz ele, a menos de trinta centímetros de distância agora. — Você me beijou de volta.

Não há como negar. Inclino minha cabeça novamente.

Seus olhos se fecham por um momento, e então eles se abrem, um sorriso

que floresce lentamente em seu rosto enquanto ele se aproxima de mim.

— Lucky, — eu resmungo, ficando tenso enquanto ele tira meu boné. Seus dedos passam pelo meu cabelo e eu quase gemo. — Não.

Ele fica imóvel com a única palavra, seu olhar piscando para o meu. — O quê? — Ele pergunta, como se não tivesse certeza se me ouviu direito.

— Não, — repito, fechando os olhos. *Por favor* . — Não posso…

Seu toque desaparece e parece a pior coisa. — Por quê? — Ele pergunta, claramente confuso.

Mantenho os olhos fechados porque tenho medo de ver o rosto dele. Com medo de ver se o estou decepcionando.

— Você disse que havia apenas uma pessoa que você queria, — ele repete.

Concordo com a cabeça, meus olhos marejados.

— Eu? — Ele pergunta, como se de repente estivesse inseguro. Como se de repente ele estivesse duvidando, quando eu tenho certeza que ele descobriu. Não sei *como*, mas ele conseguiu. Seus lábios colidindo com os meus deixaram isso bem claro.

Mas não sei o que isso significa para *ele*. E se isso for alguma coisa irreverente e passageira ou, caramba, um *favor* para tirar o sexo da minha lista de desejos, eu não quero isso. Eu não *aguentaria*. Não posso começar algo com Lucky apenas para perdê-lo. Não é assim. Isso me destruiria.

Aceno lentamente em resposta, com o coração na garganta. *Sim você.*

Ele faz um som pequeno e ferido. — Então por que… Por que não podemos…

Forço meus olhos a abrirem enquanto a porta balança acima de nós. O rádio continua seu fluxo de informações — *Tornado avistado na Summit Street, indo para oeste em direção a Baker* —, mas minha atenção está em Lucky.

— Não posso se... eu... V-você... — Tenho que fazer uma pausa, minhas palavras ficando todas confusas. Mas não importa o quanto eu tente, não consigo fazê-los dar certo. — Sem significado. *Não posso*.

O rosto de Lucky cai por um breve momento antes de ele estremecer. — El, — ele diz, quase aliviado. Ele se aproxima novamente, a mão pairando perto de mim, mas sem me tocar. — Você realmente acha que qualquer coisa entre nós dois pode não ter sentido?

Eu engulo pesado.

— Você acha, — ele continua, batendo o pé no meu enquanto sua mão pousa em meu abdômen, — Que eu voaria meio mundo e dirigiria até a cidade durante uma vigília de tornado só para beijar você se isso não significasse *nada*?

Meu pulso está acelerado tão rapidamente que posso senti-lo em meu pescoço.

— Bem? — Ele pergunta, aproximando-se. Seus olhos caem em meus lábios e mal consigo controlar minha respiração. — Você?

Balanço minha cabeça lentamente. Quando ele coloca dessa forma, não, não acho que ele faria isso. Mas passei anos, desde o momento em que nos beijamos pela primeira vez, na verdade, presumindo que meu desejo era infrutífero, e estou tendo dificuldade em aceitar que isso é real. Aquele Lucky está na minha frente, de alguma forma me dizendo que ele também me quer.

Desde quando?

— Não, — Lucky diz, apertando a mão contra meu queixo. — Não, eu não faria isso. Você não é *nada*, El. Você é a pessoa que mais conheço neste mundo. Isso, – ele pressiona seus lábios suavemente no canto dos meus – Não é sem sentido.

Eu não me movo. Não posso, exceto pelo tremor do meu corpo.

— Você me quer, — ele sussurra, torcendo a mão em minha camisa enquanto a outra segura meu rosto.

— Sim, — eu resmungo.

— *Apenas. Eu.*

Um aceno de cabeça.

Sua expiração é quase torturada. — Então me beije, Ellis.

Eu estou assustado. Tão assustado.

Este é Lucky. *Lucky.* Eu mantive meus sentimentos por ele cuidadosamente controlados por muito tempo, com medo das possíveis consequências. Está arraigado em mim afastar esses pensamentos. Negar esses impulsos. Como posso aceitar o fato de que não estou sozinho neles? E se isso nos arruinar? Existem inúmeras maneiras pelas quais isso pode dar errado. E se eu o perder? E se...

— Ellis, — Lucky praticamente rosna. A luz pisca acima de nós, o rádio estalando. — Eu não vi isso antes, mas vejo agora. E eu estou aqui. Estou aqui, ok? Então me beije. Beije-me, *por favor*, ou juro por Deus...

Enquanto um tornado assola em algum lugar acima, a correia em volta do meu coração se rompe e eu cedo àquilo que quero acima de tudo.

Eu avanço e beijo meu melhor amigo.

Capítulo 20

Lucky

Se pressionado a encontrar uma única palavra para descrever o ataque que me atinge no momento em que os lábios de Ellis colidem com os meus, eu escolheria um *deslizamento de terra*.

Você já viu uma montanha ceder? Viu a face rochosa inclinada pela força da demanda da natureza, árvores, terra e toneladas de terreno outrora estável avançando em direção ao solo, incapaz de lutar contra a maré da gravidade?

Isso descreveria este momento. Avassalador. De arrasar. Destrutivo da melhor maneira possível.

Imparável.

Os dentes de Ellis prendem meu lábio inferior enquanto ele me beija com

avidez. Minhas costas batem na parede e ele me segue, seu peso me prendendo no lugar. Quase rio, quase grito de alegria, mas nenhum som escapa, exceto um gemido.

Ellis.

Meu Ellis está me beijando. E esta não é a primeira vez experimental de um jovem de dezessete anos. É urgente, desgastante e cheio de intenção. O tipo de intenção que faz minha mente girar porque parte de mim não estava convencido de que acertei. Embora eu soubesse — eu *sabia* — ainda havia uma ponta de dúvida me dizendo que eu estava errado.

Mas então me lembrei da cachoeira. Os olhares que Ellis daria aos caras com quem eu estava. O carinho fácil e o rubor nervoso. Pela maneira como ele estava *quebrado* naquele dia, consegui o emprego na revista, embora ele se esforçasse tanto para esconder isso. Como ele ficou triste quando finalmente saí da cidade. Como ele sempre fica *feliz* em ter notícias minhas, assim como eu fico com ele. O peixe-papagaio. O veleiro de vidro. *Porra*, os piqueniques na traseira de sua caminhonete. Noites sob as estrelas. Nosso moinho de vento.

Lembrei-me de nossa história em uma série de instantâneos, mas a vi sob uma lente diferente. E eu *sabia*.

E agora, aqui com os lábios de Ellis pressionados contra os meus, não há dúvida : ele me quer. Ele tem *sentimentos* por mim que vão além dos limites de nossa amizade.

Eu me sinto um idiota por ter demorado tanto para ver isso. Mas não vou perder mais tempo longe daquela pessoa que sempre se sentiu meu porto. A pessoa para quem volto, uma e outra vez. Aquele para quem volto para casa.

Porque ele é. Ellis é o meu lar.

Suas mãos se enredam em meu cabelo enquanto ele me beija. Uma vez, duas vezes, mais tempo. Ele não para. Sua boca é persistente, quente e *familiar*, embora seja totalmente nova. Ele me beija como se estivesse tentando me memorizar pelo toque, seus lábios mapeando os meus. Ele beija como se quisesse *consumir*. Ele beija com toda a energia que vi naquele dia em que deu

um soco bem no nariz de Brandon.

Ele está desenfreado, finalmente, *abençoadamente*, e eu igualo cada grama do que ele está me dando porque não tenho outra escolha. Estou perdido. Completamente desvendado. E eu não acho que eu poderia ser reconstruído da mesma maneira novamente. Não depois disso.

Ellis se afasta para respirar. É apenas um centímetro, apenas um segundo, mas não posso deixá-lo ir. Não *posso*. Então eu persigo, puxando sua nuca, tentando trazê-lo para mais perto. Ele me encontra ansiosamente, e eu me esforço, me levantando, envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura para que não haja chance de ele escapar. Seu aperto se ajusta em um instante, as mãos caindo em minhas coxas enquanto seu corpo me bate de volta na parede. A extensão de seus dedos e a largura dele – a força inabalável – faz meu pau bater contra o interior da minha calça jeans. Eu não poderia me importar menos com a superfície implacável nas minhas costas ou com a sujeira e fuligem ou com o fato de que ainda estou encharcado. Tudo que me importa, tudo que sei, é *Ellis*.

Seus lábios me desmontam sistematicamente e, como qualquer outra pessoa, posso ficar envergonhado com os sons que saem da minha boca. Os gemidos e – *porra* – e suplicas. Mas cada um alimenta Ellis, apertando os dedos contra minhas coxas e estimulando os movimentos famintos de sua boca, então não ouso parar. Eu o deixo ouvir todas as maneiras pelas quais ele me afeta. Eu não escondo nada.

Acho que não conseguiria, mesmo que tentasse.

Ellis está quieto, exceto pela respiração ofegante, mas seu corpo me diz tudo que preciso saber. De qualquer forma, ele sempre preferiu a comunicação física, e não vou pedir que mude, não quando suas mãos estão me segurando como se eu fosse uma carga preciosa. Não quando seus lábios estão me dizendo que sou o ar que ele precisa respirar.

Como eu poderia ter perdido isso? *Como?*

Quando Ellis começa a se movimentar contra mim, se deslocando e *se esfregando*, meu suspiro é mais do que um pouco de surpresa.

— El, — eu respiro.

Ele grunhe, os lábios trilhando meu queixo. Meu peito sobe e desce enquanto ele beija meu pescoço. Mais baixo. A pele sensível na curva do meu ombro.

Oh Deus.

— Ellis, — eu gemo, batendo a cabeça contra as pedras. Eu me viro, desnudando-me para ele, dando-lhe mais espaço.

Ele faz uso disso, beijando de cima a baixo a coluna do meu pescoço, provando a língua, sua barba raspando minha pele. Minha respiração está mais do que um pouco irregular e meu corpo parece eletrificado, como se a tempestade estivesse bem aqui dentro deste porão, e não fora destas paredes. Mal consigo registrar as notícias do rádio — *Sistema de tempestade indo para o leste em direção à Fourth* — ou o barulho da porta acima por causa dos ventos fortes e circulares. Há apenas a boca de Ellis abrindo caminho pela minha pele.

Seu. Sou seu.

Quando Ellis traz seus lábios de volta aos meus, deixando meu corpo cair alguns centímetros para que seu pau fique pressionado ao lado do meu, meu corpo inteiro fica vermelho em uma cascata de calor e antecipação borbulhante. Nem tenho certeza se ele está consciente do que está fazendo ou se é guiado apenas pelo instinto, mas seus quadris rolam contra mim repetidas vezes, a pressão é intensa, e tudo o que posso fazer é me segurar, desesperado por qualquer coisa... *tudo*... que ele vai me dar.

Eu deveria saber que beijar Ellis iria reorganizar meu mundo.

— Lucky, — ele resmunga, finalmente se afastando de mim. Ele deixa cair a cabeça ao lado da minha, lábios na minha bochecha enquanto sua respiração falha. Seus dedos cavam contra mim de forma quase dolorosa, e ele engasga, os quadris balançando.

Puta merda. Ele está... Ele está prestes a gozar?

— Sim, El, — eu encorajo, pressionando meus calcanhares contra sua bunda para acompanhar seus movimentos. A sensação de seu pau esfregando

contra mim através de nossas roupas é o suficiente para me deixar louco. — Isso mesmo. Bem desse jeito. Não há problema em deixar ir, querido. Goze por mim.

Sua boca encontra a minha com força contundente, os músculos de suas costas se contraem sob minhas palmas. Meu desejo de que ele goze é esmagador. É uma *necessidade*, visceral e enraizada até os meus ossos. Quero que ele se desfaça em meus braços. Quero dar a ele o que ele precisa, quero ser *o* que ele precisa, o que ele quer, o que ele deseja com cada fibra do seu ser, porque ele é isso para mim. Ele não é apenas uma paixão. Ele nunca foi.

Ele é o homem que ninguém mais alcançou.

Quando Ellis se empurra contra mim, um ruído gutural saindo de seus lábios, quase o acompanho. Ele se esfrega contra mim, pressionando seu pau, e minha alma canta, uma leveza por dentro que me deixa quase tonto.

Não, isso não é sem sentido. Nunca poderia ser.

Levo minhas mãos ao rosto de Ellis, beijando seu rosto enquanto ele estremece e desce do seu estado de euforia. É a primeira vez que ele goza com outra pessoa, e sei que isso pode estar afetando-o bastante. Mas Ellis me surpreende. Ele não parece abalado ou remotamente constrangido. Ele se inclina para trás o suficiente para que seus olhos encontrem os meus e me observa atentamente.

— Lucky, — diz ele, a única palavra cheia de tanto significado.

— Sim, — respondo, minha pequena risada soando como um suspiro. — Sim, El.

Ele encosta o rosto no meu pescoço, me segurando com força. Por um momento, ele estremece. Um tremor secundário. Mas então ele está calmo. Minha montanha de homem, me inspirando, seus lábios pressionando levemente minha pele.

Fecho os olhos, os sons fortes da chuva e do vento, acima de nós contrastam com a paz absoluta que sinto por dentro. Eu poderia ficar aqui para sempre, encostado no peito de Ellis, ele contra o meu. Apenas nós dois. Ele e eu.

Mas Ellis parece ter outros planos. Em um movimento fácil, ele dá um

passo para trás, me segurando em seus braços, e se vira.

— O que você está…

Minha pergunta desaparece quando Ellis me abaixa no chão, seu corpo sobre o meu. Meu coração bate forte enquanto a palma da mão dele serpenteia sob minha camisa, a pele aquecida segurando meu quadril. Ele chama minha atenção.

— Lucky.

É uma pergunta, e eu aceno com a cabeça, a respiração presa enquanto Ellis roça seus lábios nos meus. Meus olhos se fecham enquanto ele me beija lentamente, uma pressão entorpecente de sua boca contra a minha, cada movimento muito mais cuidadoso e preciso do que antes. Sua língua desliza em meus lábios, numa provocação, e eu percebo o que está acontecendo. Ellis está me *seduzindo*. Saboreando-me.

Quase rio da mudança abrupta em nossas posições, mas minha diversão morre quando Ellis coloca o rosto no meu pescoço e morde minha pele. Meu pau salta, não tendo amolecido nem um pouco desde o momento em que Ellis me empurrou pela primeira vez contra a parede.

— El, — eu gemo, me movendo contra ele, inquieto.

Juro que posso sentir seu sorriso.

Ele leva seu tempo, os dedos brincando com meu quadril enquanto seus lábios arrastam um caminho lento pelo meu pescoço, até minha clavícula, a cavidade da minha garganta. Eles cobrem minha camisa, ao longo do meu peito. Minha pulsação está pesada em meus ouvidos quando a boca de Ellis faz uma pausa, roçando de leve e dolorosamente meu mamilo. O calor de sua respiração através do tecido é quase uma tortura, e nem me sinto mal quando agarro o cabelo de Ellis e puxo. Ele ri com voz rouca.

— Ellis, — eu aviso.

Ele me lambe e depois belisca. Amaldiçoo, meus quadris balançando enquanto um raio atinge minha espinha. Estou tão concentrado na lenta descida de Ellis pelo meu corpo que levo um momento para registrar o que estou

ouvindo.

— El, — eu digo, congelando.

Ele cantarola, seus dedos subindo pela minha camisa. Seus lábios pousam na minha barriga, perto do umbigo, e meu peito aperta com força.

O trovão recupera minha atenção.

— Ellis, você ouviu isso?

Ele faz uma pausa, seu rosto posicionado diretamente sobre minha virilha, os olhos encontrando os meus. Ele fica imóvel por um momento, registrando a mesma coisa que eu, e então seus olhos se arregalam. A porta balança perigosamente nas dobradiças, um estrondo alto me faz estremecer, e então Ellis entra em ação. Antes que eu possa compreender o que ele está fazendo, Ellis está sobre meu corpo, rolando nós dois em direção à parede. Minha respiração sai de mim quando eu caio sobre ele, apenas para acabar de costas, meu ombro pressionado contra a parede. Ellis afunda sobre mim, o braço em volta da minha cabeça enquanto o chão começa a tremer.

Acho que Ellis está dizendo algo em meu ouvido, mas não consigo ouvir. Parece que um avião está pousando na casa. É o que parece também. Todos os músculos do meu corpo estão tensos, meus dentes estão cerrados e chocalhando, enquanto um gemido estridente vem de cima e a poeira cai sobre nós como açúcar sacudido em uma peneira. Há um estrondo terrível, um rasgo como pregos em um quadro-negro e, em seguida, a vibração de um baque surdo quando os restos quebrados de uma viga caem a menos de um metro e meio de distância.

Ellis grita alguma coisa enquanto a luz do teto se apaga, ele me segura com mais força, mas não preciso ouvi-lo para entender exatamente o que está acontecendo.

O tornado está diretamente acima.

Capítulo 21

Ellis

Dura apenas alguns segundos, mas são os segundos mais terríveis da minha vida. Através da luz fraca do rádio-lanterna, observo a poeira flutuar enquanto a casa para de chacoalhar, minha cabeça encostada ao lado da cabeça de Lucky. Aquela viga de madeira pousou exatamente onde estávamos deitados.

As mãos de Lucky estão em volta dos meus braços, seu corpo tremendo abaixo de mim em pequenas explosões. Espero muito tempo enquanto o tornado avança, com seu rugido profundo como o de um trem partindo. Meus ouvidos zumbiam depois, estalando quando engulo, mas, eventualmente, o barulho diminui o suficiente para eu ouvir a respiração de Lucky. Há um estrondo de trovão, mas é distante.

— Puta merda, — Lucky finalmente murmura.

Eu tiro meu braço de sua cabeça lentamente, me inclinando para trás para não o esmagar mais. — OK? — Eu pergunto, surpreso por ter palavras agora.

Lucky olha para mim com uma expressão que não tenho certeza se já vi em seu rosto. Medo genuíno. Ele pisca várias vezes, abrindo a boca, mas

nenhum som sai.

— Se foi, — asseguro a ele, afastando o cabelo sujo do rosto.

Ele balança a cabeça lentamente, engolindo em seco, antes de entrar em ação. Suas mãos percorrem minhas costas rapidamente e seus olhos percorrem meu rosto. — *Você está* bem? — Ele pergunta, movendo as palmas das mãos para minhas bochechas e depois para meus ombros.

Eu concordo.

— Você se machucou? — Ele persiste, a voz frenética. — Será que... alguma coisa caiu em você?

Suas mãos estão nas minhas costas novamente, vagando. Ele não encontrará nada além de poeira e sujeira.

— Tudo bem, — eu digo suavemente, os nós dos dedos roçando sua bochecha. Sinto um breve pulso de *admiração* por ser capaz de tocá-lo dessa maneira, mas deixo isso de lado. Não é a hora. Sentando-me, estendo a mão e puxo Lucky comigo.

— Porra, — ele diz, encostando as costas na parede. Ele esfrega as palmas das mãos no rosto, as mãos tremendo.

— Preciso verificar, — digo, apontando de nossa posição, e Lucky acena com a cabeça. Ele olha para o teto, assim como eu. Mas, considerando que não há nada que eu possa fazer em relação à integridade estrutural da casa, faço o possível para ignorar esse perigo potencial enquanto me aproximo do rádio tombado. O volume baixou quando caiu da prateleira, então aumento novamente, grato pela luz que me permite ver os controles.

— *O segundo tornado pousou perto de Webster. Todos os residentes foram aconselhados a procurar cobertura imediatamente.*

— Jesus, — Lucky diz, esfregando as mãos no cabelo.

Volto em sua direção com o rádio, colocando-o na nossa frente enquanto me sento ao lado de Lucky, com o ombro pressionado contra o dele. Ele agarra meu braço e eu dou um beijo na lateral de sua cabeça, inspirando-o enquanto minha frequência cardíaca volta ao normal. Não gosto de ficar sentado aqui,

sabendo do perigo que espreita lá em cima, mas seria ainda menos seguro para nós estarmos ao ar livre agora. Eu apenas rezo para que nosso teto aguente o tempo que precisarmos.

— Poderia ter... estado em Creta, — digo, na esperança de aliviar o clima.

Eu deveria ter esperado o empurrão de Lucky. — Pare com isso, — ele diz, a voz dura. — Não há nenhum lugar onde eu preferiria estar agora, Ellis. Pensando em você aqui sozinho…

Ele não termina seu pensamento, mas parece assombrado. Ainda mais nas sombras escuras que brincavam pela sala.

— Gostaria que você estivesse seguro, — digo a ele.

— Eu estou, — ele diz. —Estou sempre seguro com você.

Meu pulso acelera com isso e não sei o que dizer.

— Pais, — percebo em voz alta, puxando meu celular do bolso enquanto Lucky faz o mesmo. Os tornados não estão nem perto deles, mas ainda assim.

— Você tem algum sinal? — Ele pergunta.

Eu balanço minha cabeça.

— Eu também não, mas se enviarmos uma mensagem, ela deverá ser enviada se conseguirmos uma barra.

Concordo com a cabeça e nós dois digitamos mensagens. Imagino que minha mãe esteja muito preocupada, sem saber se estou seguro.

Lucky deixa o celular ao lado dele quando termina. Seu pé bate no chão e seus dedos passam pelos cabelos emaranhados. Agarro sua mão, segurando-a entre as minhas, e ele me oferece um sorriso pálido.

— Que maldito dia, — diz ele.

Levo a palma da mão até meus lábios, beijando-a suavemente, e sua expressão se suaviza.

— O lado bom de tudo, hein? — Ele diz, olhando para minha boca antes que ela se levante lentamente até a minha. — Ellis.

Minha voz está rouca. — Lucky.

— Quanto tempo? — Ele pergunta baixinho.

Engulo em seco, olhando para a mão dele enfiada entre as minhas. No final, dou de ombros porque não tenho certeza de quando foi o ponto de virada ou se sempre estive no caminho lento para me apaixonar por Lucky. Não que ele esteja perguntando sobre amor, exatamente. Mas sempre foi amor quando se tratava dele. Isso eu tenho certeza.

Seus lábios se contraem um pouco e ele se recosta na parede, deixando o joelho bater na minha perna. — Nós vamos namorar, — ele diz simplesmente. Sem rodeios. — Não vamos pular essa parte.

Eu aceno com a cabeça, a pulsação acelerando.

— E vamos fazer muito *isso*, — acrescenta ele, apontando para minha virilha, onde a evidência pegajosa do meu orgasmo está escondida. Posso sentir minhas bochechas esquentarem, mas o sorriso de Lucky aquece meu peito também. — Chega de hesitações, ok, El? Não para nenhum de nós.

Eu aceno com um movimento brusco.

— Fomos tão idiotas, — diz ele, com a cabeça apoiada na parede de pedra. Seus olhos percorrem meu rosto, mas há uma suavidade nos dele. Uma espécie de felicidade gentil, apesar de suas palavras. Sua voz, quando ele fala novamente, é um sussurro. — Eu queria você há muito tempo.

Minha respiração acelera. Ainda estou tendo dificuldade em acreditar nisso. Que esse homem brilhante na minha frente me quer como... o quê? Um namorado? Um parceiro? Quanto mais? É quase demais e acho que vou levar algum tempo para recuperar o atraso. Para realmente entender isso.

Mas uma coisa eu tenho certeza. — Você me tem.

Ele inspira profundamente e lentamente, apertando minha mão. Mas então ele para. — Ouviu isso?

“diminuindo à medida que a frente da tempestade se move para o leste. O nível de ameaça voltou a ser monitorado, mas recomenda-se que os residentes permaneçam em casa até que o sistema seja aprovado. Os primeiros socorristas foram enviados. Se precisar de atenção médica imediata, ligue para 911.”

A transmissão continua, mas é tudo que preciso ouvir. Os tornados

desapareceram, o que significa que Lucky e eu deveríamos sair daqui antes que a casa desabasse.

Viro minha cabeça em direção à porta e Lucky balança a cabeça, pegando seu celular antes de ficar ao meu lado. Pego o rádio e, com cuidado, atravessamos o porão, fazendo um amplo arco ao redor da área onde a viga quebrou. Há uma grande rachadura no teto que não quero pisar.

O ar parece abafado enquanto subimos as escadas, mas parece que a chuva parou. Pronto para sair daqui, dou um empurrão na escotilha.

Não se mexe.

— O que está acontecendo? — Lucky pergunta um passo atrás de mim.

Largo o rádio e tento novamente, usando as duas mãos para empurrar a porta. Ele não se move nem um pouco, e quando bato na madeira com o punho, o som é abafado. Fecho os olhos brevemente, recusando-me a entrar em pânico. Respirando fundo, volto-me para Lucky, cujos olhos estão arregalados.

— Bloqueado, — digo a ele.

Ele inspira profundamente, imediatamente pegando o celular. Seu rosto empalidece quando ele olha para a tela. — Merda. Ellis, estamos numa zona morta. Não há sinal, nem mesmo para chamadas de emergência. — Enquanto diz isso, ele liga para o 911, mas a ligação não é completada.

A mão de Lucky volta para seu cabelo, os dedos arrastando os fios. Ele começa a ofegar em respirações curtas, e eu o alcanço, segurando a lateral de seu pescoço. — Tudo bem, — garanto a ele, apontando para o rádio. — Socorristas.

— Certo, — Lucky diz, balançando a cabeça e apertando o celular com força. — Sim você está certo. A polícia e as ambulâncias estão fora. Eles vão nos encontrar.

Ele não parece tão certo, porém, e xinga novamente antes de afundar nos degraus de pedra. Eu o sigo, sentando ao lado dele e o apertando contra meu corpo, fazendo o que posso para acalmar sua preocupação. Apesar das circunstâncias, ele se sente perfeito em meus braços.

— Isso é tão fodido, — ele diz, balançando a cabeça antes de colocá-la

contra meu ombro.

Viro-me para pressionar meus lábios em seu cabelo, sem discordar.

— Estamos presos em algum porão, não, nem mesmo em um porão, — Lucky diz, a voz abafada contra meu pescoço. — Uma adega. Estamos presos em uma maldita adega porque um tornado destruiu a casa acima de nós. Porque foi isso que aconteceu, certo? Quero dizer, nós dois ouvimos. A casa... — Ele estremece. — *Merda*, estamos... estamos *enterrados* aqui? É por isso que a porta está bloqueada? Como eles vão nos encontrar, El? Ninguém sabe que estamos aqui. Poderíamos ficar presos aqui por dias, ou...

Eu calo as divagações de Lucky, virando seu rosto. Ele agarra meus pulsos e eu levo meus lábios aos dele. Ele fica quieto e, depois de um momento, a tensão deixa seu corpo. Não é tanto um beijo, mas uma garantia, mas serpenteia dentro de mim como uma coisa selvagem e viva de qualquer maneira, montando acampamento. Uma veia de raio, deixando para trás uma cicatriz permanente e bem-vinda.

Quando me afasto, Lucky parece mais calmo. Seus olhos ficam escuros na penumbra, mas não são menos familiares para mim. Já vi aqueles olhos em todas as cores, todos os tons. Já os vi felizes, tristes, muito felizes e, como agora, preocupados.

Passo meu polegar sobre sua bochecha. — Ok, — eu digo novamente. Nós sairemos; Eu sei isso. Minha mãe e Gabby sabem que estou em algum lugar por aqui.

Lucky acena com a cabeça e, soltando-o, pego meu celular. Ele entende minha intenção quando eu a suavizo.

— Sim, devemos continuar tentando, — diz Lucky, fazendo outra tentativa infrutífera de ligar para o 911. — Ainda nada. Você?

Eu balanço minha cabeça.

— Você acha que o tornado destruiu a torre de celular? — Ele pergunta.

Dou de ombros. É perfeitamente possível, mas para começar esta área tem um serviço precário e estamos no subsolo. Pode ser o suficiente para

bloquear o sinal. De qualquer forma, compilo mais algumas mensagens com nossa localização e o fato de que não estamos feridos, mas presos. Nenhuma das minhas mensagens foi enviada e uma rápida olhada no celular de Lucky mostra o mesmo.

Suspirando Lucky diz, — Eu não planejava mijar em potes hoje.

Não posso deixar de bufar e Lucky me dá um pequeno sorriso. Ele agarra minha mão, brincando com meus dedos, e a sensação de sua pele macia traçando os dedos é tão perturbadora que quase perco sua pergunta.

— Você acha que é seguro aqui ou devemos voltar?

Eu considero isso, não tenho certeza. Se a casa for derrubada acima da escotilha, a fundação poderá muito bem ficar mais comprometida nas escadas. Mas é impossível saber com certeza daqui de baixo. Pelo que sabemos, toda a parte superior da casa pode estar danificada. Pode não ser seguro em nenhum lugar.

Levantando-me, aperto a mão de Lucky antes de descer os degraus. Caminhando pelo perímetro com a luz do rádio, observo o teto mais de perto. A rachadura que leva à viga quebrada corre ao longo de uma das extremidades da sala. Há uma parte do teto que parece curvada e eu fico longe. Mas o outro lado parece bastante intacto e possivelmente resistente. Não há muito espaço que possamos usar como proteção. Uma grande prateleira com produtos enlatados. Uma velha máquina de lavar.

Tendo uma ideia, aceno para Lucky.

— Vou deixar meu celular aqui, diz ele, colocando-o no último degrau. — Apenas no caso de conseguir serviço. Podemos manter o seu conosco.

Boa ideia.

Lucky se junta a mim no chão de terra, sua mão percorrendo minhas costas. — Tem um plano, grandalhão?

Concordo com a cabeça e nós dois começamos a trabalhar criando um abrigo temporário sob a casa devastada pelo tornado. Depois disso, tudo o que podemos fazer é esperar.

Capítulo 22

Lucky

— Pêssegos ou feijões? — Ellis pergunta, segurando dois potes de vidro. Estamos agachados sob a prateleira de armazenamento que usamos como barreira. Depois de retirar todos os potes, nos arrastamo para o canto da sala considerado mais estável. Usando a máquina de lavar como suporte em uma das extremidades, prendemos a prateleira contra a parede e a colocamos em um ângulo de quarenta e cinco graus, dando-nos um pequeno espaço para nos escondermos embaixo dela. Se o teto *cair*, esperamos que a prateleira nos proteja de grandes detritos.

Estou tentando não me concentrar muito na parte *esperançosa* do plano.

— Pêssegos, — respondo, aceitando o pote aberto. Pelo menos os proprietários tinham alguns produtos enlatados aqui. Eu me sentiria mal por comer a comida deles, só que acho que eles terão peixes maiores para fritar do que alguns potes de produtos perdidos.

Ellis coloca alguns feijões na boca antes de encostar a cabeça na máquina de lavar. O pobre rapaz está curvado tão baixo, com as costas dobradas como um C e os joelhos bem abertos para que ele caiba embaixo da prateleira. É mais fácil para mim, mas admito que meus olhos se desviaram mais de uma vez para aquele espaço aberto entre as pernas de Ellis.

O rádio continua ligado, mas neste momento está circulando informações que já conhecemos. Sem uma forma de entrar em contato com o mundo exterior,

não temos outra opção a não ser esperar que alguém venha nos procurar. Já se passaram três horas e nada.

Como alguns pêssegos antes de deixar o pote de lado. Não tenho muito apetite.

— El?

Ele grunhe.

— Como você está se sentindo com tudo isso? — Eu pergunto gentilmente.

Ele vira a cabeça para olhar para mim, a testa franzindo um pouco.

— Nós, — esclareço. Temos estado preocupados com razão com os efeitos posteriores do tornado, mas é uma questão que não saiu da minha mente.

Ele não responde por um longo tempo, mas sua mão levanta para brincar com uma mecha do meu cabelo. É um gesto tão simples, mas não tenho certeza se ele teria se permitido fazer isso casualmente antes.

— Assustado, — ele finalmente diz.

Minha respiração fica presa. — Por quê?

— Não posso perder você, Luck, — ele responde, sussurrando.

— Você não vai, — eu digo.

— Quando… — ele começa, parando por um momento. — Você vai?

Meu coração afunda, mas não tenho tempo de responder antes que haja um grito lá de cima. Eu estremeço, assim como Ellis.

— Aqui embaixo! — Eu grito.

É difícil entender o que eles estão dizendo, mas acho que ouvi algo sobre ficar longe da porta. Agarro a mão de Ellis, meu coração batendo forte. Nós vamos ficar bem.

Ellis e eu ficamos imóveis e quietos enquanto ouvimos quem está acima do solo tentando abrir caminho. É impossível dizer quantas pessoas existem ou mesmo o que estão fazendo. Mas ouve-se um monte de sons abafados — raspagens, batidas, o que pode ser uma serra — e de vez em quando, mais poeira cai no porão. Agarro a mão de Ellis com um pouco mais de força cada vez que

isso acontece.

Eventualmente, depois de cerca de meia hora, os ruídos tornam-se mais distintos. E então há uma voz.

— Olá?

— Ei, — respondo, meu alívio quase me derrubando. —Estamos aqui embaixo.

— Com quem estou falando? — A pessoa pergunta.

Ellis me dá uma cutucada e aponta para a porta da escotilha. — Riley.

— Esse é Riley Evans? — Pergunto-lhe.

Ele concorda.

— Riley, é Lucky Buchanan, — eu grito. — Estou com Ellis Cole.

Ele fica quieto por um instante. — Lucky, eu não... Estávamos procurando por Ellis, mas não sabia que você estava aqui. Aguente firme, ok? Estamos quase atravessando os escombros. Teremos a porta aberta em breve.

— Obrigado, — consigo dizer, com a garganta apertada.

Os sons lá de cima continuam e Ellis aperta minha mão.

— Meus pais vão me matar, — murmuro.

Ellis bufa o que parece ser uma discordância, mas eles nem sabiam que eu estava aqui. Ninguém sabia, exceto Danil. E, bem, Ellis. Não consigo imaginar que minha mãe e meu pai ficarão emocionados ao descobrir que acabei no caminho de um tornado. Pelo menos eles não estavam preocupados comigo esse tempo todo. Um ponto positivo, suponho.

Permito-me um momento para pensar que sairemos daqui em breve. Ellis está com os olhos fechados ao meu lado e me pergunto se ele está fazendo o mesmo.

— Você é muito bom nisso, você sabe, — digo a ele.

Ele abre os olhos, há uma pergunta ali.

— Manter a calma em uma crise, — eu explico.

Não que eu esteja surpreso. Ellis sempre teve esse tipo de presença constante. Essa confiabilidade inabalável. Posso contar nos dedos de uma mão

quantas vezes ele perdeu a calma.

— Obrigado por me manter calmo também, — acrescento.

Ele encosta a cabeça na máquina de lavar, os olhos percorrendo meu rosto. Seu olhar parece focado, mas distante ao mesmo tempo, e não pela primeira vez, tenho a sensação de que ele está ciente de algo que eu não estou.

— O que você vê? — Eu pergunto baixinho. Nem tenho certeza se ele vai me responder, mas ele tem sido surpreendentemente aberto desde que nos beijamos.

— Ouro, — diz ele, estendendo a mão e enrolando uma mecha do meu cabelo no dedo. Seu toque é gentil, sua voz suave. — Areias e... sol. Luz. Camelos.

A última frase é dita com um sorriso malicioso, e eu dou uma risada um tanto incrédulo. — Isso é tudo?

— Aqui, — ele diz, tocando o canto do meu olho, seu foco absoluto. — Oceano. Céu e mar. Cachoeira Smith. Great[10]… Buraco Azul.

Eu bufo, e seus lábios se curvam em um sorriso, mas seu olhar nunca vacila. Seu polegar desce, roçando meu lábio superior. Minha respiração fica presa.

— Velas, — diz ele, traçando os dois arcos do meu lábio. —Pássaros em voo. Palácios e… moinhos de vento.

Minha pulsação acelera enquanto os olhos de Ellis voltam para os meus.

— Toda a vida em você, — ele diz simplesmente. — Isso é o que eu vejo.

— El...

Eu estremeço quando um baque vem de cima. Um segundo depois, ouve-se um grande rangido e a luz inunda o porão.

— Lucky? — Riley chama. — Ellis?

— Merda, — eu digo, uma onda avassaladora de alívio, felicidade e medo persistente correndo através de mim. Meus olhos ardem quando saio de debaixo da prateleira. Ellis me segue, e assim que ele desdobra seu grande corpo

e eu o ajudo a se levantar, dou um passo à frente e olho para cima ao longo dos degraus. Riley Evans está parado no topo, sua silhueta recortada pela luz.

— Vocês estão bem? — Ele pergunta. — Vocês estão machucados?

— Não, — eu digo, segurando a mão de Ellis com força enquanto corro para as escadas. — Estamos bem.

— Graças a Deus por isso, — diz Riley, recuando quando chegamos à superfície. Preciso cobrir os olhos por um momento enquanto o sol me ataca, muito mais brilhante do que quando descemos ao porão. Quando me viro, paro de repente.

Metade da casa da fazenda está faltando. Bem, talvez faltar não seja a palavra certa. Posso ver grandes pilhas empilhadas no que antes era o primeiro nível da casa, mas agora parece mais um local pós-demolição. E o resto está espalhado a centenas de metros de distância, pedaços de madeira e gesso e até móveis quebrados espalhados pelo chão em meio a milho achatado e detritos menores e não identificáveis.

Mas a casa – a parte que resta – permanece como um esqueleto rasgado e irregular, com o interior aberto ao ar. O tornado varreu o resto como se não fosse nada. Inconsequente. E Ellis e eu estávamos a menos de seis metros abaixo.

— Deus, — eu falo.

A palma da mão de Ellis pousa nas minhas costas, fazendo círculos suaves sobre minha camisa. À distância, noto alguns homens se movimentando, mais do que apenas Riley, e um vem até nós, perguntando como estamos. Ele nos entrega garrafas de água, e eu tomo alguns goles, mas não consigo desviar o olhar da destruição espalhada à nossa frente. Apesar do horror quase macabro da situação, o sol está brilhando, espalhando luz no chão úmido de orvalho, fazendo toda a cena brilhar. Parece tão díspar – morte e luz – e não posso deixar de desejar ter minha câmera, pelo menos para lembrar esse dia como ele foi. Pelo que eu poderia ter perdido.

Um toque em meu braço me faz olhar. Ellis está segurando meu celular, com o aplicativo de câmera aberto, como se lesse minha mente.

— Obrigado, — digo baixinho antes de me agachar e tirar algumas fotos.

— Tem certeza de que vocês estão bem? — Eu ouço Riley perguntar. Ellis não responde, mas presumo que ele assentiu porque Riley diz: — Tudo bem. Mas se algum de vocês ficarem com sudorese repentina, tiver dificuldade para respirar, palpitações cardíacas ou vômitos, pode estar em choque. Não hesite em ligar para os serviços de emergências.

— Nós iremos, — diz Ellis.

Olho a tempo de ver Riley dando um tapinha no ombro de Ellis. — Estou feliz que vocês dois estejam bem, Ellis. Talvez tire alguns dias de folga, certo? Tenho certeza de que Marcus entenderia.

Ellis grunhe em concordância e Riley acena na minha direção antes de ir embora. Não fico tão surpreso quando meu celular começa a tocar agora que estamos acima do solo, mas fico surpreso com quem está ligando.

— Dani, — eu digo, me levantando.

— Você demorou bastante, — diz ele. — Antes que você pergunte, já conversei com a Chelsea. Ela não ficou feliz, mas concordou em estender nossa viagem por meia semana, e pude adiar nossa visita ao desfiladeiro de Samaria até sexta-feira. Então, se você puder voltar antes disso, ainda poderemos completar nossa tarefa.

— Sim, — eu falo. — Eu posso fazer isso.

— Agora, por que diabos você não atendeu minhas ligações? — Danil pergunta, parecendo chateado. — Se a resposta for qualquer coisa menos devastar o amor da sua vida, não aceitarei.

Eu solto uma pequena risada. — Eu estava em um tornado.

O silêncio cumprimenta meus ouvidos.

— Bem, embaixo disso, — eu mudo.

— Lucky, — diz Danil, em tom duro. — *O quê?*

Eu penteio meu cabelo para trás, andando um pouco para longe da casa. O campo próximo está em ruínas, com caules tortos e quebrados. Alguns arrancados do chão.

— Houve um tornado, — digo, olhando para Ellis. Meu coração dispara. Se alguma coisa tivesse acontecido com ele... — Ellis e eu fomos para o abrigo, mas estávamos bem no caminho. Estamos bem. Seguro.

— Puta merda. Eu... — Danil rosna. — Droga, agora me sinto um idiota.

Eu não posso deixar de rir. — E esta é uma ocorrência incomum?

— Oh, vá se foder, Lucky-boy, — ele retruca. — Estou feliz que você esteja seguro, mas ainda quero chutar sua bunda. Você não pode me assustar assim.

— Você percebe que fazemos coisas perigosas o tempo todo?

— É diferente, — diz ele. — Esses são riscos calculados. Ser pego por um tornado…

Ele não precisa terminar a frase porque eu sei. Foi assustador.

— Sim, bem, tudo bem, — asseguro a ele, soltando um suspiro. Tenho certeza que vou passar algum tempo processando isso, mas não estou ferido, assim como Ellis, e isso é tudo que importa.

— E Ellis? — Danil pergunta, com a mente indo para o mesmo lugar que a minha. — Ele está aí com você?

— Ele está.

— Isso significa que vocês dois conversaram? — Ele pergunta.

— Nós fizemos.

Uma pausa. — Você vai me fazer implorar por isso?

Eu me abstenho de fazer piada. — Estamos... bem, — eu digo, o olhar ainda fixo em Ellis. Ele está acenando para um dos homens que nos encontrou enquanto a tripulação juntava duas coisas, provavelmente para ajudar outras pessoas na cidade. — Nos beijamos. — *E tal.*

Danil cantarola. É um som feliz. — E agora?

Um sorriso lento se espalha pelo meu rosto quando me lembro da pressão dos lábios de Ellis contra os meus. — E agora… começamos algo novo.

Capítulo 23

Ellis

— Vocês, meninos, precisam de uma carona? — Pergunta um de nossos socorristas, um homem mais velho que não conheço.

Balanço a cabeça, apontando para a van familiar que vejo se aproximando pela estrada de terra. Vindo pela grama em frente à casa da fazenda destruída, parando abruptamente.

— Tudo bem, então, — ele diz, dando um tapinha no meu ombro. — Vocês dois se cuidem. Você teve sorte hoje.

Como se eu não soubesse disso. Dou-lhe um aceno de cabeça quando o pai de Lucky surge pela porta do motorista da van. Lucky está colocando o celular no bolso quando percebe que seu pai vem correndo em sua direção. Seu rosto se contorce, só um pouco, e então ele é puxado para um abraço apertado. Buchanan abraça seu filho com toda a força, os lábios se movendo incessantemente, e as costas de Lucky se agitam.

Com a garganta apertada, sigo em direção à van. A Sra. Buchanan está ajudando minha mãe lá atrás, e eu me movo rapidamente, oferecendo minha mão.

— Ellis, — diz minha mãe, com a voz trêmula. Assim que seus pés estão

no chão, ela passa os braços em volta de mim. Tenho que suportar o peso dela com a forma como suas pernas balançam, mas não me importo.

A mãe de Lucky me dá um sorriso suave e lacrimejante antes de contornar o veículo em direção ao filho.

— Eu estava tão preocupada com você, querido, — diz minha mãe, recuando um pouco. Sua mão pousa na minha bochecha, tremendo, e seus olhos me examinam. Provavelmente pareço uma bagunça. Seus olhos mudam para os destroços da casa e ela engole em seco. — Bom Deus.

— Tudo bem, — asseguro a ela, acenando para a van. — Casa?

Minha mãe acena com a cabeça e olho para a frente do veículo, vendo Lucky se aproximando com seus pais. Com uma última olhada nas ruínas da casa de fazenda que salvou nossas vidas, guio minha mãe até a traseira da van e a sigo. Lucky se espreme ao meu lado, seus pais sentam na frente e, sem dizer uma palavra, o Sr. Buchanan sai para a estrada.

Paramos primeiro onde o carro alugado de Lucky está, e ele pega sua bolsa no porta mala. Felizmente, o carro não foi danificado além de alguns pequenos arranhões, mas Lucky concorda em voltar para buscá-lo amanhã. A ausência de ruído pesa dentro do veículo enquanto voltamos para casa, mas ninguém quebra o silêncio. Lucky agarra minha mão, apertando suavemente e me dando um sorriso. Se minha mãe percebe, ela não diz uma palavra.

Por acordo tácito, todos nós entramos na casa dos Buchanan quando voltamos. Ajudo minha mãe, acomodando-a no sofá enquanto a Sra. Buchanan prepara o chá. O pai de Lucky dá outro abraço em Lucky antes de soltá-lo a contragosto e, para minha surpresa, ele pergunta se pode me abraçar também. Concordo, e seus braços em volta de mim são mais reconfortantes do que eu esperava. Assim que nos acomodamos com as bebidas fumegantes à nossa frente, Lucky conta a história ao meu lado. Mais de uma vez, um par de olhos viaja para nossas mãos unidas, mas nenhum dos nossos pais pergunta, e Lucky não menciona isso. A Sra. Buchanan está chorando no final.

— Nós nem sabíamos que você estava aqui,— ela diz em meio às

lágrimas. — Já estávamos tão preocupados com Ellis, mas recebemos suas mensagens horas depois que a tempestade passou e...

Ela cobre os olhos e Lucky sai do sofá para consolá-la.

— Sinto muito, — diz ele gentilmente, com o braço em volta dos ombros dela.

Ela balança a cabeça. — Não, não é culpa sua. Eu só… não estou preparada para perder você. Qualquer um de vocês, — acrescenta ela, olhando em minha direção.

O Sr. Buchanan esfrega o braço dela. — Estamos tão felizes que vocês dois estão bem.

— Nós estamos. Prometo, — diz Lucky. Seus olhos encontram os meus antes de voltar para seus pais. — Ellis e eu deveríamos nos limpar, no entanto.

— Claro, — diz sua mãe. — O chuveiro é todo seu.

— Obrigado, mas prefiro usar do vizinho, — diz Lucky, levantando-se e pegando sua bolsa. — Preciso de um minuto a sós com Ellis.

Ninguém diz nada sobre isso, mesmo quando alguns olhares são trocados, e eu saio do sofá, seguindo Lucky até a porta. Ela se fecha atrás de mim.

A grama está úmida enquanto caminhamos até minha casa. Se você não soubesse que alguns tornados atingiram as proximidades, seria fácil presumir que era apenas mais um dia chuvoso de outono. Nunca deixo de me surpreender como as tempestades podem deixar tanta destruição e ainda assim nunca olhar para trás.

Quando entro em casa, Lucky vai direto para o banheiro. Eu sigo, parando na porta enquanto Lucky começa a tirar suas roupas sujas.

— Fique nu, Ellis, — diz ele, olhando para mim por cima do ombro.

Inspiro profundamente, mas faço o que ele diz, tirando a roupa, uma peça de cada vez. Não é fácil, considerando o estado sujo delas, mas Lucky não parece se importar. Ele me observa como se tivesse todo o tempo do mundo, seus olhos percorrendo cada centímetro meu lentamente. Os meus fazem o mesmo com ele enquanto a água esquenta ao nosso lado.

Já vi Lucky vestido de maneira casual em mais de uma ocasião, mas nunca o vi totalmente nu. Seu corpo é magro, barriga lisa com um leve contorno de músculos. Algumas sardas pontilham sua pele clara, mas não são em abundância, e os pelos loiros claro vai do umbigo até o pênis. Ele é lindo, cada centímetro dele. Eu poderia ficar olhando por horas, dias, uma vida inteira e nunca ficar entediado.

Nunca pensei que teria a chance.

Lucky entra no chuveiro. — El.

Sua voz me estimula a agir e eu o sigo, incapaz de fazer qualquer coisa além disso. A água está quente enquanto bate nos meus pés, e o vapor já começou a se formar no ar. Através dele está Lucky, de frente para mim. Ele inclina a cabeça para trás sob o chuveiro, o que rapidamente encharca e escurece seu cabelo. Seus olhos estão fechados, a boca entreaberta e a água faz curvas quando descem por seu peito, como riachos mapeando um novo destino. Passando minhas mãos por eles, seguindo os caminhos por sua pele, e Lucky abaixa a cabeça para olhar para mim.

Sonhei com Lucky ao longo dos anos, sempre que estava fraco demais para me conter. Eu me perguntei como ele ficaria exposto diante de mim. Me perguntei o quão suave seria sua pele se eu tivesse a chance de explorá-la. Até me perguntei a forma e a inclinação do seu pau, imaginando o que faria se ele estivesse à minha frente, como está agora.

Mas mais do que isso, perguntei-me que circunstâncias nos uniriam. Fiquei pensando em como poderia capturá-lo antes de eliminar o pensamento egoísta da minha cabeça. Lucky não era meu para cobiçar, mas meu para ter. E ainda assim aqui está ele. De alguma forma, meu, por escolha dele. Meu para guardar, valorizar e proteger. Meu para amar livremente.

Não sei como isso vai funcionar com a distância entre nós, e parte de mim está com medo de perdê-lo, de um jeito ou de outro. Mas nunca pensei que conseguiria isso e não posso devolver. Não posso desistir de boa vontade; Eu simplesmente não posso. Eu não vou.

As íris de Lucky são do azul mais claro enquanto ele me observa, como a neve ártica. Por um momento, lembro-me de uma raposa, com pelo creme e olhos penetrantes de gato. Ele sempre foi selvagem, meu vaga-lume, não importa onde esteja. E posso ver agora naqueles olhos claros, aquela centelha de algo aventureiro e livre.

Ele não protesta nem um pouco quando dou um passo à frente e levo meus lábios aos dele. Ele os separa com um suspiro, quente e cedendo ao meu enquanto o ar entre nós esquenta, pesado com algo mais que vapor. Seus olhos se fecham e minhas mãos deslizam sobre a pele macia e molhada enquanto puxo seu corpo para o meu. Meu pau endurece, mas é uma reflexão tardia, não meu foco. Estou muito preso no formato dos lábios de Lucky, na sensação deles, a parte superior e inferior diferentes. Estou muito hipnotizado pelos suspiros suaves que emanam da garganta de Lucky e pela maneira como sua cabeça se inclina para trás enquanto nos encaixamos, minhas mãos em seu cabelo agora e as dele na minha bunda.

Talvez eu devesse me sentir... oprimido. Ou até nervoso. Talvez eu devesse me preocupar com o que Lucky pensa de mim ou me perguntar se estou fazendo isso certo ou não. Mas nada disso importa. Sempre fomos ele e eu, desde o início, ao que parece. Lucky estava certo sobre isso. A entrada dele na minha vida foi um ponto de partida. Foi definidor, e tudo o que veio depois girou em torno dele. Como não poderia?

Ainda posso ter dúvidas. Preocupações, até mesmo, roçando os limites da minha mente. Mas quando se trata *disso*? Não há espaço para timidez. Não há como me esconder da pessoa que me possui, de corpo e alma. Eu sou dele, sempre fui.

E agora ele me *quer*.

A língua de Lucky cumprimenta a minha enquanto seus dedos apertam minha bunda. Ele me puxa para mais perto, esfregando meu quadril de uma forma que faz meus impulsos elétricos dispararem. Seu pau está duro, e estou perfeitamente ciente do fato de que nunca consegui fazê-lo gozar.

Girando nós dois, encosto Lucky na parede. Ele pisca e abre os olhos, observando enquanto eu me afasto o suficiente para observá-lo. Seu peito está vermelho, seja por causa do calor ou de sua excitação, não tenho certeza. Talvez ambos. Seu pênis é tingido de um vermelho rosado, quase combinando com o tom de seu peito. Eu traço de um para o outro, mapeando o fluxo sanguíneo. Coração para pau. Amor à luxúria.

Lucky inala quando envolvo minha mão em torno dele, masturbando-o. Ele está quente em meu aperto, o movimento é familiar, mas a sensação é inteiramente nova, e meu próprio pau lateja de prazer solidário. Não passou despercebido que finalmente estou tocando a única pessoa que já desempenhou um papel principal em minhas fantasias.

Meus sonhos não têm nada de realidade.

— Deus, El, — Lucky respira, finalmente quebrando o silêncio. Seus quadris se prendem ao meu aperto, e ele lambe os lábios, os olhos no meu rosto, mesmo que os meus tenham dificuldade em parar em qualquer lugar. — Você poderia — um gemido enquanto eu giro meu polegar sobre sua glande — Gozaria comigo? Eu preciso... Deus, eu preciso saber que você é real. Que isso é real.

Não preciso que ele explique porque entendo exatamente como ele está se sentindo. Deixo Lucky me puxar para frente, unindo nossos corpos em uma pressão quente, enquanto ele afasta minha mão. Ele passa a perna por cima do meu quadril e pega minha boca com à dele, e no momento em que nos unimos, Lucky envolve nossos pênis com a mão. Eu gaguejo um gemido em sua boca, meus quadris movendo por conta própria.

— Sim, Ellis, — Lucky diz, sua voz cheia de suspiros, lábios se movendo contra os meus. — Bem desse jeito. Não... *ah*, *Deus*. Não pare.

O ângulo não é o melhor, considerando a nossa diferença de altura, mas a perna de Lucky enrolada em meu quadril ajuda a preencher a lacuna, permitindo-me esfregar seu pau nos limites apertados de seu punho. Quando Lucky tem certeza de que não vou a lugar nenhum, ele passa a outra mão em

torno de nós, criando pressão em ambos os lados. Mal consigo me concentrar em nossos beijos meio formados enquanto faíscas dançam ao longo de cada centímetro da minha pele. Minhas mãos lutam para se firmar, as palmas deslizando na carne molhada enquanto Lucky me incentiva a continuar.

— *Porra.* Sim, isso é perfeito, Baby. Se gosta ?

Concordo com a cabeça, a respiração presa na garganta. Eu gosto do jeito que ele me chama *de Baby*. Já ouvi o carinho antes, mas nos lábios de Lucky está acalorado. *Possessivo*. É uma reivindicação, um presente que nunca pensei que receberia.

— Quero tanto você, — ele diz com voz rouca, as palavras como uma confissão. — Deus, El, eu *preciso* de você. Eu sempre preciso de você.

Eu resmungo, perseguindo os lábios de Lucky, desesperado por uma prova de que ele está falando sério, que está aqui, que está comigo. Sua boca se enrosca na minha em um instante, suas mãos estão firmes enquanto eu fodo seus punhos. Fodo contra seu pau. O prepúcio de seu pau roça a minha enquanto me movo, e todo o meu corpo fica sensibilizado, as terminações nervosas estalando e brilhando como eletricidade.

Quando minhas bolas se contraem e eu sei que não posso segurar nem mais um momento, entrelaço meus dedos no cabelo de Lucky e o seguro contra mim, deixando-o absorver meu gemido enquanto eu me empurro e gozo entre nossos corpos. Ele me esfrega, a atenção focada em meu pau enquanto meu orgasmo atinge o auge por um longo momento, flutuando pelo espaço até que finalmente, eu paro, minha boca ainda fundida com a de Lucky, meu corpo pressionando o dele contra o parede.

Eu recuo um pouco ao voltar a mim, e os olhos de Lucky estão brilhando.

— Ellis, — ele geme, levantando a mão rapidamente agora.

Eu assumo o controle, envolvendo-o em meu punho, bombeando enquanto ele aperta meus braços com força.

— Você é lindo, — ele sussurra entre suas respirações ofegantes.

Afasto seu cabelo dos olhos enquanto o masturbo, incapaz de fazer minha

voz cooperar o suficiente para dizer que *ele é* o lindo. Sempre foi. Mas então os olhos de Lucky estão revirando e ele está inchando na minha mão. Meu olhar desce a tempo de ver seu esperma passando por sua barriga e meu punho. Mal consigo desviar o olhar, mesmo catalogando cada suspiro e gemido gaguejado que sai de seus lábios. Eu trago meus olhos para os dele quando ouço meu nome.

— El.

O olhar de Lucky está velado, e ele gentilmente afasta minha mão antes de se afastar da parede. Em um instante, seus braços estão em volta de mim, a cabeça enfiada sob meu queixo, e não posso fazer nada além de abraçá-lo de volta.

Ele ainda não lavou o cabelo e ainda cheira a frutas cítricas. E a sensação dele aninhado contra mim é o melhor tipo de normalidade. Somos *nós, El. Eu e você. Para sempre.* Mas também é algo mais. Algo que ainda não se acomodou na terra. Uma semente tão cheia de possibilidades, mas frágil e nova, ainda não plantada na terra. Ela ainda pode voar para longe, aquela semente, levada pelo vento antes de ter chance de crescer.

Quero acreditar que não seremos nós. Que depois de tudo que passamos para chegar até aqui, nada vai tirar Lucky de mim. Mas como faço para mantê-lo? Como faço para segurar uma criatura que foi feita para voar?

— Ellis, — Lucky diz calmamente, afastando-se do meu peito. O vapor do chuveiro parou, o que provavelmente significa que estamos ficando sem água quente, mas Lucky não parece nem um pouco preocupado com isso. Seu foco está em mim. — Eu sei que hoje foi muito, mas vamos resolver isso, ok? Depois de visitarmos nossos pais, vou para a cama com você. Seja aqui ou na casa dos meus pais, não me importo. Mas não vou deixar você esta noite.

Ele levanta uma sobrancelha como se estivesse questionando, e eu aceno rapidamente.

Satisfeito, ele continua. — E amanhã, conversaremos. Não vou ficar fora por tanto tempo novamente. Eu não posso... — Ele engole um pouco bruscamente. — Não há como voltar atrás para nós, El. Não depois disso.

Não, não há.

— Tudo bem, — ele diz, quase como se estivesse falando sozinho. — OK. Venha, então.

Lucky me entrega a barra de sabonete e fazemos um trabalho rápido de limpeza na água gelada. Passamos a maior parte da noite com nossos pais, nós assegurando de que estamos seguros, saudáveis e inteiros. E quando a noite acaba, Lucky me segue até em casa e deita na minha cama como se já tivesse feito isso um milhão de vezes antes.

Ele chora por um breve momento enquanto o dia o alcança. Mas eu o seguro, grato pelo privilégio e, eventualmente, suas lágrimas secam. Passa algum tempo quando ele fala, sua voz tão baixa e sonolenta que quase não ouço.

— Isso é real, El. Eu e você, é real.

Eu o agarro com mais força, meu coração batendo tão forte que tenho certeza que ele pode ouvir. Lucky coloca a mão sobre meu peito como se estivesse em reconhecimento, e sua respiração sopra preguiçosamente em minha pele. Com a lua brilhando suavemente pela janela, Lucky adormece.

E aprendo o que é embalar um vaga-lume nas palmas das mãos.

Capítulo 24

Lucky

Quando acordo, Ellis não está na cama. Meu corpo está rígido depois dos acontecimentos de ontem, então reservo um minuto para rolar e me alongar. A luz que entra pela janela me diz que provavelmente já é fim da manhã, então não estou tão surpreso que Ellis tenha levantado. Nem estou ofendido. Na verdade, tenho a sensação de que sei exatamente onde ele está enquanto processa tudo o que aconteceu entre nós nas últimas vinte e quatro horas.

Um sorriso surge em meu rosto e com ele surge um sentimento familiar de frio na barriga. Sinto-me novamente com dezesseis anos, um pouco embriagado de amor enquanto pensamentos sobre Ellis preenchem minha mente. Só que agora meus devaneios estão enraizados na realidade e Ellis não é mais um menino, mas um homem. Um homem que estava com a mão em volta do meu pau ontem à noite. Um homem que olhava para mim como se eu fosse a chave para algo maior.

Não sei como não vi isso antes. A única explicação que tenho é que Ellis não queria que eu soubesse. Ele manteve seus sentimentos bem trancados, e não posso nem o culpar por isso. Fiz o mesmo, presumindo que eles nunca seriam devolvidos. Ellis não é como ninguém; Eu sempre soube disso. Ele é importante

para mim. Importante demais para perder.

E talvez seja por isso que eu nunca disse nada. Eu não suportaria a ideia de perder meu amigo.

O cheiro de café é a primeira coisa que chega ao meu nariz quando saio do quarto. Passo primeiro pelo banheiro, cuidando das necessidades matinais. Assim como ontem à noite, noto a barra de apoio em um dos lados do chuveiro. Não estava lá há alguns anos. Há também um assento de chuveiro portátil, colocado ao lado do vaso sanitário. Meu peito se aperta ao ver a evidência da progressão dos sintomas da Sra. Cole.

Encontro o café exatamente onde espero: na cozinha. Tem um gosto meio queimado, já que está esquentando há muito tempo no bulé, mas eu adiciono um pouco de creme e bebo mesmo assim. Estou ansioso para chegar a Ellis, mas primeiro verifico meu celular, sabendo que Danil terá enviado um itinerário atualizado para o restante de nossa visita a Creta. Meu suspiro é mais do que um pouco pesado quando vejo meu novo plano de voo. Parto amanhã antes do amanhecer.

Depois de terminar o café, limpo a caneca e coloco-a no escorredor antes de ir para a porta dos fundos.

— Bom dia, Lucky.

Quase pulo com a saudação da Sra. Cole. Ela está sentada na sala, com um cobertor creme no colo. Há um chá gelado na mesa ao lado dela e um tablet em suas mãos, aberto em palavras cruzadas. Não tenho certeza de como vi ela quando passei por aqui.

— Bom dia, — respondo, caminhando em sua direção.

Ela me dá um sorriso. — Ellis disse que vocês dois estão namorando agora.

Quase dou uma risada. Deixe que Ellis siga em frente sem se preocupar com o que as pessoas pensariam. Ele nunca fez isso.

O pensamento me faz sorrir.

— Sim, — eu digo a ela. — Acho que sim.

Ela cantarola, balançando a cabeça enquanto digita uma resposta para suas palavras cruzadas.

— Você não parece surpresa, — falo.

— Não, — ela diz simplesmente. — Quando você vai embora?

Meu estômago afunda. — Amanhã. Eu, uh… eu sei que não é o ideal. Meu trabalho, quero dizer. Viajo muito e moro em Nova York, mas vamos resolver isso. Eu...

— Lucky, querido — diz a Sra. Cole, me interrompendo gentilmente. Ela deixa o tablet de lado, com a mão tremendo levemente. Seus olhos, ao contrário dos de Ellis, são castanhos e me avaliam com gentileza. — Não estou preocupada com isso. Vocês dois estão rondando um ao outro há anos. Não consigo imaginar que vocês deixarão algo como a distância detê-los, agora que finalmente se encontraram.

Não sei o que dizer sobre isso. Éramos realmente tão óbvios, exceto um para o outro?

— Venha aqui, — ela diz, abrindo os braços. — Dê-me um abraço e depois vá passar o dia com meu filho como eu sei que você quer.

Aceito seu convite, curvando-me enquanto a Sra. Cole envolve seus braços em volta de mim em sua cadeira. Meu peito está apertado, uma mistura de aceitação, amor, alívio e preocupação. Quando nos separamos, ela belisca minha bochecha como fazia quando eu era criança. Eu não posso deixar de rir.

— Obrigado, Sra. Cole, — digo a ela, esperando que entenda.

Ela me dá um aceno de cabeça. — Você sempre será, Lucky. Não se esqueça disso.

Com um nó na garganta, deixo a Sra. Cole com suas palavras cruzadas e saio, fechando a porta deslizante atrás de mim. Instintivamente, verifico o horizonte, mas as tempestades passaram, deixando apenas o céu azul. Mesmo assim, um arrepio percorre minha espinha que não tem nada a ver com as baixas temperaturas do outono.

Subindo as escadas, sigo em direção ao silo. Ele fica como um farol

imponente ao redor da borda do campo, a estrutura velha e desgastada, mas ainda forte. Eu costumava pensar que parecia mal-assombrado, mas agora o silo é um lugar de calor e conforto. Não tenho dúvidas de que isso é obra de Ellis.

A porta está aberta quando chego lá, o interior está escuro. Leva apenas um momento para meus olhos se acostumarem e, quando isso acontece, procuro Ellis. Tropeço um pouco quando o vejo e então paro.

Ellis está na frente do forno de tijolos, de costas para mim. Ele está vestindo jeans e uma camisa de mangas compridas. Suas costas estão encharcadas de suor, uma visão que não tem o direito de ser tão sexy quanto é, e um avental resistente está amarrado em sua frente. Ele não está usando luvas, e me pergunto se é porque elas atrapalhariam um trabalho tão preciso, mas o calor do forno parece imenso. Um brilho laranja emana de dentro da pequena janela de tijolos, e agora que estou olhando, percebo que há um duto de ventilação indo até a parede, direcionando o excesso de calor e fumaça para fora do silo.

Não acredito que ele fez tudo isso.

Em vez de alertar Ellis de que estou aqui, observo. Há uma mesa de metal ao lado do forno, bem menor que a grande bancada de madeira no meio da sala. Ellis se vira para ele, rolando o que parece ser vidro quente e derretido sobre sua superfície. A substância maleável é laranja, como o fogo, e está presa na ponta de uma longa haste de metal. Ellis o levanta da mesa antes de soprar na haste, e o vidro infla. Ele o coloca em cima de outro instrumento que não conheço, que parece uma estrutura de metal em cima de uma bancada, e então o devolve ao fogo.

Observo pelo que parece uma hora, mas tenho certeza de que é bem menos que isso. Não consigo desviar o olhar da repetição constante do processo. Não tenho ideia do que Ellis está fazendo, mas ele parece saber os passos de cor. Ele também usa ferramentas: alicates, varetas menores e outras coisas cujo nome não sei. Em pouco tempo, ele bate o objeto na ponta da haste de metal. Eu estremeço, tenho certeza de que vai quebrar, mas isso não acontece. Ele permanece ileso, lindamente colorido agora que o vidro esfriou. É uma esfera

decorativa, perfeitamente redonda com tons rodopiantes de roxo e dourado.

Quando Ellis começa a tirar o avental, ele me nota. Ele fica imóvel por um momento, seus olhos se conectando com os meus, e então ele coloca o avental em um gancho. Ele enxuga a testa antes de puxar as mangas até os cotovelos.

— Oi, — eu digo.

Ellis caminha até mim, pegando meu queixo entre o indicador e o polegar, movendo minha cabeça para frente e para trás. Não tenho ideia do que ele está procurando, mas ele afasta meu cabelo antes de passar o polegar pelo meu lábio inferior.

— O que é? — Eu pergunto.

A suavidade em seu olhar me surpreende, assim como sua resposta. — Olhando.

— Você já me viu um milhão de vezes, — aponto, com o coração disparado.

Sua expressão consegue transmitir o quanto sou idiota, ao mesmo tempo que enfraquece meus joelhos. — Nunca é suficiente.

Maldito inferno.

— Vou beijar você agora, — informo a ele.

— Suado.

— Não me importo.

Ellis grunhe quando meus lábios encontram os dele, mas imediatamente abaixa a cabeça o suficiente para que eu não fique nas pontas dos pés . Ele fica quente sob meu toque, ele próprio é uma fornalha, e eu me seguro como um homem faminto. Não importa o quão fútil parecesse, sempre houve um pedaço de mim que esperava desesperadamente que acabássemos aqui. Eu não podia deixar isso passar, não conseguia me livrar da possibilidade. Eu o queria demais, e mesmo agora, não era o suficiente. Como ele disse, *nunca* será suficiente. Nunca haverá um momento em que eu não queira esse homem. Onde eu não tenha fome dele.

Os lábios de Ellis estão quentes e suas mãos seguram meu rosto. Quero morder e arranhar para chegar mais perto, mas só temos meio dia antes do anoitecer, e prometi um encontro a Ellis.

Então, com muito mais paciência do que percebi que possuo, suavizo o beijo e me afasto. O cabelo de Ellis está um pouco úmido, encaracolado em sua testa, e seus olhos alternam entre os meus, questionadores.

— Vamos a um encontro, — digo a ele.

Ele inclina a cabeça.

— Aqui, — eu explico. — Vou levar você para sair outra hora. Mas hoje, eu só quero estar aqui com você.

Seus olhos caem para meus lábios. — Quando você vai?

Meu coração aperta. — Amanhã de manhã.

— OK.

— Sinto muito, — eu sussurro.

Ele balança a cabeça. — Não. Almoço?

— Sim, — eu digo, passando minhas mãos sobre seus antebraços. Eles são fortes, assim como Ellis, e cobertos por uma camada de cabelos castanhos. Lenhador, Danil o comparou. Ele certamente é construído como um. — Você precisa limpar primeiro?

Ellis assente antes de inclinar a cabeça para trás. Suponho que ele também tenha que apagar o fogo.

— Que tal nos encontrarmos aqui em uma hora? — Eu digo. — Eu preciso pegar algumas coisas de qualquer maneira. Isso lhe dará tempo suficiente?

Seus lábios levantam no canto. — É um encontro.

Não consigo resistir a dar-lhe outro beijo depois disso. Quando vou, paro na porta por um momento, observando Ellis guardar suas ferramentas. Sempre achei Ellis bonito de uma forma natural e robusta. Não há um traço de elegância sobre ele. Ele não ostenta seus bens nem tenta bajular os outros. Não tenho certeza se ele sabe flertar. Mas não precisa fazer nenhuma dessas coisas. Ele me

atrai como um ímã de qualquer maneira, sua atração é inegável.

Com um suspiro, me viro para ir embora, mas paro mais uma vez quando meus olhos se fixam nos vaga-lumes de vidro pairando acima. Eles quase parecem piscar, como se estivessem vivos. Com meu coração doendo por razões desconhecidas, saio pela porta.

Não demora muito para pegar os suprimentos. Minha mãe me leva primeiro até meu carro alugado e depois vou até a loja, pegando ingredientes para um almoço simples. Fazendo como uma vez Ellis fez parecido, coloquei tudo em cima de um cobertor fora do silo. O ar está frio, mas o sol brilha o suficiente para nos manter aquecidos.

Ellis chega um pouco antes da hora acabar, mudado de roupa e parecendo ter tomado banho recentemente. Quase me impedi de absorvê-lo adequadamente antes de lembrar que *posso*. Se Ellis se importa com o meu olhar, ele não demonstra. Ele se senta ao meu lado, com um sorriso no rosto enquanto puxa o cobertor incisivamente.

— Você tem boas ideias, — digo a ele.

Ele dá uma risada.

— Sua mãe está bem? — Eu verifico. Ela parecia de bom humor antes, mas sei que Ellis gosta de ficar de olho nela.

Ele balança a cabeça, apertando minha perna.

— Você contou a ela sobre nós.

Outro aperto.

— É estranho para você estar com um homem? — Eu me pego perguntando.

Ele franze a testa e tenho a sensação de que ele está me perguntando: *Por que seria?*

— Não sei, — respondo. — Se talvez você presumisse que era hétero, então...

Ele balança a cabeça rapidamente. — Não presumi. — Ele movimenta os lábios como se quisesse dizer mais alguma coisa, então espero. — Não é

estranho. É você.

Lá se vão aquelas borboletas de novo.

Solto um suspiro antes de me inclinar e beijá-lo. É rápido, casto, mas é Ellis, então não é tão pequeno assim. Sua barba por fazer roça em mim, seu polegar acaricia minha bochecha, e eu me sinto enraizado e aquecido, beijado pelo sol.

Quando me inclino para trás, começo a desembrulhar a comida que trouxe, pelo menos para manter minhas mãos ocupadas e longe do homem à minha frente. Pelo menos por enquanto. — Você poderia me contar sobre o sopro de vidro? — Eu pergunto.

Ellis balança a cabeça enquanto preparo nosso almoço e, como tantas vezes antes, sentamos e conversamos e simplesmente *existimos* no mesmo espaço e tempo. Não sei como sempre parece novo, como se houvesse mais para aprender. Mais para descobrir.

Ellis me contou sobre a conversão do silo. Sobre suas primeiras tentativas rudimentares de moldar vidro. Ele me conta sobre um workshop que frequentou e a primeira peça que decidiu vender. Conto a ele sobre o trabalho, detalhes que não compartilhei antes e como voltarei a Creta para terminar minha tarefa. Digo a ele que depois terei que parar em Nova York porque a revista vai mandar eu e Danil para a Groenlândia e não tenho o equipamento certo arrumado. Ellis me garante que entende, mas tenho a sensação de que ele sente a mesma urgência que eu, querendo aproveitar ao máximo nosso último dia juntos.

Não é nenhuma surpresa para mim quando acabamos esparramados no cobertor, os restos da nossa refeição deixados de lado. Não consigo tirar as mãos dele. Ou meus lábios. Começamos a sentar eretos, eu no colo de Ellis. Então ele está deitado. Eventualmente, acabo embaixo dele, todo aquele peso me pressionando com segurança no chão. Ele se esfrega contra mim, nossas bocas trancadas, nós dois lutando como adolescentes excitados.

Ele nunca teve isso, lembro a mim mesmo. Tudo isso é novo para ele. Faz com que pareça novo para mim também.

— El, — eu gemo, minhas pernas em volta de sua cintura.

Ele grunhe, encontrando minha língua.

Não posso falar novamente até que ele se afaste. — Eu não quero que você fique com mais ninguém, — eu digo, meu tom um pouco mais áspero do que eu pretendia, fazendo minhas palavras frenéticas soarem mais como uma exigência do que o apelo que deveriam ser.

Ele bufa.

— O quê? — Eu pergunto, minha respiração ficando curta enquanto Ellis sorri para mim.

Ele balança a cabeça, apoiado em um braço, a mão brincando com meu cabelo. — Quantas vezes? — Ele diz. — Só você. Ninguém além de você.

Solto uma respiração lenta, minha frequência cardíaca se acalma. — Certo. OK.

Ele levanta uma sobrancelha como se *você tivesse certeza de que entendeu agora?*

— Sim, — eu digo, puxando-o de volta para mim. — Só nós. — Sua ereção presa contra meu quadril, e seu comprimento grosso é impossível de ignorar. — El. Quero minha boca em você.

Ele fica imóvel antes de tremer, seus lábios quase pressionados nos meus. Ele deixa cair o rosto no meu pescoço, balançando a cabeça.

— Sim? — Eu pergunto, me esfregando contra ele.

Ele bufa contra mim, um claro sim.

— Então vamos lá.

Ellis parece confuso quando eu o afasto e me levanto, mas ele me segue sem questionar. Considerando que ainda é tarde, não quero correr o risco de ser pego em campo aberto, por mais improvável que isso seja. Então puxo Ellis para o campo, abrindo fileiras estreitas de milho até ficarmos bem escondidos. Então me viro e caio de joelhos.

O peito de Ellis sobe e desce enquanto eu abro o zíper de suas calças e as puxo até suas coxas. Sua cueca boxer é a próxima. Um dia, em breve, irei

saborear cada centímetro deste homem do jeito que ele merece. Vou adorá-lo por horas, repetidas vezes, até que ele me implore para parar. Não será apressado e não será num campo de terra e milho.

Mas hoje não é esse dia.

Ellis grunhe enquanto deslizo minha boca em torno de seu pau. Observo cada expressão facial dele, procurando pontos que o façam gemer alto. Corro minha língua ao longo de seu pau e glande, rodeio-o com meus lábios, enfio meus dedos em suas coxas e ofereço um toque mais suave em suas bolas. O boquete não dura muito, mas não importa. Aceito o elogio pelo que ele é e guardo a memória que é oferecida a mim e somente a mim.

Seu pau incha contra minha língua antes de ele gozar. Ele se esforça para não me puxar para cima dele, mas seus dedos apertam meu cabelo e posso dizer que ele está perdendo a batalha. Abro minha garganta, deixando-o fazer o que precisa enquanto enfrenta seu orgasmo. O tamanho dele se elevando sobre mim é suficiente para me deixar contorcendo e sem fôlego, sabendo que ele nunca me machucaria, nunca me magoaria. Apenas protegeria.

Meu Ellis.

Torcido e seco, Ellis puxa dos meus lábios. — Lucky, — ele resmunga.

— Bom? — Pergunto um pouco atrevidamente, limpando o canto da boca.

Ele coloca a cueca e a calça no lugar, sem se preocupar em abotoá-las, e cai de joelhos na minha frente. Suas mãos voltam para o meu cabelo e ele olha para mim. Simplesmente olha.

Nunca me senti tão confortável em silêncio como estou com ele.

Finalmente, ele me beija, duro e exigente. —Posso? — Ele pergunta.

— Você pode o quê?

— Minha boca, — diz ele, pousando a mão na minha virilha.

Meus quadris se inclinam para frente, meu pau há muito negligenciado latejando sob seu toque. —Se você tem certeza, — digo, enquanto cada fibra do meu ser grita em fervorosa concordância. *Sim. Sim. Sim.*

— Claro, — diz ele, empurrando-me suavemente para o chão. Ele não hesita em abrir minhas calças, mesmo quando seus dedos deslizam ao longo dos meus quadris e parte inferior do abdômen. Ele leva seu tempo, mapeando minha pele, dando beijos suaves e levando minha necessidade a um ponto de ebulição, antes de finalmente puxar minha cueca para baixo o suficiente para libertar meu pau. Ele o pega então, seus olhos encontrando os meus.

— Não há maneira errada, — digo a ele. —Não me morda e ficaremos bem.

Ele dá uma pequena risada com isso, mas há um sorriso em seus lábios também. Para minha surpresa, ele abaixa o rosto lentamente, virando a cabeça no último momento e mordiscando suavemente a lateral da minha glande.

Eu me apoio contra ele, um zumbido percorrendo todo o meu corpo enquanto solto uma risada. — Ok, talvez um pouco mordaz, — admito.

Seu sorriso me derrubaria se eu estivesse de pé.

Quando a língua de Ellis se arrasta sobre a cabeça do meu pau, meus olhos se fecham. Ele me suga em sua boca e tenho que trabalhar duro para controlar minha respiração. Ele desliza para cima e para baixo, sua mão segurando minha base enquanto explora. É desleixado e pouco praticado e, de longe, a melhor coisa que já senti na minha vida. O sol está quente batendo em meu rosto, as folhas baixas dos talos de milho roçam meus braços, e nada existe além de Ellis e eu neste lugar onde nos conhecemos. Este lugar onde começamos.

— El, — eu aviso, chegando perto. Ele redobra seus esforços, e eu trago meus olhos para os dele, sabendo que isso me levará ao limite, mas não estou disposto a perder outro momento.

Quando gozo, é como um soco no meu peito, consumindo a alma e confortando ao mesmo tempo. É aquela sensação de lar que só tive com ele. É o barulho das montanhas e o beijo do vento pelos campos, e é amor. *Deus*, é amor, total, puro e absoluto.

Nunca amarei outra pessoa como amo Ellis, e não quero. Ele é isso. Ele

sempre foi isso. E pela primeira vez desde que nos conhecemos, eu sei, ao olhar em seus olhos castanhos, que qualquer pedaço de mim que esteja ligado a Ellis tem um contraponto. Uma atração igual.

A Sra. Cole estava certa. Não importa o que aconteça, nada nos separará. Sempre voltaremos um para o outro, uma e outra vez.

Capítulo 25

Ellis

— Não quero ir, — Lucky murmura, seus lábios roçando os meus.

Também não quero que você faça isso. Ainda não.

Aperto meus braços ao redor dele, jogando minha perna sobre a dele como se pudesse prendê-lo aqui comigo indefinidamente. Já estamos acordados há meia hora, adiando o inevitável. Lucky precisa ir embora logo.

Ainda não estou pronto para deixá-lo ir.

Lucky pega meu lábio entre os dele, a língua passando contra mim antes de encontrar minha boca solidamente. Estamos na minha cama de novo, abraçados sob os lençóis, como se eles pudessem de alguma forma nos esconder do resto do mundo. Mal consigo distinguir as feições de Lucky. Ele está banhado pela escuridão, mas seu contorno é familiar. O cabelo rebelde, o formato dos ombros. Até mesmo a sensação de seus lábios é um mapa ao qual estou me acostumando rapidamente. Eu nunca soube, até agora, quão íntimo poderia ser o ato de beijar. Talvez, possivelmente, até mais do que sexo, embora a minha experiência a esse respeito seja limitada.

Eu não poderia fazer nada além de beijar Lucky até o fim dos tempos e ficaria contente. Eu giraria com ele no céu até sermos um, estrelas binárias

ligadas gravitacionalmente umas às outras.

— Ellis, — Lucky diz calmamente. Quando seu celular toca, ele geme contra minha boca. — Caramba. Acabou o tempo.

Concordo com a cabeça, traçando o lado de seu rosto. Lucky pega minha mão antes que eu possa soltá-lo, trazendo seus lábios para minha palma.

— Não é um adeus, — diz ele.

Meu peito aperta. — Eu sei.

— Três semanas no máximo.

— Eu sei, — repito.

—Eu vou ligar.

Eu sei.

— Todos os dias, se eu puder.

— Lucky, — eu digo gentilmente.

Ele solta um suspiro. — Vou sentir sua falta, Ellis. Eu sempre faço isso, mas agora…

Sim. Agora vai doer mais.

— Foda-se, — ele murmura baixinho. Ele me beija com força por apenas um segundo antes de se sentar e jogar para o lado nossas cobertas. Ainda está escuro, nenhuma luz entra pela janela. A mala de Lucky já está pronta, ao lado da porta.

Ficamos quietos enquanto saímos. Minha mãe está dormindo, mas os pais de Lucky estão acordados, esperando por nós na frente da casa deles. Lucky segue nessa direção, dando um abraço em sua mãe e em seu pai e trocando palavras suaves que não ouço. Sr. Buchanan bagunça o cabelo de Lucky, e então Lucky volta para mim. Ele não diz nada, apenas olha para mim com aqueles olhos azuis claros.

Céu azul? Ovos de Robin[11]? Eu ainda não sei.

Quando Lucky envolve seus braços em volta de mim, não é uma surpresa. Acolho o abraço com satisfação, retribuindo-o, mesmo enquanto minhas

entranhas reviram. Seu rosto se enterra em meu peito por um momento antes de ele recuar abruptamente. Sem dizer uma palavra, ele se vira e eu o observo ir, me perguntando como é possível sofrer tanto por algo que está bem na minha frente.

Ele está a meio caminho do carro quando gira, voltando para mim com determinação. Ele não para até estar a alguns centímetros de mim, as palmas das mãos pousando em meu rosto.

— Prometo que voltarei em breve, — diz ele, com voz firme. —Somos eu e você, certo, El?

Concordo com a cabeça contra seu aperto. *Sempre.*

Ele me beija então. É um juramento, tão vinculativo quanto suas palavras, e o guardo dentro de mim, onde sei que me manterá aquecido. Ele não se afasta tão rapidamente desta vez. Quando ele se inclina para trás, ele olha para mim por um longo momento, seu rosto tão próximo que posso ver as manchas coloridas que compõem suas íris, mesmo na penumbra. Existem muitos tons. Talvez seja por isso que nunca consegui identificá-los.

— Em breve, — ele repete.

Eu aceno e ele me solta.

Lucky não para desta vez enquanto se dirige para o carro. Ele entra, fecha a porta e dá ré lentamente pela entrada da garagem. É como se houvesse um gancho no meu peito, apertando-o enquanto o carro dele desaparece na estrada. Esfrego o local, observando a poeira subir dos pneus.

— Você sabe por que o chamamos de Lucky? — Sra. Buchanan pergunta, pisando na grama ao meu lado. A porta de tela se fecha quando o Sr. Buchanan entra.

Eu balanço minha cabeça.

— Cinco é meu número de sorte, — diz ela. — Nasci no dia 5 de fevereiro, conheci Ron no dia 5 de dezembro e nos casamos no dia 5 de março.

Alguns pássaros cantam enquanto o sol começa a surgir no horizonte, enviando um suave brilho rosa ao amanhecer escuro. Não consigo mais ver o carro do Lucky.

— Eu engravidei quatro vezes antes de Lucky aparecer, — diz a Sra. Buchanan. — Ele era o número cinco e eu soube, no momento em que o segurei em meus braços, que ele era nosso menino da sorte. Nosso filho milagroso.

Olho em sua direção, sem saber como responder. Eu não fazia ideia.

A Sra. Buchanan não parece esperar que eu diga nada. Ela continua, esfregando as mãos para cima e para baixo nas mangas do suéter. — Eu sei que é difícil vê-lo partir. Mas Lucky é um lutador. Sempre foi. Ele voltará, Ellis. Ele sabe que vale a pena lutar por você.

A mãe de Lucky me dá um sorriso suave, aperta meu braço e se vira. Fico mais um pouco, observando a estrada vazia em frente às nossas casas.

Ainda é cedo quando entro, então não estou surpresa que minha mãe ainda não tenha acordado. Marcus gentilmente insistiu que eu tirasse o resto da semana de folga, então fiz alguns ovos e torradas antes de me sentar à mesa da cozinha com meu laptop, sem pressa de ir a outro lugar.

Meus dedos começam a digitar em pouco tempo, o processo já é um conforto familiar.

Ei, Lucky. Não posso deixar de me perguntar se estou sonhando. É assim que parece. Há menos de uma hora, você estava na minha cama, tão quente e macio, enfiado entre mim e os lençóis. Sonhei com você lá tantas vezes que não estou convencido de que não tenha sido outra fantasia que criei na minha cabeça. Exceto... Você estava aqui, eu sei disso. Você veio até mim. Você veio e me beijou, e agora nada vai ser igual.

Eu não sabia que você sentia o mesmo. Talvez eu devesse ter feito isso. Conheço você muito bem; parece que eu também deveria saber disso. Mas sou falível. E eu não via como nós assim poderia funcionar. Eu não tenho asas, Luck, não como você. Tenho medo de te segurar. Mas você me disse que ficaríamos bem, que daríamos um jeito, e eu acredito em você.

Eu acredito em você.

Eu tinha dezoito anos quando quebrei vidro pela primeira vez e mandei você ir embora. Você não ouviu, não daquela vez. Você ficou por mim porque eu estava sofrendo. Porque, talvez, soubesse que eu precisava de você. Ainda preciso de você, mas deixei você ir. Você disse que voltaria. Você prometeu.
Eu acredito em você.
Estou com medo, Luck, mas eu te amo mais que tudo. Eu te amo, eu te amo, então por favor, meu lindo vaga-lume, voe de volta para mim logo. Volte, é tudo que peço.
Continue voltando para mim.

Eu considero enviar. Por um momento, meu cursor paira sobre o botão e quase clico. Mas então eu salvo na minha pasta de rascunhos como todos os outros, sabendo que primeira vez que eu disser a Lucky que o amo, não será quando ele estiver a quilômetros



e quilômetros de distância.

— Ellis, sinto muito, — diz Gabby, com os olhos franzidos de preocupação. Ela está vestindo jeans e uma camisa amarela hoje, e seu cachorro, Toodles, está sentado em seu colo. Há um chá gelado na mesinha de centro à sua frente que servi quando ela apareceu, mas ela não tocou nele.

Eu balanço minha cabeça. — OK.

— Mesmo assim, — ela continua, — Você não estaria lá se não fosse por mim. Quando descobri o que aconteceu... — Ela para, o rosto contraído. — Eu me sinto mal.

— Não é sua culpa, — asseguro a ela. O tornado poderia facilmente ter pousado por aqui. — Toodles?

— Ela está bem, — diz Gabby, esfregando as orelhas do cachorro. — Um dos meus vizinhos a encontrou algumas ruas depois que a tempestade passou. Ela estava encolhida sob alguns arbustos ao lado de uma casa. Me deu um grande susto, mas... ela está bem.

Concordo com a cabeça e Gabby suspira, acariciando seu cachorro de uma forma que parece tranquilizadora.

— Ellis, — ela diz calmamente, sua expressão quase envergonhada. — Existe alguma chance de eu compensar você? Talvez levá-lo para jantar? Por minha conta.

Por um momento, vacilo. Suspeito que o convite de Gabby seja mais que amigável. Mas não sei como explicar tudo o que aconteceu entre mim e Lucky nos últimos dias, meses, anos, até mesmo — toda a nossa história e os motivos pelos quais Gabby e eu nunca puderiamos funcionar. Acho que nem teria palavras se tentasse.

— Não posso, Gabby, — eu finalmente digo. — Não como um encontro.

Ela balança a cabeça, não parecendo surpresa, mas talvez um pouco desapontada. — Ainda podemos conversar no trabalho? Gosto de conversar com você, Ellis. A menos que... — Ela dá uma risada, olhando para baixo. — A menos que eu esteja sendo uma chata, mas você é muito gentil para dizer isso. Eu entenderia, eu...

Estendo a mão e bato no joelho de Gabby, interrompendo-a o mais gentilmente que posso. Balanço a cabeça e levanto um dedo, e Gabby balança a cabeça, mordendo o lábio. Pego rapidamente meu laptop e digito uma mensagem, querendo que ela entenda. Quando viro a tela, ela começa a ler.

Você não é chata, Gabby. Nem um pouco. Gosto de nossos bate-papos e de suas histórias sobre Toodles e sua avó. Você sempre foi gentil comigo e não me pressiona para ser diferente do que sou. Eu gostaria de continuar amigo, se você quiser. Lamento não poder oferecer mais, mas já estou apaixonado por

outra pessoa. Já faz muito tempo. Eu espero que você possa entender.

O sorriso em seu rosto cresce continuamente até que ela olha para mim novamente. — Realmente? — ela pergunta.

Não tenho certeza sobre qual parte ela está perguntando, mas aceno afirmativamente, colocando o laptop na mesa de centro.

Gabby se levanta, colocando Toodles no chão no processo, e no segundo seguinte estou sendo envolvido por braços pequenos e uma lufada de perfume floral. Pequenas patas de cachorro pousam na minha perna, lutando. — Posso perguntar sobre ela?

Eu me afasto um pouco, confuso.

Os olhos de Gabby *são* verdes. Eles suavizam quando ela se senta ao meu lado. Toodles pula em seu colo. — A garota por quem você está apaixonado, — ela diz.

— Cara, — eu corrijo.

As sobrancelhas de Gabby se erguem um pouco, mas seu sorriso não vacila. — Posso perguntar sobre ele?

Concordo com a cabeça, sentindo um toque de calor passar pelo meu rosto.

— Ele mora aqui?

Balanço minha cabeça lentamente. — Viagens.

Ela franze os lábios com isso. — Então eu provavelmente não o conheço, hein?

Não.

— Posso pelo menos ver a foto dele? — Ela pergunta. — Ah, qual é o nome dele?

Pego meu celular, examinando minhas fotos recentes de Lucky. Eu decido por um onde ele está segurando um enorme caranguejo azul. Seus olhos estão comicamente arregalados enquanto ele olha o crustáceo, e posso

praticamente ouvir a risada borbulhando de sua garganta. Lucky me enviou a foto enquanto estava em Belize.

Eu mostro para Gabby. — Esse é Lucky.

Sua boca se abre antes que seus olhos encontrem os meus. —Ah, uau. Ele é simplesmente lindo, não é?

Sim. Sempre foi.

Gabby se recosta na cadeira, suspirando. — Então, você disse que o ama, mas qual é o problema? Vocês dois estão namorando? Namorados? Amigos?

Coloco meu celular de volta no bolso, meus olhos indo em direção à frente da casa. Lucky já se foi há muito tempo, mas o fantasma dele permanece. O toque de seus lábios. A textura de seu cabelo entre meus dedos. As palavras que ele falou tão baixinho contra meu peito. — *Isso é real, El. Eu e você, é real.*

Somos amigos, sim. Sempre. Mas também somos mais do que isso. Lucky é…

Ele é *tudo para mim.*

Capítulo 26

Lucky

— Você está bem? — Danil pergunta, sua respiração saindo na frente de seu rosto.

Concordo com a cabeça, embora pareça que meus dedos estão prestes a cair.

Danil me entrega dois novos pacotes de calor instantâneo. Agradeço a ele, apertando os pequenos pacotes para ativá-los antes de colocá-los dentro das minhas luvas. Eu abandono os antigos no processo.

— Esta noite está muito melhor, — diz nosso guia. — Devemos ver atividade em breve.

Eu certamente espero que sim. Caso contrário, voltaremos de mãos vazias.

Danil se encolhe dentro de seu casaco grande e fofo que parece um pequeno edredom. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos, enquanto as minhas estão no frio, segurando minha câmera pronta. Nosso guia turístico, Pierce, me disse que eu teria muito tempo para tirar fotos assim que o show começasse, mas não quero perder nada. As últimas duas noites estiveram muito nubladas para ver o céu, o que significa que esta é a nossa última oportunidade antes de voltarmos

para continente.

Meu histórico na revista é impecável e eu odiaria ser reprovado nesta tarefa. Se ao menos o tempo cooperasse.

Nosso acampamento fica atrás de nós enquanto esperamos, tendas abobadadas iluminadas em dourado pelas lâmpadas internas. O Malamute-do-Alasca[12] de Pierce late uma vez antes de se acomodar, fazendo uma cama no chão frio e duro. À nossa frente estende-se a água que parece azul cristalina à luz do sol, mas agora, pouco depois da meia-noite, está escura, como uma camada de gelo preto. Mais adiante ainda está o Glaciar Qaleraliq, uma vasta extensão de neve e solo congelado e escarpado. Caminhamos por ela hoje cedo, mas agora estamos parados.

Ainda é cedo para isso, mas desde que a noite esteja clara…

— Ali, — diz Pierce, apontando para longe.

Uma luz verde serpenteia pelo céu, aparece e desaparece tão rápido que mal a vejo. Prendo a respiração, esperando que ela volte. Sim, um chicote de luz cortando o preto pontilhado de estrelas. Ele muda, brilha, dançando no céu como uma coisa viva. Um balé. A luz gira, verde sangrando com rosa e amarelo, movendo-se tão rapidamente que mal consigo acompanhá-la. É tão brilhante, tão *vívido*, as cores se estendendo pelo céu como se estivessem alcançando os céus.

— Você já pensou que veria a aurora boreal pessoalmente? — Danil pergunta ao meu lado, sua voz calma.

Balanço a cabeça, incapaz de desviar o olhar.

— Fotos, Lucky-boy, — ele me lembra com uma risada, cutucando meu braço.

Certo.

Eu pulo, captando as luzes dentro da minha câmera. Não sinto mais o frio nos dedos enquanto observamos a Aurora Boreal se desenrolar no topo da geleira. É impressionante, muito mais bonito pessoalmente do que as imagens poderiam transmitir adequadamente. Mas tento o meu melhor para fazer justiça

ao fenômeno, armazenando o verde, o rosa e o brilho da luz das estrelas atrás das minhas lentes.

São quase três da manhã quando nos retiramos para nossas tendas, o show de luzes já se dissipou. Meus dedos coçam para ligar para Ellis, mas não consigo. Não há serviço tão longe da civilização. Em vez disso, me enrolo dentro do meu saco de dormir, com algumas bolsas térmicas me fazendo companhia e um sorriso suave no rosto, e conto os minutos até poder ouvir sua voz novamente.



— Mesmo que tenha valido a pena congelar, estou feliz por estar de volta à terra do aquecimento central, — diz Danil.

Solto uma risada, tirando as botas enquanto ele se espalha em sua cama no albergue em que estamos hospedados. Ainda temos mais quatro dias antes de deixarmos a Groenlândia, mas nosso acampamento na Geleira Qaleraliq está concluído. Danil voltará para Nova York depois disso, enquanto meu avião me levará para Nebraska.

Meu estômago dá um pulo quando penso em voltar para casa, para Ellis.

— Uh-oh, — diz Danil.

— O quê? — Pergunto, sentando-me na beira da minha cama.

— Você tem essa cara.

— Que cara?

— A cara *de estou tão apaixonado que é nojento*, — Danil responde, ganhando um tapa do meu travesseiro. Ele ri, pegando-o e jogando-o de volta. — Você sabe que estou feliz por você.

— Sim, sim.

— Mesmo que eu tenha que ouvir você, *oi, querido,* isso e *sinto sua falta,*

também, nas últimas duas semanas.

— Mhm, — murmuro, levantando uma sobrancelha. — Você parece um amigo *tão solidário.*

Ele bufa, colocando as palmas das mãos sob a cabeça. —Embora eu me pergunte a clara falta de momentos sensuais.

Eu enrugo meu nariz. — Momentos sensuais? Realmente?

— Oh, vá se foder também, — ele diz sem raiva genuína.

Eu balanço minha cabeça. — Não acredito que você prefere me ouvir fazendo sexo por telefone.

— Não foi isso que eu disse. Eu não *me importaria,* — ele esclarece, agarrando meu travesseiro no ar antes que ele colida com seu rosto novamente. Ele ri, enfiando-o debaixo da cabeça. — Mas se você está adiando por minha causa, você não precisa. Não consigo imaginar que a coisa da longa distância seja fácil, especialmente considerando a recente mudança no seu relacionamento.

Ele não está errado. Foram algumas semanas difíceis longe de Ellis, meu desejo por esse homem atingiu o ponto mais alto de todos os tempos. Parece que não consigo reprimir meus sentimentos, não mais. Não como eu costumava fazer. É quase assustador a intensidade do meu desejo profundo de ouvi-lo, senti-lo, de ser abraçado por ele. *Não* se trata apenas de sexo, é claro. Nem um pouco. Mas não vou mentir e dizer que não quero isso também. Seriamente.

Ainda assim, reflito sobre minhas palavras antes de responder a Danil. — Não acho que Ellis se sentiria confortável fazendo sexo por telefone.

Ele me dá um olhar aguçado. — Você perguntou a ele?

— Bem, não, — eu admito. Mas Ellis nunca se sentiu particularmente confortável falando sobre sexo.

Danil bufa. — Você pode ser muito cheio de coisas quando se trata dele.

— Ei — reclamo, desejando ainda ter meu travesseiro, pelo menos para poder bater nele novamente. — Como você saberia, Dani? Você nos viu juntos por, tipo, um minuto.

— Porque eu conheço *você*, — ele responde, me lançando um olhar severo. — E não tente me dizer que não. Você não facilitou as coisas, mas eu *conheço* você, Lucky. E você me conhece. De alguma forma, nós clicamos. E eu vi o jeito que você dança perto dele, mesmo assim, como se estivesse com medo. Você não precisa estar.

— Como você pode ter tanta certeza? — Pergunto, tentando esconder o tremor na minha voz. A verdade é que estou *com* medo. A ideia de perder Ellis me aterrorizava antes, mas agora... Agora mal consigo respirar.

Danil me fixa com seu olhar sombrio. — Sério, Lucky-boy? Esse homem ama você há anos. Você mesmo me contou. Você o ama também. Você não precisa se preocupar com seu coração quando se trata dele.

— Às vezes, — digo lentamente, — você me dá conselhos tão ruins.

— E às vezes não.

— Às vezes, você não sabe, — eu concordo.

Ele sorri. — Ligue para o seu homem. Vou descansar um pouco.

Com isso, Danil coloca meu travesseiro em cima do rosto, me deixando em relativo silêncio. Nosso quarto no albergue é compartilhado, mas nenhum dos outros hóspedes está aqui no momento. Pego meu telefone, não porque Danil me mandou, mas porque estou desesperado para falar com Ellis. É início da noite em Nebraska, e ele atende rapidamente, um zumbido suave vindo da linha que acalma meus nervos em frangalhos depois de ficar sem poder ligar pelos últimos quatro dias.

— Oi, Baby, — eu suspiro.

Uma bufada me faz estender a mão e bater no pé de Danil. Ele puxa a perna para trás com um silvo e eu me afasto, parando em frente a uma pequena janela com vista para a rua.

— Lucky, — responde Ellis.

Tudo em mim aquece.

— Você está fora do trabalho? — Eu pergunto.

Ele cantarola seu consentimento. Eu não tinha certeza se ele estaria,

considerando que é época de colheita. Ellis trabalha muitas horas nesta época do ano.

— Como está a colheita do milho? — Eu provoco. Na verdade, ele não colhe manualmente, mas há algumas pequenas fazendas em nossa cidade que colhem manualmente seu milho doce.

Ele grunhe e eu rio.

— Eu vi as luzes, — digo baixinho, observando os carros passando lá embaixo. É quase estranho estar de volta aqui na cidade depois de passar alguns dias no deserto, onde tudo estava silencioso e branco.

Ellis cantarola. — Diga-me.

— Eu gostaria que você pudesse tê-los visto, El. *Deus*, foi lindo. Eu nem sei como descrever.

— Tente, — ele diz gentilmente, soando como se estivesse se sentando.

Viro-me e sento-me abaixo da janela, imaginando-o ao meu lado. — Era como pinceladas. Como tinta sendo espalhada pelo céu. Exceto que a cor não pegou. Era uma tela em constante mudança. Um milhão de fotos em tão pouco tempo, cada uma delas de tirar o fôlego e fugaz. Quase parecia…

— O quê? — Ele pergunta quando eu não continuo.

— Quase pareceu errado fotografá-lo. Tipo... eu estava tentando capturar algo que não deveria ser contido.

Ellis fica quieto por muito tempo.

— Você está bem? — Eu pergunto.

Ele faz um pequeno som. — Sinto sua falta, é tudo.

Meu peito aperta com força. — Eu estarei em casa em breve.

— Eu sei.

— Também sinto saudade.

— Eu sei, — ele diz novamente.

Outras palavras ficam na ponta da minha língua – três palavras grandes em particular – mas não as digo. Não é o medo que me impede. Afinal, já dissemos *te amo antes*. Mas não assim. E eu não vou... não vou fazer *assim*.

Olhando para a forma de Danil, abaixo minha voz. — O que você está vestindo?

Há uma pausa. — Jeans. — Parece uma pergunta. — E minha camisa de trabalho.

Eu mordo meu lábio. — Você quer sair deles?

Outra pausa. — Vou tomar banho mais tarde.

— Não, quero dizer... — Limpo a garganta, rezando para que Danil esteja dormindo, caso contrário nunca ouvirei o fim disso. —Você está sozinho?

Ouve-se um zumbido e então uma nova voz soa mais distante. — O quê? É com Lucky que você está falando? Não sei o que você... Ah, claro. Olá, Lucky.

Bato a mão no rosto, rindo na palma da mão. — Diga oi para sua mãe, — murmuro.

Ele o faz, e eu balanço a cabeça, incapaz de lutar contra o sorriso.

Abaixo minha mão. — Ellis, você pode ir para o seu quarto?

Ele grunhe e eu espero. Uma porta se fecha.

— Você está sozinho agora? — Eu pergunto.

Um zumbido.

— El, você... — Eu nem sei por onde começar. Ellis era virgem antes de mim e, nas vezes em que conversávamos sobre sexo, ele não demonstrava interesse. — Você assistiu pornografia?

Há um zumbido curioso, seguido por — Não.

Oh Deus.

Sou eu. Sou eu quem vai corrompê-lo.

Eu solto um suspiro lento. — Você já pensou no que gostaria de fazer? Comigo?

Há apenas uma batida de silêncio. — Sim.

Minha pulsação dispara.

— Você vai me mostrar quando eu voltar? — Eu pergunto. —Você vai me mostrar o que você pensou?

Sem hesitação. — Sim.

Poças de calor na minha barriga.

— Pensei tanto em você, El. Mesmo antes de nós... — Baixo a voz novamente, mas Danil parece morto para o mundo. — Mesmo antes de saber qual o seu gosto, mesmo antes de sentir seus lábios envolvendo meu pau, pensei em você. O tempo todo.

— Lucky, — ele resmunga.

— Mal posso esperar para beijar você novamente. Sinto mais falta disso, — admito.

Seu som é um sim inflexível.

— Você se acariciaria por mim? — Eu pergunto baixinho, mudando enquanto meu pau endurece. Não vou me masturbar com Danil no quarto, e certamente não em um espaço comum, mas isso não significa que Ellis não possa.

Ele geme.

— Isso é um sim? — Eu pergunto.

Um zumbido.

Danil estava certo; Eu não deveria ter presumido que Ellis não iria querer isso.

— Goze sozinho, El.

Sua cama range e eu fecho os olhos, descansando a cabeça contra a parede enquanto meu interior estala e ilumina. Um sorriso floresce em meu rosto enquanto a respiração suave e ofegante de Ellis ultrapassa a linha.

— Você está se masturbando? — Eu pergunto, mesmo que seja óbvio. Ele não está tentando esconder seus sons.

Ele cantarola um sim.

— Você ainda está de jeans?

Outro sim.

— Deus, isso é sexy, — eu suspiro, me ajustando. — Eu gostaria de poder ver você deitado na cama com as calças abertas e a mão em volta do seu pau.

Ele grunhe.

— Se eu estivesse aí, — continuo, — Daria a você minha mão ou minha língua, o que você quisesse. — Depois de um instante, acrescento: — Ou minha bunda.

Ellis geme, um som trêmulo.

— Você está perto?

Um grunhido.

— Eu quero ouvir você gozar para mim, Ellis. Quero me lembrar do som para poder reproduzi-lo mais tarde, quando estiver gozando na minha mão.

Há um bufo ofegante, seguido por um gemido abafado, e meu próprio pau lateja quando ouço a evidência do orgasmo de Ellis. Isso me envolve como a imersão mais satisfatório em um lago aquecido pelo sol, e me deixo submergir. Deixei aquele conforto familiar me envolver, muito mais potente do que um orgasmo físico.

Expiro lentamente antes de abrir os olhos. — Melhor? — Eu pergunto.

— Ainda assim... sinto sua falta, — Ellis bufa entre respirações, mas as palavras soam como um sorriso.

— Sinto sua falta também, garotão.

— Quero... buscá-lo, — diz ele.

— No aeroporto?

Um grunhido.

— É uma longa viagem. Você não precisa.

— Quero, — ele repete.

Não consigo tirar o sorriso do rosto. — Está bem então.

— Tudo bem.

Inclino a cabeça contra a parede, sentindo como se estivesse flutuando no céu. — É melhor você não comer todo o milho antes de eu chegar aí, — digo suavemente. — Acho que há uma espiga com meu nome.

Há um momento de silêncio e então Ellis ri. É o som mais perfeito.

Capítulo 27

Ellis

As colheitadeiras são máquinas enormes. Nossas colheitadeiras limpam doze fileiras de milho de uma só vez, o que nos permite colher facilmente mais de dez acres por hora. E com dez horas por dia, isso eleva minha carga de trabalho a bem mais de cem acres.

Ao contrário da estação do milho doce, o milho do campo é colhido depois de seco. As máquinas fazem todo o trabalho, não apenas arrancando as espigas dos talos, mas também separando os grãos das espigas.

Não me importo com os dias longos. As temperaturas são mais amenas nesta época do ano e, embora um tanto monótonas, é um trabalho simples e fácil. A única razão pela qual continuo verificando o relógio hoje é porque Lucky estará aqui em menos de quatro horas. Ele já está num avião, vindo para cá.

Meu interior *vibra* só de pensar nisso. A sensação vem aumentando constantemente há semanas, uma coceira incessante que não consigo coçar.
Ele está quase em casa.

São seis horas quando encerro o dia e volto para o armazém onde minha caminhonete está estacionada. Antes que eu possa chegar ao meu veículo, ouço meu nome ser chamado. Paro, girando enquanto Riley corre em minha direção.

— Ei, — ele diz, me dando um sorriso enquanto para na minha frente. — Vou me encontrar com alguns caras no bar hoje à noite. Quer vir?

Faço uma pausa, refletindo sobre minha resposta. — Deixa para próxima?

Riley assente, aceitando isso facilmente, mas quero explicar. Poucas pessoas fazem um esforço para me incluir como Riley fez, e eu agradeço isso.

— Eu... — Ele espera enquanto eu formulo as palavras. — O Lucky está voltando para casa.

Seu sorriso aumenta um pouco. — Onde ele esteve esses dias?

Eu solto uma risada. — Em todos os lugares.

Ele balança a cabeça, parecendo perdido em pensamentos por um momento. — Vocês dois são um casal?

Eu cantarolo uma confirmação. — Novo.

— Realmente? — Ele diz. — Sempre me perguntei no ensino médio. Achei que vocês poderiam ter sido alguma coisa então.

Balanço a cabeça, esperando que ele entenda.

— Huh. Bem, pelo que vale, estou feliz por vocês. Vocês sempre se encaixaram, sabe?

Sim, eu sei.

— Você e, uh, Gabby, — ele continua. — Vocês nunca… — Ele deixa a pergunta no ar, mas acho que sei o que ele está perguntando.

Eu balanço minha cabeça. — Amigos.

— Ok, legal, — diz ele, balançando a cabeça algumas vezes. —Bem, vou deixar você ir. Diga oi para Lucky.

Dou-lhe um aceno de cabeça e ele bate no meu ombro antes de sair.

Quando chego em casa, tomo banho correndo antes de preparar um jantar rápido com o qual minha mãe me diz para não me preocupar. Faço isso mesmo assim, sentando para comer com ela antes de pegar as chaves. Ela ri enquanto eu saio correndo pela porta.

A viagem até o aeroporto leva uma boa hora e meia, mas não me importo. O tempo passa rapidamente enquanto o vínculo entre mim e Lucky diminui. É

um alívio quando entro no estacionamento do aeroporto, um relaxamento daquela dor no peito.

Lucky não me pediu para encontrá-lo lá dentro, mas é isso que eu faço. De qualquer forma, eu não conseguiria ficar parado em minha caminhonete, observando os encontros e esperando pelo meu. Os minutos passam interminavelmente agora que estou aqui, mas permaneço imóvel, perto da borda do longo corredor por onde passam os que chegam.

Quando vejo um lampejo de cabelo loiro dourado em forma de parafuso, meus batimentos cardíacos se aceleram. Há um sorriso nos lábios de Lucky, mas seu rosto está inclinado para baixo enquanto ele anda, com uma mala sendo arrastada atrás dele. Meu peito sobe e desce conforme ele se aproxima, e quase grito. Mas então ele olha para cima e olhos brilhantes colidem com os meus.

Lucky vacila quase até parar quando me vê, seu sorriso se alargando. A surpresa dura apenas um momento. Ele acelera o ritmo, corre e depois *voa*.

Pego Lucky em meus braços enquanto sua mala cai no chão. Suas pernas me envolvem com força, o cabelo fazendo cócegas na lateral do meu rosto, e todo aquele zumbido dentro do meu corpo se acalma em um algo suave.

Lucky pega meu rosto com as mãos enquanto seus lábios encontram os meus, suaves, urgentes e quentes. — Deus, senti sua falta, — ele murmura contra minha boca.

Senti sua falta também.

Ele me dá outro beijo lento e entorpecente que me faz sentir como se estivesse afundando. — Esta é uma maneira tão melhor, — um terceiro beijo, tão doce, tão suave — De voltar para casa, para você.

Derramo meu fervoroso *sim* na boca de Lucky, perdendo a conta dos beijos, perdendo a noção do tempo. Nossos lábios se unem repetidas vezes, e estou repleto dele, tão abaixo da superfície que não há nada nem ninguém além de Lucky.

Quando ele finalmente recua, encosto minha testa na dele, sem vontade de ir longe. Demoro um momento para perceber que estou tremendo.

— El, — ele diz gentilmente, os dedos patinando sobre minha pele. — Estou aqui por uma semana e meia. — Isso soa como uma garantia.

Concordo com a cabeça, colocando meu rosto contra seu cabelo e respirando fundo.

Ele passa as mãos na minha nuca, xingando suavemente. — E pensar que eu poderia ter tido isso há anos.

Meu peito dói. Nós não sabíamos. Nenhum de nós sabia.

— Agora, — eu digo, tentando tranquilizá-lo também. *Você me tem agora.*

— El, — ele diz suavemente, soltando uma pequena risada quando meu nariz roça sua orelha. — Você pode precisar me colocar no chão em breve. Uma velhinha está nos olhando feio.

Balanço a cabeça, mas tiro o rosto de seu cabelo. Me abaixando com Lucky em meus braços, agarro a alça de sua mala, me endireito e começo a andar. Ele ri, seus olhos brilhando enquanto eu o carrego de costas em direção à saída. Seus dedos continuam acariciando meu pescoço e um lindo sorriso ilumina seu rosto.

— Danil vai ficar com tanto ciúme, — diz ele, deitando a cabeça no meu ombro.

Não sei por que, mas não poderia me importar menos. Mantenho meu braço em volta de Lucky enquanto as portas se fecham atrás de nós, e levo meu vaga-lume para casa.



Já é tarde quando Lucky e eu voltamos para nossas casas. As luzes estão apagadas na casa dos Buchanan, mas um brilho suave emana da minha sala de estar, me dizendo que minha mãe ainda está acordada. Lucky parece notar a mesma coisa porque me puxa para longe da minha casa, deixando a mala para

trás na caminhonete.

— Você se lembra do que eu perguntei? — Ele diz, indo em direção ao silo. A lua está grande e redonda esta noite, iluminando nosso caminho passando pelo campo de talos de milho secos. Eles estão reduzidos agora, a colheita já foi feita.

Minha mente volta, mas não consigo entender do que ele está falando e balanço a cabeça.

Ele cantarola, a mão ainda na minha. O ar está frio, mas Lucky está de jaqueta, então ele não parece se importar.

— Perguntei se você tinha pensado em nós, — diz ele, fazendo meu coração palpitar. Há um fluxo de sangue em meus ouvidos quando ele acrescenta: — Perguntei se você poderia me mostrar.

Engulo em seco enquanto Lucky me conduz pelos degraus restantes até o silo.

— Deixe-nos entrar, — ele diz gentilmente.

Pego as chaves no bolso, com a mão tremendo enquanto destranco a porta. Lucky espera enquanto eu abro e então me puxa para dentro, acendendo as luzes. Ele me deixa tirar a jaqueta, os olhos brilhando sob os vaga-lumes piscando acima. Ele recua para o espaço circular, deixando cair a jaqueta no chão de terra.

— Ellis.

Engulo novamente, o pulso acelerado, o pau endurecendo dentro da minha calça jeans enquanto Lucky levanta a camisa. Ele o puxa pela cabeça, deixando-o escapar de seus dedos enquanto continua seu lento caminho para trás. Suas calças são as últimas a desaparecer. Ele os tira dos quadris, chutando-os e os sapatos para o lado quando chega à mesa de madeira no centro da sala. Ele parece etéreo sob a luz quente vinda de cima, seu corpo projetado em sombras suaves, sua pele pálida e brilhante.

— El, — ele diz novamente, atraindo meu olhar para o dele. —Mostre-me.

Soltando um suspiro, eu me aproximo. Ele quer saber o que pensei de todos esses anos? Ele quer saber o que sonhei naquelas noites em que pensei: *por que ele?* Ele quer saber como é por dentro cada vez que olho para seu rosto ou ouço sua voz ou vejo seus olhos suavizarem no momento em que me alcançam?

É uma pequena vida que passa nos segundos que levo para ficar diante dele. Parece a nossa história e, de certa forma, talvez seja. Talvez seja isso que faz o amor, todos os momentos, grandes e pequenos. Todas as memórias empilhadas umas sobre as outras, como aquelas Luzes do Norte que pintam o céu no fim do mundo. Talvez, no final das contas, o amor esteja no ato de viver. É escolher — *respirar* — aquela pessoa todos os dias.

Eu e você.

Lucky solta um pequeno suspiro quando o coloco sobre a mesa. Suas pernas se abrem imediatamente e eu me coloco entre seus joelhos, enfiando minhas mãos em seus cabelos. Ele inclina a cabeça para trás, os olhos fechados.

O que eu pensei?

Eu escovo meus lábios nos dele. — Isso, — eu sussurro.

Ele suspira.

Em seguida encontro seu ponto de pulsação, permanecendo ali, sentindo seu coração bater contra meus lábios. — E isso aqui.

Quando pressiono suavemente o centro do peito de Lucky, ele cai sobre os cotovelos.

— Isso, — eu digo, me curvando para beijar seu umbigo.

Puxo sua cueca em seguida, aproveitando a respiração de Lucky enquanto a cueca sai. Ele levanta, e eu arrasto o material antes de me abaixar, com as mãos em cada lado dos quadris de Lucky enquanto minha boca paira sobre sua glande.

Meus olhos encontram os dele. — Isso.

O estômago de Lucky se contrai enquanto eu o chupo em minha boca, trabalhando a parte inferior da cabeça do seu pau com minha língua antes de deixá-lo se libertar. Ele xinga quando levanto seus joelhos e suas costas batem na

mesa.

— Isso, — eu sussurro, depositando beijos em sua bunda até chegar ao centro dele. O barulho que sai de sua boca quando passo minha língua por seu buraco me faz repetir o movimento. É a mesma maneira que Lucky me provoca às vezes quando estamos nos beijando. Um leve movimento de sua língua, como se ele quisesse que eu o perseguisse. Desta vez, é Lucky me perseguindo, seus quadris se movendo enquanto eu o provoco com a ponta da língua.

— Ellis, — ele geme, agarrando os joelhos. Deslizo minhas mãos por suas coxas, ancorando em seus quadris, segurando firme.

O gemido que ele solta quando eu arrasto minha língua sobre seu buraco faz meu pau mexer. Estou tão duro que dói, como uma manifestação física de tudo que sinto por este homem. Não tenho certeza se teria sido a mesma coisa se tivéssemos começado com isso quando éramos mais jovens. Eu não saberia o que fazer aos dezessete, nem aos dezenove, nem aos vinte. Eu não teria tido tempo de me entender, de saber do que gosto, de ter ideia do que *Lucky* poderia gostar. Talvez haja uma razão para isso ser agora.

Quando pressiono minha língua dentro do corpo de Lucky, ele fica entusiasmado.

— El. — A palavra é um suspiro. — Você quer me foder?

Concordo com a cabeça, meu cabelo roçando a delicada parte inferior de sua coxa. Eu paro de lamber seu buraco e chupo uma de suas bolas em minha boca.

Ele solta um suspiro, levantando a cabeça para olhar para mim antes de deixá-la bater de volta na madeira. — Então me foda. Por favor. Entre em mim, El. Eu preciso que você... — Ele geme enquanto eu rolo minha língua ao longo de suas bolas. — Preciso de você. Só preciso de você.

Concordo com a cabeça novamente antes de fazer uma pausa. — Eu não…

— Bolso da calça jeans, — diz ele, deixando os calcanhares caírem sobre a mesa. Eles ficam empoleirados na beirada, seu corpo à mostra enquanto ele se

apoia novamente nos cotovelos. — Lubrificante e... eu quero você sem nada, El. Eu sou negativo. Mas também tem camisinha, se você preferir.

Fecho os olhos por um momento, a testa pressionada na parte interna do joelho de Lucky. Depois de ter certeza de que posso me mover sem cair, saio da mesa e pego a calça jeans de Lucky. Ambos os itens estão dentro, como ele disse que estariam. Dois preservativos e quatro pacotes de lubrificante. Deixo os preservativos.

Lucky me observa enquanto me levanto e coloco o lubrificante na mesa. Seu olhar viaja sobre mim lentamente, percorrendo meu peito e estômago enquanto tiro minha camisa. Ele desse ainda mais baixo quando tiro meu jeans. Por um momento, o ar parece denso entre nós. Antecipatório.

Chego mais perto quando estou nu, meus dedos dos pés cavando na terra compactada.

— Você vai me esticar com um dedo, — diz Lucky, abrindo bem as pernas. — E então dois. E depois três, porque você é um grande filho da puta decentemente.

Eu bufo, e o sorriso de Lucky me deixa saber que isso é uma coisa boa.

— E então você vai me foder, El. Não pense demais, ok? Vai ser bom.

Concordo rapidamente, abrindo um pacote de lubrificante. Lucky puxa uma perna para cima, dobrando o corpo de uma maneira que não tenho certeza se conseguiria.

— Agora, — ele diz.

Quando pressiono contra ele, o corpo de Lucky cede. Eu sei que um dedo não é exatamente uma invasão – eu tentei – mas ainda vou devagar, deixando os músculos de Lucky amolecerem antes de adicionar outro.

— Você já... — Ele bufa um som curioso. — Você fez isso consigo mesmo?

Eu grunhi, apontando para cima e enrolando meus dedos ao longo de suas paredes internas. A cabeça de Lucky cai para trás enquanto massageio sua próstata, seu cabelo roçando a mesa enquanto ele geme. O som se transforma em

uma risada e ele levanta a cabeça.

— Sim, — ele diz, se aproximando de mim quando adiciono um terceiro dedo. — Eu posso dizer. Você me surpreende, Ellis.

Beijo sua perna enquanto a abro, arrastando meus lábios para baixo. Meu ombro empurra sua perna ainda mais para o lado, e ele solta uma rajada de ar após a outra enquanto eu passo meus lábios pela parte inferior de seu pênis.

— El, — ele suspira, gemendo longo e baixo enquanto eu o chupo em minha boca. — Você tem que parar, ou eu vou gozar.

Eu cantarolo, chupando com mais força, mas ele prende minha cabeça entre as pernas.

— Pare, — ele diz entre uma risada.

Eu faço isso, recuando. O olhar de Lucky fica sério quando olho para ele. Esfrego um pouco de lubrificante no meu pau antes de puxá-lo para a beira da mesa. Ele envolve as pernas em volta de mim, os calcanhares descansando no topo da minha bunda, e sua respiração sai dele em pequenas rajadas enquanto nossos olhos se encontram.

— Pronto?— Ele quase sussurra.

Concordo com a cabeça, mesmo quando cada fibra do meu ser está vibrando novamente, átomos zumbindo sob a minha pele como se eu estivesse esperando. Como se eu soubesse que Lucky está quase em casa.

Ele me dá um aceno de cabeça e eu o seguro com firmeza. Seguro-*o* firme enquanto pressiono para frente. Seu corpo cede ao meu redor, me abraçando com força enquanto eu entro dentro dele. Ele me incentiva, dizendo que e é bom, *sim, El, que bom, continua.*

Quando meus quadris encontram sua bunda, eu paro, meu batimento cardíaco fica descontrolado, meus pulmões puxando e expelindo ar pelo nariz. Mal consigo pensar, mal consigo formar um pensamento coerente, além de quão *certo* isso é. Como, pela primeira vez, estou finalmente, *finalmente* , perto o suficiente. Estou conectado com Lucky e ele comigo, e Deus, *Deus*, se eu pudesse ficar assim para sempre.

— OK? — Lucky pergunta, com as mãos no meu rosto, as minhas segurando firmemente seus quadris.

Eu aceno, nossos narizes roçando. *OK. Então, tudo bem.*

— Tudo bem, — ele repete, os dedos traçando minhas bochechas e lábio inferior. — Mostre-me, El.

Concordo com a cabeça novamente, encontrando seus lábios. O som que ele faz contra minha boca envolve meu coração e puxa. Quando finalmente me movo dentro dele, aquele gemido se quebra, como vidro, ao mesmo tempo delicado e lindo.

Impotente contra sua atração — *sempre, ainda* —, mostro a Lucky exatamente como me sinto.

Capítulo 28

Lucky

Esta mesa tem a altura perfeita.

É um pensamento errado, mas ao qual me apego, porque senão posso flutuar.

O pau de Ellis é grande. O *cara* todo é grande; sejamos honestos. Nunca senti nada parecido, mas *Deus*, eu estava pronto. Eu estava tão pronto para ele. Parece que estive esperando a vida inteira. Uma década, no mínimo, desde que eu era adolescente e descobri exatamente como meus sentimentos por meu amigo não eram muito amigáveis.

Meu amigo. Meu... algo muito mais.

Ellis me esticou o suficiente, então não sinto dor. Sem desconforto. Mas há algo grande fixando residência dentro do meu corpo, como um maremoto avançando continuamente em direção à costa. É alarmante a gravidade do que estou sentindo. Isso é muito *mais* do que qualquer outra foda que já tive.

Porque não é só uma foda.

Não é.

Ellis olha para mim enquanto se move, com foco absoluto. Há uma pequena gota de suor em sua testa, umedecendo uma mecha de seu cabelo, e

seus olhos são intermináveis e castanhos. Atrás dele estão os vaga-lumes, como pequenas sentinelas brilhando com sua luz. É lindo, tudo isso. Ellis. As luzes cintilantes acima dele. Até a mesa de madeira lisa embaixo da minha bunda. É como um sonho rústico, retirado de um conto de fadas.

Percebo que estou me concentrando em cada coisa, exceto no que Ellis está fazendo comigo, mas isso é porque se eu fizer isso, se eu pensar em como é o pau dele, se eu pensar na maneira como seus quadris estão batendo na minha bunda e como as pontas dos dedos dele estão cravando-se em mim como se ele não suportasse não segurar tão forte quanto humanamente possível – eu poderia quebrar. Posso explodir em um milhão de pequenos fragmentos e não estou pronto. Não estou pronto para isso acabar.

— Lucky, — Ellis resmunga.

— Sim, — eu digo, arrastando meus dedos pelos cabelos nas laterais de sua cabeça. Suas nádegas flexionam sob meus calcanhares e ele se inclina para frente, deixando cair a mão perto do meu ombro. Cada vez que ele mete em mim, eu pulo alguns centímetros para cima da mesa, mas ele me puxa de volta para baixo.

— Estou... — ele diz, com o peito arfando enquanto olha para meu rosto. — Está bom?

Oh Deus.

— Você é perfeito, — digo a ele honestamente. — Tão bom. Eu... *ah*. Está tão gostoso , Baby. *Porra*. Só estou tentando não gozar.

Seu rosto brilha em confusão.

— Não estou pronto, — eu explico. — Não *Deus.* Me beija.

Ele diminui a velocidade, colocando as mãos sob meus ombros. Ele levanta toda a parte superior do meu corpo da bancada, as mãos subindo pelas minhas costas até o pescoço, os braços me segurando firme enquanto nossos corpos se pressionam e seus dedos se enroscam em meu cabelo.

Eu quase desmaiei naquele momento.

Sinto-me drogado quando Ellis abaixa a cabeça, juntando nossos lábios.

Eu me agarro a ele, meu coração disparando tão rápido que posso ouvi-lo em meus ouvidos. Ele não se move por alguns segundos intermináveis, seu pau imóvel dentro do meu corpo, me permitindo a chance de não gozar.

— Dezoito, — diz ele, pressionando a testa na minha.

— O quê?

— Eu tinha dezoito anos... — Há uma pausa, e os dedos de Ellis se enrolam preguiçosamente em meu couro cabeludo. — A primeira vez que pensei... sobre isso.

— Fodendo comigo? — Eu pergunto baixinho.

Ele balança a cabeça, o nariz roçando o meu antes de passar pela minha bochecha. Suas mãos deslizam pelo meu corpo, deixando meu cabelo e vagando pelas minhas costas, até a minha bunda. Eu me agarro a ele com mais força.

— Por que você não me contou? — Eu pergunto, passando meus dedos ao longo de sua pele.

Ele balança a cabeça ligeiramente. — Não entendia. Estava assustado.

Eu entendo essa última parte.

— Mas eu perguntei a você uma vez, — lembro-me. — Mais tarde, perguntei se você se sentia atraído por homens e você disse que não.

Sua cabeça levanta, os olhos encontrando os meus. — Não eram caras.

Minha respiração fica presa novamente. — Só eu.

Ele balança a cabeça, mudando de posição, fazendo com que seu pau se arraste levemente contra meu buraco.

— Lucky, — ele murmura.

— Sim, — eu respondo, agarrando-o com força. — Mova-se, El.

Ele deixa cair a cabeça no meu ombro, puxando meus quadris até que minha bunda esteja quase fora da mesa. Não me preocupo nem por um segundo em cair. Não quando Ellis está me segurando. Seus lábios encontram minha pele e, lentamente, ele começa a me foder, suas mãos se movendo para minhas omoplatas e se ancorando. Minha cabeça cai para trás enquanto ele chupa meu pescoço, a sensação ganhando vida em meu pau e bolas e em cada ponto em que

estamos conectados. Não vou durar, mas acho que Ellis também não. Não com a maneira como ele está me atacando agora, seus movimentos cuidadoso abandonado enquanto ele perde para a luxúria.

Se eu pudesse, faria esse momento se estender até o fim dos tempos. Eu sentiria como os músculos de Ellis se contraíam sob meus dedos. Sentiria a pressão de seus lábios contra meu pescoço. Eu sentiria o jeito que ele está se enterrando dentro de mim, construindo um lar para si mesmo ali. Eu sentiria cada faísca e cascata de prazer enquanto o pau dele se arrastava para dentro de mim de novo e de novo. Seu cabelo úmido contra minha bochecha. O som de suas calças, grunhidos e gemidos choramingados. Seus dedos cavando na minha pele e seu estômago se contraindo contra meu pau.

— El, eu estou...

Ele me deixa cair cuidadosamente sobre a mesa, uma mão no meu quadril enquanto a outra circula meu pau. Minha bunda está pendurada na beirada da madeira, mas Ellis está comigo. E enquanto ele me masturba com o punho girando para cima, eu explodo.

O mundo fica branco quando eu gozo, um clarão ofuscante. Eu agarro a borda da mesa, as pontas dos dedos cavando na madeira e arqueando as costas enquanto o pau de Ellis esfrega contra mim perfeitamente. Perco o fôlego, todo o meu núcleo tenso, meu pau pulsando e meu coração batendo forte, e posso *sentir* isso. Posso sentir a força do carinho de Ellis quando ele cai sobre mim, o corpo envolvendo o meu, os lábios encontrando os meus quando ele começa a gozar. Posso sentir a onda de seu orgasmo dentro do meu corpo, sentir a quase angústia de seu gemido, posso sentir o alívio e a alegria nele e todas as palavras que ele nunca disse sendo pressionadas contra minha boca. Posso sentir isso, e me envolvo em torno dele, segurando firme enquanto meu corpo vibra com os tremores secundários, enquanto Ellis fica imóvel, seus músculos relaxando sob meu toque.

Seus lábios não saem dos meus. Nós compartilhamos o ar enquanto nossos peitos se movem um contra o outro, enquanto o pau de Ellis contrai mais

uma vez dentro do meu corpo. Eu gemo contra ele, um pequeno som, tudo em mim sensibilizado, mas flutuando ao mesmo tempo.

Nenhum de nós fala por muito tempo. Nenhum de nós precisa.

Quando Ellis finalmente se afasta, seus olhos encontram os meus. Por um momento, posso ver o menino que ele costumava ser dentro do homem que é agora. Posso ver o jeito que ele costumava olhar para mim, o jeito que ele ainda olha. Não é a luxúria ou mesmo a atração que alimenta essa expressão familiar. É... compreensão. Conforto. Um desejo que é profundo. É companheirismo.

Amor.

Deslizo meus dedos sobre sua testa, suas maçãs do rosto, seus lábios vermelhos. Observo a barba por fazer, a inclinação de seu nariz e as notas de mel em seus olhos. Vejo todas as facetas da pessoa que entrou na minha vida há quinze anos e que – sem querer – me fez apaixonar. E isso me atinge. Este é o meu melhor amigo. A pessoa que mais conheço neste mundo. E ele não vai embora. *Isso* não vai desaparecer. Nunca.

Eu sabia; no fundo, eu sabia. Mas eu ainda estava com medo. Aterrorizado, até, com o que esse tipo de mudança significava para mim e Ellis.

Eu não estou mais com medo.

Ellis não sai do meu corpo e seu pau ainda está pelo menos meio duro.

— OK? — Pergunto, embora saiba a resposta.

Ele concorda.

— Vai ficar parado?

Ele acena novamente.

Solto uma risada, esticando as costas. — Estou caindo da mesa.

Na verdade não estou, mas o canto está começando a cravar na minha bunda. Ellis se mexe, levantando meus quadris enquanto me desliza pela mesa. Ele dá um passo à frente ao mesmo tempo, e meus olhos se fecham enquanto seu pau se move dentro do meu corpo.

— Porra, El, — eu gemo.

Quando abro os olhos, seu olhar está preso no meu e meu coração

dispara.

— Você é meu agora, — eu sussurro. — Eu espero que você saiba disso.

Ele se inclina, os cotovelos apoiados na mesa. Seus quadris ainda estão pressionados contra minha bunda e minhas pernas ainda estão ao redor de seu corpo. Ele pega meus lábios com os seus, me beijando uma, duas vezes.

— Sempre seu, — diz ele.

E enquanto os vaga-lumes brilham acima, nossas bocas dançam.

Capítulo 29

Ellis

— Você está me sequestrando? — Lucky pergunta levemente.

Olho para ele no banco do passageiro antes de voltar a focar na estrada. *Talvez.*

Ele ri e eu abro um sorriso. Tirei Lucky da cama esta manhã para que pudéssemos pegar a estrada. Para onde estamos indo fica a quatro horas de distância, no extremo sudeste do estado. Esperançosamente, a viagem valerá a pena.

Lucky está aninhado em seu assento, vestindo uma jaqueta quente e uma garrafa térmica com café entre as mãos. Ele bebe de vez em quando, contente em olhar pela janela e cantarolar junto com o rádio. Mantenho minha atenção na estrada, mas não posso deixar de dar uma olhada ocasional em sua direção. Ele parece feliz, as linhas de seu rosto relaxadas. Há um sorriso em seus lábios desde que ele chegou em casa ontem à noite. E, não importa o quanto eu tente, não consigo apagar da minha mente a imagem mental dele nu e deitado na minha bancada.

Nem quero.

O sorriso de Lucky aumenta quando ele encontra meus olhos, mas ele não

me pergunta o que estou olhando. Acho que está bem ciente.

Quando chegamos ao Indian Cave State Park, Lucky se anima em seu assento. — Nunca estivemos aqui, — diz ele.

Eu sei.

Lucky sai correndo pela porta no momento em que eu estaciono a camionete. Ele pega uma das duas mochilas que arrumei antes de sairmos . Seu sorriso é largo enquanto ele puxa o capuz da jaqueta sobre a cabeça.

— O que estamos esperando? — Ele pergunta.

Eu solto uma risada, pegando a segundo mochila.

Caminhamos por alguns quilômetros em um semi-silêncio sociável. Lucky assume a liderança, seguindo os marcadores da trilha e apontando algum animal ou ponto de referência ocasional. A folhagem é linda nesta época do ano, as folhas das árvores em vários tons de vermelho, cobre e ouro polido. Há um certo frio no ar, mas cria condições perfeitas para caminhadas. Paramos um pouco perto do rio Missouri, assustando um cervo que estava se alimentando sob as árvores.

— Presumo que vamos almoçar aqui? — Lucky pergunta, jogando sua mochila no chão. Ele faz um som de satisfação quando vê os sanduíches que preparei. — Carne assada. É como se você soubesse que é o meu favorito.

Eu bufo e nos sentamos lado a lado na beira da trilha, olhando para o rio enquanto comemos.

— Você gosta de cultivar, El? — Lucky me pergunta do nada.

Considero a questão enquanto mastigo a comida. Finalmente, eu aceno. Pode não ter sido a minha ideia de um emprego dos sonhos quando era mais jovem, mas gosto dos meus dias. Gosto de trabalhar a terra. — É... confortável, — digo a ele.

Ele cantarola com isso, parecendo perdido em pensamentos. — Sabe, eu estava pesquisando um pouco sobre arte em vidro. Você provavelmente poderia vender suas peças por mais online ou em uma cidade maior. Eles são muito bons, El.

Meu peito aquece com seu elogio, mas balanço a cabeça. — Não preciso disso.

— Mesmo que isso significasse que você poderia se concentrar apenas em trabalhar com vidro? — Ele pergunta.

Fecho o saquinho do meu sanduíche agora que está vazio e o coloco de lado. Talvez eu pudesse ganhar mais com as peças que faço, mas para mim nunca foi uma questão de dinheiro. E não sei como explicar ao Lucky que não quero transformar em negócio o que nasceu da paixão por *ele*. Não quero que o vidro se transforme em lucro e pagamento de contas. Eu quero que seja do meu coração. Não minha cabeça.

— A agricultura está estável, — digo finalmente. — Isso é bom o suficiente para mim.

Lucky não força. Ele bate o ombro no meu, soltando um suspiro de satisfação enquanto olha para o rio e para toda a beleza natural do parque. Encontro meus olhos, na maioria das vezes, desviados para ele.

Antes de voltarmos a andar, nós dois paramos para aliviar a bexiga. Posso ouvir Lucky rindo enquanto estamos atrás de nossas respectivas árvores, bem debaixo da cobertura da floresta. Eu o silencio sem raiva, mas ele apenas ri mais.

Quando voltamos para a trilha, balanço a cabeça. *É como se você quisesse que fôssemos pegos.*

Lucky apenas sorri. — Vamos. Vamos ver as cavernas.

A Caverna Indiana é acessível por calçadão. Alguns outros visitantes estão lá quando chegamos no meio da tarde. Lucky pega sua câmera para tirar fotos das pinturas rupestres esculpidas na superfície das paredes marrom-arenosas da caverna. Há história aqui. Você pode praticamente sentir isso na terra e no ar, como uma marca deixada por aqueles que vieram antes de nós.

Não posso deixar de me perguntar que marcas poderemos deixar para trás. Eu. Lucky. *Nós.*

Há um sorriso suave no rosto de Lucky quando ele olha em minha direção. Ele inclina a cabeça ligeiramente, a voz baixa quando fala. — No que

você está pensando, El?

Limpo a garganta antes de responder. — Nós.

— Sim? — Lucky pergunta, deixando sua câmera pendurada em seu pescoço enquanto ele se aproxima. Um pequeno grupo passa por nós no calçadão, mas quando eles vão embora, Lucky diz em voz baixa: — Nós ontem à noite?

Meu corpo cora com o lembrete, mesmo quando balanço a cabeça. — Nós amanhã, — digo a ele com sinceridade. — E… no dia seguinte. E o próximo.

Sua respiração o deixa acelerado quando ele olha para meu rosto, seus olhos tão claros que parece que posso ver através deles. — O que você vê para nós, El?

Como posso dizer a ele que vejo tudo? Nos meus sonhos mais vívidos, vejo tudo o que ele vai me dar. Uma vida com ele, em qualquer forma que isso possa assumir. Anos amando-o porque sei que farei isso, não importa o que aconteça. Vejo fragmentos de dias como este, em que caminhamos, partilhamos refeições ou simplesmente desfrutamos da companhia um do outro. Eu o vejo. Sempre ele.

— Felicidade, — eu respondo.

E isso, Lucky não discute. Ele pega minha mão, segurando-a com força enquanto voltamos pelo calçadão. É início da noite quando chegamos ao ponto de entrada do parque, depois de fazer outra rota panorâmica de caminhada pelas florestas de madeira nobre para chegar lá. Apesar de precisarmos jantar em breve, puxo Lucky na direção oposta da caminhonete.

— Para onde você está me levando agora? — Ele pergunta, com um sorriso divertido no rosto.

Você vai ver.

Ele firma os pés quando chegamos em frente à estação de feno. — El, — diz ele, olhando para as famílias e crianças que esperam na fila. — Não vamos fazer um passeio de feno.

Sim.

— Isso diz "assombrado"? — Ele pergunta, olhando para a placa. — Quanto anos temos, dez?

Eu retiro dois ingressos. — Já… pago.

Ele geme baixinho, olhando para o céu por um momento, como se pedisse paciência, mas depois caminha comigo até o final da fila. — Isso é pior do que o labirinto de milho, — ele murmura baixinho.

Eu não posso deixar de sorrir.

Lucky está determinado a manter uma carranca enquanto embarcamos no passeio de feno assombrado, mas é uma carranca pobre, na melhor das hipóteses. Os cantos de sua boca continuam se levantando, e sua mão se enrosca na minha, os dedos roçando suavemente os meus.

— Isso é tão exagerado, — ele sussurra para mim no meio do caminho, quando um ghoul salta de trás de uma árvore, fazendo algumas crianças gritarem.

Aperto sua mão.

— Obrigado, — acrescenta ele, com a cabeça apoiada no meu ombro.

Meus lábios se curvam em um sorriso.

Quando saímos do parque, já está escuro. Pegamos o jantar para viagem, comendo na caminhonete enquanto dirijo. Já passa da meia-noite quando estaciono na garagem e Lucky me segue para dentro de casa sem dizer uma palavra. Posso ver as linhas de exaustão em seu rosto enquanto tomamos um banho rápido juntos, certificando-nos de ficar quietos para não acordarmos minha mãe. Não há mãos errantes desta vez ou orgasmos cheios de vapor. Apenas lavando e alguns olhares aquecidos.

Lucky é o primeiro a entrar debaixo das cobertas, vestido com calças compridas de dormir, mas sem camisa. Ele suspira, um som meio feliz, com o cabelo molhado espalhado atrás dele no travesseiro. Eu me junto a ele um momento depois.

— Você trabalha esta semana, — diz ele, sem fazer uma pergunta.

Ainda assim, eu aceno.

Seus dedos brincam com os meus. — Acho que vou passar algum tempo com minha mãe enquanto estiver aqui. Posso até ver se sua mãe quer ir àquele mercado vintage a algumas cidades daqui.

— Ela gostaria disso, — digo a ele.

— Eu também, — diz ele. — Você nunca sabe que tipo de coisas encontrará em lugares como esse. É como uma caça ao tesouro. Também precisarei editar minhas fotos da Groenlândia nos próximos dias, mas isso não demorará muito.

Eu escovo uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

— Ainda preciso mostrar essas fotos, — diz ele, parecendo sonolento.

Concordo com a cabeça contra o meu travesseiro.

— Eu gosto disso, El, — Lucky sussurra. — Gosto de estar aqui. Com você. Eu gosto *de nós*.

Sim.

— Às vezes, penso no passado e penso... por que não estávamos fazendo isso o tempo todo? Pelo menos quando tínhamos idade suficiente, — acrescenta rapidamente.

Concordo com a cabeça novamente, sabendo o que ele quis dizer.

— Mas então, penso no que tínhamos *e* não mudaria nada. Estou tão feliz que você é meu melhor amigo, El. Mesmo que tenhamos levado algumas viagens extras para chegar onde estamos agora, estou tão feliz que tenha sido você. É você. Será *você*.

— Sempre, — eu sussurro.

Ele gagueja, aproximando-se. Sua perna desliza entre as minhas, acordando meu pau, e o pequeno movimento de seus lábios me diz que ele sabe disso. Ainda assim, ele não pressiona por mais. Não agora.

— Lucky, — eu digo lentamente.

— O que é? — Ele pergunta, passando a mão pelo cabelo ao lado da minha cabeça.

Fecho os olhos, a sensação é reconfortante, mesmo quando as pontas dos dedos dele acendem uma pequena chama. — Você algum dia... me foderia?

— Você quer isso? — Ele pergunta, o movimento de seus dedos nunca parando.

Abro os olhos. Eu acho que eu quero. — Quero tudo... com você.

— Então sim, El, — ele responde facilmente. — Faremos isso. Qualquer coisa que você quiser. Tudo o que você quiser.

— Há... muito, — digo a ele.

Seu sorriso é um pouco perverso. — Nós temos tempo. Não é?

Sim. Nós temos.

— Me beija? — Ele pergunta.

Sempre.

Seus lábios são suaves quando encontram os meus. Ele tem gosto de menta e cheiro de laranja, e o fato de que ele estará aqui por mais de alguns dias torna mais fácil mergulhar no beijo sem a urgência frenética que senti na última vez que ele esteve aqui. Tê-lo de volta, ter esse vislumbre do que nós dois podemos ser, me acalma profundamente. É saber que Lucky está nisso comigo. Que não estou mais sozinho em meus sentimentos. Que, mesmo sendo impossível saber o futuro, sei que Lucky estará no meu.

A nossa memória ficará nas fotos que tiramos, nos vidros que reaproveitamos. Estará no vento e nas tábuas do piso e nas paredes do silo. Deixaremos nossa marca neste mundo e faremos isso juntos porque sempre estivemos unidos. Lucky entrou na minha vida aos dez anos, mas não vai embora.

E quando penso assim, percebo que não há nada a temer quando se trata de nós. A aventura pode chamar. O tempo também pode. Mas nenhum dos dois vai tirar Lucky de mim.

Ele já se escreveu em meu coração.

Capítulo 30

Lucky

Encontro Ellis no silo quando volto do jantar com meus pais. É meu último dia em Nebraska durante esta parada e, embora esteja feliz por ter tido tempo de conversar com meus pais durante a última semana e meia, quero passar o resto da noite com Ellis.

E apenas Ellis.

Sinto um aperto no estômago quando penso em voltar para Nova York. Para meu apartamento vazio e minha cama vazia. Mas eu afasto isso por enquanto e me concentro no homem à minha frente.

Não é de surpreender que Ellis esteja modelando vidro, ainda com seus jeans surrados e camisa azul-marinho do trabalho. Seu corpo brilha à luz do forno de tijolos, evocando a imagem mental de ferreiros e cavaleiros. Eu poderia ver Ellis como qualquer um. Ele sempre foi forte, por dentro e por fora. Honroso. Confiável.

Os músculos sob sua camisa se contraem enquanto ele rola o copo na mesa de metal ao lado do forno. É um trabalho tão delicado, mas o próprio homem é tudo menos isso. Ele é sólido e sexy, seus movimentos são seguros.

Com tanta força que me deixa quase sem fôlego, sinto uma vontade

repentina e avassaladora de capturar Ellis assim — em seu elemento, parecendo tão confiante e sereno.

Antes que ele possa me ver, eu me viro e corro por onde vim. Quando entro no silo pela segunda vez, Ellis percebe minha chegada.

Eu levanto minha bolsa de câmera. — Posso tirar uma foto sua?

Sua cabeça se inclina, mas ele balança a cabeça antes de voltar ao trabalho.

Retiro a câmera do estojo, coloco a lente adequada antes de colocar a alça em volta do pescoço. Ellis não parece nem um pouco preocupado com minha presença quando começo a tirar fotos. Seus olhos encontram os meus uma vez, mas então ele continua sua arte, rolando o vidro quente e derretido e soprando na ponta da vareta. Suas mãos são hábeis enquanto ele trabalha, seu foco é constante.

Faço questão de ficar fora do caminho dele, mas o calor do forno me faz suar rapidamente. Ellis não está se saindo melhor. Seu cabelo está úmido, com mechas escuras enroladas, e o brilho acima da gola da camisa atrai minha atenção mais de uma vez.

Quando Ellis termina, ele bate a criação da vara na mesa. É um robin pequeno e arredondado. Um enfeite, se eu tivesse que adivinhar.

— É adorável, El.

Ele grunhe em agradecimento, guardando suas ferramentas e trabalhando rapidamente para apagar as chamas. Meu pulso está disparando quando ele termina, e para, olhando para mim interrogativamente.

— Posso fotografar você nu? — Eu pergunto.

Ele pisca para mim uma vez, duas vezes, antes de concordar. Juro que meu coração perde uma batida.

— Ninguém verá as fotos além de mim, — garanto a ele.

— Confio em você, Lucky.

Eu solto um suspiro para me acalmar. — Tire sua camisa.

Ele faz o que eu peço, puxando o tecido levemente úmido pela cabeça.

Ele deixa cair na superfície da mesa de madeira, me observando, esperando.

Dou um passo em direção a ele lentamente antes de parar a trinta centímetros de distância. Eu me abaixo um pouco, encontrando o ângulo que o faz parecer um deus etéreo e robusto, iluminado pelo brilho suave que vem de cima e flanqueado por um vidro colorido que desfoco com minha lente. Sua pele parece dourada, pelos escuros cobrindo seu peito e descendo até o meio de seu abdômen.

Eu o rodeio, tirando mais algumas fotos antes de colocá-lo sentado no chão, com as pernas dobradas e os joelhos afastados. Eu me agacho entre eles, o coração batendo forte. Meu dedo voa no disparador.

— Calças, — digo a ele em seguida.

Ellis obedece, levantando-se para se livrar da calça jeans empoeirada. Ele tira as botas e as meias também, deixando-o parado apenas com cueca preta. Seu pau, embora macio, pressiona contra a frente do tecido de uma forma que faz minha boca ficar cheia de saliva. Movo Ellis para trás até que ele esteja encostado na mesa, suas mãos apoiando a madeira atrás dele e acentuando os músculos de seus braços, e então me afasto, colocando a câmera na frente do meu rosto.

— Você é lindo, Ellis.

Ele não diz nada enquanto continuo a fotografá-lo, e só posso esperar que ele acredite em mim. Que ele sabe o quanto eu o quero, *tudo* dele.

— Cueca tire, — digo a ele, recuando ainda mais.

Ellis desliza a cueca boxer pelas pernas, seu pênis pendurado pesadamente entre as coxas e balançando enquanto ele levanta os pés para remover o tecido. Ele combina com o resto de suas roupas, completamente descarado em sua nudez. Suas pernas são grossas e cobertas de pelos, assim como o peito e os braços. Sua bunda é redonda e tão mordível que tenho que morder o lábio para moderar o desejo. Seu pênis está aninhado em cachos escuros, e cada centímetro dele, desde seus lindos olhos castanhos até as unhas dos pés aparadas, é perfeição aos meus olhos.

Guardo essa memória – assim como a Aurora Boreal e o peixe-papagaio no Mar do Caribe – em um lugar para onde sempre posso voltar. Mas eu sei que não importa quantas fotos eu tire do homem diante de mim, nada se compara a estar na presença dele.

— Vire-se, — peço, minha voz baixa. Rouca.

Ele o faz, me dando as costas e apoiando os cotovelos na bancada. Ele dobra um joelho levemente, exibindo sua bunda e as linhas largas e fortes de suas costas. Ele é pura arte, e tiro uma dúzia de fotos antes de abandonar minha câmera pelo próprio homem.

— El.

Ele se vira e eu o alcanço, minhas mãos curvando-se atrás de seu pescoço. Eu o puxo para mim, pegando seus lábios, choramingando no beijo enquanto me encontro puxado contra o comprimento quente de seu corpo. Minhas mãos viajam para baixo, sobre os ombros, pelos braços, ao redor da curva apertada de sua bunda. Eu gemo quando o pau de Ellis engrossa contra meu quadril.

— Quero você, — eu sussurro.

Seus dedos apertam meu cabelo.

Ellis não se opõe enquanto passo um bom e longo minuto em sua boca, nossos lábios inalando, nossas línguas brincando. Ele também não se opõe quando interrompo o beijo, abaixando-me lentamente na frente dele. Seus dedos permanecem entrelaçados nas mechas do meu cabelo, e seus olhos permanecem fixos nos meus enquanto meus joelhos batem no chão. Seu pau roça minha bochecha e eu viro meu rosto, beijando a lateral dele.

— Você se lembra de quando tínhamos vinte e três anos? — Eu digo, com as mãos subindo pelas coxas. — Vim visitá-lo no Dia de Ação de Graças. Estávamos todos na casa dos meus pais, nos preparando para a torta de abóbora.

Ele balança a cabeça, a garganta convulsionando ao engolir enquanto corro meus lábios para cima e para baixo ao longo de seu pau. Eu murmuro a base antes de me sentar e acaricio uma vez.

— Você estava ajudando com o chantilly, mas a tigela caiu do balcão, bagunçando suas roupas.

Ele não diz uma palavra enquanto eu corro minha língua por seu pau, uma mão segurando-o no lugar, a outra ancorada em seu quadril.

— Você voltou para casa para se trocar, mas demorou um pouco, então vim te procurar.

Sua testa franze levemente, e eu solto uma risada, minha respiração pairando sobre sua glande.

— Sim, você não sabia disso, — eu digo. — Porque eu encontrei você, sua porta se abriu, você lá dentro, completamente nu, e eu congelei. Eu não queria pegar você desse jeito.

Ele balança a cabeça, os olhos semicerrados. Ele não se importa; isso é óbvio.

— Ainda assim, — eu continuo. — Eu me senti péssimo e voltei para a casa dos meus pais. Mas eu não conseguia tirar a imagem de você da minha cabeça. Não por muito tempo. De jeito nenhum, na verdade. Há um milhão de imagens suas, Ellis, todas na minha mente. Imagens suas nuas. Lambo a cabeça do seu pau lentamente. — Imagens de você sorrindo. — Eu o chupo em minha boca, acariciando-o com minha língua. — Imagens de você ao meu lado, em tantos lugares diferentes. Tenho mais fotos suas na minha cabeça do que qualquer outra coisa ou qualquer outra pessoa.

Seus dedos vasculham meu cabelo, mãos embalando minha cabeça. Seus olhos são suaves, seu pau molhado da minha saliva enquanto encosta no meu lábio inferior.

— Eu quero mais, — eu sussurro. — Quero muito mais fotos, El.

— Todo seu, — ele diz.

Eu o levo em minha boca então, sugando-o, saboreando cada respiração ofegante e gemido silencioso que sai de seus lábios. Eu o adoro do jeito que prometi a mim mesmo que faria, reservando um tempo para beijar seus quadris, coxas e umbigo. Coloco suas bolas em minha boca e esfrego um dedo ao longo

de suas nádegas. Eu até brinco com seu buraco, meu próprio pau latejando quando Ellis, sem palavras, abre mais as pernas.

Quando ele goza, é com o pau na minha boca e o dedo no buraco dele. Ele desce pela minha garganta com um grito rouco, seu corpo vibrando em torno do meu dedo indicador. Eu torço até o último suspiro e gemido que posso antes de me afastar e deixar Ellis retribuir o favor.

Mais tarde, naquela noite, quando caímos na cama e meus pensamentos se voltam para Nova York, deixando uma pressão desconfortável na cabeça e no coração, sei o que preciso fazer.



A manhã chega rapidamente. Saio silenciosamente do quarto de Ellis, deixando o homem dormindo na cama enquanto preparo um bule de café. Enquanto cospe e chia, perfumando o ar com o cheiro de torrado amargo, olho pela janela. O céu está claro, mas nebuloso, o amanhecer acaba de chegar. A grama parece úmida, o silêncio paira no ar enquanto o mundo começa a acordar.

Quando meu café fica pronto, encho uma caneca e saio para o deque, grato pelo moletom que vesti. Meus pés, porém, estão descalços, então os coloco na cadeira, puxando a barra do moletom até os dedos dos pés.

Normalmente não sou uma pessoa que acorda cedo, mas minha mente me acordou ao amanhecer, girando e girando, mesmo enquanto eu tentava, inutilmente, voltar a dormir contra o peito quente e convidativo de Ellis.

Giro meu celular na mesa à minha frente, a caneca de café mantém minha outra mão aquecida. Penso em ligar para Danil primeiro, mas ele provavelmente me mataria se eu o acordasse tão cedo. Além disso, sei que ele apoiará minha decisão.

Por um instante, me pergunto o que meus pais vão pensar. Eles ficarão

felizes em me ter por perto com mais frequência? É uma pergunta estúpida. Claro que eles ficarão felizes. Eles nunca tentaram me impedir de me mudar, mas sei que também gostam de me ter por perto. E eles têm apoiado meu relacionamento com Ellis.

O que deixa apenas um obstáculo.

Termino meu café antes de pegar meu celular. Um chapim canta enquanto espero a resposta da secretária do meu chefe. Chelsea ainda não estará no escritório, mas sei que Beth estará, visto que já passa das oito em Nova York. Ela responde rapidamente com sua saudação padrão e excessivamente alegre.

— Bom dia, Beth, — eu respondo. — É Lucky Buchanan.

— Oh, Lucky, — ela diz, um calor mais natural fluindo em seu tom. — Não estou acostumada a receber notícias suas tão cedo pela manhã. Tudo está certo?

— Sim, claro, — respondo, o nariz se contorcendo enquanto um raio de sol passa pelas nuvens. Luto contra a vontade de espirrar. — Eu só estava me perguntando se poderia marcar uma reunião com a Chelsea?

— Claro. Isso é urgente?

— Não, de jeito nenhum. Na verdade, isso pode esperar até eu voltar para Nova York.

— Claro, querido, — diz Beth, digitando em seu teclado. — O que devo dizer a ela que você quer encontrar?

Fecho os olhos brevemente, ouvindo a repetição suave do chapim próximo. Um veículo passa na estrada, um zumbido baixo comparado à agitação da cidade. E se eu inspirar profundamente, posso sentir o cheiro do subproduto da colheita de milho no outono, como poeira doce e sujeira e um toque de casca terrosa em decomposição.

Quando abro os olhos, há um sorriso no meu rosto. Nunca pensei que iria adorar o maldito cheiro de milho.

— Relocação, — digo a Beth, meu coração e alma se acalmando enquanto meus pensamentos se voltam para Ellis. — Eu gostaria de mudar para

casa.

Parte IV: Lua Azul

Capítulo 31

Ellis

O inverno é a estação que menos gosto em Nebraska. Não por causa do frio, mas porque está ocioso. Os descascadores ainda têm muito o que fazer, mesmo depois da colheita: manutenção de máquinas, planejamento para uma nova safra, pedido de equipamentos e fertilizantes e uma série de outras tarefas. Mas passo a maior parte do tempo no armazém, em vez de lá fora, e depois de um tempo fica abafado.

Eu costumava fazer mais pausas para almoço com minha mãe nessa época do ano. Mas agora que ela está aposentada, tenho comido com Gabby. E em vez de eu ir até o escritório ao lado onde ela trabalha, na maioria das vezes Gabby me encontra aqui, insistindo que gosta da mudança de cenário.

— Acho que quero experimentar o crochê, — diz Gabby, com a salada de frango na mesa à sua frente. — Parece mais fácil do que tricotar. Talvez? Não sei.

Eu balanço minha cabeça. Eu também nunca tentei.

— Minha avó costumava tricotar, — ela continua, — Mas ela não consegue mais trabalhar com agulhas.

Aperto o braço de Gabby e ela sorri.

— Obrigado, Ellis. Você gostaria de aprender comigo?

Faço uma pausa, o garfo pairando perto da minha boca. *Aprender a fazer crochê?*

Ela revira os olhos. — Sim, crochê. Do que mais eu estaria falando?

Mastigando meu macarrão, dou de ombros.

Gabby sorri. — Ótimo! Trarei alguns suprimentos na próxima semana.

Concordo com a cabeça, notando a cabeça de Riley se virar quando meu olhar muda de direção. A sala de descanso está cheia hoje, a conversa é constante como o zumbido das cigarras. Poucas pessoas queriam enfrentar isso ao ar livre depois da nossa primeira grande nevasca do ano.

Lucky está na Costa Rica agora, onde está ensolarado e quente. Será um choque para o organismo dele quando ele chegar mais tarde esta noite. Eu me sentiria mal com isso, exceto que estou muito animado para vê-lo. A distância não tem sido tão difícil quanto eu esperava nos últimos meses. Talvez porque conversamos quase diariamente. Talvez porque, quando não o fazemos, tenho a lembrança dos lábios dele para me fazer companhia. Ele não tem conseguido vir de avião com a frequência que qualquer um de nós esperava, mas suas estadias foram repletas de piqueniques na traseira da minha caminhonete, noites com Lucky nos braços e na cama, e muitas coisas para fazer, visitas memoráveis ao silo. E quando ele vai embora, saber que ele continuará voltando para casa é o suficiente para me manter aquecido à noite.

As ligações em que Lucky me incentiva a me masturbar enquanto sussurra em meu ouvido sobre o que fizemos juntos, ou o que ele gostaria *de fazer*, também não são ruins.

— Ellis? — Gabby diz, me dando um sorriso. O almoço dela acabou e os recipientes foram limpos. — Você ficou na sua cabeça por um minuto. O intervalo acabou. Preciso voltar para o escritório.

Dou um aceno para Gabby e ela se levanta.

— Até mais. Não se esqueça: crochê, — ela me lembra.

Feliz.

Ela bufa levemente, e não posso deixar de me perguntar se ela foi capaz de ler o sarcasmo em minha expressão.

— Tenha um bom fim de semana, — acrescenta, dando-me uma piscadela. Ela sabe que Lucky está chegando.

Termino meu almoço rapidamente antes de limpar. A sala de descanso está quase vazia agora, com todo mundo voltando ao trabalho. Fios de luzes multicoloridas brilham fracamente nos cantos da sala, e um falso Papai Noel coberto de neve acena da bancada. O Natal está quase aí.

Estou saindo da sala de descanso quando meu celular toca. Ver o nome de Lucky no display fez meu coração bater mais rápido em pouco tempo.

Eu respondo rapidamente, indo para o lado do corredor.

— Ei, El, — Lucky diz, a voz quase um sussurro. — Ligeira mudança de planos.

Meu intestino afunda.

— Tenho que fazer um desvio até o escritório de Nova York, — diz ele, confirmando minhas suspeitas. — Mas verei você em breve, eu prometo. Só não vá para o aeroporto hoje, ok? Explicarei mais assim que puder.

Concordo com a cabeça, incapaz de fazer minha voz funcionar. Achei que ele estaria aqui no feriado.

— El? — Ele pergunta gentilmente. Quando não falo, ele suspira. — Ficará tudo bem. Isso é bom, eu prometo. Só espere por mim?

Sempre.

Ele faz um som suave e, por um momento, acho que vai dizer mais alguma coisa. Mas então ele continua com pressa. — Eu tenho que entrar no avião. Eu estarei em casa em breve. — Uma pausa. —Tchau, El.

Limpo a garganta, o melhor que posso fazer. Depois de um instante, Lucky desliga.

Deixo minha mão pendurada ao meu lado. Alguém no corredor abre a porta pelo lado de fora, cruzando a soleira em meio a uma lufada de ar frio e neve. Meu corpo treme, já não tão quente.

Depois do trabalho, passo na loja de conveniência e deixo minha peça mais nova para Melody. São as Luzes do Norte, ou pelo menos o mais próximo que consegui de recriá-las. Levei muito tempo para acertar a peça e tive que desistir de algumas tentativas que não deram certo. No final, fiz um urso polar quase todo de vidro transparente. Listras verdes, rosa e amarelo-dourado fluem de um ombro, ao longo do meio do urso e descendo até a cauda. Lá dentro, soprei uma camada de glitter.

Melody está em êxtase com a peça. Ela diz que é o meu melhor até agora. Dou-lhe um sorriso, mas minhas entranhas ainda estão doendo.

No sábado, não tenho notícias de Lucky.

No domingo, alguém bate à porta.



— Eu não entendo, — diz minha mãe. — Ele estava doente?

— Sim, senhora, — responde nosso convidado, segurando uma pasta nas mãos. Ele está sentado no sofá, com o terno impecável no lugar, embora a barra da calça esteja manchada de neve. — Ele tinha câncer de pâncreas em estágio quatro. Infelizmente, não havia muito que os médicos pudessem fazer.

Minha mãe olha em minha direção, a tristeza em seus olhos é evidente. Ela parece mais triste por *mim*, no entanto. Não tenho certeza de como posso saber, a não ser que a dor está na parte externa dos olhos dela, não dentro deles.

Ela limpa a garganta. — E você está aqui para nos dar a notícia?

O homem assente. — Isso, além de informar que o Sr. William Cole deixou todos os seus bens para seu filho, Ellis William Cole.

Há um longo silêncio.

— Perdão? — Minha mãe pergunta.

O homem assente novamente, abrindo sua pasta. — Em seu último

testamento, o Sr. Cole instruiu que seus bens, incluindo aqueles obtidos com a venda de sua casa, fossem para Ellis. Está tudo aqui. Ele passa uma folha de papel para minha mãe, que a segura com a mão trêmula de sempre.

Seus olhos encontram os meus novamente. — Ellis, — ela diz calmamente.

Eu balanço minha cabeça. Eu não preciso ver isso.

Minha mãe coloca o papel na mesa. — Não havia mais ninguém? — Ela pergunta.

O homem franze a testa com simpatia. — Não. Ele parecia… — Ele faz uma pausa antes de dizer: — Ele parecia viver uma vida solitária. Seu corpo descansará aqui no terreno de sua família. O serviço será realizado na terça-feira.

Minha mãe balança a cabeça, parecendo perdida em pensamentos. — Obrigado Senhor…

— Bradley, — o homem completa, entendendo a deixa e se levantando. Ele estende a palma da mão, apertando a mão da minha mãe e depois se aproximando para apertar a minha. — Minhas condolências. — Ele me passa um cartão. — Minhas informações se você tiver dúvidas.

Concordo com a cabeça e o Sr. Bradley dá um passo em direção à porta. Eu sigo, acompanhando-o. O Mercedes preto que desce a nossa garagem em meio à neve parece deslocado.

— Ellis? — Minha mãe diz. — Você está bem?

Fecho a porta, virando-me em sua direção. Deixo o cartão de visita na mesa de centro antes de encolher os ombros.

— Ele... me mandou um e-mail, — eu digo.

O rosto da minha mãe se contrai em confusão. — Quando?

Eu penso no passado. — Meses antes.

— O que ele disse?

— Queria conversar. — Balanço um pouco a cabeça. — Disse não a ele.

— Oh, querido, — diz minha mãe, inclinando-se para frente na cadeira como se quisesse vir até mim. Eu facilito isso, caminhando em sua direção. Ela

agarra minha mão, apertando com força. — Não é culpa sua, você sabe. Eu provavelmente teria dito a ele a mesma coisa. Você não sabia que ele estava...

Sua frase se esgota. *Morrendo*, ela ia dizer. Ele estava morrendo e eu o ignorei.

Mesmo assim, eu aceno. Não me sinto culpado por isso, não exatamente. Não tenho certeza do que sinto. Um pouco irritado. Porque ele nos deixou. Ele nos deixou e não olhou para trás até morrer, sem mais ninguém a quem recorrer. Zangado porque ele me colocou em seu testamento, como se tivesse direito. Como se ele ainda pudesse se chamar de meu pai. Zangado por ele ter morrido, mesmo sem culpa própria.

E triste. Há uma parte de mim que está triste pelo garoto que eu costumava ser. Aquele cujo pai desistiu. Que se levantou e saiu como se fosse fácil. Estou triste pelo garoto que nunca mostrou ao pai os potes que colecionou. Quem nunca compartilhou sobre sua noite de formatura.

Ele foi embora, desistiu de nós e agora se *foi*. E para quê? No final, ele será colocado no chão exatamente onde começou. No final, ele deixou tudo o que ganhou para um garoto que não conhecia mais. Não havia mais ninguém. E talvez eu também esteja triste por isso. Ele alguma vez encontrou o que procurava? Ele se arrepende?

Eu nunca saberei.

— Querido… — Minha mãe diz.

Balanço a cabeça rapidamente, passando o dedo abaixo do olho. — OK? — Eu pergunto a ela.

Ela balança a cabeça lentamente. — Eu estou. Eu me despedi do seu pai há muito tempo. Mas não há problema em ficar triste, Ellis. Você não precisa gostar ou mesmo amá-lo por isso.

Estou sofrendo por ele? É isso que é isso? Não tenho uma resposta, então não digo nada.

Sinto falta do Lucky.

O medo me invade com esse pensamento. É um momento. Uma série de

flashes. É a voz de Lucky. — *Um dia vou sair desta cidade, El.* — É meu amigo, braços estendidos sob uma cachoeira. É a emoção dele cada vez que liga e as inúmeras aventuras que viveu.

É a memória de um vaga-lume envolto em vidro, sem vida e sem graça.

— *Quero que minha vida seja... notável, El.*

Meu pulso está acelerado quando ouço a porta de um carro sendo fechada do lado de fora. Solto a mão da minha mãe e vou até a janela da frente, bem ao lado da árvore de Natal que brilha branca. O alívio que sinto é impressionante, e minha respiração falha junto, gaguejando contra a vidraça. A Lucky está lá fora. Ele está aqui, *aqui*, e vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem porque tudo fica *sempre* bem quando Lucky está por perto.

Exceto... ele está ao lado de seu próprio carro, não de aluguel. E ele está puxando mala após mala do porta malas, colocando-as no meio centímetro de neve que cobre a entrada de automóveis escavada.

— Quem é ? — Minha mãe pergunta.

Eu não posso responder a ela. Esse alívio que percorre meu corpo se torna frágil e irregular quando calço as botas e saio pela porta da frente. Lucky olha para cima quando me vê, um largo sorriso se espalhando por seu rosto.

— El, — ele diz, alto o suficiente para eu ouvir.

Meu pulso está pesado enquanto caminho em direção a ele. Flocos de neve caem preguiçosamente pelo céu, pousando em minhas bochechas e nariz, pequenas picadas geladas.

A expressão de Lucky cai um pouco quando finalmente estou na frente dele. Ele inclina a cabeça, com a testa franzida para o que vê no meu rosto.

— O quê? — Consigo dizer, olhando para o que parecem ser todos os pertences de Lucky dentro e ao lado de seu carro.

Ele me dá um sorriso, recuperando a excitação com que apareceu. — Estou em casa, El. Estou me mudando para casa.

Respiro fundo, o frio doendo em meus pulmões. — Não.

Capítulo 32

Lucky

Não.

Ellis parece exatamente o oposto de feliz, e tudo em mim afunda.

— Não? — Repito, sem entender a palavra ou seu significado ou por que Ellis estaria dizendo isso quando deveria estar me beijando.

Ele balança a cabeça rapidamente, virando-se e andando alguns passos para longe. Suas mãos passam pelos cabelos e ele parece perturbado.

— O que diabos está acontecendo? — Eu digo, me afastando da minha bagagem.

Ele grunhe, balançando a cabeça novamente, mal encontrando meus olhos. Estendo a mão para ele, mas ele se afasta.

— Ellis... — Eu digo, magoado com sua negação.

Acho que ouvi outro — Não, — mas então Ellis está indo embora.

— Ei! — Eu chamo, correndo atrás dele. — Fale comigo. O que está acontecendo?

Ele não responde ou diminui a velocidade enquanto passa pela frente de sua casa, vestindo apenas uma camisa de mangas compridas, jeans e botas desamarradas. Seu destino é claro. O silo.

Amaldiçoo, olhando para meu carro aberto. Pego meu celular enquanto corro atrás dele, mandando mensagens para meu pai e tropeçando mais de uma vez nos montes de neve na beira do campo. Ellis chega ao silo muito antes de mim.

Minha respiração está ficando curta quando eu me recupero. Isso embaça o ar à minha frente. — El.

Ele está andando pelo interior do silo agora, as linhas de seu corpo contraídas.

— O que está acontecendo? — Pergunto calmamente, indo em sua direção.

Seus olhos, quando se voltam para mim, parecem doloridos. —Por quê? — Ele resmunga.

— Porque o quê? — Pergunto, tentando pegar seu braço. Ele dá um passo para o lado e um pequeno som escapa da minha garganta. Solto um suspiro, deixando Ellis se afastar. — Por que estou de volta para sempre? Achei que isso seria óbvio.

— Você não... — Ele balança a cabeça novamente, sem olhar nos meus olhos. — Não me contou.

— Eu não queria ter muitas esperanças, — admito. — Tive que conversar com minha chefe e resolver tudo antes de poder voltar. Acabamos de finalizar a papelada, então aqui estou. Pensei em fazer uma surpresa para você.

O olhar que ele me dá não me impressiona.

— Que porra é essa, El? — Pergunto, tentando manter o tom calmo, apesar dos palavrões e das investidas desconfortáveis. —Achei que você ficaria feliz.

Ele grunhe, e eu estou simplesmente... chocado. Estou chocado.

— Você não me quer aqui? — Eu pergunto, quase em descrença.

Ele balança a cabeça e, *ah*, *porra*. Sento-me no chão, com os joelhos dobrados enquanto tento recuperar o fôlego. *Puta merda*.

Ellis cai na minha frente, com as mãos nos meus joelhos. Seus olhos

estão me implorando, mas eu não entendo.

— Por que você não me quer aqui? — Eu pergunto, minha voz tremendo.

Sua expressão se desfaz. — Preso.

— Você... você se sentiria preso? — Eu sussurro.

Ele balança a cabeça rapidamente, os olhos indo para todos os lugares enquanto o silêncio se estende dolorosamente. Seus dedos cravam em meus joelhos. — V-você, — ele finalmente diz.

— Eu?

Ele balança a cabeça, mas não estou entendendo.

— Eu quero estar aqui, El. Com você.

Ele faz um som frustrado antes de se levantar. Seu ritmo é retomado. — Como... meu pai, — ele diz, as palavras vindo lentamente. — Saiu.

Meu intestino chega ao fundo, um calafrio profundo me cobrindo que não tem nada a ver com o frio. — Você acha que eu te abandonaria como seu pai fez? — Eu pergunto. — Você realmente acha que eu faria isso?

Sua expressão me diz *que sim*, ele acha.

Minha boca se abre, nada sai. — Ellis, — eu digo, um hematoma florescendo no fundo do meu peito. — Como você pôde pensar isso? Como você pôde pensar que eu iria te deixar?

— Fez, — diz ele, parando assim que a palavra sai de sua boca. Sua respiração perfuma o ar à sua frente enquanto ele vira a cabeça, arrependimento em seus olhos quando encontram os meus.

— Sim, — eu digo, limpando a garganta e me levantando. —Ai.

Ele dá um passo à frente, mas para, a batalha dentro dele é evidente.

— Você me disse para ir, — eu indico.

Ele não refuta isso.

— Você praticamente me empurrou porta afora.

Novamente, nenhuma defesa.

— Eu teria ficado por você, Ellis! Se você tivesse perguntado, eu teria ficado.

Ele pisca para mim, com tristeza em sua expressão enquanto observa as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Ele respira fundo antes de falar. — Não poderia... ter deixado você.

Desvio o olhar por um momento, mexendo a mandíbula. Meus olhos ardem e eu escovo minhas bochechas, enxugando a umidade em minhas calças. — *Por quê?* Ajude-me a entender, *por favor*. Por que diabos você não me quer aqui?

— Preso, — ele repete.

— Você acha que eu me sentiria preso?

Ele balança a cabeça, apontando para cima. Sigo seu olhar, mas tudo que vejo são os vaga-lumes brilhando acima.

— Então, você queria que eu fosse, — digo, tentando analisar o assunto. — E agora? Você simplesmente se contentaria comigo morando em outro estado? Você ficaria bem se eu visitasse uma vez por mês se tivermos sorte?

Ele balança a cabeça, mesmo com o rosto comprimido.

— Bem, eu não, — digo asperamente, com a respiração ofegante. — Eu não vou me contentar com isso. Eu quero estar *aqui*, com você. Eu quero viver com você. Voltar para casa para *você*. Você está me dizendo que não quer a mesma coisa?

— A única coisa... que eu quero.

Eu levanto minhas mãos. — Então por quê? Por que estamos discutindo sobre isso? Por que você quer que eu vá?

Ele solta um suspiro, com as mãos na cabeça enquanto olha para cima, com expressão de dor. — Não… estou ouvindo.

— Estou tentando, — eu bufo. — Mas você não está *dizendo* nada.

No silêncio que se instala, respiro fundo.

— Sinto muito, — digo, dando um passo em direção a ele, a mão presa no ar. — Sinto *muito*, El. Eu não quis dizer isso.

Ele grunhe.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Não está bem. Isso foi uma

merda de se dizer. Eu estou apenas…

Solto um suspiro e fecho os olhos. Não era assim que eu esperava que esse dia fosse. Achei que nosso reencontro seria alegre. Achei que Ellis me receberia de braços abertos e com um beijo caloroso, e que celebraríamos o Natal juntos, talvez tomaríamos um chocolate quente e eu estaria em casa. Estaríamos juntos, e eu estaria em casa para sempre, e ele ficaria *feliz* com isso.

Mas ele não está feliz. E eu tenho que descobrir *o porquê*.

— El, — eu digo suavemente, abrindo os olhos. Ele está parado a apenas trinta centímetros de mim, parecendo tão infeliz quanto eu. — Você *me quer*?

Ele acena com a cabeça, uma coisa curta e espasmódica.

— Isso, — eu digo, apontando entre nós. — Você ainda quer isso?

O barulho que ele faz é de ferido sim.

— Então me faça entender, — imploro, me aproximando. Ele não recua desta vez, e eu estendo a mão. Tentativamente, ele coloca a mão na minha, sua pele quente, mas não o suficiente. Ele deve estar congelando sem casaco. — Se você não consegue dizer, então escreva ou faça o que for preciso. Mas preciso saber o que se passa na sua cabeça neste momento. Acredite ou não, El, não consigo ler sua mente.

Pela primeira vez, recebo uma sugestão de sorriso, mas é uma coisa minúscula. Frágil.

— Não posso perguntar... — ele diz, parando.

Meus pensamentos saltam para trás. — Não posso perguntar o quê? Você não pode me pedir para ficar?

Ele balança a cabeça rapidamente. Uma confirmação.

— Por que não? — Eu pressiono. — Porque é egoísta?

Ele não diz uma palavra sobre isso.

— El, — eu digo, puxando sua mão até que ele dê um pequeno passo à frente. Ele está bem na minha frente agora, o calor do corpo quente através da fina camada de sua camisa. Seu nariz está vermelho, seus olhos castanhos estão tristes. — Eu *quero* que você seja egoísta nisso. Peça-me para ficar. Diga-me

para ficar.

Parece que ele quer falar. Ele lambe os lábios algumas vezes, claramente lutando. — Não posso, — ele finalmente diz.

Minha respiração sai de mim.

Ele grunhe, os olhos se movendo novamente, procurando respostas acima de nós. Finalmente, Ellis solta a mão. Ele estende as palmas das mãos, me dizendo para esperar.

— O quê? — Eu pergunto, observando-o ir em direção à porta.

Ele para, gira em minha direção e faz isso de novo. *Espere*.

Mantenho as mãos no ar, mas quando Ellis desaparece na esquina, meus braços caem soltos ao lado do corpo. — Porra,— murmuro, olhando para os vaga-lumes. — Vocês sabem o que está acontecendo?

Eles não respondem.

Vários minutos depois, meu celular toca no meu bolso. Quase ignoro, mas sem mais nada para fazer e com meus membros virando pingentes de gelo, agarro-o. Há uma mensagem do meu pai informando que ele trouxe minhas coisas para dentro, mas não é isso que chama minha atenção. É o e-mail de Ellis.

Clico para abrir enquanto meu celular continua a mostrar, mais e-mails chegando. Este está datado na linha de assunto. Escrito hoje. Agora mesmo, se eu tivesse que adivinhar.

Lucky. Nunca fui bom com palavras. Você sabe disso. Não sei como te explicar que só quero que você seja livre. Você sempre teve espírito aventureiro. Você é selvagem, lindo e amarrado ao vento. Não quero manter você aqui comigo. Nunca quis ser a razão pela qual você perdeu sua vida notável. Ficarei feliz com o que temos agora. Se eu tiver você, tenho tudo que preciso. Você não precisa fazer isso por mim.

Tínhamos vinte e um anos quando você me perguntou se eu queria garotas ou garotos. A resposta não foi nenhuma, porque sempre foi só você. Não, meninas.

Nenhum outro cara. Nenhuma outra pessoa segurou meu coração como você. É seu desde o momento em que nos conhecemos, eu acho. Eu segurei seu coração naquela noite em seu dormitório também. Não sei se você se lembra disso.
Nunca pensei que estaríamos aqui, Luck. Sempre fomos eu e você, mas agora somos realmente nós. Somos nós, e prometi a mim mesmo que nunca iria te impedir. Eu quebro e dobro potes velhos para você porque nunca vou prendê-lo em vidro. Você é meu vaga-lume e merece a vida que sempre se esforçou para viver. Você não vai me perder só porque se foi. Estarei sempre aqui esperando. Só peço que você volte para mim.
Continue voando de volta para mim.

Enxugo os olhos enquanto a tela fica embaçada. Li o e-mail repetidas vezes. E então eu olho para outro. Existem dezenas agora em minha caixa de entrada, todas enviadas em minutos, mas datadas de anos atrás. Ele escreve isso há *anos*.

Eu abro mais um deles, minhas mãos tremendo.

Ei, Lucky. Quando acordei esta manhã, o céu estava com uma cor ciano suave que me fez pensar em você.

Olá, Lucky. Você está aqui, sabia disso? Segurei sua mão há menos de dez minutos, mal conseguindo acreditar que a carne e os ossos sob minha palma eram reais.

Lucky. Ei. Eu não gosto disso. Há uma distância entre nós que nunca existiu.

Ei, Lucky. Não posso deixar de me perguntar se estou sonhando. É

assim que parece. Há menos de uma hora, você estava na minha cama, tão quente e macio, enfiado entre mim e os lençóis.

…Éramos nós contra o mundo, Luck. Nós dois, sempre. Eu e você.

…Nos meus momentos mais fracos, gostaria que você ficasse.

…Eu faria isso de novo.

…Eu te amo, meu vaga-lume brilhante.

…Eu tinha dezessete anos quando beijei você em Smith Falls.

…Se você soubesse como eu te amo, você entenderia?

…Estou com medo, Luck.

…Estou com saudades de você, meu precioso vaga-lume.

…Eu te amo mais do que qualquer coisa. Eu te amo, eu te amo, então por favor, meu lindo vaga-lume, voe de volta para mim logo.

Demoro um momento para perceber que Ellis está parado na porta. Ele é uma imagem borrada além dos meus olhos molhados, oscilando como uma

miragem.

— Todo esse tempo, — eu digo suavemente, enxugando meu rosto. Balanço a cabeça, bufando o que pode ser uma risada ou talvez um choro. — Você quer saber qual é a coisa mais marcante da minha vida?

Ele não diz uma palavra.

— El, — eu falo. — É *você*.

Capítulo 33

Ellis

Meu coração bate forte quando Lucky vem até mim. Ele me empurra antes de agarrar minha camisa com os dois punhos e me puxar para perto. Nós batemos juntos, e ele pisca para o meu rosto, seu peito subindo e descendo, os olhos azuis molhados.

— Seu homem lindo, — diz ele, parecendo frustrado, mas... não. — Eu amo viajar. Eu amo meu trabalho. Mas no final das contas, tudo que quero é compartilhar com *você*. É para você que eu quero voltar para casa. É de você que sinto falta toda vez que volto para Nova York. Você é quem me faz feliz, quem faz meu pulso pular como nenhum outro.

Ele respira fundo, a névoa se enrolando em seus lábios como fumaça.

— El… eu tive minhas aventuras, mas não importa quantas, não importa onde eu vá, elas sempre me levam de volta para você. Você sabe por quê?

Eu engulo, balançando a cabeça lentamente.

— Você diz que sou seu vaga-lume?

Eu concordo. *Sim.*

— Bem, você é minha maldita lua, Ellis. Você chama, eu vou.

— Eu… eu nunca pedi isso.

— Você não precisava.

Minha respiração sai na minha frente e Lucky fica na ponta dos pés, seus lábios a centímetros dos meus.

— Você tinha um segredo, — diz ele. — Eu também. Pronto?

Não consigo me mover, e os olhos de Lucky fixam-se nos meus. Sua voz, quando ele fala, é baixa.

— Eu também te amo. Eu tenho feito isso há anos. Eu te amei naquela época, e te amo agora, e nunca vou parar. Eu não sou capaz disso. Você é tudo para mim, El. Você é meu grande romance. E não há outro lugar onde eu preferiria estar do que aqui com você.

— *Lucky*.

— Então você vai me beijar agora ou o quê? — Ele pergunta, os lábios se contraindo no canto. — Eu estava esperando uma recepção em casa. E em vez disso, comprei botas cheias de neve.

Ele mal termina a última palavra antes que meus lábios colidam com os dele. Ele choraminga contra mim, apertando minha camisa com mais força. É alívio e felicidade e a amarga dor do medo. Mas acima de tudo, é voltar para casa. Seus lábios têm gosto de casa. E se é isso que ele quer, o que ele realmente quer e não o que ele acha necessário, então vou garantir que ele seja feliz aqui. Darei a ele um lar tão acolhedor e convidativo que ele nunca se arrependerá de ter ficado ao meu lado. Ele saberá que é amado, sem falhas, sem limites, sem fim.

— Amo você, — eu sussurro contra seus lábios.

Ele solta uma risada baixa e feliz, passando os braços em volta do meu pescoço. — De novo.

— Eu te amo, — digo a ele, puxando-o para cima. Suas pernas circundam minha cintura e eu o seguro contra mim. Eu o seguro tão forte quanto ouso.

— Eu também te amo, Ellis, — ele sussurra contra meu pescoço. — Estou tão ridiculamente apaixonado, que você vai ficar cansado de me ouvir dizer isso.

Eu balanço minha cabeça. *Nunca*.

— Veremos, — diz ele, mas não soa como um aviso. Parece uma promessa.

Virando, apago as luzes. O silo fica escuro, mas o cabelo de Lucky brilha em um tom dourado claro sob o luar enquanto eu ando em direção à casa.

— Temos que conversar sobre onde vou ficar, — diz Lucky. —Posso voltar para meu antigo quarto...

Eu balanço minha cabeça. — Comigo, — eu digo antes de soltar um suspiro. — Fica comigo.

Lucky se recosta em meus braços, com um sorriso largo. Ele entendeu. — Sim, El. Sempre.

Concordo com a cabeça e, em um minuto, chegamos em casa. Minha mãe está na cozinha quando entramos, e relutantemente abaixo Lucky. Tiramos as botas molhadas e mamãe acena para nós, tirando uma das mãos do suporte para caminhar.

— Chá de hortelã, — diz ela, apontando para o balcão, onde estão duas canecas fumegantes.

— Obrigado, Sra. Cole, — Lucky diz, aceitando uma caneca.

— Vocês, meninos, devem estar congelando, — diz minha mãe.

Lucky dá uma risada. — Um pouco.

— Bem, seu pai deixou uma de suas malas para que você tivesse algumas roupas secas para vestir. Você vai ficar aqui?

Lucky e eu trocamos um olhar e eu aceno, encorajando-o.

— Se estiver tudo bem para você, Sra. Cole, — Lucky responde.

Minha mãe acena para ele antes que ele possa dizer outra palavra. — Claro que sim. Você é sempre bem vindo aqui, Lucky. Estou feliz que esteja em casa.

Lucky sorri para mim por cima da borda da caneca.

— Estarei lendo na cama se algum de vocês precisar de mim, — diz mamãe, dando-nos privacidade ao sair da cozinha.

— Boa noite, — eu grito atrás dela.

Lucky toma um gole de chá. — Devemos nos trocar?

Concordo com a cabeça e nós dois vamos para o meu quarto. A mala de Lucky está logo atrás da porta, e ele tira roupas limpas enquanto vou até minha cômoda. Posso sentir seus olhos em mim enquanto me troco, e quando olho para ele, ele está parado, com uma camisa pendurada nas mãos e calças de dormir penduradas nos quadris.

Ele balança um pouco a cabeça. — Ellis, você realmente não sabe como você é?

Não respondo e ele se aproxima, a camisa ainda pendurada ao lado.

— Você é grande como uma montanha. Musculoso. Forte. Sua presença é grande, mas você é tão gentil e comedido. Nunca houve um momento em que eu não me sentisse seguro com você.

Engulo quando ele para na minha frente, seus dedos traçando a linha do meu ombro e braço. Quando ele chega à minha mão, seu toque desaparece.

— Você é de tirar o fôlego, — diz ele, olhando para meu rosto, seus olhos saltando sobre minhas feições. — Bonito. Sexy. Você tem um maxilar forte e um nariz bonito. Ele estende a mão e seu dedo percorre o último. — Você pode não dizer muito, mas seus olhos sempre me disseram tudo que eu precisava saber.

Sua mão pousa no meu peito, a palma quente sobre a batida rápida do meu coração.

— Eu quero você o tempo todo, El. Você deixa meu pau duro só de ficar aí parado. Mas… Mais do que isso, eu quero *você*. Entende?

Eu concordo. Eu faço. Porque é a mesma coisa que sinto por Lucky.

— Lindo, — eu digo a ele, segurando sua bochecha.

Seus olhos se fecharam como uma pena, a respiração deixando-o em um suspiro. — Seu, — ele acrescenta.

Meu.

Quando Lucky dá um passo para trás, ele veste a camisa. Deitamos lado a lado na cama, o quarto iluminado pela luz do teto. Nossas cabeças estão

próximas, as mãos unidas entre nós.

— Lucky, — eu digo suavemente.

— Sim?

Reviro o que preciso dizer. A notícia que soubemos pouco antes de ele aparecer. — Meu pai morreu.

Ele estremece ligeiramente, olhando para mim com os olhos arregalados. — O quê?

— Câncer, — eu explico. — O enterro… é terça-feira.

Ele abre e fecha a boca algumas vezes. — Sinto muito, El.

Dou de ombros um pouco.

— Você vai? — Ele pergunta.

Dou de ombros novamente. *Não sei.*

Ele aperta minha mão entre as suas. — Você poderia me contar sobre ele?

— Nada... a dizer, — respondo.

Ele não pressiona e eu sou grato.

— Seu emprego? — Eu pergunto.

Lucky acena com a cabeça, aparentemente entendendo a pergunta. — Não vou mudar. Eu já trabalhava remotamente noventa e cinco por cento do tempo. Se houver uma reunião ou evento que eu precise participar em Nova York, eu irei. Mas caso contrário, meus aviões partirão e retornarão para Nebraska.

Concordo com a cabeça, ainda tentando aceitar esse fato. Lucky estará *aqui*. Comigo. Ele viverá aqui e sempre voltará para casa.

— Você está bem? — Ele pergunta suavemente, os dedos percorrendo os meus.

Outro aceno de cabeça. Eu limpo minha garganta. — Dani?

— Ele entendeu, — diz Lucky. — Acho que ele ficou um pouco chateado por não estar mais na cidade com ele, mas ainda seremos parceiros e nos veremos o tempo todo. Ele está feliz por nós. — Ele faz uma pausa antes de acrescentar: — Lamento não ter contado a você antes. Acho que isso foi um

erro. Eu só... pensei que seria uma boa surpresa.

Levo sua mão até minha boca, beijando os nós dos dedos. —Não importa agora. Costa Rica?

— Você quer ouvir mais? — Ele pergunta.

— Sempre.

Ele sorri com isso, passando a perna por cima da minha enquanto fala. — Passamos nosso último dia em um navio de observação de baleias. Havia um grande grupo de nós. Turistas também.

— Baleias? — Eu pergunto curiosamente.

Seu sorriso ilumina seu rosto. — Jubartes, El. Muitos para contar, migrando para o sul durante o inverno. Um casal rompeu a água enquanto estávamos lá, e foi... — Ele solta um suspiro, a visão se perdendo em outro lugar. — Elas são *enormes*. Você pensa que sabe, mas então vê um pessoalmente, e é surpreendente que uma criatura tão grande possa existir em um mundo quase totalmente separado do nosso. Você sabia que eles cantam? Os machos cantam para suas companheiras.

Eu me recosto no travesseiro enquanto Lucky me conta sobre a canção da jubarte. Como as vocalizações são divididas em partes, algumas seções se repetindo da mesma forma que um refrão. Como, a cada estação, o canto pode mudar e como, às vezes, os machos cantam em coro. Ele me conta como uma baleia pode cantar por até vinte e quatro horas seguidas, repetindo sua canção de amor indefinidamente.

Ele também me disse que as baleias não cantam apenas nos seus locais de reprodução. Eles cantam enquanto viajam e alguns cientistas acreditam que é para praticar. Assim, eles poderão aperfeiçoar sua música quando a migração for concluída.

Não sei por que, mas isso mexe comigo. De certa forma, parece que somos nós. Tivemos que percorrer um longo caminho para chegar onde estamos, mas talvez cada passo tenha sido necessário para aperfeiçoar nossa música. E nós? Aperfeiçoamos? Acho que talvez seja uma jornada que continuaremos

percorrendo juntos.

Demora um pouco até que Lucky fique em silêncio, sua mão brincando com meu peito. — El?

Eu cantarolo.

— Eu não vou embora como ele.

Meu peito aperta. — Eu não deveria... ter dito isso.

— Não, — diz ele, mudando até que nossos rostos estejam alinhados. — Eu quero que você diga o que pensa, Ellis. Sempre. Eu me mudei.
— Diferente. — *Diferente do que meu pai fez.*

— Sim, foi, — ele concorda antes de engolir. — Mas... Deixar você foi a coisa mais difícil que já fiz. Já fiz isso uma vez e nunca mais farei. Senti sua falta todos os dias que estive fora. Perguntei-me, mais de uma vez, se tinha cometido um erro. E cada vez que eu ficava um pouco mais longe, parecia que estava perdendo o fôlego. Como se eu tivesse menos oxigênio nos pulmões. Eu estava faminto sem você, El. Você não me faz sentir preso, ok? Nunca. Você é o ar que eu respiro.

— Lucky…

— Senti até falta do maldito milho, — ele continua, soltando uma risada. — Não conte a ninguém que eu disse isso.

Eu fecho meus lábios e ele ri novamente antes de ficar sério.

— Eu vou ficar com você, El. Porque é onde eu deveria estar.

E não tenho um único argumento contra isso, então não falo uma palavra.

Capítulo 34

Lucky

Ellis sai cedo para o trabalho. Já me acostumei com isso nas vezes que estive aqui. Na maioria das manhãs, mal acordo enquanto ele está se arrumando, exceto no momento em que ele dá um beijo na minha testa. Eu sempre me lembro disso.

Já é fim de manhã quando saio da cama, ainda um pouco cansado depois da viagem de carro de vinte e duas horas no outro dia. Meu corpo também está dolorido, mas tenho a sensação de que parte disso se deve ao estresse residual da minha discussão com Ellis.

Vestido com roupas de dormir, saio do quarto. Uma música suave de Natal ecoa pelo corredor, me fazendo sorrir. Esse sorriso fica um pouco vazio quando penso no que será amanhã, além da véspera de Natal.

A Sra. Cole está na sala quando eu passo. — Bom dia, Lucky.

— Bom dia.

— Tem café na cafeteira, — ela me avisa.

Agradeço e vou pegar uma xícara. Com a caneca na mão, volto para a sala, tentando descobrir como abordar o assunto do funeral do ex-marido da Sra. Cole. Ela fala primeiro.

— Está tudo bem entre você e meu filho?

— Sim, — eu suspiro, embalando minha caneca entre as palmas das mãos. — Tudo bem.

Ela assente. — E você está de volta?

— Para sempre, — eu confirmo. — Ainda estarei viajando a trabalho, mas já anunciei meu apartamento em Nova York. Tem certeza de que está tudo bem se eu ficar aqui?

O olhar que ela me dá me lembra minha própria mãe. — Está mais do que bem, Lucky. Como eu disse antes, você é da família e estou feliz por ter você aqui. Na verdade, acho que será difícil para você e Ellis dividirem o espaço comigo.

Eu franzo a testa. — Você sabe que Ellis adora você. Ele quer estar aqui, e você sempre foi como uma segunda mãe para mim...

— Precisamente, — ela diz, me interrompendo. — E imagino que dividir uma casa com uma figura parental quando você é adulto em um relacionamento pode ter seus desafios.

— Oh, — murmuro, com as bochechas corando.

— Oh, — ela repete, rindo.

Tenho a sensação de que as frequentes viagens que Ellis e eu temos feito ao silo não passaram tão despercebidas quanto pensávamos.

— Vou simplesmente divulgar isso, Lucky, — diz a Sra. Cole. — Eu ficaria bem morando sozinha. Eu sei que Ellis não quer ouvir isso. Ele tem na cabeça que precisa cuidar de mim. Mas ainda sou capaz de lidar com o essencial sem ajuda, e suspeito que o farei por algum tempo. Então, se você quiser incentivar Ellis a se mudar, eu não levaria isso para o lado pessoal e, na verdade, eu o encorajaria. Não porque eu não queira vocês dois aqui. E não porque eu não sentiria sua falta. Mas porque vocês dois devem se sentir confortáveis morando em sua própria casa, sem ter que andar na ponta dos pés. Você sempre pode visitar. Diariamente, até mesmo, se você quiser.

Eu engulo, balançando a cabeça. — Obrigado, Sra. Cole. Vou manter isso

em mente.

Ela parece satisfeita com isso. — Agora, Ellis contou a você sobre o pai dele?

Eu solto um suspiro lento. — Sim, ele fez isso, mas só depois…

— Depois do que quer que tenha deixado ele nervoso quando você apareceu?

Eu solto uma risada triste. — Sim, isso.

Ela balança a cabeça, parecendo perdida em pensamentos por um momento. Quando seus olhos encontram os meus, eles são claros e brilhantes. — Meu filho é neurodivergente[13]. Você sabe disso.

Seu tom sério me fez sentar mais ereto na cadeira. — Sim. Eu sei.

— Ele não falou até os três anos de idade, — ela me conta. — Os médicos diagnosticaram-no como autista desde o início, mas só mais tarde é que manifestaram preocupação com o seu mutismo seletivo e os contínuos atrasos na linguagem. Começamos a levá-lo a um fonoaudiólogo quando ficou claro que sua comunicação verbal não estava se desenvolvendo no ritmo que eles gostavam. Mas você conhece nossa cidade. Não temos muitos recursos aqui.

Eu aceno e ela continua.

— O consultório do fonoaudiólogo ficava a uma hora de distância, então, duas vezes por semana, toda semana, eu pegava Ellis e o levava às consultas. E então, duas vezes por semana, todas as semanas, eu passava uma hora nos levando para casa, me perguntando por que meu filho estava ainda mais quieto do que o normal. Mais retraído. Levei mais tempo do que gostaria de admitir para perceber o que meu filho havia aprendido logo após essas consultas. A implicação de que ele precisava ser consertado. Que algo estava errado com ele.

Meu estômago dói e a Sra. Cole suspira, seus olhos nos meus.

— Você pode imaginar saber que o mundo via você como alguém quebrado aos cinco, seis, sete anos de idade? Porque Ellis fez. E eu estava reforçando essa noção ao pressioná-lo tanto para ser *normal*. Deus, como eu

odeio essa palavra. — Ela balança a cabeça. —Não me interpretem mal, não estou culpando os médicos. Cada criança e o que ela precisa é diferente. Mas foi nesse ponto que eu disse o suficiente. Pedi desculpas ao meu filho, perguntei o que *ele* queria e, a partir daquele momento, todos os dias, certifiquei-me de que ele soubesse que não precisava ser ninguém além de quem ele era.

Eu engulo, minha garganta apertada. Não sei por que a Sra. Cole está me contando isso, mas guardo suas palavras na memória, feliz por ter uma visão desse pedaço do passado de Ellis. Embora Ellis tenha me dito que estava nesse espectro logo depois que nos conhecemos, ele nunca falou muito sobre sua primeira infância. Eu vi a maneira como ele é tratado, é claro. Pessoas que olham para ele de forma estranha ou falam com ele de forma diferente. Crianças da escola que zombavam dele ou escreviam coisas maldosas no banheiro. Isso nunca incomodou Ellis, isso passava por cima de seus ombros, mas ainda o incomodava, mas eu não conseguia suportar. Será que eles não viam o quanto ele era especial?

— Agora, os professores de Ellis não ficaram satisfeitos com minha decisão, — continua a Sra. Cole. — Eles sentiram que Ellis deveria continuar sua terapia da fala. Mas quando perguntei se havia problemas com suas notas, se ele tinha problemas com os colegas ou se não conseguia comunicar suas necessidades, eles sempre responderam que não e, eventualmente, suas reclamações foram diminuindo. O que quero dizer é que meu filho não está quebrado. — Sua voz é firme. — Ele não precisa ser consertado. Ele é inteligente, gentil e bom. Ele é criativo. Ele é infalivelmente leal. E ele está feliz com quem ele é, o que talvez seja o mais importante de tudo. Muitas pessoas ouvem a palavra autista e pensam em características facilmente reconhecíveis. Eles pensam em tiques. Explosões. Eles pensam em obsessões por trens. Eles não veem o garoto tímido que é fascinado por cores e vidros. Eles não pensam no garoto com poucos amigos que demonstra fortes habilidades de liderança. Mas o espectro do autismo é tão vasto e variado quanto aqueles potes de vidro que Ellis coleciona. Não existem duas situações iguais e, no final das contas,

com TEA ou não, Ellis é ele mesmo. Ele é uma pessoa única, assim como todo mundo. Ele não está *quebrado*. Ele não precisa ser consertado. Nenhum de nós é perfeito, mas amo meu filho como ele é. E você também. Não é?

Eu aceno bruscamente, respirando fundo. — Sim, — eu resmungo.

Ela sorri, se acomodando em sua cadeira. — Então isso é tudo que importa. Mas direi isso, Lucky, mesmo que você não esteja pedindo meu conselho. Meu filho passa grande parte da vida dentro da própria cabeça. Tenho certeza que você sabe disso.

Eu aceno novamente. — Eu faço.

— Ele nem sempre capta sinais sociais da mesma forma que uma pessoa neurotípica faria. Portanto, não presuma, no que diz respeito ao seu relacionamento, que ele entende as coisas da mesma maneira que você ou chega às mesmas conclusões. Você vai precisar ser claro com ele. Direto.

— Sim, — eu digo, desalojando o nó na minha garganta. —Estou entendendo.

— Bom, — diz ela, recostando-se. — Só não leve para o lado pessoal se vocês dois tiverem um contratempo como ontem à noite. Nunca o vi amar alguém ou alguma coisa mais do que ama você. Confie nisso. Ele nunca tentará machucar você. Não é da natureza dele.

Pisco rapidamente e desvio o olhar, precisando de um momento para me concentrar. Meu café permanece intocado em minhas mãos, e eu o coloco na mesa de centro enquanto uma música suave de Natal continua tocando na cozinha. Quando sinto que finalmente posso falar novamente, pergunto: — Você sempre soube? Que ele me amava?

Seu sorriso é suave. Mais ou menos. — Sim. Mas nenhum de vocês estava pronto para isso, eu não acho. Até agora.

Eu me pergunto se ela está certa.

— Você irá ao funeral? — Eu pergunto, mudando de assunto.

Ela cantarola. — Eu penso que sim. Não tenho certeza se Ellis o fará, mas não vou pressioná-lo. Ele processará a morte de seu pai em seu próprio ritmo.

— Posso ir com você se Ellis decidir ficar, — ofereço.

— Isso é gentil, querido, mas você deveria estar com ele. Já conversei com seus pais e eles podem me levar se eu precisar de carona.

— OK.

— No entanto, tenho um pedido, — diz ela, com um leve brilho nos olhos.

— Sim?

— Ajude-me a fazer um pouco de gemada?

Eu solto uma risada. — Com certeza.



Na manhã seguinte, Ellis veste um terno sem dizer uma palavra. Ele fica incrivelmente bonito de preto passado, mas guardo esse pensamento para mim. Não é a hora.

Apesar da Sra. Cole não precisar mais de carona, meus pais nos acompanham até o cemitério onde o Sr. Cole está sendo sepultado.

Perguntei à Sra. Cole antes de partirmos por que ela manteve o nome do ex-marido tantos anos atrás. Eu sempre me perguntei. Sua resposta foi curta e direta.

— Cole se tornou o nome da nossa família. Ele pode ter nos deixado, mas não conseguiu tirar isso.

A missa é curta, uma pequena leitura à beira do túmulo com a presença de menos de uma dúzia de pessoas. Cada um de nós está sentado com suas roupas elegantes, casacos quentes por cima, nossa respiração embaçando os espaços diante de nossas bocas. Um cardeal está sentado no galho de uma árvore não muito longe, suas penas vermelhas brilhantes contrastando fortemente com a neve branca ao redor. Ellis assiste quase o tempo todo.

Quando vamos, paramos no Maisy's Diner para um café da manhã tardio.

O clima é sombrio, mas as panquecas são boas.

Nós nos reunimos novamente na casa dos Coles, nós cinco nos aquecendo na sala de estar. A Sra. Cole coloca a música novamente, tentando, eu acho, devolver alguma aparência de alegria natalina ao nosso grupo. Funciona, um pouco. As expressões ficam menos comprimidas. Meu pai convida minha mãe para dançar.

Sigo Ellis até seu quarto para trocar de roupa. Ele está quieto. Foi assim o dia todo. Não o culpo por isso.

— Como você está, grandalhão? — Pergunto, ajudando a tirar o paletó. Ele me deixa tirá-lo do material antes de encolher os ombros. — Posso fazer uma pergunta?

Ele balança a cabeça, trocando as calças por jeans. Fico um pouco surpreso ao vê-lo desabotoar a camisa em seguida, revelando lentamente a linha de seu peito e abdômen. Quando ele olha para mim, lembro de mim mesmo.

— Você está triste com isso? — Eu pergunto. — Ou você não sente mais nada por ele? Não estou julgando de qualquer maneira. Ele está fora da sua vida há muito tempo.

Ellis suspira, deixando a camisa desabotoada enquanto se senta na beira da cama. Eu me junto a ele.

— Estou triste, — diz ele, com os ombros ligeiramente curvados enquanto apoia as mãos no canto do colchão. — Eu... eu não entendo por que... — Há uma pausa. — Por que ele foi embora. Eu desejo…

— Que as coisas poderiam ter sido diferentes?

Ele dá de ombros. *Talvez.* — Eu o conheci… quando criança. Eu não... não o conheci quando adulto. — Ele solta um suspiro, formando palavras. Eu espero. — O que eu perdoei então, quando... quando eu o amei... não perdoo agora. Eu… não há desculpa.

— Não, não há.

— Se eu... me tornar pai, — diz ele, suas palavras provocando um choque no meu coração, — Nunca o farei. — Seus olhos encontra os meus solidamente.

— Eu vou sempre amar. Sempre estarei presente.

— Sim, — eu digo, meu coração pulando descontroladamente em meu peito. — Você seria um ótimo pai, Ellis.

Ele se aproxima, apertando minha mão. Parece que *você também*.

— Porra, — murmuro, respirando fundo.

Ellis sorri, inclinando-se para dar um beijo no canto da minha boca. Eu viro seu rosto, plantando nossos lábios com mais firmeza.

— Basta pensar em todos os passeios nas costas, — murmuro contra seus lábios. — Seu filho vai adorar você.

Seu corpo treme com sua risada. — E você?

— Eles podem ficar com seus ombros, — eu digo, sentando em seu colo. Ele se inclina para trás, aceitando meu peso facilmente. —Contanto que você me deixe andar na sua frente.

Ele faz um zumbido, seus olhos vagando pelo meu rosto. Eu seguro suas bochechas, deixando meus dedos vagarem sobre a barba por fazer, depois desço até seu peito e os músculos de seu abdômen.

— Sua mãe sabe que fazemos sexo no silo, — menciono.

Ele pisca para mim, sem parecer muito preocupado. Eu solto uma risada.

— Ela também sugeriu que talvez devêssemos considerar encontrar nosso próprio lugar para morar, — digo com cuidado.

Ele franze a testa e eu coloco as mãos em seu rosto, apressando-me em tranquilizá-lo.

— Foi só uma sugestão. Ela sabe que podemos apreciar a privacidade. Mas... — Eu considero minhas palavras, realmente não me importando com a nossa situação atual. Não quer dizer que eu não me importaria de ter Ellis só para mim de vez em quando também. — Mas se você quiser ficar aqui, tudo bem. Faremos com que funcione. Apenas algo para se pensar.

Ele balança a cabeça lentamente e eu me inclino novamente, dando um beijo em seus lábios.

— Dance Comigo? — Eu pergunto.

Ele inclina a cabeça.

— Sim agora.

Eu saio de seu colo, estendendo minha mão. Ainda estou de terno e Ellis está seminu, mas isso não importa. A música está flutuando levemente pelas paredes, e mesmo que este dia tenha sido atolado em tristeza e uma espécie de tristeza distorcida, nossa família está aqui. *Estamos* aqui, eu e Ellis, juntos. E isso não é algo que considerarei garantido.

Ellis aceita minha mão, ficando na minha frente. Ele é meio metro mais alto do que eu, mas nos encaixamos perfeitamente quando nos reunimos, as mãos de Ellis na parte inferior das minhas costas, as minhas curvadas atrás de seu pescoço.

— Você se lembra de quando tínhamos dezesseis anos? — Eu sussurro.

Um sorriso curva seus lábios.

Suspiro, descansando minha bochecha em seu peito. E enquanto os flocos de neve caem preguiçosamente do lado de fora da janela, lembro-me de duas flores azuis que Ellis e eu deixamos para trás na beira de um milharal.

Capítulo 35

Ellis

— Ellis Cole, — Lucky diz atrevidamente, sorrindo para mim do banco do passageiro da minha caminhonete. — Você está me levando para um encontro?

Estaciono em frente ao bar. As luzes festivas estão penduradas na frente e o estacionamento está lotado. É véspera de Ano Novo. —Melhor cerveja… da cidade.

Ele dá uma risada. — *Apenas* a única cerveja da cidade. — Mesmo assim, ele salta do veículo, muito feliz. — Esta será a primeira vez que as pessoas na cidade nos verão juntos. Você está pronto para isso?

Fecho a porta e vou até Lucky. Sem dizer uma palavra, agarro sua mão, entrelaçando nossos dedos.

— Acho que sim, — diz ele com um sorriso.

Lá dentro, o bar está movimentado. Os bancos estão cheios, as cabines estão quase todas ocupadas e os clientes estão em volta das mesas de sinuca, com roupas festivas no lugar. Vejo Riley sentado em uma mesa com alguns outros caras da nossa turma, incluindo Brandon. Quando Riley vê a mim e Lucky, ele acena para nós.

— Ei, — diz , passando da cadeira para a cabine apertada, abrindo espaço para nós. — É bom ver vocês. Sentem-se.

— Obrigado, — diz Lucky, soltando minha mão enquanto nos sentamos nas duas cadeiras na ponta da mesa.

Brandon, percebo, desvia o olhar. Também não tenho certeza se ele me perdoou por quebrar o nariz.

— Pessoal, vocês se lembram de Ellis e Lucky, — Riley diz para a mesa em geral.

Há alguns acordos murmurados, e Lucky e nossos ex-colegas começam a se atualizar, mas meu olhar fica preso no outro lado da sala. Já faz um tempo que não venho aqui e quase me esqueci da foto na parede atrás das mesas de sinuca. É antigo, em tom sépia e datado dos anos cinquenta. Nele, duas equipes ficam frente a frente, com uma corda grossa esticada entre elas. Uma competição de cabo de guerra. Despolpadores versus descascadores. É uma rivalidade antiga em nossa cidade, mas que não existe hoje.

Não posso deixar de me perguntar o que Lucky teria se tornado se tivesse ficado aqui depois da faculdade. Ele teria trabalhado como freelancer, tentando vender suas fotografias? Se ele não conseguisse sobreviver, teria seguido os passos do pai e ingressado na fábrica de papel, tornando-se ele próprio um despolpador?

Não é uma alternativa que gosto de imaginar. Ele me disse que teria ficado por mim, mas eu não poderia ter pedido isso. Não, então. Ele estava apenas abrindo suas asas. Senti falta dele enquanto ele estava fora, assim como ele sentiu minha falta. Mas não tenho certeza se mudaria isso. Ele valeu a pena esperar.

— OK? — Lucky me pergunta baixinho, aproximando-se.

Dou-lhe um aceno de cabeça. — Estou feliz... você é você.

Ele me lança um olhar interrogativo. — Sim?

— Hmm. Que bom que você está aqui... também.

Seu sorriso suaviza. — Eu também, grandalhão. Quer uma cerveja?

Concordo com a cabeça e Lucky aperta minha perna.

— Já volto, — diz ele antes de se levantar e ir ao bar.

Percebendo Riley olhando para a entrada, sigo seu olhar. Gabby me acena enquanto tira o capuz do casaco. A amiga dela diz algo, e Gabby acena com a cabeça, gesticulando para mim de uma forma que considero significar, *me dê um minuto*. Percebo que Riley ainda está olhando para ela.

— Gabby... tem um cachorro, — digo a ele.

Seu olhar muda em minha direção, as sobrancelhas se erguendo. — Sim?

Eu concordo. — Pergunte a ela.

Ele dá uma pequena risada, esfregando a nuca. — Obrigado, Ellis.

Quando Gabby chega, suas bochechas estão vermelhas de frio e ela está com um grande sorriso. — Ei! Eu não sabia que você estaria aqui.

Dou de ombros. *Eu também não.* — Gabby, você conhece Riley?

Ela se vira em sua direção, com o sorriso ainda no lugar. —Sim, acho que sim. Você trabalha com Ellis, certo?

Riley acena com a cabeça, mudando de posição agora que alguns dos nossos colegas de mesa sairam — Eu faço. Quer sentar?

— Claro, — diz Gabby, deslizando ao lado dele e tirando o casaco.

— Então, hum, — Riley diz. — Ouvi dizer que você tem um cachorro?

Gabby sorri. — Eu tenho! O nome dela é Toodles. Gosta de cães?

Enquanto Riley e Gabby conversam, a amiga de Gabby vem até a mesa, reivindicando o lugar de Lucky. Viro a cabeça e o encontro no bar. Ele está passando o dinheiro para o barman e, quando se vira com duas canecas nas mãos, seus olhos encontram os meus. Não consigo desviar o olhar enquanto ele se aproxima e, quando chega perto de mim, puxo-o para o meu colo, tomando cuidado para não virar os copos em suas mãos.

Ele dá uma risada, acomodando-se em minhas coxas e distribuindo uma das bebidas. — Ficando safado comigo em público, Ellis? — Ele pergunta, suas palavras soando provocantes.

— Sem assentos, — eu defendo, segurando firmemente a parte inferior

de suas costas.

Seu sorriso é torto. — Hum. Você realmente não se importa, não é?

Eu inclino minha cabeça.

— Nada, — ele diz, balançando a cabeça. — Estou feliz que você também seja você.

Com Lucky de costas para a mesa, ele não consegue acompanhar a conversa, mas parece não se importar. Ele bebe sua cerveja, um braço em volta do meu pescoço, seu peso acomodado confortavelmente no meu colo. Ele balança suavemente, cantarolando ao som da música do bar, e eu observo ele e a forma como seus olhos mudam de tonalidade, quase como se estivessem em sintonia com seu humor.

Leva apenas um minuto para eu ouvir: — Oh meu Deus, Lucky?

Lucky se vira ao ouvir a voz de Gabby, com um sorriso hesitante no rosto. — Sim?

Gabby grita. — Caramba, oi! Parece que já te conheço. Ellis nunca se cala sobre você. Oh, meu Deus, onde estão meus modos? Eu sou Gabby.

Lucky aceita o aperto de mão entusiasmado de Gabby antes de me dar um sorriso malicioso. — Você nunca cala a boca sobre mim, hein?

— Nunca, — diz Gabby. — Como foi a Costa Rica?

Lucky ri antes de começar um breve resumo de sua recente viagem, e eu o seguro com força, sentindo um cheiro cítrico enquanto seu cabelo faz cócegas em meu nariz.

Já se passou uma boa hora quando a maioria dos nossos colegas de mesa está nas mesas de sinuca, exceto Riley e Gabby, que estão conversando animadamente entre si. Lucky se aproxima, seus lábios sussurrando contra minha bochecha.

— Ellis.

Eu cantarolo.

— Parto para o Alasca amanhã, — diz ele.

Concordo com a cabeça, apertando as mãos sobre ele. Minha cerveja

acabou há muito tempo, assim como a de Lucky.

— Por cinco dias, — ele me lembra.

Não muito.

Sua mão pousa no meu peito, a boca perto da minha orelha. — Eu preciso que você me foda antes de eu ir, El.

Meu pau muda e Lucky dá uma risada, me esmagando por apenas um segundo.

— Leve-me para algum lugar? — Ele pergunta.

Concordo com a cabeça, inclinando-me para trás o suficiente para chamar sua atenção. O azul dos seus olhos é brilhante. Azul-Lucky, acho que vou chamá-lo. Não há outro nome que seja suficiente.

Nos despedimos rapidamente de Gabby e Riley antes de sair do bar. Está frio lá fora. Congelando. Nenhuma neve está caindo no momento, mas ainda cobre o chão. Ligo o aquecimento da caminhonete antes de sair para a estrada. Conheço esta área como a palma da minha mão, então dirijo-nos até uma estrada desabitada, fazendo uma pequena curva em frente a um guarda-corpo. Não há mais ninguém por aqui.

Lucky solta o cinto de segurança quando estaciono. Ele rasteja até o banco de trás e empurra o banco do passageiro dianteiro totalmente para a frente. — Ellis.

Engolindo em seco, saio da caminhonete, sabendo que não há como rastejar como Lucky. O ar atinge minha pele enquanto dou a volta no veículo e abro a porta traseira do lado de Lucky. Ele espera enquanto eu me coloco no banco e então sobe no meu colo, sua cabeça quase roçando o topo do veículo.

— Vou montar em você, El, — ele diz simplesmente. — Eu preciso sentir você enquanto estiver fora. Parece bom?

Concordo com a cabeça furiosamente enquanto Lucky sorri, e então ele está me beijando. É uma faísca, quase violenta e quente. É tudo dentes e língua e uma necessidade desesperada de estar mais perto, e eu desisto, não querendo mais nada. Lucky se senta no meu colo, com o joelho pressionado contra a porta,

e quando isso não é suficiente, ele se coloca entre nós para abrir o zíper da minha calça. Sua mão está quente quando me envolve, e meus quadris se prendem ao seu aperto, minha respiração falha enquanto ele move meu pau.

— Um dia desses, — ele diz entre respirações, — Vamos fazer isso na cama.

Solto uma risada que se transforma em um gemido quando Lucky cai no chão entre minhas pernas. Como ele tem espaço, eu não sei, mas ele se espreme entre os assentos e me coloca em sua boca. Minha cabeça bate no encosto de cabeça atrás de mim, uma das pernas dobrada ao lado de Lucky, a outra espalhada no console central, com o pé sob o banco do motorista. É apertado e quase quente demais, mas eu não trocaria isso por nada no mundo. Não ousaria parar quando eu tivesse Lucky aqui comigo, me mostrando com sua língua, seus lábios e sua garganta o jeito que ele me quer.

Meus dedos passam pelos cabelos de Lucky enquanto ele me examina, e olho para baixo, atraído como um ímã por aquele brilho em seus olhos. Seus lábios são brilhantes, bochechas rosadas e afiadas, e seus olhos... Seus olhos estão brilhantes e voltados para mim, me olhando como se eu valesse a pena ser seu único foco. Como se, talvez, dentre todos os lugares deste vasto universo, não houvesse outro lugar onde ele preferisse estar do que aqui comigo.

— Lucky, — eu resmungo, dando-lhe um pequeno puxão quando começa a se tornar demais.

Ele tira meu pau com um som que faz meu estômago apertar, e então ele alcança o cós da minha calça. — Levante-se.

Eu faço isso, e com muita dificuldade, Lucky desce meu jeans e minha cueca pelas minhas pernas, deixando-os pendurados acima da minha bota esquerda. A bota direita foi jogada para frente e nossos dois casacos sairam também.

— Levante de novo, — diz ele, pegando o cobertor do chão da caminhonete. — A menos que você queira gozar no seu assento.

Eu bufo, levantando minha bunda, e Lucky empurra o cobertor debaixo

de mim ao acaso. Em seguida, ele começa a trabalhar tirando as próprias roupas, deixando a camisa no lugar.

— Se formos pegos, estamos fodidos, — diz ele, subindo em cima de mim, com um pacote de lubrificante na mão.

Eu não posso deixar de bufar. *Já vamos estar fodidos.*

Lucky ri, um som maravilhoso e selvagem, antes de voltar a se preparar. Eu pego seu pau enquanto ele faz isso, masturbando-o, e ele estremece. Ele se lubrifica rapidamente e então se aproxima de mim no espaço apertado da caminhonete. Eu relaxo o máximo que posso, dando espaço às pernas de Lucky para caberem em cada lado dos meus quadris, e com seu corpo dobrado de uma maneira que eu nunca conseguiria, Lucky segura meu pau e se abaixa no meu colo.

Sua cabeça cai para trás com seu gemido, e eu agarro sua nuca, segurando firme enquanto todo o meu ser vibra. Lucky suspira, inclinando-se para o toque, a cabeça pendendo lentamente para frente. Ele encontra meu olhar, girando os quadris enquanto suas mãos pousam no meu peito. Engulo em seco enquanto seus dedos fazem covinhas em minha camisa, enquanto ele desliza para cima e para baixo em meu pau, trazendo seus lábios aos meus sem dizer uma palavra, e então ele me monta.

Começa devagar, seus quadris se movendo como uma dança, seus beijos gentis e doces. Mas não permanece assim por muito tempo. Suas mãos se apoiam no assento acima dos meus ombros, seus lábios se separando dos meus. Sua respiração é pesada, atingindo meu pescoço enquanto ele deixa cair a cabeça ao lado da minha, dando-lhe espaço para saltar sobre mim com mais força, sem bater no teto. Ele está quente, e seu corpo me agarra com força, sua bunda ordenhando meu pau enquanto ele persegue seu orgasmo. Eu o ajudo o melhor que posso, com as mãos em seus quadris, minhas nádegas flexionando contra o cobertor enquanto o puxo para mim com mais força. Meu pé com meia encontra apoio no chão abaixo do banco do passageiro, e ele geme quando eu empurro para cima, seu cabelo roçando minha bochecha enquanto ele sobe e desce.

Ele alcança seu pau, mas o movimento faz com que ele perca o impulso, então ele o abandona em favor do teto, plantando as mãos acima da cabeça enquanto ele me pressiona com mais força. — El, — ele suspira.

Eu escovo sua cortina de cabelo para o lado, embalando sua bochecha enquanto envolvo minha mão em seu pau. Seus olhos se fecham por um momento, e então eles se abrem novamente, fixando-se em mim. Sua boca está aberta em forma de O, suas bochechas estão vermelhas. Ele está lindo, quase selvagem, e respira fundo estremecendo quando seu corpo começa a apertar meu pau.

— Porra, Baby, — ele geme, rangendo os dentes com os olhos semicerrados. — Porra, isso é...

E então ele goza, um grito rouco saindo de seus lábios enquanto ele começa a pintar minha camisa com seu esperma. Ele lateja em meu aperto, pulsando, e não posso fazer nada além de segui-lo. Eu grunhi quando isso me atinge, meus dedos dos pés se curvando contra o chão e dentro da minha bota. Eu preencho o corpo de Lucky, sem uma única barreira entre nós, e por um momento, me deleito com esse fato. Uma satisfação arcaica, com certeza.

Ele desaba quando tudo acaba, a testa perto da minha, a respiração ofegante e alta no silêncio do carro.

— Quem precisa de uma cama, — ele murmura.

Eu rio, uma risada que começa no fundo do meu peito. Isso sacode Lucky em cima de mim, e ele ri junto, nós dois uma bagunça suados e saciados. Ele beija meu nariz antes de se sentar, encontrando meus olhos. Seu cabelo está uma bagunça em volta da cabeça, e eu empurro os fios para trás depois de limpar a mão no cobertor. Ele é tão adorável. Tão absolutamente lindo, e eu sei, não importa o quanto eu tente, nunca serei capaz de explicar a ele a profundidade do que me faz sentir. Como ele significa conforto e segurança. Como anseio por ele com uma intensidade que nem entendo completamente. Como ele me torna corajoso e, às vezes, um pouco feroz, assim como ele. Como, quando estamos juntos, tudo que consigo ver é *azul*. Ele é azul e nossa história está impregnada

dele.

São cachoeiras e um coração batendo rápido.

São céus estrelados e a sensação de estar em casa.

É tinta espalhada pelo chão, uma confusa declaração de lealdade.

É o olhar dele, familiar e emocionante.

São um milhão de tons de alívio e compaixão, compreensão e confiança. São todas as memórias que nos unem. É fresco e refrescante e queima como nada mais.

Azul é amor. Para mim, é amor. E isso sempre foi Lucky.

— Amo você, — digo, esperando que as duas palavras sejam suficientes.

Ele suspira, os dedos passando pelos meus braços até os ombros. — Nunca haverá um momento em que eu não te ame, El.

Quase não ouço o som suave acima das batidas do meu coração, mas Lucky chama a atenção para isso, seu olhar se deslocando pela janela.

— Olha, — ele sussurra. — Deve ser meia-noite.

Sigo seu olhar. Fogos de artifício iluminam o céu, cada um acompanhado por um pequeno estrondo.

— Feliz Ano Novo, Ellis, — diz Lucky. — Devemos assistir por um minuto?

Concordo com a cabeça e nós dois começamos a se mover e limpar. Depois de estarmos limpos, vestidos e de volta aos sapatos e casacos, coloco o cobertor, com o lado sujo voltado para baixo, na carroceria da caminhonete. Por um breve momento, Lucky e eu assistimos aos fogos de artifício, ele aninhado em meus braços.

— Você sabe o que eu percebi? — Ele diz, a respiração embranquecendo o ar.

Eu cantarolo.

— Todo esse tempo... Os piqueniques e os passeios em sua caminhonete, passear nos milharais e noites como essa sob as estrelas... Acho que estamos namorando há anos, Ellis, e nunca percebemos.

Eu solto uma risada, apertando meus braços em volta dele.

— Prometa-me uma coisa, — diz ele, virando o rosto. Meus lábios roçam sua bochecha.

Qualquer coisa.

— Prometa que ainda faremos isso quando tivermos sessenta, oitenta ou cem anos. Quero uma vida inteira com você, El. Eu e você. Até o fim dos tempos.

Desenho um X no coração de Lucky.

Promessa.

Capítulo 36

Lucky

— Sabe, se eu não soubesse que você está animado para voltar para casa e para seu amante, eu levaria a sério sua alegria em se separar de mim, Lucky-boy.

Eu bufo, olhando para Danil. — Meu amante?

— Ele não é? — Danil pergunta, arqueando uma sobrancelha. — Claro que pareceu ontem à noite.

Decido não comentar essa última parte. Não é minha culpa que eu não tenha percebido que a porta dos nossos quartos adjacentes estava aberta quando falei ao telefone com Ellis.

— Não vamos chamá-lo assim, — murmuro. — *Você* tem amantes. Eu tenho…

— Seu Ellis, — ele completa.

Exatamente.

— Este é o maior tempo que ficamos separados desde que voltei, — observo.

Já se passou meio ano desde que me mudei de Nova York para Nebraska. Toda vez que entro em um avião depois de uma tarefa, é para voltar para casa,

para Ellis.

Eu, aos dez anos, ficaria chocado ao saber que nunca escapei da terra do milho. Mas eu, aos vinte e seis anos, sou mais velho e mais sábio. Ele tem experiência de vida e toda uma coleção de memórias de todo o mundo. Já viajei mais do que a maioria jamais fará em toda a vida. Já vi pirâmides e oceanos. Fotografei animais ameaçados de extinção e nadei literalmente com tubarões. Eu *vivi* e aprendi. E nem uma vez nos últimos seis meses me arrependi de ter voltado para a pequena cidade rural da qual mal podia esperar para sair.

Porque eu também amo. Amo profundamente e de todo o coração. E isso, francamente, é mais importante do que qualquer outro fenômeno que eu possa capturar com minhas lentes. O amor move montanhas.

Isso me emocionou.

Danil muda de posição, verificando a hora em seu celular. —Bem, desejo a você um feliz reencontro, Lucky-boy. Preciso chegar ao meu terminal.

Quando Danil se levanta, faço o mesmo, puxando-o para um abraço. Ele beija minha bochecha antes de me fazer uma saudação e então sai, abrindo caminho pelo aeroporto no momento em que é solicitado o embarque para meu próprio avião. Fico na fila, com um sorriso no rosto enquanto penso no homem que estará me esperando do outro lado do meu voo.



— Você não é Ellis.

Meu pai me dá um grande sorriso, abrindo os braços. Mesmo que eu esteja confuso, deixo que ele me sufoque com um abraço. —Ei, garoto. Bem-vindo a casa.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunto, esperando que meu tom não pareça tão decepcionado quanto me sinto. Ellis não me pega *toda* vez que chego de avião, às vezes ele está no trabalho, mas eu estava esperando por ele

hoje.

— Eu deveria levar você, — meu pai diz enigmaticamente. Ele pega minha mala da minha mão e começa a caminhar em direção à saída.

Com um passo gaguejante, eu sigo. — Me levar onde?

— Meus lábios estão selados, — diz ele, com um sorriso largo.

Meu coração dispara a galope.

Papai me leva até seu veículo, ligando o ar condicionado assim que entramos. É tarde , então o sol ainda não está no auge, mas ainda é um dia quente de verão em Nebraska.

Meu pé salta enquanto ele dirige. — Você não pode me dizer nada?

— Eu poderia, — ele se esquiva. — Mas não vou.

Meu pé salta um pouco mais. — Como está a mamãe?

— Bem, — ele responde. —Ela e a Sra. Cole tomaram um brunch esta manhã com algumas amigas.

— E a Sra. Cole? — Eu pergunto. Já se passaram algumas semanas desde que voltei para casa.

— Ela está bem, Lucky, — ele responde. — Estável.

Eu concordo. Com sua forma específica de EM, ela não apresenta períodos de remissão. Seus sintomas pioram progressivamente com o tempo, mas ela apresenta períodos de estabilidade sem piora dos sintomas, e esses períodos de tempo são o que esperamos.

A viagem parece levar horas, embora eu saiba que isso não é verdade. Meu pai me conta o que está acontecendo na cidade, incluindo um pequeno incidente na fábrica de papel que exigiu que eles parassem uma máquina bastante importante por um dia. No momento em que meu pai está parando na entrada da casa dos meus pais, sinto como se estivesse tremendo de medo.

A casa ao lado está suavemente iluminada. Nada parece fora do lugar. Ellis não está à vista.

Meu pai pega minha mala na parte de trás antes que eu possa, e me dá um aceno de cabeça. — Vá em frente, — diz ele. — Ele está no silo.

A *batida* no meu peito é uma coisa física.

O vento é suave enquanto ando pelo campo. Ele agita as folhas dos talos de milho, enviando aquele cheiro familiar de terra e pólen de milho em minha direção. É um tanto reconfortante, mesmo quando meus nervos estão em frangalhos.

O silo está aberto quando chego nele. Ellis está esperando lá dentro.

Meus passos morrem.

— El, — eu sussurro.

Ele está parado em frente à mesa de madeira, com as mãos nos bolsos. Algumas velas estão acesas na superfície atrás dele, flanqueando ambos os lados do seu corpo. Ainda mais cobrem o chão, criando um caminho de mim até ele. Ando lentamente, minha pulsação forte dentro dos meus ouvidos. Ellis nunca vacila quando me aproximo. Seu sorriso é calmo. Tranquilo. Ele estende a mão quando estou ao meu alcance, e eu dou a minha de boa vontade, o calor de seus dedos é familiar e reconfortante.

— Lucky, — ele diz.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto, minha voz mal cooperando.

— Fiz para você... uma coisa.

Ellis dá um passo para o lado, deixando-me ver o centro da mesa. Nele, brilhando ligeiramente com a luz das velas e dos vaga-lumes no alto, está um coração de vidro. Um coração *anatômico*. Eu o pego com cuidado, a peça cabendo perfeitamente na palma da minha mão. É azul e algo dentro da substância faz com que brilhe na luz.

— Ellis, — eu digo, sem palavras.

— Meu coração, — ele diz simplesmente. — É seu.

Minha respiração deixa meus pulmões.

Torço o coração com cuidado em minhas mãos. Parece tão delicado. — É lindo, — consigo dizer, encontrando os olhos de Ellis. — *Você é* lindo.

Seu sorriso me diz que ele sente o mesmo. Ele estende a mão. — Venha comigo?

Eu não pergunto onde. Eu simplesmente coloco minha mão na dele.

Ellis apaga todas as velas ao sair do silo. A fumaça flutua preguiçosamente no ar com cada chama que se apaga, e quando chegamos à porta, ele apaga as luzes.

O coração de vidro parece pesar na palma da minha mão enquanto caminhamos pelo milharal, embora esteja bastante claro. Não consigo parar de olhar para ele. Nas linhas intrincadas e nas curvas cuidadosamente elaboradas.

Quando Ellis para em frente à sua — *nossa* — casa, ele estende a mão para pegá-la. Entrego e ele diz: — Espere aqui.

Eu o faço, parado perto da entrada da garagem enquanto Ellis entra, provavelmente guardando o coração em algum lugar seguro. Ele retorna apenas um minuto depois, contornando-me até sua caminhonete e abrindo a porta do passageiro. Entro com uma pequena risada.

— Que cavalheiro, — murmuro.

Ele tira um chapéu invisível.

Ellis nos conduz pela estrada de terra sem dizer uma palavra. Continuo olhando furtivamente para ele, me perguntando para onde estamos indo. Me perguntando por que ele parece tão... *satisfeito*.

Quando estacionamos ao lado de um trecho familiar da estrada, meu estômago se revira. — El?

— Como se sente para uma... invasão? — Ele pergunta. — Pelos bons tempos?

Minha risada é mais do que um pouco surpresa. — Você está falando sério?

Sua saída do caminhão é resposta suficiente. Balançando a cabeça, eu sigo, e Ellis agarra minha mão antes de caminhar comigo pelas fileiras de milho até a curva que leva à casa próxima. Quase perco o equilíbrio quando o moinho de vento aparece.

Está coberto de luzes. Fios brancos circundam a base, enrolando-se ao longo do moinho de vento. Até as lâminas largas na parte superior são enfeitadas

com luzes de fadas.

— Como? — Eu gaguejo, dando uma rápida olhada na casa.

Ellis me dá uma piscadela. — Tenho permissão.

Balanço minha cabeça em descrença.

O ritmo de Ellis é constante enquanto ele me leva até a porta nos fundos do moinho de vento. Abre facilmente e o interior parece um sonho. Mais luzes cobrem o interior, subindo a escada, dando ao espaço um brilho sobrenatural. Parece pura magia quando passo pela porta, memórias minhas e de El quando éramos mais jovens passam pela minha mente como instantâneos nebulosos.

Ellis me dá um puxão em direção às escadas, ajudando-me a avançar. Ele lidera o caminho, curvando-se quando chega ao topo. Apesar de seus ombros serem tão largos que mal têm espaço para passar pelo buraco, ele consegue, estendendo a mão quando está em cima. Eu o sigo, os olhos piscando para as luzes penduradas no teto baixo de madeira.

— Não acredito que você fez tudo isso, — digo, ajoelhando-me antes de avançar. O sol ainda não se pôs, mas a vista da janela sempre é de tirar o fôlego. É a nossa casa, que se estende à nossa frente, um mar infinito de milho e verde.

Eu solto uma pequena risada. *Maldito milho.*

Quando olho para trás, minha respiração falha. — El?

Ele está ajoelhado também. Mas em vez de ficar de joelhos, ele está ajoelhado, com as mãos cruzadas na frente do corpo. A expressão em seu rosto é uma que já vi centenas, senão milhares, de vezes antes, e seus lábios se curvam um pouco para o lado, como se ele tivesse um segredo.

Ele abre as mãos sem dizer uma palavra, abrindo ao mesmo tempo a pequena caixa dentro dela. O mundo parece silencioso, nenhum som chega aos meus ouvidos acima da minha própria expiração suave. Ellis nunca fala. Ele não precisa. Anteriormente, ele me deu seu coração. Esta... esta é a vida que ele está oferecendo.

Minha mão treme quando estendo a mão para pegar o anel. É mais macio que o metal. Silicone, se eu tivesse que adivinhar. Uma escolha cuidadosa,

considerando meu trabalho ativo. E é azul escuro, tão escuro que a princípio pensei que fosse preto.

Coloco-o no dedo sem dizer uma palavra, olhando para ele por um longo momento antes de encontrar o olhar de Ellis. Seus olhos estão úmidos agora, os lábios tremendo com seu sorriso. Eu me aproximo, com as mãos em seu rosto, os lábios na frente dos seus. E eu o beijo.

É *sim* e *claro* e *seremos muito felizes, é só esperar e ver*. São dezesseis anos de *Oi. Qual o seu nome? O meu é Lucky.* É saber que não importa quanto tempo passe, esta é a minha pessoa, e eu sou a dele, e estamos unidos pelo destino ou pela escolha ou, inferno, pelo milho, pelo que sei.

É estar em algum lugar no meio de uma jornada muito longa e saber que não tem fim.

— Eu e você, El, — eu sussurro contra seus lábios. — Sempre seremos eu e você.

Sua boca roçando a minha é um acordo.

Ficamos horas no topo daquele moinho de vento, meus lábios machucados pelos beijos de Ellis. Quando o sol se põe, observamos, as luzes das fadas nos fazendo companhia como pequenos vaga-lumes cintilantes. As estrelas também nos fazem companhia.

E conforme a noite se transforma em manhã, a mão do meu noivo está na minha.

Capítulo 37

Lucky

— Demais? — Danil pergunta.

Assobio, olhando meu amigo de cima a baixo. Ele está com um terno listrado impecável, a cor carvão combinando com sua pele. Seu cabelo escuro está bem penteado para trás, e cada centímetro dele, do relógio caro aos sapatos de bico fino, parece impecável.

— Você se vestiu bem, — digo a ele, ao que ele bufa.

— Olha quem fala.

Tenho um vislumbre de mim mesmo no espelho. Meu terno é creme claro e minha camisa e gravata são brancas. O de Ellis, eu sei, será o mesmo. Tomei cuidado ao secar meu cabelo esta manhã, certificando-me de que não ficasse muito crespo, mas tenho a sensação de que isso não fará diferença quando eu sair. Os cachos sempre foram rebeldes.

Eu falei que iria encurtá-lo para a ocasião, mas Ellis não gostou disso. Ele grunhiu e então passou os dedos pelos fios e me fodeu lentamente até que eu esqueci que dia era.

O cabelo vai ficar.

— Você está pronto para casar? — Danil pergunta, sorrindo para mim no

espelho.

Quase zombo. — Você está brincando? Estou pronto há muito tempo.

— Você está noivo há apenas um mês, — ele ressalta.

— Dani, — digo calmamente, — Eu teria me casado com aquele homem no dia em que ele pediu.

Ele cantarola, apertando meus ombros. — É justo, Lucky-boy.

Quando alguém bate na porta, Danil vai naquela direção. Minha mãe entra no quarto da minha infância, onde Danil e eu estamos nos arrumando. Ela está usando um vestido lilás e o cabelo preso em um coque baixo e solto. Ela suspira quando me vê e se aproxima para me dar um abraço.

— Você está lindo, querido. — Ela beija minha bochecha antes de limpar o batom que deixou para trás.

— Obrigado, mãe. Você também.

— Você está pronto? — Ela pergunta. — Seu pai disse que Ellis está pronto na casa ao lado.

Concordo com a cabeça, soltando um único suspiro. — Sim. Estou pronto.

Ela me dá um sorriso suave. — Oh, — ela diz rapidamente, levantando um dedo. Ela volta para o corredor e, meio minuto depois, retorna com uma pequena caixa de plástico. — Para você.

Amaldiçoo baixinho, piscando rapidamente para conter as lágrimas. Minha mãe não tem tanto sucesso. Uma delas escorrega por sua bochecha enquanto ela abre a caixa, removendo a flor na lapela azul de dentro. Ela ajuda a prendê-lo no meu paletó, dando tapinhas depois.

— Perfeito, — ela diz calmamente. — Uma última coisa. Ellis queria que eu avisasse para você verificar seu e-mail, caso ainda não o tenha feito.

— Obrigado, mãe.

Ela dá um tapinha na minha bochecha e Danil fecha a porta atrás dela enquanto vou até minha velha cômoda, pegando meu celular de cima. Sento-me na beira da cama enquanto abro meu e-mail.

— O que é? — Ele pergunta.

— Uma mensagem de Ellis, — respondo com voz rouca, encontrando o e-mail com assunto datado de hoje.

Com uma respiração firme, eu leio.

Lucky. Nós vamos nos casar hoje. Você acredita nisso? Em menos de uma hora, você será meu marido e eu serei seu. Eu sei que dizem que o nervosismo no dia do casamento é comum, mas nunca tive tanta certeza de nada na minha vida.

Eu tinha vinte e dois anos quando me despedi de você. A faculdade acabou, nossa infância acabou e era hora de você seguir em frente. Eu me despedi muito de você depois disso. Cada vez que você vinha me visitar ou conversávamos ao telefone, eu sabia que o adeus era inevitável.

Não preciso mais dizer adeus.

Eu sei que decidimos trocar votos simples hoje. Para dizer o nosso 'sim' na frente de nossa família e amigos. E sei que foi por minha causa, porque Deus sabe que eu não seria capaz de fazer um grande discurso num dia como hoje. Mas… eu prometo isso a você, Luck.

Eu vou te amar por todos os nossos dias.

Vou cuidar de você do jeito que você merece.

Eu vou te abraçar sempre que puder.

E estarei mais perto do que isso sempre que você precisar.

Vou tratá-lo com mais cuidado do que com vidro.

Vou te abraçar antes de cada voo.

Vou te beijar todos os dias que estivermos juntos.

E pensarei em você qualquer dia em que não estivermos.

Não sei o que causa atração, mas sei que me inclino em sua direção, não importa onde você esteja na Terra. Sinto sua atração e, se sou sua lua, como você diz que sou, prometo sempre chamá-lo de volta para casa.

Você é meu mundo, Lucky. E mesmo quando tudo escurecer, irei procurar por você. Eu vou te encontrar, piscando para mim na noite sem fim, e estarei sempre com você. Meu vaga-lume brilhante. Meu amor. Meu Lucky.
Para sempre, estarei esperando.

— Merda, — murmuro, enxugando minha bochecha enquanto minha respiração falha. — Ele não deveria me fazer chorar antes da cerimônia.

Danil me entrega um lenço de papel e eu agradeço, tirando a umidade do meu rosto. Demoro um momento para me sentir mais composto.

As cartas em forma de e-mails de Ellis nunca deixam de me deixar tonto, só um pouco.

— Você sabe, — Danil diz lentamente. — Acho que se eu *pudesse* sentir mais por alguém, seria você.

Eu olho para ele com surpresa, o pulso acelerando. — Dani…

— Oh, tire essa expressão do seu rosto, — diz ele, revirando os olhos. — Isto não é uma declaração. Não vou entrar como Julia Roberts no dia do seu casamento, todos *me escolham, me escolham,* e não vou ficar triste por você nos próximos anos. É só... — Ele mexe no maço de cigarros no bolso antes de segurá-lo. — Você se importa?

Balanço a cabeça e Danil abre a janela, encostando-se no parapeito enquanto acende um cigarro. Ele dá uma tragada antes de se curvar e soprar a fumaça pela janela. Quando ele fica de pé novamente, ele morde o lábio por um minuto, como se estivesse pensando.

— Aqui está a questão, — diz ele. — Não tenho certeza se algum dia vou querer o que você faz. O parceiro permanente. O compromisso vitalício. Mas você me fez sentir algo que não sinto há muito tempo. Não é *amor*... não desse tipo. Mas é... Bom, porra, é *amor*, sabe? — Ele aperta o nariz. — Jesus, estou estragando tudo. O que eu quero que você saiba é que eu te valorizo, Lucky-boy. Você é algo especial para mim e estou feliz que você esteja na minha vida.

— Dani, — eu digo suavemente, levantando-me da cama.

— Vamos nos abraçar de novo, não vamos? — Ele diz, apagando cuidadosamente o cigarro. Ele abre os braços, dando um suspiro forçado, mas há um sorriso em seu rosto enquanto ele passa os braços em volta de mim, tomando cuidado para não esmagar minha flor na lapela. Ele beija minha bochecha, como sempre faz, antes de se afastar. — Eu te amo, Lucky. Do meu jeito. E estou feliz por você.

— Eu também te amo, Dani, — admito, com a voz embargada. — E eu nunca agradeci.

— Pelo quê? — Ele pergunta.

— Por me lembrar da minha coragem na última vez que você esteve aqui. Eu precisava disso.

— Que bom que pude ajudar, — diz ele, dando um soco leve em meu ombro. — Agora o que você diz? Pronto para caminhar até o altar?

Eu solto um suspiro. *Estou pronto*.

Meus pais estão nos esperando na sala. Eles sorriem quando entramos e então nós quatro saímos.

Ellis e eu decidimos por uma cerimônia simples para nosso casamento, não precisando de mais nada. Nosso noivado foi curto, mas não queríamos esperar. Queríamos ser maridos e em breve seremos. Nossa cerimônia é pequena, apenas família e alguns amigos próximos, com Danil oficiando. E à medida que contornamos a casa de frente para trás, tudo fica à vista.

Há um punhado de cadeiras brancas dispostas em duas fileiras com uma divisão no meio. Trilhos de tecido branco transparente em postes de madeira flanqueiam ambos os lados do corredor não oficial. Pétalas de flores azuis decoram a grama, soprando suavemente com a brisa. E mais tule branco está situada na frente, criando um cenário que parece nuvens esvoaçantes.

A Sra. Cole já está sentada, assim como Gabby, Riley e nossos outros amigos. E, depois de me darem outro abraço cada um, meus pais se juntam a eles.

Mas no centro de tudo, esperando por mim na frente de um campo de milho, está Ellis, segurando uma placa com letras grandes e quadradas. Coloco a mão na boca enquanto leio.

Lucky
Você quer se casar comigo?

Ellis está sorrindo acima da borda da placa, seus olhos, mesmo daqui, parecem úmidos. Nossos convidados olham entre nós dois, sorrindo, se não um pouco confusos. Nossos pais, porém, eles entendem.

— O que você acha? — Eu grito.

Seu sorriso se alarga e ele deixa cair a placa ao seu lado, revelando sua flor na lapela azul que combina com a minha. Meu estômago se agita quando eu o observo. Ele parece inegavelmente bonito parado ali, as cores suaves de seu terno contrastando tão bem com seu cabelo mais escuro. Ele parece firme, forte e determinado, e o eu de tantos anos atrás nunca teria imaginado que ele seria meu.

Meu Ellis.

— Merda, — murmuro para mim mesmo, balançando a cabeça. — Vou me casar com esse homem.

Danil se aproxima enquanto uma música instrumental suave começa a tocar. Ele bate na flor presa ao meu peito. — Você nunca me contou a história por trás disso. As duas lapelas azuis. Seu grande romance. O que aconteceu naquele dia no baile?

Meus lábios se torcem enquanto Ellis sorri em minha direção. Nossos convidados estão olhando para trás agora, esperando que eu dê um passo à frente para o nosso *sim*. E Ellis espera no final do corredor, pronto para aceitar minha mão na dele. Em poucos minutos seremos Sr. e Sr. para o resto de nossas vidas.

Mas por um momento, temos dezesseis anos novamente.

Minha resposta para Danil é simples.

— Eu me apaixonei.

Capítulo 38

Lucky

Eu tinha dezesseis anos quando me apaixonei por Ellis Cole.



— Lucky? — Minha mãe chama, batendo suavemente na porta do meu quarto.

Puxo as cobertas sobre minha cabeça. — Vá embora.

— Querido, — ela diz gentilmente. — Estou entrando.

Minha cama afunda quando minha mãe se senta ao meu lado. Sua mão pousa nas minhas costas um momento depois.

— Tem alguém na porta para ver você.

— Quem? — Eu pergunto, recusando-me a sair. — Ellis?

— Acho que você deveria ir ver por si mesmo.

Relutantemente, tiro as cobertas do rosto. Minha mãe me dá um sorriso suave.

— Vá dar uma olhada, — ela diz.

Com uma grande bufada, saio da cama e caminho em direção à porta da

frente. Tem que ser Ellis. O resto dos nossos colegas estão no baile. Tento não deixar que a lembrança amarga de que sou o único garoto gay na escola me desanime, mas, bem... É uma merda.

Quando abro a porta da frente, me preparando para dizer a Ellis que estou *bem* e que não estou com vontade de me animar, as palavras morrem imediatamente na minha língua. É Ellis, mas não como eu esperava. Ele está parado na frente da casa, vestindo um smoking preto e segurando uma placa na altura do peito.

Lucky
Você vai ao baile comigo?

Eu solto uma risada incrédula, meu coração pulando. — O que você está fazendo, El?

Ele não responde, apenas dá uma sacudida na placa.

Saio pela porta, abrindo e fechando a boca algumas vezes. —Ellis… Você não precisa fazer isso. Estou *bem*. É apenas uma dança estúpida.

Ele segura a placa mais alto, bloqueando metade do rosto.

Olho para o céu, balançando a cabeça. Meu peito parece... apertado. Mas de uma forma boa. Incapaz de negar meu amigo, grito: — O que você acha? É claro que irei ao baile com você.

Ele sorri, abaixando a placa, mas então percebo...

— Merda, não tenho nada para vestir.

Ellis aponta e eu sigo seu olhar. Meu pai está atrás de mim na porta, segurando uma sacola de roupas.

— Ellis deixou, — diz ele.

Agarro-o sem dizer uma palavra, balançando a cabeça novamente. Mas há um grande sorriso no meu rosto enquanto vou me trocar.

Quando volto para a sala, Ellis está lá dentro. Meu smoking alugado

combina com o dele, embora o dele fique solto em torno de seu corpo alto e, por um momento, minha respiração fica presa. Não é a primeira vez que olho para Ellis e sinto minha pulsação acelerar. Não é a primeira vez que acho que ele está bonito. Não é a primeira vez que sinto um rubor inconfundível em meu corpo me dizendo que tipo de coisas eu gostaria de fazer com meu amigo se tivesse oportunidade.

Mas é a primeira vez que vejo o homem que Ellis se tornará. Não por causa do smoking. Mas, em primeiro lugar, pelo fato de ele estar na minha sala, pronto e disposto a me acompanhar a um evento no qual ele não tem interesse só porque eu disse a ele que gostaria de poder ir. Ele é gentil e infinitamente paciente, e seu coração é grande demais para seu peito.

E eu acho... *Porra*, acho que posso amá-lo.

Ele abre uma pequena caixa transparente quando me aproximo e tira uma flor. São os caras gentis que dão as flores do baile. Exceto que, em vez de um buquê, é uma flor de lapela. É azul, com uma fita branca enrolada no caule. Ele tem um combinando em seu terno.

— Para mim? — Pergunto, com o objetivo de provocar, pelo menos para esconder a oscilação em minha voz.

Ele balança a cabeça, olhando para minha mãe. Ela vem imediatamente, ajudando a prender a flor no meu bolso. Meu coração bate furiosamente o tempo todo.

— Pronto, — ela diz, endireitando minhas lapelas. — Vocês, meninos, estão lindos. Aqui, vamos tirar uma foto.

Ellis e eu ficamos na frente do sofá e, sem dizer uma palavra, ele pega minha mão. Mal consigo respirar, mas faço o possível para sorrir para a câmera.

Meus pais nos dizem para nos divertirmos antes de praticamente nos empurrar porta afora, e Ellis e eu vamos para sua nova caminhonete. Ele abre o lado do passageiro antes de se sentar ao volante. Durante todo o tempo que dirigimos até a escola, não consigo parar de olhar para o rosto de Ellis, me perguntando o que fazer com esse sentimento quente e assustador que gira

dentro do meu peito.

O auditório está cheio de nossos colegas quando chegamos. Há faixas penduradas nas paredes, serpentinas penduradas no teto e até balões flutuando em grupos pela sala. Parece com todas as fotos ou filmes que já vi de um baile de formatura do ensino médio e, embora possa ser clichê, me sinto um pouco como um príncipe com Ellis ao meu lado. Não achei que teria a chance de comparecer à minha noite de formatura, mas ele tornou meu sonho realidade.

Ellis e eu recebemos mais do que alguns olhares enquanto passamos pela sala, mas ele parece não notar. Ele me leva primeiro até a tigela de ponche, me oferecendo uma bebida, e então nos sentamos à mesa enquanto nossos colegas dançam, torcem e se juntam em combos de garotos e garotas. Convenço Ellis a ir comigo à pista de dança uma ou duas vezes, mas ele fica parado enquanto todos nós pulamos em um ritmo terrível.

Ellis não fala muito à medida que a noite avança, mas não estou surpreso. Ele fica mais quieto em grandes grupos de pessoas. Estou muito grato por ele não perceber os olhares maliciosos que Brandon continua atirando nele. Eu ignoro o cara quando Ellis não está olhando.

Depois de uma boa hora desde a última vez que ouvi Ellis falar, dou-lhe uma cutucada. — Ei, quer sair daqui?

Ele inclina a cabeça, perguntando se tenho certeza.

— Sim, — digo a ele, puxando sua manga. — Vamos.

Ellis me segue para fora do auditório em direção ao ar mais fresco da noite. Está escuro e a música bate baixinho em nossas costas enquanto nos dirigimos para a caminhonete de Ellis.

No meio do caminho para casa, ele diz: — Não queria ficar?

Eu sorrio para mim mesmo, feliz por ouvir sua voz novamente. — Eu me diverti muito, El. Obrigado por me trazer. Eu só... quero sair com você agora. Só eu e você.

Ele não diz uma palavra sobre isso, mas há um sorriso em seu rosto também.

Ellis estaciona em frente à casa dele e seguimos em direção ao meu quintal, passando pelo velho balanço de pneus até a beira do milharal. O vento está suave esta noite, e as folhas farfalham suavemente enquanto passamos pelas fileiras de milho, sem nenhum destino específico em mente.

— El, — eu digo, parando. Ele para também, de frente para mim. — Obrigado novamente. Nem sempre é fácil ser o único garoto gay por perto, mas você torna isso mais fácil. Então, só obrigado... por ser meu amigo.

Ele olha para meu rosto por um longo momento, seus olhos saltando lentamente. Finalmente, ele estende a mão. — Dance Comigo?

Minha garganta estala quando engulo. — Agora mesmo?

Ele concorda.

Quando pego sua mão, ela está quente e seca. Ele se aproxima, uma mão na minha cintura, a outra entrelaçada na minha. Coloco minha mão livre em seu ombro e então ele começa a se mover. Giramos em um círculo lento, os grilos cantando baixinho ao nosso redor. Não consigo desviar o olhar dele. Não consigo desviar o olhar daqueles olhos, tão escuros na noite. Ellis não diz uma palavra e, durante muito tempo, eu também não.

Dançamos sem música sob um céu azul profundo.

— Se algum dia eu me casar, — sussurro, — Quero que seja assim.

Ele cantarola. Um som questionador.

— Nada sofisticado, — eu explico. — Só eu e o ar livre e as pessoas… e a pessoa… que amo.

— Parece bom, — diz ele.

— Sim, — eu digo, quase sem voz. Meu coração está batendo muito rápido, muito fora de controle, então acrescento, em tom de brincadeira: — Talvez até na frente do milho. Porque, você sabe, eu amo muito isso.

Ele bufa levemente.

Depois de um momento, paramos.

— Vamos, — diz Ellis, abaixando as mãos. — Corra comigo.

— Onde? — Pergunto, mas Ellis já está desaparecendo no milharal.

Amaldiçoo, correndo atrás dele, rindo enquanto as folhas batem em meus braços. Meus pulmões começam a queimar, mas é uma dor feliz, e eu acolho isso, seguindo a forma indistinta de Ellis pelo campo.

Ele para quando sai do outro lado, curvando-se para recuperar o fôlego. Eu caio de bunda antes de me deitar de costas, com os braços abertos. Eu olho para as estrelas acima enquanto meu peito se agita.

— Trapaceiro, — eu falo.

Ele se acomoda ao meu lado, bufando uma risada ofegante. Longos minutos depois ele diz: — Isso não deveria importar.

— O que ? — Eu pergunto, virando minha cabeça para olhar para ele.

— Quem você ama, — ele responde, com os braços cruzados sobre os joelhos. — Pessoas que julgam... — Ele balança a cabeça. —O amor é grande. Importante. Eu acho que... as pessoas poderiam amar quase qualquer pessoa... se apenas abrissem seus corações para isso.

Observo Ellis, sentindo-me impressionado. Não é sempre que ele dá voz a tantas coisas, então parece grande e importante que ele esteja fazendo isso agora.

— Outros... eles podem ir e vir, — ele diz lentamente, olhando fixamente para mim. — Mas eu sempre amarei você, Luck. Nunca vou parar.

Sento-me ereto, meu coração batendo forte até os dedos dos pés. Ellis está banhado pelo luar, seu corpo iluminado o suficiente para que eu possa distinguir suas feições. E ele está falando sério. Eu sei que ele está. Posso ver isso nas linhas de seu rosto e na forma como seus olhos estão presos aos meus. Ele está falando sério. Ele me ama. Eu sou o melhor amigo dele. E ele é meu.

E talvez isso seja tudo que seremos. Talvez, durante a minha vida, esse seja o único amor que conhecerei de Ellis. Mas valerá a pena. Não creio que surgirá outro amor que seja maior que o dele.

Passo o dedo sobre a terra perto da minha perna, escrevendo a letra E. Ao lado, adiciono L. Ellis arranca a flor de seu smoking, colocando-a no chão, abaixo dos meus rabiscos. Eu faço o mesmo com o meu.

Enquanto nos sentamos ao lado de um mar de milho em nossos smokings pretos amassados, nossa declaração de amor no chão entre nós, torço meus dedos nos dele e faço uma promessa.

— Eu também te amo, El. Sempre.

Epílogo

Luna

Eu tinha seis anos quando peguei um vaga-lume.



— Luna?

— Aqui, — Eu digo, espiando pela janela. Papai olha para mim, meu irmãozinho no colo.

— Pronta para ir?

Concordo com a cabeça, levantando-me e tirando a poeira dos joelhos. Desço a — *e não corro* — a escada em caracol. Papai está esperando no fundo do moinho quando chego lá.

Não é legal que nossa casa tenha um moinho de vento?

— Vamos, — papai diz com um sorriso.

Entramos no carro do papai e meu estômago revira. — Onde está o Papai

Ellis?

— Na casa da vovó Cole, — diz ele, virando-nos para a estrada. O sol bate em meus olhos e eu olho para os campos de milho enquanto passamos. O irmão chuta o pé no assento ao meu lado.

— O que ele está fazendo na casa da vovó? — Eu pergunto.

Papai cantarola. — Ele teve muitos sentimentos esta manhã. Ele queria trabalhar em alguns vidros.

— Que tipo de sentimentos?

Os olhos azuis de papai encontram os meus no espelho da frente do carro. — O tipo bom.

— Por causa do seu aniversário? — Eu pergunto. Ouvi papai falando sobre isso ontem.

Ele sorri. — Sim, Luna. Por causa disso.

Quando chegamos à casa da vovó Cole, papai me desafivela, agarra meu irmão e vai em direção a casa. Eu fico na ponta dos pés, sentindo-me impaciente, mas papai chama minha atenção.

— Iremos em um segundo, — diz ele. — Vamos dizer olá para a vovó primeiro.

Vovó está nos esperando lá dentro com um sorriso e um prato de barras de limão fresco. Eu como um, com as pernas balançando, enquanto o meu irmão anda em volta da cadeira de rodas da vovó.

— Cuidado com os dedos, — papai o lembra, mas ele não responde nada. Ele tem apenas um ano.

— Como você está, querido? — Vovó pergunta ao papai.

Ele dá um sorriso para ela. — Bom. Ellis passou por aqui no caminho?

Ela assente. — Claro que sim. Tinha um grande sorriso no rosto também. Dez anos hoje, você acredita? Feliz Aniversário.

Papai parece que também tem sentimentos. Ele aperta o braço da vovó. — Obrigado. Você quer vir ao festival conosco?

Vovó balança a cabeça, abaixando-se para brincar com a mão do meu

irmão. — Não dessa vez. Cora me convidou para a casa ao lado. Seu pai vai cozinhar bifes na grelha hoje à noite. Vou ficar por aqui para isso.

Papai ri. — Tudo bem. Compras na mercearia amanhã?

— É um encontro, — diz a vovó.

Os olhos do papai encontram os meus. — Preparada?

Concordo com a cabeça, saltando e lambendo as migalhas dos meus dedos. Ele pega meu irmão enquanto eu dou um abraço rápido na vovó. Ela coloca meu cabelo atrás da orelha quando dou um passo para trás.

— Esses cachos, — diz ela, parecendo feliz. — Assim como o do seu pai.

Olho para papai. Ele está sorrindo para mim.

— Eu também tenho os olhos dele, — digo à vovó. — Isso foi o que papai me disse.

— Isso você tem, — ela diz, beliscando minha bochecha, mas não com força suficiente para machucar. — Divirta-se hoje, querida. Traga-me um pouco de milho caramelado.

Eu prometo, de coração cruzado e tudo mais, antes de sair correndo. Papai ri atrás de mim, mas não me diz para diminuir a velocidade enquanto desço os degraus e corro em direção ao silo. Estendo a mão enquanto ando, mas quando as folhas dos talos de milho começam a arder, puxo a palma para trás.

Paro de correr quando chego ao silo. Na porta chamo Papai Ellis, avisando que estou aqui porque essa é a regra. Ele se vira, sorrindo, e pousa a haste de metal em sua mão. Quando ele vem em minha direção, corro de novo, e então ele está me abraçando.

Meu Papai Ellis é alto e meus pés ficam pendurados no chão enquanto ele me puxa para seus braços. Ele está quente, como o fogo, e cantarola, o som fazendo cócegas em minha bochecha.

— Oi, — eu digo, rindo enquanto me contorço. — Você expressou seus sentimentos? Papai está aqui para levá-lo ao festival do milho.

Ele ri. É um dos meus sons favoritos. Papai Ellis não fala muito, mas suas risadas sempre soam bem.

— Um minuto, — ele diz, me colocando no chão. Fico longe do fogo enquanto Papai Ellis termina. Olho em volta para todos os vidros coloridos para me manter ocupada. É como um arco-íris aqui.

Papai o alcança em pouco tempo, com um sorriso no rosto ao ver Papai Ellis. Ele se aproxima, o irmãozinho ainda no colo, e ele e o Papai Ellis se beijam. Eles fazem muito isso.

— Quase pronto? — Papai pergunta.

Papai Ellis assente. — Feito.

Antes que Papai Ellis possa apagar as luzes, olho para os vaga-lumes. Ele me disse uma vez que eles são papai. Que papai é brilhante e lindo e nasceu com asas, e é por isso que ele voa a cada poucos meses. Perguntei se isso o deixava triste, mas Papai Ellis disse que não. Porque papai sempre voa para casa para nós.

Os vaga-lumes piscam quando papai apaga as luzes, mas tudo bem. Eles estarão de volta esta noite.

O festival do milho faz barulho quando chegamos e tem muita gente. Meu irmão mais novo não gosta de barulho, então ele usa protetores de ouvido e papai o carrega em uma mochila de bebê na frente do corpo. Paramos para comprar pipoca e Papai Ellis compra milho caramelado para vovó. Eu gosto mais do tipo salgado. Depois que meu irmão toma uma mamadeira, fazemos alguns passeios. Bem, eu e Papai Ellis fazemos. Papai espera com o irmãozinho. Tia Gabby e tio Riley também aparecem. Eles trazem Lyle. Ele não é meu primo verdadeiro, mas todo mundo nos chama assim. Ele tem nove anos, é velho demais para brincar comigo e com meu irmão, mas ele faz alguns passeios comigo e com papai. Tio Dani não está aqui, mas é porque mora em Nova York. Ele disse que virá me visitar no Dia de Ação de Graças.

Já está quase escuro quando chegamos ao labirinto de milho. Papai diz que partiremos em breve, mas não podemos ir antes de percorrer o labirinto. Somos só nós quatro de novo, e o irmãozinho está dormindo no peito do papai, com o cabelo escuro grudado na testa. Papai tem uma mão nas costas enquanto

dorme, e a outra segura a do Papai Ellis. Eles fazem muito isso também.

Dou um puxão na outra mão do Papai Ellis. — Você prometeu, — eu o lembro.

Ele ri, soltando papai. No instante seguinte, estou sendo lançada ao ar. Eu rio enquanto Papai Ellis me coloca em seus ombros e seguro sua cabeça com força.

— Para que lado, Luna? — Papai Ellis pergunta.

Tento olhar por cima do milho para ver o caminho através do labirinto, mas não consigo dizer onde fica a saída. —Vamos tentar assim, — digo, apontando aleatoriamente.

Partimos serpenteando pelos caminhos do milho. Eu me sinto a pessoa mais alta em quilômetros. Quando uma luz pisca na frente do meu rosto, eu engasgo.

— Olha, — eu sussurro. — Os vaga-lumes estão aqui.

Papai Ellis para de andar e, por um minuto, todos nós observamos.

— Posso pegar um? — Eu pergunto.

Papai Ellis e papai trocam um olhar.

— Você pode tentar, — diz papai. — Mas seja gentil se fizer isso.

Concordo com a cabeça furiosamente, estendendo as duas mãos para o mais próximo. Papai Ellis segura minhas pernas, me mantendo firme, e coloco minhas mãos em volta do inseto voador o mais rápido que posso. Coloco as mãos na frente do rosto com cuidado, fazendo um pequeno estalo, e espio dentro.

— Uau, — eu sussurro. O vaga-lume brilha entre minhas palmas.

— Boa captura, — diz papai.

Eu peguei um vaga-lume.

Eu vejo ele piscar. — Olá, — eu sussurro. Outra piscada. —Adeus. — Abro as palmas das mãos e deixo passar.

O vaga-lume voa e me pergunto se algum dia o verei novamente.

— Minha vez, — diz Papai Ellis. Ele estende a mão para papai, e papai ri

enquanto Papai Ellis o beija. Isso continua por um tempo.

Papai está sorrindo quando dá um passo para trás. Ele sorri muito para o Papai Ellis. Acho que isso pode ser amor.

Papai balança o irmãozinho suavemente enquanto continuamos avançando pelo labirinto. Quando finalmente encontramos a saída, meus olhos ficam pesados, mas não digo isso. Gosto de ficar acordada até tarde. Afinal, papai disse que fui nomeada para a noite. Ele disse que a lua é sua coisa favorita.

Papai e Papai Ellis estão de mãos dadas enquanto caminhamos para o carro. Descanso minha bochecha na cabeça do Papai Ellis.

— Ellis, olhe, — papai diz. — Isso é uma lua azul?

Papai Ellis fica quieto por um momento. — Acho que sim.

— É lindo,— diz papai.

Papai Ellis levanta a mão de papai para um beijo. — Você também, Lucky.

Papai suspira. — Feliz aniversário, El. Você já imaginou tudo isso? Isso é…

Papai Ellis cantarola, sua mão na minha perna apertando uma vez. — Tudo.

— É, — papai sussurra. — Tenho muita sorte de poder compartilhar esta vida com você, Ellis. Eu te amo. Mais do que eu posso dizer.

— Amo você sempre, — responde Papai Ellis.

— Sim, — papai diz, a voz cheia de sentimentos novamente. —Eu e você, El. Não temos um final, temos?

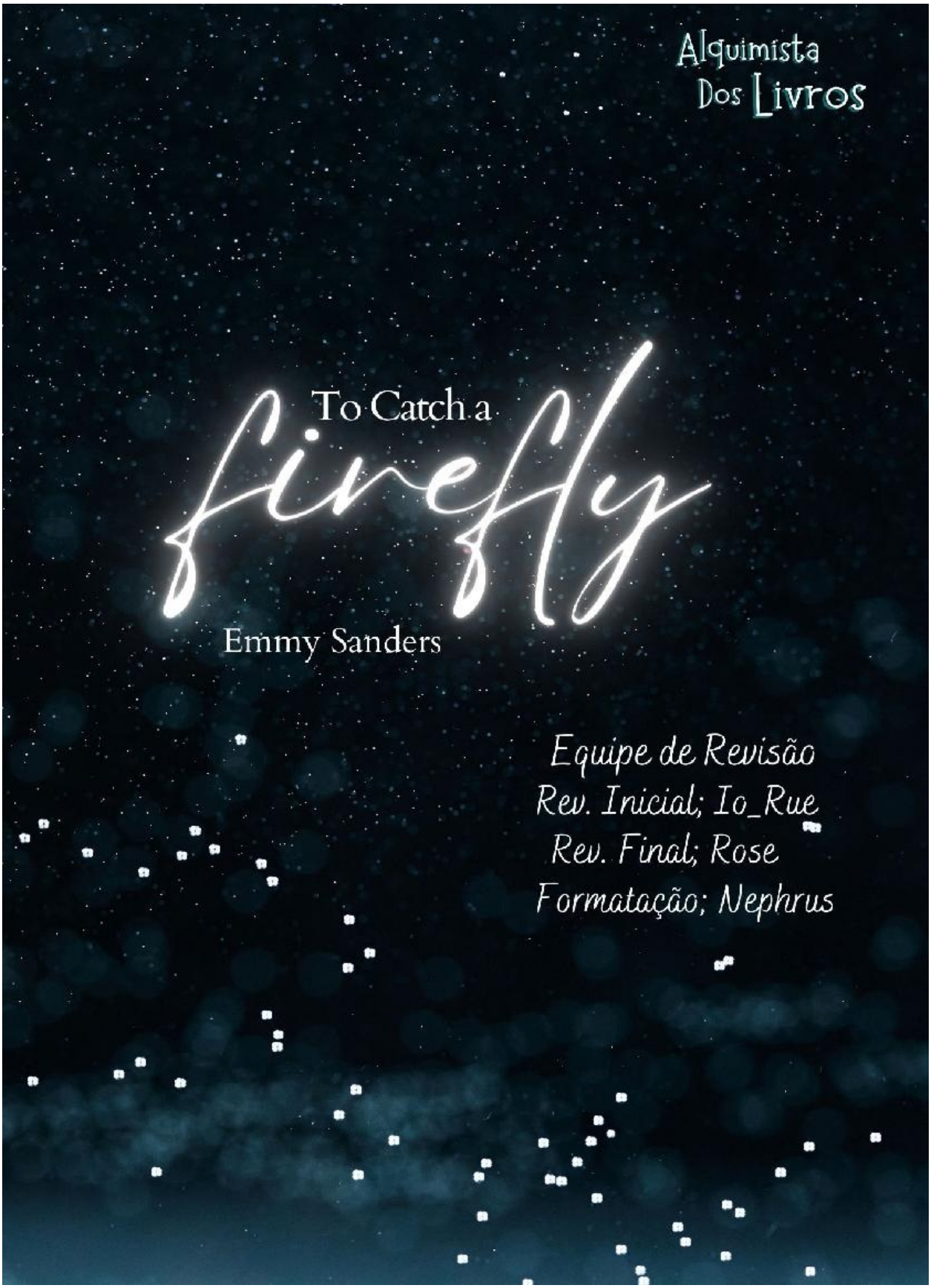
Papai Ellis solta um de seus sons alegres e, embora eu tente impedir, meus olhos se fecham.

Lembro-me de um beijo na minha testa. Um na minha bochecha. Lençóis dobrados perto do meu queixo e uma *boa noite, minha pequena Luna*. Com a grande lua acordada no céu, adormeço profundamente.

E nos meus sonhos os vaga-lumes dançam.



O sem fim


Alquimista
Dos Livros
To Catch a
firefly
Emmy Sanders
Equipe de Revisão
Rev. Inicial; Io_Rue
Rev. Final; Rose
Formatação; Nephrus

Notes

[←1]

O Tornado Alley é um termo comum para designar a região central dos Estados Unidos cobrindo muitos estados ou parte de estados onde ocorrem frequentemente tornados. Inclui as terras baixas que circundam o rio Mississippi, o rio Ohio e os vales do rio Missouri, bem com o sudeste dos Estados Unidos.

[←2]

Alguém que nasceu em Nebraska.

[←3]

Esclerose Múltipla.

[←4]

Universidade de Nebraska Omaha.

[←5]

Lápis-lazúli ou lazulita é uma rocha metamórfica de cor azul, de opaca a translúcida, composta especialmente de lazurita e calcita utilizada como gema ou como rocha ornamental desde antes de 7 000 a.C. em Mergar, na Índia, nas minas de Sar-i Sang em Chortugai e em outras minas na província de Badaquistão.

[←6]

Fiorde é uma grande entrada de mar entre altas montanhas rochosas, originada por erosão causada pelo gelo de antigo glaciar. Os fiordes situam-se principalmente nas costas da Noruega, Groelândia, Chile e Nova Zelândia, onde são um dos elementos geomorfológicos mais emblemáticos da paisagem.

[←7]

O Cerise é um tom de rosa avermelhado. O seu nome vem da palavra francesa cerise, que significa “cereja”.

[←8]

O árabe marroquino, também chamado árabe coloquial marroquino e, localmente, como dariŷa, é o conjunto de variedades do árabe dialetal faladas em Marrocos e que apresentam uma grande quantidade de traços comuns que as diferenciam de outros dialetos árabes.

[←9]

Existem algumas maneiras de preparar chá e até mesmo um chá em “temperatura ambiente”, seja em infusão direta ao sol, chamado de sun tea, infusão na água quente e inserir gelo, ou cold brew, infusionando diretamente na água fria e refrigerando na sequência.

[←10]

Parque Nacional Great Basin.

[←11]

Os ovos de Tordo, também conhecido como Robin americano são azuis.

[←12]

Malamute-do-alaska é uma raça de cães oriunda do Alasca, nos Estados Unidos. Considerada antiga, tem sua origem imprecisa, embora saiba-se que foram desenvolvidos pelos indígenas do Alasca para o trabalho.

[←13]

A expressão “neurodivergente” se refere a pessoas que têm um desenvolvimento ou funcionamento neurológico diferente do padrão esperado pela sociedade em geral. Já “neurotípico” trata de um indivíduo que tem um neurodesenvolvimento considerado regular.